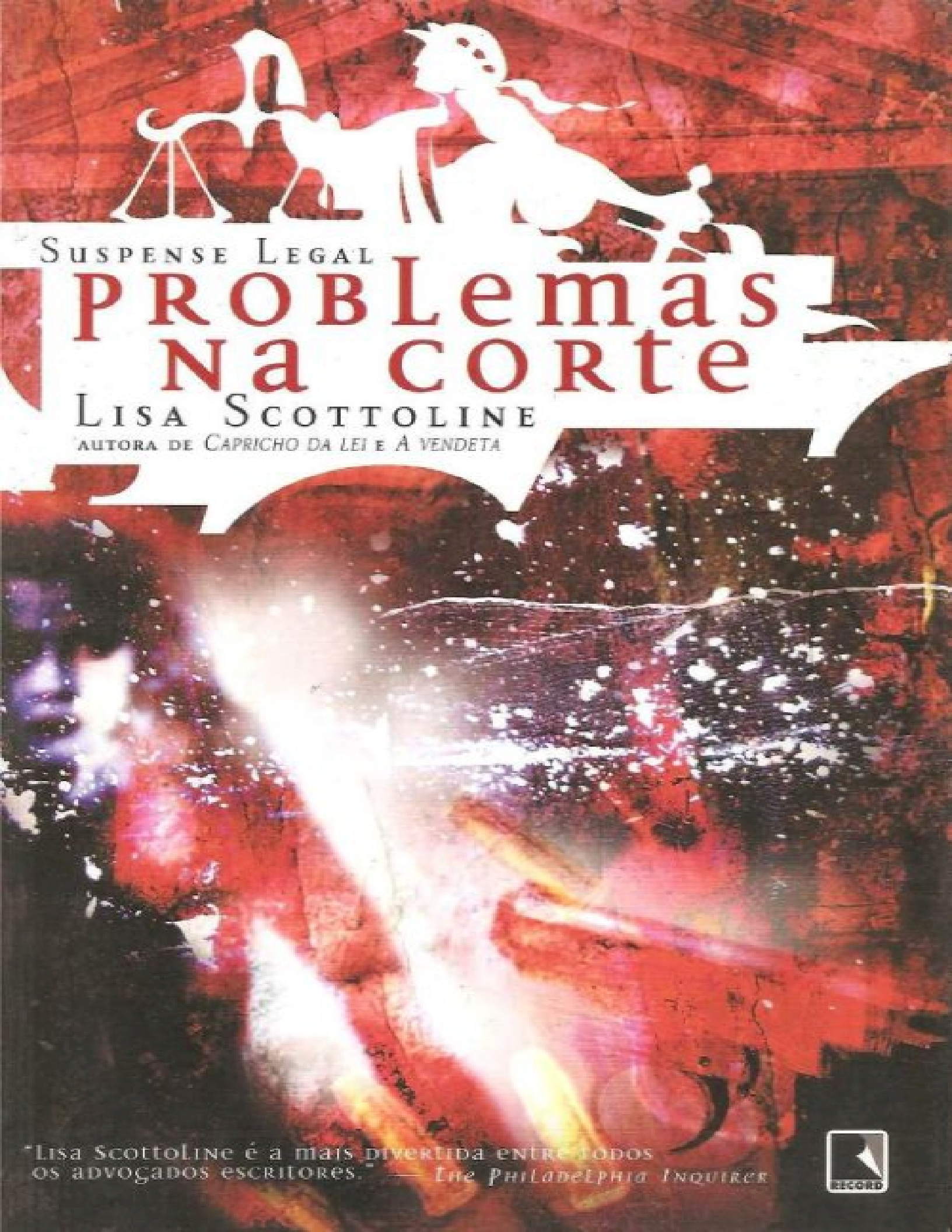


Suspense Legal

Problemas na corte

Lisa Scottoline

autora de *Capricho da lei* e *A vendeta*

"Lisa Scottoline é a mais divertida entre todos os advogados escritores." — *The Philadelphia Inquirer*

RECORD

Lisa Scottoline

PROBLEMAS NA CORTE

Courting trouble, 2002

Problemas na corte
Lisa Scottoline
Tradução de Luiz Antônio Aguiar
Editora Record
Rio de Janeiro • São Paulo
2004

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Scottoline, Lisa

S439p

Problemas na corte / Lisa Scottoline; tradução de Luiz Antônio Aguiar. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

364p.

Tradução de: *Courting trouble*

ISBN 85-01-06802-0

I. Ficção americana. I. Aguiar, Luiz Antônio, 1955II. Título.

CDD-813
04-2103
CDU-821.111-3

Título original norte-americano *Courting trouble*
Copyright © 2002 by Lisa Scottoline
Capa: Marcelo Martinez

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos nela retratados são fruto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, acontecimentos e lugares será mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 • Rio de Janeiro, RJ • 20921-380 • Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução
Impresso no Brasil
ISBN 85-01-06802-0
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052

Contracapa

Ritmo vertiginoso e diálogos afiados.

— NEW YORK DAILY NEWS

Inteligente e de ritmo veloz, um romance sem atenuantes. Anne Murphy é uma das melhores personagens criadas por Lisa Scottoline.
Lisa Scottoline tem talento para escrever romances policiais contagiantes com inteligência e charme.

— BOOKLIST

QUANTAS PESSOAS PODEM RESOLVER O MISTÉRIO DE SEU PRÓPRIO ASSASSINATO?

Em *Problemas na corte*, Lisa Scottoline está de volta com mais um *thriller* eletrizante, no qual uma advogada jovem, inteligente e bonita corre contra o tempo para descobrir quem planejou seu assassinato.

Tudo começa quando Anne Murphy, a mais nova contratada do escritório de advocacia de Bennie Rosato, em Filadélfia, compra o jornal e vê a própria foto estampada na primeira página sob a manchete: ADVOGADA ASSASSINADA.

Oficialmente, ela está morta. E precisa que todos continuem acreditando que morreu. Só assim terá uma chance de revelar a identidade do assassino e salvar a própria vida.

Problemas na corte é mais um título da coleção SUSPENSE LEGAL, dedicada a *thrillers* de tribunal e a romances de ação protagonizados por advogados competentes que se arriscam a

expor sentimentos pessoais e questionamentos éticos na busca da verdadeira justiça.

ISBN 85-01-06802-0

Orelhas

Anne Murphy é inteligente, linda, jovem a mais nova contratada de um importante escritório de advocacia de Filadélfia, o Rosato & Associadas, onde só trabalham mulheres. Durante o feriado de Quatro de Julho, Anne viaja com a intenção de se preparar para um julgamento importantíssimo. Tudo parte da rotina de sua profissão, não tivesse ela uma sinistra surpresa ao retornar: sua foto nas primeiras páginas dos jornais, sob a manchete: ADVOGADA ASSASSINADA.

Anne percebe que está correndo perigo de vida. E terá de descobrir seu suposto assassino para recuperar a tranquilidade. Manter a farsa de sua morte para se proteger é a primeira das difíceis decisões que terá de tomar. E logo ela percebe que vai precisar confiar em pessoas que mal conhece — suas colegas de trabalho, que não a suportam; a divisão de homicídios, que a quer fora da investigação; e um novo namorado, que, para complicar um pouco mais a situação, é justamente o advogado que representa a parte contrária no caso em que ela está trabalhando.

A investigação exige toda a coragem e engenhosidade de Anne — além de algumas peças de roupa bem sensuais. Ela tem de aprender a lidar com as pessoas, atuar no caso que está defendendo e lutar contra seus impulsos de dormir com o inimigo, tudo ao mesmo tempo.

Então, o inesperado acontece e a coloca em enorme perigo. Uma situação na qual ela pode perder tudo, até a vida.



LISA SCOTTOLINE é advogada com ampla experiência em firmas e tribunais de Filadélfia. Essa experiência foi fundamental na criação de grandes *thrillers*, como *Identidades trocadas* e *Capricho da lei*, que lhe valeram o prestigiado Edgar Allan Poe Award, que premia o melhor da literatura de suspense. Seus romances foram traduzidos em mais de vinte países e venderam milhões de exemplares em todo o mundo. Lisa mora em Filadélfia com a família e tem uma relação especial com seu público pelo site www.scottoline.com.

Capa: Marcelo Martinez

Para meus leitores,
os mais profundos agradecimentos.
Por sua dedicação, ofereço a minha.

Que todos vocês sejam corajosos.

— Bob Dylan
Forever Young

Lucy Ricardo e Ethel Mertz (*cantando*):
Quando outras amizades já tiverem sido esquecidas,
a nossa continuará à toda.

— *I Love Lucy*
Episódio nº 69, *Lucy e Ethel compram o mesmo vestido*,
19 de outubro de 1953, cantando *Friendship*, de Cole Porter.

1

Anne Murphy atravessou intempestivamente o agitado saguão do Tribunal de Justiça Federal William Green, com os seus compridos cabelos castanho-avermelhados esvoaçando.

Estava na iminência de cometer uma loucura na corte e mal podia esperar o momento de chegar lá em cima. Se ganhasse, seria uma heroína. Se perdesse, iria para a cadeia. Mas Anne sequer considerava a possibilidade de ser a parte derrotada. Não tinha aqueles cabelos ruivos à toa — era acima de tudo uma mulher impulsiva.

— Srta. Murphy! Srta. Murphy! Só uma pergunta! — gritou um repórter, colado em seus calcanhares, mas Anne seguiu direto em frente, tentando deixá-lo para trás na multidão.

Funcionários federais, advogados e jurados cruzavam o saguão, em direção às saídas, na pressa de chegar às suas casas para aproveitar o feriado de Quatro de Julho, mas todas as cabeças se voltavam para lançar um olhar àquela jovem atordoante. Anne tinha olhos grandes de um verde-salgueiro, nariz reto, salpicado de sardas, e uma boca grande, tornada brilhante graças a uma hábil e generosa camada de batom cor de vinho. Curvas bem femininas enchiam um conjunto de seda cor creme, além de suas pernas esguias, tornozelos bem torneados e, fechando o conjunto, impraticáveis sapatos Manolo Blahnik. Anne parecia uma modelo, só que, devido ao seu passado, sequer se dava conta do quanto era bonita. Nenhuma de nós deixa jamais de ser a menina do espelho do banheiro.

— Epa! Lá vem confusão! — exclamou um dos seguranças da corte, no que Anne se aproximou do grupo com blazer de poliéster escuro, reunido em volta dos detectores de metal. Operando as máquinas estavam cinco guardas veteranos, todos tiras aposentados da polícia de Filadélfia. Eles sorriram, demonstrando bem o quanto apreciavam ver a moça. O guarda que se dirigiu a Anne era o mais falante, ainda com boa aparência, improváveis

cabelos negros e uma placa de identificação em que se lia POLICIAL SALVATORE BONANNO.

— Vamos abrir caminho, pessoal! É a Ruiva! E ela está pronta para a briga!

— Acertou de novo, Sal. — Anne jogou a sua pasta de couro e uma bolsa Kate Spade sobre a esteira. — Deseje-me boa sorte.

— O que está aprontando, minha bela?

— O de sempre. Batendo firme para conseguir justiça e pagando caro demais pelos sapatos que uso.

Anne cruzou sem hesitação o portal de segurança enquanto suas coisas deslizavam através da máquina de raios X.

— E vocês, meus caros, já planejaram o que vão fazer no feriado?

— Já, vou levar você para dançar — respondeu o policial Bonanno, com um sorriso aberto, mostrando os dentes, fazendo os outros guardas soltarem gargalhadas ruidosas, já um tanto roucas devido às escapadas para fumar na plataforma de entrada de presos da rua 7. Bonanno ignorou-os jovialmente.

— Vou ensinar a você a dançar o *jitterbug*. Que tal, Ruiva?

— Rá! — grunhiu debochado o policial Sean Feeney, interrompendo.

— Você e a deslumbrante srta. Murphy, Sal? Nem sonhando! — Feeney tinha o rosto vermelho, um homem encorpado nos seus 65 anos, sobrancelhas tão peludas que mais pareciam lagartas. — Ela é uma garota irlandesa e está se guardando para mim. — Virando-se para Anne, perguntou: — A sua gente é de Galway, certo, Anne? Você tem a pele bonita, que nem as garotas de Galway.

— Galway fica perto de Glendale? — perguntou Anne, e eles riram. Ela nunca sabia o que dizer quando alguém falava da sua aparência. A máquina de raios X liberou sua bolsa e a pasta, e ela esticou o braço, recolhendo-as. Nesse momento, dois repórteres conseguiram alcançá-la, jogaram suas pastas sobre a esteira e começaram a bombardeá-la de perguntas.

— Srta. Murphy, algum comentário sobre o julgamento da próxima semana? Por que o seu cliente não entra logo num acordo sobre esse caso? Isso tudo não está acabando com as chances da Chipster de abrir o capital? — E continuaram fazendo perguntas,

uma atrás da outra. — Anne, sobre o que vai ser essa moção de hoje? Por que deseja ocultar do júri essa prova?

— Sem comentários, por favor.

Anne rompeu o cerco e agarrou firme seus pertences, querendo escapar. Mas nem precisou ter pressa. O policial Bonanno colocou-se no caminho dos repórteres, encarando-os com olhar duro por trás dos bifocais.

— Parado aí, pessoal! — ele bufou no estilo Filadélfia. — Vocês conhecem o regulamento! Nada dessa zona no Tribunal de Justiça! Pra que ficam apertando tanto a moça?

O policial Feeney franziu o cenho para o primeiro repórter e afastou-o.

— Chegue aqui um minuto, senhor. Acho que está precisando de uma escaneada no corpo inteiro. — Ele se abaixou sob o balcão da segurança e quando se ergueu estava com um detector de metal portátil. — Aliás, todos vocês! — Ele brandiu o detector, chamando o segundo repórter, e os demais policiais se alinharam por trás dele, formando uma falange de idosos.

— Mas eu sou a imprensa! — protestou o repórter. — Estou trabalhando! Você vê minha cara todo dia. Sou Allen Collins. Tenho minha credencial. — Às costas dele, sua pasta de lona empacou subitamente dentro da máquina de raios X, e o policial que operava o monitor foi logo confiscando-a. O repórter virou-se para trás, confuso.

— Ei, espere aí! O guarda Bonanno liberou Anne para os elevadores, agora com um ar de plena autoridade:

— Pode ir, senhorita!

— Obrigada, policial — disse Anne contendo o sorriso, entrando no elevador aberto e pressionando o botão para o nono andar. Ela não havia pedido aquela ajuda e sentiu-se um pouco culpada por tê-la aceitado.

Mas só um pouco.



Minutos mais tarde, Anne chegava ao nono andar e entrava no espaçoso e moderno Tribunal de Justiça, que se encontrava abarrotado de gente. O caso Chipster, uma ação por assédio sexual contra Gil Martin, o mais famoso milionário da Internet de Filadélfia, atraía a atenção da imprensa desde o dia em que foi registrado. Os repórteres, os desenhistas de esboços e o público lotavam os modernos bancos polidos de madeira escura. Os rostos de todos, como se fossem apenas um, voltaram-se na direção de Anne, no que ela ia atravessando com seus passos largos a ala central acarpetada.

Oficiais de justiça de blazers azuis interromperam o trabalho de conferência da papelada jurídica, funcionários da corte endireitaram as gravatas novas, e a estenógrafa lançou-lhe um olhar cheio de faíscas de sua máquina estenográfica, que estava apoiada em finas pernas metálicas. Anne acabara se acostumando a esse tipo de reação, os homens adoravam-na, as mulheres odiavam-na. No entanto, tinha ingressado na firma de advocacia Rosato & Associados, composta apenas de mulheres, o que fora uma mudança arrojada na sua carreira, típica dela. Mas isso era outra história.

Anne alcançou a mesa dos advogados de defesa, acomodou a pasta e a bolsa, e só então olhou para trás. Conforme o previsto, um jovem, vestindo uma capa de chuva leve, trespassada, estava sentado na fileira da frente, na ala atrás dela. Anne cumprimentou-o discretamente, depois tomou seu lugar, abriu sua pasta e retirou sua cópia dos documentos da moção que iria apresentar. A moção e o jovem sentado naquele lugar, atrás dela, eram as mais recentes ideias de Anne. A Chipster.com era o seu primeiro cliente importante na Rosato e Gil Martin a contratara porque haviam se conhecido na faculdade de direito. Ela nunca atuara num caso tão importante, e

no início ficou em dúvida se não estaria mordendo algo maior do que sua boca. Mas, depois, decidiu aceitar e afastou as dúvidas.

— Feliz Quatro de Julho! — sussurrou uma voz no seu ouvido e ela levantou a cabeça para olhar.

Matt Booker, 29 anos, era um ano mais velho do que Anne. Ele estava ali, de pé, inclinado junto a ela, seus cabelos escuros, ondulados, olhos azuis e pestanas algo espessas demais para serem desperdiçadas num homem. Anne se sentiria selvagemente atraída por ele se Matt não fosse o advogado da parte contrária, mas esse era um dado de uma realidade que alternava constantemente as posições. Matt representava os queixosos neste caso, uma programadora chamada Beth Dietz e seu marido Bill, que tinha entrado com uma ação derivada contra a Chipster. Embora Anne não tivesse saído com ninguém já fazia um ano, desde que viera para a Filadélfia, Matt Booker foi o primeiro por quem se sentira tentada. E realmente tentada. Mas um advogado adversário era algo como o fruto proibido.

— Caia fora — disse ela. Porém Matt inclinou-se mais ainda sobre ela.

— Quero apenas que saiba que não estou convidando você para sair, hoje. — O seu sussurro cheirava a creme dental. — Você me rejeitou 329 vezes e estou começando a desconfiar que tem algo contra mim. É melhor você me deter antes que eu lhe faça mais um convite.

Anne ficou ruborizada:

— Matt, já lhe ocorreu que você está me assediando sexualmente, num processo judicial de assédio sexual?

— Ora, vamos! Minhas tentativas são bem-vindas, não são? No mínimo, mais ou menos?

Anne não respondeu. Estava decidindo o que fazer. Há muito tempo que não se permitia confiar em ninguém. No entanto, já conhecia Matt há um ano, desde que a queixa sobre esse caso fora registrada, e ele era um pé no saco de tão superconfiante, coisa que ela apreciava num homem.

— Ou só um pouco? Quase nada? — insinuou Matt, a mão apoiada na mesa dos advogados.

Anne resolveu arriscar.

— OK. Depois que o julgamento terminar, eu saio com você. Mas somente depois disso.

— Jura? — A voz de Matt tremeu e Anne achou isso adorável. Para ele, que se mostrava sempre tão frio, foi como se sua carapuça protetora tivesse rachado também.

Ele pareceu atordoado, o queixo caído, inadvertidamente. — Anne, você está drogada?

— Não.

— Aceita fazer uma declaração por escrito, em cartório, garantindo sua promessa?

— Cai fora. — Anne examinou o resumo que pretendia apresentar à corte. — Estou me preparando para lhe dar um chute na bunda.

— E se eu ganhar o caso?

— Impossível. Você está do lado errado, além de estar contra mim.

— Ganhei a última moção sobre provas, lembra?

— Isso foi uma batalha, não a guerra. — Anne levantou os olhos dos seus papéis para observar os oficiais de justiça por um instante. — Agora, fora! Todo mundo sabe que você está flertando comigo.

— E você está correspondendo.

— Não flerto com advogado adversário.

— Mas é você que é a advogada adversária aqui. — Matt soltou uma risadinha, depois afastou-se, indo para a mesa dos advogados da parte queixosa. Para além dela, ficava o recinto dos jurados, uma bancada de mogno polido cercando quatorze cadeiras vazias em várias posições giratórias. Formavam um interessante pano de fundo, e Anne se perguntou se Matt ainda ia querer sair com ela depois que o veredicto fosse dado. Então lhe veio à mente o jovem sentado atrás e reprimiu uma pontada de culpa. Isso somou o total das duas pontadas de culpa que havia tido em toda a sua vida, e Anne não era muito boa em reprimi-las, devido a essa prática esporádica.

— Todos de pé! — anunciou o oficial de justiça, além da barra do tribunal. O sinete dourado da Corte dos Estados Unidos elevou-se como um sol sobre a parede apainelada, atrás de um enorme

tablado de mogno de design contemporâneo. Retratos com molduras douradas de juízes anteriores pendiam das paredes, suas espessas pinturas a óleo cintilavam sombriamente nas luzes em recesso. O oficial de justiça postou-se de pé junto a uma delas, o peito inflado como se ostentasse medalhas. Todos de pé! A Corte está agora em sessão! O Honorável Albert D. Hoffmeier, presidindo.

— Boa tarde a todos — cumprimentou o juiz Hoffmeier, ao emergir da porta apainelada, carregando a grossa pasta sanfonada com os documentos do caso. A galeria retribuiu o cumprimento do juiz, um homem atarracado e de baixa estatura. Ele entrou sem hesitações na sala, a bainha de sua toga preta brilhante roçando no carpete quando passou sob a bandeira americana e subiu para o amplo tablado de madeira. A seguir, abriu a pasta sanfonada sobre a mesa entulhada, sentou-se em sua poltrona e ajustou sobre o nariz os óculos de aro de tartaruga.

— Boa tarde, srta. Murphy — disse o juiz Hoffmeier com um sorriso, baixando os olhos. Os olhos dele brilhavam. Tinha cabelos de fios grossos e grisalhos, e usava uma gravata borboleta com as estrelas e listras da bandeira, o que evidenciava um senso de humor lendário na magistratura distrital. — Com que você vem nos importunar hoje, minha jovem? Meu feriado favorito está quase chegando e devíamos todos estar lá fora comprando cachorros-quentes e protetores solares. — A galeria riu, assim como o juiz. — Isso mesmo, gosto de protetores solares nos meus cachorros-quentes.

A galeria riu novamente. Anne levantou-se e dirigiu-se com seu sumário para o tablado.

— Sinto muito por retê-lo, meritíssimo, mas é que preciso apresentar esta irritante moção sobre provas. Como sabe, represento a Chipster.com, a companhia acusada neste caso, e estou solicitando à Corte que exclua o depoimento de Susan Feldman, que a parte queixosa pretende apresentar como testemunha no julgamento da próxima semana.

— Acha que o júri deve não ouvir a srta. Feldman, advogada? — Se o juiz Hoffmeier apreciava a beleza de Anne, sabia ocultar, e ela não se iludia a ponto de pensar que ele se deixasse influenciar

por isso. Seria preciso mais do que um rosto bonito para vencer num fórum federal. Em geral era assim.

— Precisamente, meritíssimo. Creio que a srta. Feldman e o seu testemunho deveriam ser excluídos, sob a Norma Sobre Provas 401, porque são irrelevantes. A srta.

Feldman alega que um dos programadores da Chipster, chamado Phillip Leaver, assediou-a sexualmente, num incidente um tanto bizarro. — Os olhos do juiz, com uma piscadela, demonstraram a Anne que estava inteirado dos fatos mencionados tacitamente ali.

— A srta. Feldman e o sr. Leaver não têm nada a ver com este caso ou com qualquer das partes em questão. O incidente concernente à srta. Feldman ocorreu num departamento diferente, numa ocasião diferente, entre pessoas diferentes.

— Li os documentos da sua moção. — O juiz Hoffmeier tamborilou sobre a pasta sanfonada. — Estou correto em dizer que a empresa acusada admite que o incidente envolvendo a srta. Feldman é verdadeiro?

— Sim, meritíssimo. — Anne respirou fundo, preparando-se. — Admitimos que esse incidente ocorreu, mas não que caracterize assédio sexual. O incidente foi uma brincadeira, e já que a conduta do sr. Leaver não era sujeita a ação judicial, a Chipster considerou-a inadequada e demitiu-o naquele mesmo dia.

— Ah, é mesmo? Uma brincadeira? — O juiz Hoffmeier ergueu os olhos, de relance, por cima dos seus óculos. — Falemos sem papas na língua, srta. Murphy. O sr. Leaver saiu do seu cubículo de trabalho nu como um passarinho!

— Verdade. — Anne reprimiu o sorriso e a galeria reagiu com risadas abafadas. — Ainda assim, era somente uma brincadeira, meritíssimo. E, apenas para registro, o sr. Leaver estava usando tornozeleiras com pequenas asas, feitas com papel laminado de vedação de congelados.

— Não me diga! Asinhas? Claro... Um admirador de Hermes, ou de Pã, talvez, não é? — O juiz Hoffmeier soltou uma risadinha e a galeria o acompanhou, desde que contavam com permissão judicial para tanto. E por que as asinhas, advogada?

— E por que não, meritíssimo? Apesar de duvidar de que o sr. Leaver estude mitologia, ele tem vinte e três anos e assiste demais ao *Jackass*.

— *Jackass*?

— É um programa na televisão. Homens jovens em skates, todos nus ou vestidos como gorilas. — Anne adorava o programa, mas não se atreveria a mencionar isso para um juiz de sessenta anos com os poderes do Artigo III. — Seja como for, o sr. Leaver saiu do seu cubículo e permaneceu durante alguns instantes diante da srta. Feldman, mas não falou nada inapropriado e nem fez nenhum gesto obsceno. Ele meramente abanava os braços e fingia voar, o que admito ser uma tolice muito sem graça, mas que não agride a lei federal.

O juiz Hoffmeier irrompeu numa risada.

— É por isso que a NASDAQ desceu pela privada! É essa a revolução da Internet de que tanto ouvimos falar! A economia da nação está sendo conduzida por crianças usando suprimentos culinários!

Anne esperou até que as risadas na galeria diminuíssem. O clima de feriado já havia começado, e ela esperava que isso contasse a seu favor, nos próximos cinco minutos.

— É engraçado mesmo, meritíssimo, e de fato a srta. Feldman explicitamente interpretou os atos do sr. Leaver como uma brincadeira. No que ele começou a bater as asinhas, ela riu tanto que chegou a cair da cadeira. O sr. Leaver ficou tão sem jeito que correu para o banheiro dos homens e recusou-se a sair de lá até o final do expediente.

A galeria riu mais alto ainda e o juiz Hoffmeier deixou a reação cessar por si mesma, mas a seguir ficou sério.

— Bem, é de fato uma situação incomum. Seu cliente, a Chipster.com, não quer que a srta. Feldman conte a história das asas de folha de papel alumínio no julgamento?

— Não. A história dela, como prova, é irrelevante. O julgamento que ocorrerá, Dietz v. Chipster, é um caso *quid pro quod* de assédio sexual. Nele, a parte queixosa alega que Gil Martin, o diretor-executivo da companhia, forçou Beth Dietz, uma programadora, a fazer sexo com ele em seu escritório um certo número de vezes,

para garantir seu emprego. O que aconteceu entre o sr. Martin e a sra. Dietz é uma questão de credibilidade diante do júri, e nós provaremos que as alegações dos queixosos são falsas. No entanto, se o sr. Leaver tirou as roupas, bateu asas ou fez uma pose para a srta. Feldman, isso não torna nem mais nem menos provável que Gil Martin tenha assediado Beth Dietz.

— A análise padrão sobre relevância, não é, srta. Murphy?

— Exatamente, mas com um acréscimo. — Anne reexaminou o seu sumário. — Se esse dado pode ser admissível num hipotético meio hostil, no qual o número e a proliferação de alegados outros incidentes sejam relevantes, é claramente inadmissível como relevante neste caso, um caso *quid pro quod*.

— Então, você se baseia na diferença entre a teoria de um meio hostil e a teoria do assédio sexual. — O juiz Hoffmeier franziu a testa, pensando. — É um argumento bastante técnico.

— Pense nele como precisão, meritíssimo. — Para Anne, a precisão tinha peso na lei, na neurocirurgia e nos delineadores de lábios. De outro modo não haveria graça nenhuma. — A distinção faz uma enorme diferença por causa do impacto que terá a apresentação dessa prova. O advogado do queixoso usará este incidente envolvendo o sr. Leaver para dar consistência às suas escassas provas contra o sr. Martin.

O juiz Hoffmeier coçou o queixo, ainda bem barbeado, mesmo a esta hora. — Alguma orientação superior a respeito, srta. Murphy? Não encontrei nenhuma jurisprudência firmada.

— Honestamente, eu também não, meritíssimo. Pesquisei o caso Becker v. ARCO, que apoia a minha posição, mas não é exatamente a mesma questão. Nesse processo, foi enfatizado o perigo de admitir apresentação de evidências desta espécie, já que possibilita ao queixoso provar a responsabilidade do acusado do modo mais capcioso e ilógico, como se estabelecesse culpa por associação.

— Obrigado, já entendi o seu ponto de vista, srta. Murphy — disse o juiz Hoffmeier, com um assentimento de cabeça, e virou-se para a mesa do advogado do queixoso.

— Deseja argumentar, sr. Booker?

— Certamente que sim, meritíssimo. — Matt dirigiu-se para o tablado, e Anne deu dois passos atrás, dando-lhe lugar. — Meritíssimo, aprecio uma piada tanto quanto qualquer sujeito por aí, e concordo que este incidente pode parecer engraçado para nós, agora. No entanto, discordo da afirmação da advogada de defesa. A srta. Feldman não achou essa alegada brincadeira nada engraçada. A conduta do sr. Leaver constitui uma exposição indecente nesta e na maioria das jurisdições.

A boca do juiz Hoffmeier achatou-se numa linha politicamente correta de desaprovação. Anne se perguntou se poderia voltar atrás em seu flerte.

— Meritíssimo, consideramos o testemunho da srta. Feldman admissível — continuou Matt. — O incidente é uma prova positiva do encorajamento a essa conduta promíscua na Chipster.com e num número crescente de empresas da Internet. Se os processos por assédio sexual estão se avolumando contra as companhias da Internet é porque os programadores de computadores são em grande maioria uma categoria dominada pelos profissionais do sexo masculino. De fato, 95% dos programadores da Chipster são homens entre vinte e um e trinta e cinco anos, e nenhum dos quinze supervisores da companhia é uma mulher. Isso gera um padrão de conduta truculento, do tipo menina não entra, que por sua vez dá margens a comportamentos como os dos senhores Leaver e Martin.

— E o que diz do argumento da srta. Murphy, que considera este caso do gênero *quid pro quod*, e não um caso de hostilidade do meio?

— Concordo quanto a ser um argumento hipertécnico. Assédio sexual é assédio sexual. E a despeito de Becker v. ARCO, a lei no Terceiro Circuito não se pronuncia quanto à admissão de evidências sobre hostilidade do meio num caso *quid pro quo*.

O juiz Hoffmeier apoiou o queixo na mão.

— A mim parece probatório, especialmente considerando-se que não está sob controvérsia.

— Concordo, meritíssimo, e cabe ao júri, não a qualquer um de nós, decidir se a cultura corporativa na Chipster é permissiva quanto ao assédio sexual. O acusado no presente caso é o próprio executivo da companhia, Gilbert Martin.

— Muito obrigado pelo seu ponto de vista, advogado — disse o juiz Hoffmeier, finalizando, e Anne não saberia dizer qual seria seu veredicto.

Ela não poderia correr o risco de perder. A evidência destruiria a sua defesa. Hora do Plano B.

— Meritíssimo, se me permite, tenho direito à réplica — disse Anne, e o juiz Hoffmeier sorriu.

— O bom guerreiro irlandês. Certo, advogada, mas seja breve.

— Meritíssimo, como alternativa, a defesa argumenta que, mesmo que a corte julgue a evidência relevante, deveria ser excluída pelo Regulamento Federal 403, devido ao perigo de dano irremediável e injusto à defesa. Imagine o quanto a decisão do júri seria distorcida se a prova fosse apresentada. Meritíssimo, estamos tratando aqui de um homem nu.

Pegando a deixa, o jovem que estava sentado atrás de Anne na galeria levantou-se, adiantou-se até a ala central, a seguir desabotoou a sua capa de chuva e deixou-a cair amontoada aos seus pés. O homem era ruivo, bonito — e estava inteiramente nu. A galeria emitiu um engasgo coletivo, a estenógrafa cobriu a boca, e o oficial de justiça apalpou suas abotoaduras. Anne, entretanto, prosseguiu em sua argumentação legal.

— A imagem de um homem nu comanda atenção instantânea e total. É uma imagem concentradora, galvanizante, especialmente numa sala de tribunal. Se isto for permitido, o júri terá sua atenção tão desviada que...

— O que é isto? — o juiz Hoffmeier explodiu. Ele estava esticando o pescoço e procurando às tontas o seu martelo. *Crac! Crac*! — Ordem! Ordem! Deus do céu! Vista-se, jovem! Ponha sua roupa!

Matt deu um pulo à frente e esmurrou a mesa.

— Meritíssimo, nós protestamos! Isto é um ultraje!

Um pandemônio irrompeu na galeria, enquanto o homem nu agarrava sua capa e decolava, agitando os braços, descendo em fuga a ala central e escapando da sala do tribunal, com o oficial de justiça em seu encalço. A galeria explodiu em aplausos espontâneos pelo seu desempenho e Anne decidiu no ato lhe pagar um extra, além da gratificação combinada.

Crak! Crak!

— Ordem! Exijo ordem no meu tribunal! Acalmem-se, todos! Acalmem-se! — O juiz Hoffmeier parou de bater com o martelo, e a vermelhidão refluiu do seu rosto. Ele endireitou os óculos e lançou um olhar feroz para Anne. — Srta. Murphy, não posso acreditar nos meus próprios olhos! A senhorita planejou esse espetáculo ridículo?

— Encare como uma demonstração, meritíssimo. Isto prova a minha tese de que se um homem nu entra na sala do tribunal, tudo mais para...

— Aquele homem era o sr. Leaver? — Os olhos do juiz Hoffmeier se arregalaram por trás dos óculos.

— Não, ele trabalha no Strippergram. Ele também canta, mas o caso não exigia.

— Protesto, meritíssimo! — gritava Matt, mas o juiz Hoffmeier fez sinal para ele se sentar, sem desviar de Anne sequer por um instante o seu olhar estupefato.

— Srta. Murphy, está querendo me dizer que pagou um profissional de striptease para vir aqui hoje?

— Quem mais se despiria por dinheiro?

— Srta. Murphy! Eu poderia acusá-la de desacato por uma coisa dessas! Poderia mandar prendê-la! Minha corte não é um show pornô!

— Sinto muito, meritíssimo, mas não consegui pensar em outra maneira para mostrar ao senhor que... quero dizer, olhe só em volta. — Anne gesticulou na direção da galeria, agora em completa desordem. Metade das pessoas de pé, metade, sentada, todos às gargalhadas e falando entre si, sem possibilidades de se restabelecer a ordem. — Está vendo? O homem nu já se foi, mas todos ficaram com a atenção inteiramente voltada para ele. Eu estava fazendo uma argumentação legal pertinente quando ele deixou a capa cair, mas todo mundo parou de escutar, inclusive o senhor.

O juiz Hoffmeier estava colérico, mas Anne prosseguiu:

— Com o devido respeito, meritíssimo, o que acaba de acontecer veio provar minha teoria. Se um homem nu estiver na mente dos jurados, eles não serão capazes de focalizá-la no sr. Martin, e é ele que está em julgamento. Vão entrar na sala do júri

para deliberar, é só em que poderão pensar, é só sobre isso que vão conversar. É exatamente o que o Regulamento Federal 403 se destina a evitar.

O juiz Hoffmeier ficou sem fala, e Matt, em ponto de ebulição. O tribunal caiu subitamente em silêncio, todos olhando fixamente, atordoados, para Anne. Ela permaneceu muda, contrariamente a seu comportamento normal, perguntando-se se poderia pagar a fiança com um cartão de crédito. Após um minuto, o juiz Hoffmeier emitiu um suspiro, mudando sem razão a posição dos óculos, e encarou Anne.

— Srta. Murphy, não vou sancionar esta espécie de tolice no meu tribunal. Mantenho uma atmosfera cordial aqui, mas evidentemente não entendeu direito a coisa. — O juiz Hoffmeier ajustou os ombros na volumosa toga. — Portanto, vou multá-la por desacato em 500 dólares. Agradeça à sua boa estrela que eu não a esteja mandando passar o feriado trancafiada na cadeia. No entanto, como disse, o Quatro de Julho é meu feriado nacional favorito e todo americano deve celebrar nossas liberdades individuais nessa data. Até mesmo os americanos tão absurdamente liberados como a senhorita.

— Muito obrigada, meritíssimo — disse Anne. Quanto aos 500 dólares, ela teria de sacá-los da sua poupança pessoal, o que deixaria um saldo de 17 dólares e 45 centavos.

Não haveria boas justificativas para cobrar do cliente por manter sua advogada fora da cadeia. Ela estava ciente de que a coisa devia funcionar no sentido inverso.

— E considere-se advertida, srta. Murphy. — O juiz Hoffmeier apontou-lhe o dedo. — Não vou tolerar outra exibição dessas em meu tribunal, nem na próxima semana, nem em qualquer semana, no futuro. Mais um espetáculo deste gênero e a senhorita vai direto para a cadeia.

— Entendido, meritíssimo.

— Ótimo. — O juiz Hoffmeier fez uma pausa. — Agora, bem, quanto à moção do réu para excluir prova, eu, pela presente a aceito, embora relutantemente. Abomino premiar a srta. Murphy por sua má conduta, mas não posso penalizar a empresa do réu pelos

esquemas estouvados da sua advogada. Portanto, decido que o testemunho da srta.

Feldman não será admitido no julgamento desta matéria, e que não haverá nenhum homem nu apresentado como prova na semana que vem, seja em palavra ou ação. Fica assim ordenado!

O juiz Hoffmeier bateu o martelo, acentuando o gesto com um balançar de cabeça.

— Obrigada, meritíssimo. — Anne bem que queria comemorar, mas conteve-se. Ela ganhara. Ela ganhara!

Matt levantou-se rapidamente, o cenho franzido.

— Obrigado, meritíssimo.

— Agora, srta. Murphy, retire-se do meu tribunal antes que eu recupere meu juízo. — O juiz Hoffmeier levantou-se e deixou o tablado. Tenham todos um bom feriado.

Anne levantou-se tão logo o juiz saiu, sentiu uma suave carícia nas costas e virou-se. Dois advogados vestidos em ternos elegantes estavam de pé atrás dela. Ostentavam presença, sucesso, e evidentemente eram clientes do mesmo alfaiate.

— Foi surpreendente, Anne! — disse um deles, tocando nela novamente, embora ela nunca os tivesse visto. Ele exibia um sorriso profissional e usava uma aliança de casamento.

O outro advogado se aproximou.

— De onde tirou esta ideia? E já não nos encontramos em...

— Obrigada — Anne disse educadamente, só que não queria ser cantada numa corte federal, a menos que fosse por Matt Booker. Tentou enxergar por cima dos ombros almofadados dos dois advogados, procurando Matt, que estava encurvado sobre a sua pasta, enfiando papéis dentro dela. Anne acenou, tentando chamar-lhe a atenção, mas a testa dele estava franzida de raiva e ele não levantou a cabeça para olhar. Então, sua visão foi bloqueada pelos dois advogados.

— De onde você arranjou coragem para fazer uma coisa dessas? — o advogado casado perguntou, mas Anne contornou-o sem se deter.

— Matt! — chamou, mas o advogado havia agarrado sua pasta e dirigira-se apressado para a ala central, saindo pelas portas duplas. Anne não foi atrás dele. Não iria pedir desculpas por estar

defendendo o seu cliente. E não podia dizer que se sentia triste por ter vencido. Ficou parada e, subitamente, deu-se conta de que os dois ternos ainda a estavam acuando, que a galeria inteira, aparvalhada, ainda a observava, e que havia vários repórteres correndo para ela, com seus notebooks a postos.

— Anne — disse o advogado casado, em voz baixa. — Estava querendo saber se você tem algum programa para esta noite. Gostaria muito de sair com você para comemorar sua vitória.

Um repórter afastou-o com uma cotovelada, berrando perguntas no ouvido de Anne.

— Srta. Murphy, foi genial! Que golpe! Qual é o nome do stripper?

— Os repórteres subitamente a cercaram, como abelhas em cima de um prêmio Pulitzer. — Não pensou que poderia ir para a cadeia? O que o seu cliente pensa dessa sua jogada? Que tal uma sessão de fotos para nossa coluna Sob os holofotes desta semana?

Anne conseguiu retornar para a mesa dos advogados de defesa, apanhar sua pasta e sua bolsa e, sem responder a qualquer das perguntas, ignorou todos os olhares fixos sobre ela. Ela apagou o mundo a sua volta, o que lhe deixava sempre com uma mesma sensação, a de estar um tanto morta por dentro. Entretanto, pelo menos tivera aprovada sua moção, e mereceu ganhar. Mesmo sem nenhuma jurisprudência, Anne estava convicta de que agira no melhor sentido da lei.

Nota mental: *Somente uma mulher bonita pode entender o verdadeiro poder de um homem nu*.

2

ROSATO & ASSOCIADOS era o que se lia na placa de bronze afixada à parede azul-celeste. Anne saiu do elevador, penetrando no frio do ar-condicionado da área da recepção, então deserta. Cadeiras no estilo clube naval, com estampas azuis modelo Karastan, e uma mesa de vidro, coberta de lustrosas revistas arrumadas em leque, formavam um oásis corporativo, depois do calor e da algazarra do mundo exterior. O congestionamento de tráfego do feriado já tinha começado, e Anne não conseguira um táxi na saída do Tribunal de Justiça, sendo obrigada a caminhar os 25 quarteirões sobre seus Blahniks, o que constituía um castigo cruel e incomum. Ela chutou fora seus sapatos que caíram, um sobre o outro, como um borrão marrom-acinzentado.

— Seus traidores! — exclamou. Depois, pensando melhor, recolheu-os.

Enfiou-os na sua pasta e andou de pés descalços, com os calcanhares erguidos, até a mesa de recepção, onde também não havia mais ninguém. A recepcionista provavelmente fora para casa mais cedo, e um rápido relance ao redor fez Anne concluir que tinha havido uma debandada geral. Estava tudo silencioso, à exceção de um eco longínquo de risadas vindas dos escritórios mais distantes, no canto extremo do prédio. Anne tinha um bom palpite de quem deveria ser.

Apanhou a prancheta que era mantida sobre a mesa de recepção e rastreou a lista das assinaturas de entrada e saída. Bennie Rosato estivera fora o dia inteiro, em audiências de tomada de testemunhos, e Anne soltou um suspiro de alívio. Ela teria um bocado de explicações a dar sobre a moção do homem nu.

O telefone tocou sobre a mesa da escrivaninha, e ela o atendeu:

— Rosato e Associados. Era voz de homem.

— Aqui é do *Daily News*. Anne Murphy está? Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre...

— Lamento, eu não estou.

Anne baixou o receptor e, como o telefone recomeçou a tocar, fez de conta que era música ambiental. Baixou também a prancheta sobre a mesa, procurou entre os bilhetes de recado rosa de ENQUANTO VOCÊ ESTEVE FORA pelos que lhe eram destinados, depois recolheu sua correspondência e os FedExes da bandeja preta com o seu nome. A seguir, com as mãos carregadas, encaminhou-se para seu escritório.

A luz do sol filtrava-se através da janela por trás da sua cadeira, banhando o topo da sua bagunçada escrivaninha com um clarão intensamente branco e ofuscante que iluminava no ar os ciscos de poeira levantada pela advogada brandamente desolada. Sua escrivaninha era embutida na parede esquerda, e mais acima havia prateleiras de madeira abarrotadas de livros de direito, grossos compêndios de leis federais, alguns *thrillers* jurídicos e catálogos já vencidos da Neiman Marcus, repletos de roupas que ela merecia possuir, mas que ainda não pudera comprar. Não havia fotografias em seu escritório, e nada pendurado nas paredes com exceção dos seus diplomas da UCLA e da Faculdade de Direito de Stanford.

Anne soltou a pasta e a bolsa sobre uma cadeira, a correspondência e as mensagens sobre a escrivaninha, depois foi para sua poltrona e sentou-se. A risada soava ainda mais alto agora que ela se encontrava mais próxima da fonte, as duas sócias mais antigas, Mary DiNunzio e Judy Carrier. Elas estavam conversando no escritório de Mary, que servia também como sede social.

Examinou por alto as mensagens que haviam lhe deixado, mas sem realmente prestar atenção no que fazia. Não conseguia ficar sentada quieta. Ainda se sentia agitada demais por conta de sua vitória. Tentara telefonar para o celular de Gil para lhe contar as novidades, mas ele não atendera, e ela deixou um recado. Nada lhe dissera sobre o homem nu; queria que ele tivesse a possibilidade de alegar desconhecimento, caso fosse presa. Agora, poderia contar tudo em detalhes exultantes. Ela vencera!

Anne sentiu vontade de comemorar. Escutou a risada novamente. Talvez pudesse levar Mary e Judy para uns drinques. Nunca o fizera antes, mas agora, por que não?

Não tinha nada para fazer à noite, a não ser ir para a academia de ginástica, e adoraria faltar pelo menos uma vez na vida. Fazia

ginástica para diminuir o estresse, mas odiava tanto que isto a estava estressando. Se continuasse assim, teria que voltar a tomar tranquilizantes.

Anne levantou-se da cadeira e caminhou descalça até o corredor, em direção às risadas. Era um som alegre, contagiante, e no rosto dela foi se abrindo um sorriso, sem que sentisse, à medida que se aproximava do escritório de Mary e empurrava a porta.

— Qual foi a piada, garotas? — perguntou.

A risada parou tão instantaneamente como se alguém tivesse desligado o interruptor de luz.

— Ora, não é nada — respondeu Judy Carrier, sentando-se sobre o aparador de Mary. No entanto, os seus olhos de um azul de porcelana estavam úmidos de tanto rir, e os lábios sem pintura ainda traziam o traço de um sorriso.

Mary DiNunzio franziu o cenho por trás de sua elegante escrivaninha.

— Desculpe se fizemos barulho. Perturbamos você?

— Não, nem um pouco.

O rosto de Anne estava queimando. Ela já devia saber... Essa firma de advocacia era pior do que o colégio, e ela se sentiu como uma estudante conceito D entrando na sala reservada aos geninhos do Quadro de Honra Nacional.

— Como foi hoje, na corte? — perguntou Mary. Se ela ouvira falar alguma coisa sobre o sujeito nu, não demonstrou. Tinha no rosto uma expressão de interesse, mesmo que apenas por polidez. Seus cabelos louro-escuros estavam presos atrás num coque estilo francês e ela trajava o seu característico costume caqui da Brooks Brothers, em contraste com Judy, que balançava-se sentada sobre o aparador, vestida com um macacão índigo, com um top branco por baixo e uma bandana vermelha ornamentando seu corte de cabelo à la garoto holandês. As duas eram tão diferentes que Anne ainda não conseguira entender a amizade tão forte entre elas. E, aliás, já havia desistido de tentar.

— Ah, tudo bem na corte. — O sorriso de Anne metamorfoseou-se numa máscara profissional. Mary estava informada do caso Chipster, e Anne sempre intuiu que as duas poderiam ter sido amigas, se as coisas fossem diferentes. Como,

por exemplo, se ambas vivessem em Plutão, onde as mulheres eram gentis umas com as outras. — Eu venci, isso é que importa.

— Nossa! Você venceu? — Mary sorriu. — Meus parabéns! Como conseguiu? Era uma moção difícil.

— Hoffmeier simplesmente concordou comigo, acho. — Anne nem sequer considerou contar toda a história para elas. Fora um erro ir até ali. E, por ali, ela queria dizer a Filadélfia.

Mary parecia intrigada.

— Com o que ele concordou? Não havia nenhuma jurisprudência.

— Quem sabe? Ele aceitou a argumentação, creio. Preciso ir, estou muito atrasada. Só queria dar um tchau para vocês. — Anne foi saindo, fingindo um último sorriso.

— Bom Quatro de Julho. Um ótimo fim de semana, garotas.

— Você provavelmente já tem programa. Algum encontro, certo? perguntou Mary e Anne assentiu de cabeça.

— Tenho, sim. Até mais.

— Hoje à noite, também? Porque eu...

— Tenho. Um belo encontro para esta noite. Preciso ir agora.

— OK, bem... bom feriado. Judy reforçou:

— Bom descanso.

No entanto, Anne já estava do lado de fora do escritório e descia o corredor, afastando-se apressada. Uma hora mais tarde, estava vestida com camiseta tamanho gigante, short *baggy* e calçando seus Reeboks, numa sala de musculação defrontando-se com um exercitador elíptico, uma dispendiosa máquina que simulava em esteira uma corrida para pessoas que detestam correr por conta própria. SELECIONE EXERCÍCIO, ordenava o mostrador, e diminutas luzes faziam piscar uma prestativa seta que apontava o botão ENTER.

Anne pressionou o botão, passando por QUEIMAR GORDURA, CÁRDIO e MANUAL, até atingir PISTA VARIADA, que então tilintou. PISTA VARIADA simularia enormes colinas que surgiriam no seu caminho sem nenhum aviso. PISTA VARIADA a manteria ligada. PISTA VARIADA era como a vida.

Ela pressionou o botão, agarrou os punhos da máquina e iniciou sua simulação de corrida. O salão de musculação estava

deserto, a não ser por um homem musculoso na máquina de peso para as pernas, que se mirava o tempo todo no espelho. *Narciso no Nautilus*. Estava tudo tão silencioso que ela podia escutar o *humpa-humpa* da música de *spinning* vazando através da parede junto a ela. Anne já tentara o spinning, por certo tempo, mas é necessário praticá-lo junto com uma turma, o que significa que alguém, homem ou mulher, ou talvez ambos, acabaria passando-lhe uma cantada. Assim, Anne decidiu exercitar-se sozinha diante de um monitor de TV, olhando direto à frente e usando fones de ouvido de um *walkman*. As baterias do *walkman* estavam descarregadas fazia tempo; era apenas uma maneira de ninguém vir incomodá-la. Seu coração começou a acelerar, assistindo à tevê sem som e tentando não odiar o exercício, a CNN, ou qualquer outra que dissesse respeito à sua vida.

Fosse como fosse, tinha vencido.



A lembrança a fez sorrir. Uma colina mirrada surgiu diante dela, e Anne entrou na simulação do esforço para vencer o aclive simulado, os olhos sempre na TV Cruzando a parte debaixo da tela da TV deslizavam duas faixas com cotações da bolsa, com seus misteriosos acrônimos e suas setas vermelhas e verdes. Havia uma porção de setas vermelhas, apontando para baixo. Se Anne tivesse dinheiro investido no mercado ficaria preocupada, por isso preferia investir em sapatos.

— Olá, Anne — exclamou uma voz ao seu lado, e ela voltou-se para ver quem era. Era uma moça subindo na esteira ao lado e selecionando QUEIMAR GORDURA. A garota era magra demais para precisar queimar gordura, mas esta era a única mentira maior do que a do tamanho único.

— Olá — respondeu Anne, martelando a cabeça para se lembrar do nome da moça. Ela começou sua corrida simulada em marcha lenta, com os olhos focalizados em algum ponto imaginário

na parede. E Anne finalmente lembrou: era Willa Hansen. Willa era uma garota estilo artista, e tingira o cabelo mais uma vez, agora da cor de um ser humano normal. Tinha até mesmo um tom avermelhado parecido com o cabelo de Anne.

— Gostei da sua nova cor de cabelo, Willa — disse Anne abruptamente, após um minuto. Ela compreendeu que estava tentando iniciar uma conversa, só não sabia direito a razão. Talvez para provar que havia se lembrado do nome de Willa. Nota mental: *Não adianta lembrar o nome de alguém e não conseguir que isso seja notado*.

— Obrigada.

— Como você conseguiu tirar o azul? — perguntou Anne, e logo a seguir teve vontade de se dar um pontapé. Por alguma razão, soou errado. Ela sempre tivera dificuldades para conversar com mulheres. Era muito mais fácil conversar com os homens. Para conversar com um homem, tudo o que se precisava fazer era escutar, o que eles entendem como sendo a mesma coisa.

— O azul saiu fácil. Era KoolAid.

— Hem? — Anne arrancou os fones do ouvido. Talvez não tivesse escutado bem. — Você aplicou KoolAid, aquela bebida, no seu cabelo?

— Isso mesmo — sorriu Willa. — Com um pouco de água, só isso.

Anne não soube o que dizer. Assim, manteve-se correndo na simulação de pista por um momento, em silêncio. Havia certas coisas que ela nunca entenderia nessa sua geração, e sua experiência com tintura de cabelo tendia para o mais convencional. Quando começou a experimentar tinturas, foi com o castanho profissional, o que se demonstrou inútil. Ela permanecera sendo não-profissional, apenas cabelos tediosos, e assim resolveu voltar para a cor natural, vermelho Lucille Ball. Anne decidiu insistir na sua tentativa de diálogo: — Não sabia que se pode usar KoolAid no cabelo.

— Claro que pode! — respondeu Willa, mantendo as passadas, de camiseta e short. — Costumava usar Manic Panic, mas o KoolAid também funciona muito bem. O azul era fruta silvestre, daí,

para me livrar dele, apenas passei cereja em cima, e meu cabelo voltou a ficar preto.

— Preto-cereja?

— Acho que é isso. — Willa não entendeu a piada. — Depois, passei hena e ele ficou mais ou menos cor de cobre.

Anne venceu outra subida simulada e seguiu adiante. A luz do mostrador na barra indicou que tinha simulado apenas 2 minutos e 28 segundos de corrida em pista variada, o que significava que ainda lhe faltavam, aproximadamente, 3 anos e 23 horas. Ela desviou o olhar para o lado e checou o mostrador de Willa. Esta não tinha nenhuma colina à vista, o que significava que sua dieta não lhe estava dando tanto estresse assim.

— O que vai fazer no feriado, Anne?

— Tenho de me enfumar dentro de casa e trabalhar durante todo o fim de semana. Vou ter um importante julgamento na terça-feira.

— Ah, é verdade, você é advogada.

Anne teve o ímpeto de contar a Willa sobre a sua grande vitória do dia, incluindo o homem pelado e tudo o mais, mas ia parecer patético. Não conhecia Willa o bastante e elas haviam se falado apenas umas poucas vezes sobre as suas respectivas vidas particulares, ou da falta destas. Assim como Anne, Willa vivia sozinha e não era de Filadélfia. Anne tinha a impressão de que Willa tinha algum dinheiro aplicado e era justamente aí que as semelhanças entre as duas como que se evaporavam no ar.

— E você? Vai fazer alguma coisa neste feriado?

— Ia... Ia cuidar dos cachorros de um casal, mas eles se separaram.

— O casal?

— Os cachorros.

Anne preferiu não pedir explicações. Além do mais, estava com uma respiração de corrida simulada ofegante demais.

— Não sabia que você tomava conta de cachorros.

— Às vezes. Para me distrair. Adoro cachorros. E aproveito para fazer uns desenhos deles. — Willa continuava em marcha lenta sobre sua máquina. — Mas acho que vai ter uma porção de coisas para se desenhar, neste fim de semana. Vai acontecer uma coisa

chamada A Festa na Parkway, com fogos de artifício no Museu de Arte segunda-feira à noite.

— Minha nossa! Moro bem do lado da Parkway. — Era o primeiro Quatro de Julho de Anne em Filadélfia, e ela não se dera conta disso. Como ia conseguir trabalhar? “Droga!”

O Kilimanjaro havia assomado no monitor do Life Fitness. Mais um acidente de percurso da PISTA VARIADA. — Preciso trabalhar neste fim de semana. E agora?

— Você não tem um escritório?

— Tenho, mas... — Anne não queria entrar no tema Mary e Judy. Ou pior, Bennie. O emprego seria ótimo se não fosse pelas colegas de trabalho.

— Escritórios são uma merda, certo?

— Isso mesmo.

— Então, por que você não sai da cidade? — A corrida de Willa reduzira da marcha de passeio para algo próximo do andar rastejante. Logo, ela começaria a andar para trás, e a academia é que teria de lhe pagar por movimentar a máquina.

— Sair da cidade?

— Você não é solteira?

— Totalmente.

— Então vá para o litoral de Jersey. Estive em North Cape May uma vez e tem um parque nacional lá. Muito silêncio e tranquilidade. Consegui fazer um bocado de desenhos.

— No litoral? — Era o código para as praias de Jersey. Todo mundo em Filadélfia ia, nas férias, para o sul de Jersey. Era diferente de Los Angeles. A Filadélfia não era uma cidade de veraneio, graças a Deus. — Acho que até poderia ir para lá.

Willa reassumiu a marcha passeio-lento, e Anne se sentiu de imediato apaixonada pela ideia de uma fuga de fim de semana. Que boa maneira de celebrar sua grande vitória!

Não tinha carro, mas sempre alugava o mesmo conversível, principalmente para fazer compras de casa nos finais de semana. O gerente da Hertz na cidade costumava guardá-lo para ela; era um Mustang vermelho-corpo-de-bombeiros capaz de embaraçar um cafetão. Ela tencionava comprá-lo assim que se livrasse do débito do cartão de crédito e logo, também, que o inferno congelasse.

— Por que não? — disse Anne. — Eu poderia mesmo passar o fim de semana fora!

— Claro que sim! Faça uma coisa bem doida! Tinja os seus cabelos de púrpura.

— Ou não. — Anne deu uma risadinha, seu humor aos poucos melhorando. — Mas eu poderia telefonar para uma agência de viagens. Sou sortuda. Quem sabe pego a vaga de alguém que tenha cancelado a reserva?

— Provavelmente, algum advogado que teve de permanecer aqui no calorão da cidade. — Willa riu, Anne também.

— Que sujeito idiota! — Muito idiota!

Então Anne se lembrou de Mel.

— Só que eu tenho um gato. Não posso abandoná-lo.

— Acho que posso cuidar de seu gato. Gosto de gatos. Poderia começar a desenhar gatos.

Anne hesitou ao pensar em deixar uma estranha dentro de sua casa, por causa do episódio com Kevin. Mas, Willa era uma mulher e parecia honesta. E, mais importante, não era uma psicótica. Anne, a quem nunca havia passado pela cabeça descer para o litoral, agora mal podia esperar por isso. Ela poderia ficar trabalhando feito uma louca, e nunca havia visto o oceano Atlântico. Mas, tinha certeza de que saberia encontrá-lo.

— Por favor, Willa, você poderia cuidar do meu gato neste final de semana? — pediu.

— OK, vou fazer uns desenhos do seu gato, e talvez até dos fogos de artifício. Se você mora perto da Parkway, deve ter uma bela vista por lá. — As passadas de Willa foram ficando mais lentas até ela se imobilizar. Que tal irmos agora, antes do congestionamento? Posso terminar minha corrida no caminho para a sua casa. E posso tomar banho na sua casa.

— Genial! — Anne apertou o botão APAGAR. — Para o diabo com isso! Amanhã, vou estar correndo na praia, recebendo a brisa fresca do oceano! Ou talvez, não! Rá!



Anne conseguiu reservar tanto o Mustang quanto o apartamento na praia, no caminho para casa, correndo, ainda com as roupas de ginástica, a distância até seu bairro, Fairmount, situado logo na saída do distrito comercial de Filadélfia. Era um setor reurbanizado da cidade, caracterizado por museus de arte, a Biblioteca Pública, a Vara de Família, entremeada de quarteirões inteiros de casarões coloniais com fachadas de tijolos e persianas recém-pintadas. Bennie Rosato morava naquele bairro, e Fairmount era uma vizinhança tranquila e segura, o que era tudo que importava para Anne, quando se mudou para o Leste. Podia passar muito bem sem vaga para carro.

A casa que alugou tinha três andares, mas sofria de anorexia aguda, o prédio somente ocupando a área de um único ambiente, um aconchegante conjunto de sala e dois quartos, o que era o que os filadelfianos chamavam de casa com um ambiente por andar. Anne alcançou sua porta da frente ainda na corrida, ignorou as contas e catálogos que a fenda da caixa de correio cuspia sobre o tapete do pequeno vestíbulo. Fechou a porta à chave e correu a lingueta da tranca, jogou a pasta e a bolsa no chão da sala de estar e disparou escadas acima com sua sacola de ginástica.

— Mel! Mel! Nós ganhamos! Conseguimos aprovar nossa moção! — Anne saiu chamando seu gato, o que apenas confirmava que morava sozinha há muito tempo. Entrou, saltitante, no quarto, jogou no chão a sacola de ginástica, colocando em alerta o rechonchudo felino malhado, de pelo castanho, enroscado ao pé da sua cama ainda desfeita. Mel ergueu as orelhas na posição Gato em Ataque, até se dar conta de que era apenas Anne, e então relaxou-se, piscando lentamente seus enormes olhos verdes. Anne atirou-se na cama, apertou as peludas faces do gato entre as mãos e beijou seu nariz duro, rosado e esponjoso.

— Nós vencemos, bonitão! — disse novamente, mas tudo que o gato fez foi bocejar, mostrando seus dentes brilhantes, brancos e pontudos. Quando o gato fechou a boca, as pontas ainda ficaram à mostra, e ele assumiu o jeito Gato Halloween. Mel estava parecendo bastante assustador hoje, e Anne ficou se perguntando se ele estava confundindo os feriados.

— Mel, a boa notícia é que vencemos. A má notícia é que vou viajar, mas você vai ser bem cuidado enquanto eu estiver fora. Vai conhecer uma garota muito legal que deseja desenhar o seu retrato, certo? — Anne lhe deu outro beijo rápido, mas Mel não ronronou, o que para ela significou que o gato havia ficado preocupado quanto a ser deixado sozinho com uma pessoa completamente desconhecida que pintava os cabelos de azul. Nota mental: *As pessoas costumam projetar todas as suas emoções nos seus gatos, e os gatos gostam disso*.

Anne deu em Mel um último beijo, correu para seu bagunçado *closet* e retirou calcinhas e sutiãs, duas camisetas, uma saia de algodão e um short sobressalente.

Depois, pescou do fundo do armário suas sandálias com pintas à la leopardo, porque sempre a faziam sentir-se em festa, e ela, afinal, estava comemorando.

— Já contei a você que vencemos com nossa moção, Mel? — brincou Anne, enfiando as roupas de qualquer jeito na sacola de ginástica. Ela tomaria uma chuveirada em seu novo apartamento na praia, e assim passou às pressas pelo banheiro, pegou seu xampu, o condicionador e a loção de corpo com essência de *grapefruit*, bem como a maquiagem na lata *I Love Lucy*, que tinha uma cena colorizada da viagem pela estrada até a Califórnia. Ela não podia passar sem Lucy nem sem seu creme hidratante, ou ia se sentir como se estivesse acampando.

— Estou dando o fora, Mel! — cantarolou ela, voltando ao quarto, Porém Mel pegara no sono e não acordou quando ela começou a enfiar na sacola seus objetos de higiene pessoal e fechou o zíper, nem quando a campainha da porta tocou.

Só podia ser Willa, e Anne pendurou a sacola em seus ombros, agarrou o sonolento bichano, que enroscou suas patas dianteiras

nos braços dela e deixou-se carregar para baixo. Poltrona de Gato Modelo Seda.

— Já vou! — gritou Anne, quando alcançou o primeiro andar, mas deu uma espiada pelo olho mágico, só para garantir. Ainda era um ato automático, embora Kevin estivesse na cadeia a quilômetros de distância. Tinha horror de pensar no dia em que ele fosse posto em liberdade, mas isso só ia acontecer dali a dois anos. De pé na varanda, estava Willa Hansen, bufando, ofegante, em seus trajes de ginástica.

— Vá entrando! — Anne destrancou a porta, abriu-a e Willa emitiu um arrulho no momento em que viu Mel.

— Oooooh! Mas que gracinha!

Então, Anne e Mel tiveram a certeza de que tudo ia dar certo.



Automóveis, minivans e caminhões enfileiravam-se nas três pistas até se perder de vista, com luzes de freio que formavam uma linha vermelha pontilhada. Era apenas outro exemplo de PISTA VARIADA, e Anne já estava resignada com o fato de que não chegaria ao litoral até depois do escurecer. Deixou o Mustang conversível em ponto morto e apoiou a cabeça sobre o encosto negro do assento do carro. O ar da noite estava fresco e, por uma bênção, livre de umidade. O céu era tomado aos poucos por uma cor safira, de tonalidade escura e espessa, as estrelas faiscando lentamente, diamantes incrustados.

Uma minivan azul ao lado dela tinha duas bicicletas de criança presas ao rack da traseira, os raios das rodas com fitinhas vermelhas, azuis e brancas, de papel crepom, penduradas, e o porta-malas com sacos de supermercado, lençóis dobrados e um imenso boneco do Garibaldo, com o bico amassado contra o vidro fumê. Anne mal podia enxergar a família dentro do carro, mas a presença deles era evidente — crianças pulando no banco de trás, a mãe e o pai no da frente.

Ela desviou o olhar e começou a percorrer as estações de rádio, subitamente inquieta. Não conseguiu sintonizar nada de interessante, a não ser antigos sucessos mais velhos do que ela e programas esportivos, o que a fazia lembrar da ginástica. Desligou o rádio, então. A noite caiu, afinal, silenciosamente, a não ser pelo alarido de três mil minivans carregando famílias felizes para a praia, indubitavelmente poluindo o ar das mulheres que se recusavam a se sentir solitárias em seus Mustangs conversíveis. Anne pegou uma lata de refrigerante diet do porta-copos e a ergueu num brinde.

— Ao monóxido de carbono e a mim — disse, tomando um gole da bebida quente e já sem gás, e então teve uma ideia.

Ela tinha vencido, e havia apenas uma pessoa para quem poderia telefonar. Não parou para se perguntar por quê — para variar, não parou para observar-se observando a si mesma — nem mesmo para uma simples nota mental. Ela simplesmente ia telefonar! Ia telefonar, e pronto!

Colocou a latinha de volta no porta-copos, esquadrinhou a bolsa em busca do seu celular e da caderneta de telefones vermelha, e abriu ambos. Ela teve que segurar a caderneta à luz do farol dianteiro do carro que seguia atrás dela para conseguir ler, e virou as páginas até chegar ao M, onde encontrou o número do telefone que queria. Havia cinco números antigos acima dele, todos riscados, e ela não sabia se o número mais recente ainda valia. Fazia meses que não ligava para aquele número, mas era só o que tinha.

Digitou o código da área de Los Angeles, e depois o número do telefone. Deveria ser a hora do jantar por lá. O tilintar começou, uma, duas, três vezes, o sinal acompanhado por estalidos fracos ao fundo. Ficou esperando que a chamada se completasse e, apesar de haver acabado de tomar um gole de refrigerante, sua garganta ficou repentinamente seca. Depois de um momento, o toque da campainha parou e soou uma voz eletrônica: “O número que você discou não funciona mais. Por favor consulte a sua lista telefônica...”

Anne sentiu o coração se afundar, uma reação que odiou de imediato, e rangeu os dentes. Ela estava decidida a não se fazer de vítima, uma chorona, uma consumada perdedora. Assim, ignorou o fato de a voz eletrônica seguir falando, numa repetição sem fim das

mesmas palavras, e deixou sua mensagem: — Olá, como você está? Achei que você ia gostar de saber que consegui aprovar uma moção muito importante hoje, na corte. E fui eu que bolei a coisa toda. Foi meio maluca, mas funcionou. E, além disso, estou bem, de verdade. Não se preocupe comigo. — Ela fez uma pausa. — Eu amo você também, mamãe.

Depois, apertou END e desligou seu celular.

3

Gaivotas guinchavam, revoando acima de um gorduroso saco marrom enfiado numa lata de lixo, e pombos malhados gingavam ao longo do passeio de tábuas, seus pés escamosos róseo-avermelhados movendo-se como se as aves fossem brinquedos de corda. A manhã de sábado surgira clara, quente e ensolarada na praia de Jersey, e Anne descobriu que o oceano Atlântico era exatamente igual ao Pacífico. Molhado, grande, azul e sempre em movimento. A ideia que fazia de beleza natural permaneceu o King of Prussia Mall.

Ela estava concluindo a sua corrida matinal, tendo odiado cada passo dos cinco quilômetros, descendo pelo passeio à beira-mar, castigado pelo vento, à velocidade de um quilômetro a cada dez minutos. Certo, não fora exatamente um trote acelerado, mas Anne transpirava consideravelmente com a sua enorme camiseta e seu short de andar de bicicleta. Estava ofegante, também, mas isso porque seus sutiãs de corrida a apertavam, dificultando o suprimento de oxigênio. Nota mental: *Satã existe e ele trabalha para Champion*.

Enquanto Anne esperava que a respiração voltasse ao normal, enxugou os olhos por trás dos óculos escuros e alisou os cabelos atrás, presos em seu já então desarrumado rabo-de-cavalo. Uma generosa camada de oxido de zinco líquido ocultava o seu lábio superior. Outros praticantes de corrida passavam por ela, ostentando relógios de triatlo exageradamente grandes e Sauconys novos em folha, suas pisadas almofadadas trovejando sobre as velhas tábuas cinzentas. Havia muito mais gente na pista, agora, do que quando Anne havia iniciado sua corrida. O fim de semana do Quatro de Julho tinha evidentemente começado. Uma família passou pedalando um carrinho com toldo de listras vermelhas e brancas. Alguns corredores homens a ultrapassaram, apenas para lhe lançar uma espiada, de passagem, e foi quando Anne decidiu ir para casa, enfiar-se no seu pequeno apartamento e tentar trabalhar.

Ela começou a caminhada de volta, mas a brisa estava quente demais para refrescar fosse o que fosse, e assim ela parou numa banca de jornal na esquina para comprar uma garrafa, de água e um jornal de Filadélfia. Pagou com cédulas empapadas de suor, afastou-se da banca de jornais e já se preparava para quebrar a tampa branca de plástico da garrafa de Evian quando desdobrou o jornal, leu e congelou.

ADVOGADA ENCONTRADA ASSASSINADA, berrava a manchete, e estampado bem abaixo estava a foto de formatura da própria Anne. Tinta barata coloria seus olhos, como se fosse o esverdeado de confeitinhos de chocolate, e o seu cabelo tinha se tornado de um vermelho-alaranjado visto apenas em casacos especiais de caçadores que não querem abater uns aos outros. Havia uma moldura preta em torno da foto, no entanto a legenda dizia simplesmente, Anne Murphy.

Ela riu, nervosamente. A história de fundo, evidentemente, era sobre a sua morte, só que ela não estava morta. Cansada, sim, e retendo água. Mas morta, não. Era obviamente um engano, um desmedido engano. Ela abriu o jornal, mas uma rajada de vento estimulantemente impregnado de cheiro de fêmea de siri misturado ao de óleo diesel varreu o oceano, inflando as páginas como se fossem as velas de um barco. Ela conseguiu subjugar o jornal indisciplinado e leu os primeiros parágrafos: Anne Murphy, 28, advogada que defendia a Chipster.com, uma empresa da Internet, foi encontrada assassinada em sua residência, na noite passada. A polícia determinou que se tratou de um homicídio e que a vítima foi morta com disparos de arma de fogo à queima-roupa. Murphy foi declarada morta no Temple University Hospital, aproximadamente às 23h48 da noite de sexta-feira.

A polícia foi chamada à casa de Murphy, na Waltin Street, número 2257, por uma vizinha que notificou ter escutado tiros. Não havia sinais de arrombamento, e a polícia não tem suspeitos do crime até o presente momento.

Anne retirou os óculos escuros e leu novamente aquelas linhas. O seu senso de humor desapareceu. Tinha de estar imaginando coisas. Não fazia o menor sentido. Quem sabe o endereço estivesse

errado? Tornou a examiná-lo, Waltin Street, 2257. Era sua casa, mas ela não estava morta. Nem mesmo estava lá.

Oh, meu Deus! De repente sua garganta apertou. Ela se deu conta, com um arrepio de horror, do que devia ter acontecido. Devia ter sido o corpo de Willa que a polícia encontrou.

Teria sido isso? Teria mesmo sido isso? Willa estava morta? O coração de Anne quase parou, dentro do peito. Os olhos encheram-se subitamente de lágrimas, embaçando a visão que tinha do movimentado passeio de tábuas. Ela recolocou os seus óculos escuros, com a mão trêmula.

Foi o Kevin, sussurrou uma voz em sua cabeça, uma voz que ela pensava que houvesse expulsado dali. Você sabe que foi o Kevin.

Ela lutou contra a voz e a conclusão, mas foi inútil. Willa, morta? Não! Anne precisava saber de tudo, de todos os detalhes. Releu o artigo, mas era apenas um sumário de sua carreira legal, com uma foto de grupo das advogadas da Rosato sob o subtítulo UM TOQUE DE MULHER.

Não dizia mais nada sobre o homicídio.



Na verdade, custava a crer que tivesse acontecido. Era incompreensível demais, e ela lutava em vão contra o pânico, como se fosse uma mão erguida tentando deter uma enorme onda. O que havia acontecido? Como pôde acontecer? Ela tentava limpar as lágrimas dos olhos, piscando sem parar, e vasculhava o restante do jornal, mas era todo ele dedicado aos destaques do Dia da Independência: linhas vermelhas, brancas e azuis emoldurando as páginas que informavam os horários dos desfiles e dos fogos de artifício no Museu de Arte. Um ciclista com coxas esculturais lançou-lhe uma olhada, ao passar veloz por ela, seguido por um trio de corredores magricelas, que desviaram simultaneamente a cabeça para ela, como se fosse um único movimento e um único olhar. Ela

rasgou da página de jornal a história principal e releu-a vezes sem conta, tentando entender o que tinha acontecido.

Kevin foi solto, mas como? Por que não me avisaram? Anne não podia conter a voz, nem as perguntas. Teria a polícia confundido Willa com ela? Como? Elas não eram nada parecidas. Willa tinha olhos castanhos, o nariz era diferente, e ela não tinha cicatrizes. Quem havia identificado o corpo? Então Anne pensou novamente. Ela e Willa tinham mais ou menos a mesma altura — ambas com cerca de 1,68m e o mesmo manequim, 38-40. Os cabelos de Willa tinham o mesmo comprimento dos de Anne, e a sua nova cor de cabelos era semelhante à cor natural de Anne, também.

Anne sentiu o coração retorcer-se. Então se lembrou de que, antes de sair, emprestara a Willa a sua camiseta do escritório, aquela com ROSATO & ASSOCIADOS impresso na frente. Mas e daí? De repente, Anne não estava entendendo coisa nenhuma. A polícia não confiava em roupas, cabelo, ou no tamanho de vestidos para identificar cadáveres. Eles usavam DNA, registro dentário, métodos científicos, coisas assim, ou não?

Kevin logo veria que não era eu.

Não fazia sentido. Ou, quem sabe, ele teria contratado alguém? Não. Nunca, nem mesmo se estivesse dentro da prisão. Era uma coisa que ele ia querer fazer pessoalmente.

Ela se sentiu transtornada. Quem havia sido morta em sua casa? Por que haviam pensado que era ela? Sua cabeça latejava. O jornal produzia cócegas em sua mão. Não queria segurá-lo nem um minuto a mais. Ela cambaleou, deixou cair a garrafa de água e colidiu com outro corredor, um homem de meia-idade, que pareceu muito contente por ter a chance de ampará-la em seus braços.

— Desculpe, moça — disse ele, franzindo a testa atrás dos óculos mantidos no rosto por grossas hastes vermelhas. — Você está bem? Está tremendo tanto...

— Estou bem — respondeu Anne, desprendendo-se. Ela tropeçou numa cesta de papéis acorrentada ao parapeito do passeio de tábuas e jogou o jornal num ninho de latinhas de cerveja e saquinhos de batatas fritas vazios. Seus joelhos estavam moles, como se alguém tivesse lhe dado um chute.

Ela se firmou, apoiando-se na lata de lixo. O coração acelerado, fora de controle. O sol queimava. O lixo cheirava mal. As moscas zumbiam. Uma onda de náusea atravessou-a e ela se afastou, trôpega, da lata de lixo, e subitamente não pôde ver mais nada ao seu redor. O sol ofuscou-a, fazendo-a enxergar as pessoas como um borrão branco. O céu e as nuvens rodopiavam num mesmo compasso, como se fossem uma peça de arte ultramoderna, sobre a calçada do passeio à beira-mar.

— Moça? — disse a voz masculina e, através da brancura ofuscante que via, Anne mal pôde distinguir outro homem se aproximando dela. E a seguir outros mais, correndo para ela.

O homem de meia-idade dizia alguma coisa. O segundo homem estava em cima do seu rosto, com um hálito de café. Ele agarrou o braço dela e a ergueu. Um terceiro homem puxou o outro braço para ajudá-la a ficar em pé, mas Anne não se dera conta de que tinha caído. Eles a agarravam como algemas nos pulsos. O coração pulava, sobressaltado. O cérebro lutava para funcionar. Estava indefesa. Sem arma, sem celular. Nem mesmo uma ordem judicial para manter o perigo à distância.

A adrenalina inundava seu organismo. O coração ameaçava explodir. Ela lutava contra aqueles homens, debatendo-se para fugir das suas garras, berrando palavras que ela mesma não conseguia escutar. Eles recuaram, atordoados, enquanto Anne punha-se de pé sozinha, engolia a bile em sua boca de volta, e fixava os olhos num horizonte oscilante. Ela desviou a vista para baixo, evitando olhar o céu, até que este se firmou. Então, o sol reassumiu sua posição e as nuvens retomaram os seus lugares.

Finalmente, conseguiu se equilibrar e os homens em volta dela foram entrando em foco na medida em que o volume de suas vozes aumentava.

— Não tente ficar em pé, está tendo um ataque! Você é diabética? Vou chamar um médico! Estou com o meu celular! Querida, está conseguindo me ouvir? Moça? Como se chama? Estou lhe dizendo, ela está desidratada. Precisa de água, tenho uma garrafa. Aqui, deixe-me ajudá-la. Vou telefonar para o 911!

Kevin voltou.



O medo desanuviou a mente de Anne. Enxotou a náusea e despertou os músculos das pernas, num espasmo. Lembrou seu corpo do mais antigo dos instintos. E ela fugiu dali, correndo, sem dizer uma palavra. Os homens que a perdoassem por se portar tão mal com eles. Ela estava correndo para salvar a própria vida.

Seus pés martelavam surdamente o passeio de tábuas. Suas coxas tensionavam-se com o súbito esforço. O parapeito de aço ao longo do passeio dissolveu-se num jato prateado. O Atlântico começou a passar como uma mancha de azul ondulada. Os tênis dela continuavam golpeando as tábuas em passadas irregulares, os pés mal pousando e já novamente projetando-se.

Ela se lançou degraus abaixo para a praia vazia, depois correu para a água. A areia quente espirrava de seus solados. O ar marinho enchia-lhe os pulmões. Um calafrio piscoso gelava suas faces. As pernas adquiriam cada vez mais força, ela ganhava mais e mais velocidade, e de repente começou a voar. Uma corrida de doze minutos, mais e mais depressa, respirando com facilidade, o coração bombeando, o corpo funcionando por si mesmo agora. Nunca correra tanto assim, mas estava usando seu medo como combustível.

O sal ardia em seus olhos. O vento soprava mais forte, ensurdecendo os ouvidos. Seus tênis esmagavam as conchas na areia. Ela alcançou a areia dura, à beira da água, e correu sobre a espuma do mar que lhe salpicava as panturrilhas. A água ensopava suas meias e os tênis. Ela saltou por cima de uma garrafa quebrada, o corte irregular do vidro esverdeado cintilando ao sol, e seguiu em frente, descendo a praia, em paralelo ao mar. Estava apostando corrida com o horizonte, um voo penetrando na distância até que ambos desaparecessem.

O sol ia já bem alto na hora em que Anne alcançou a cabana dúplex de paredes forradas de tábuas que havia alugado e galgou

às pressas as escadas de madeira, indo para o segundo andar. Alcançou a porta da frente já com o peito aos solavancos, a camiseta e o short tão ensopado de suor que parecia que havia ido nadar com suas roupas de ginástica. Seus tênis deixavam pegadas borradas e umedecidas, no piso feito de tábuas de aglomerado. Crostas de areia úmida haviam se fixado em torno de seus tornozelos.

Suas mãos tremiam, procurando atabalhoadamente a chave da porta no fundo do bolso do short. Às suas costas chegava o barulho feito por despreocupados veranistas, dirigindo-se para a praia, conversando, rindo, carregando suas barracas listradas sobre os ombros. Os filhos pequenos os acompanhavam com passos vacilantes, balançando baldes de plástico, apenas um menino estava montado num triciclo com uma bandeirinha americana presa com fita adesiva no guidom. Anne abriu a porta e entrou apressada, arrancando os óculos escuros antes que os olhos tivessem se ajustado à súbita escuridão.

O apartamento tinha um único quarto, paredes apaineladas decoradas com as inevitáveis redes de pesca, estrelas-do-mar desidratadas e siris de plástico vermelho.

Um tecido feito para prevenir travessuras de crianças forrava um confortável sofá de cor acastanhada, com mesinhas de tampo de vidro em cada ponta. Ela não podia acreditar que Willa estivesse morta. Agarrou o telefone e digitou o número de sua casa, rezando para que alguém atendesse.

Ela contou um, dois, três e quatro toques, depois a sua secretária eletrônica atendeu. Desligou depressa, não querendo ouvir a mensagem gravada, sentindo uma ardência no fundo do estômago. Será que Willa estava mesmo morta? Se não, por que não atenderia? Onde estaria? Mas ela podia ter saído, talvez estivesse correndo. No entanto, não lhe ocorria nenhuma resposta e o único som no silencioso apartamento vinha da respiração ruidosa de Anne. Ela pegou o fone e digitou seu número novamente, apenas para o caso de ter errado na primeira vez.

Por favor, Willa, atenda. Novamente, escutou apenas a secretária eletrônica.

Anne lutou para fazer seu cérebro funcionar, os dedos enroscados em volta do receptor. E agora? Quem poderia saber onde Willa estava? A família dela? Mas Anne não tinha a menor ideia onde moravam. Sequer sabia onde Willa morava. Talvez Willa apenas tivesse saído, talvez não estivesse morta. Ela não podia estar morta.

Os pensamentos de Anne esbarravam um no outro em enorme confusão. Certo, não sabia do paradeiro de Willa, mas precisava dizer ao mundo que ela estava viva. Pensou na sua própria família, mas logo deixou isso de lado. Não iria conseguir encontrar sua mãe, nunca conheceu o pai, um guitarrista de estúdio que simplesmente saíra de casa antes de seu nascimento. E isso encerrava o problema.

Pensou em Gil e na Chipster. Gil precisaria saber que ela estava viva e que o caso dele ainda iria a julgamento na terça-feira. A Chipster.com estava em jogo e um veredicto judicial contra a empresa mataria a futura entrada na bolsa, que por sinal já fora adiada uma vez. Anne pegou o receptor e digitou o número do celular de Gil. Quatro toques, cinco, depois entrou a caixa postal. Ela esperou a mensagem terminar, depois veio o toque e uma voz mecânica disse: — Este serviço não está recebendo mensagens no momento. E a linha emudeceu!

— Droga! — Anne apertou o botão e tentou novamente. A caixa postal de Gil deveria estar cheia. Ela escutou novamente a mensagem e o toque de interrupção da comunicação.

Bateu o fone com toda força, os pensamentos ainda mais tumultuados. Deus sabia que haveria ainda um monte de outros telefonemas para dar.

Pegou de volta o fone e discou para o escritório. Deveria haver alguém trabalhando. Mary estaria tomando um depoimento para ela, hoje, de uma testemunha do caso Chipster, e estaria no escritório à uma hora. A ligação foi completada quase imediatamente: — Você ligou para Rosato & Associados — disse a secretária eletrônica. — Estamos fechados até terça-feira, cinco de julho, em respeito à morte de nossa sócia, Anne Murphy. Por favor, deixe sua mensagem e retornaremos logo que possível.

Anne desligou, espantada. Haviam fechado o escritório? Mas se nem sequer gostavam dela! Pensou em comunicar-se com Mary através do celular dela, mas qual era o número? Anne não sabia, mas seu celular, sim.

Desligou o telefone da sala de estar e correu para o quarto, onde havia instalado seu bunker de trabalho. A cama de casal fora transformada numa escrivaninha, servindo também de cama e sala de reuniões; seu fino laptop estava aberto sobre o travesseiro-mesa e os fichários pretos, repletos de anotações, estavam dispostos num semicírculo sobre a cama de casal. O celular prateado cintilava ao sol que entrava através da janela aberta. Ela mergulhou para o celular.

A tela estava escura. A bateria descarregada. Na pressa da noite anterior, esquecera de recarregar.

— Merda! — gritou Anne, jogando o celular no colchão.

Kevin está solto. Kevin está em liberdade. Foi Kevin.

Momentaneamente, o pensamento foi paralisante. No ano anterior, havia atravessado o país para colocar o máximo de distância possível entre ela e Kevin Satorno.



Ela o conhecera num supermercado em Los Angeles, onde morava; ele lhe dissera que era um Ph.D., candidatando-se a uma cadeira de história na UCLA. Ela saíra com ele uma única vez, um encontro para jantar que terminou num beijo casto, e no entanto aquele encontro inocente havia virado a sua vida de cabeça para baixo.

Daí em diante, Kevin começara a telefonar para ela a todo instante, falando de casamento e em crianças, enviando-lhe presentes e rosas vermelhas. Por alguma razão, ele havia posto na cabeça que ela o amava. A princípio, Anne se sentiu horrível, como se o tivesse realmente estimulado, fosse como fosse, mas só começou mesmo a ficar amedrontada quando ele começou a

aparecer no seu escritório sem avisar e os seus dez telefonemas diários aumentaram para trinta. Logo, Kevin passou a segui-la a todo lugar, sorrateiramente, tocaiando-a.

Ela procurou as autoridades, e foi quando aprendeu o que era erotomania, ou síndrome de Clérambault, na qual determinada pessoa é tomada pela crença ilusória de que alguém está apaixonada por ela. Logo que pôde, obteve na justiça uma ordem que obrigava Kevin a ficar longe dela. Mas isso não bastou para protegê-la, na noite em que Kevin a atacou na porta de casa — e puxou uma arma contra ela. Fora uma tremenda sorte que um transeunte a tivesse ouvido gritar.

Anne teve de se mudar para a Costa Leste, por segurança, e recomeçar a vida.

Kevin terminara na prisão, no entanto apenas para cumprir uma pena de oito anos, condenado por assalto e agressão. Ela colocara um país inteiro entre eles, mudara de vida, mudara de emprego, e agora Willa podia estar morta por causa dela.

Anne fechou os olhos, amargurada. Depois os abriu, cheia de ódio. Era de se esperar que chamasse a polícia para avisar que estava viva, mas antes precisava descobrir se Kevin tinha sido posto sob condicional. Pegou o telefone do quarto e ligou para a telefonista de informações de L.A., pedindo o número do escritório do promotor público. O promotor que havia condenado Kevin talvez soubesse onde ele estava, mas, quando conseguiu completar a ligação para o seu escritório, a voz na caixa postal disse:

— O promotor que você procura, Antônio Alvarez, não voltará ao escritório até o dia quinze de julho. Aperte um para deixar mensagem, aperte dois para retornar à recepcionista....

Anne desligou, repassando mentalmente tudo o que sabia sobre o caso, para lembrar quem mais atuara na promotoria. E isso significava lembrar episódios horríveis; apontar Kevin na fila de identificação da polícia, testemunhar contra ele, novamente apontá-lo, agora com ele sentado à mesa dos réus, o que fez com que ele saltasse de pé e investisse para cima do banco das testemunhas. Ela se viu tendo calafrios, a despeito de estar numa casa aquecida, mas um nome penetrou na sua consciência.

Dr. Marc Goldberger, o psiquiatra designado pela justiça que avaliara Kevin e testemunhara contra ele. O psiquiatra explicara ao júri o que era erotomania e a gravidade do perigo que ameaçava Anne, nos anos futuros. Os erotomaníacos eram, na sua maioria, inteligentes, bem-educados e bastante engenhosos na perseguição do objeto de sua obsessão, que costumava durar por aproximadamente uma década.

Ela agarrou de novo o fone, ligou de novo para a telefonista de informações de Los Angeles e obteve o número do telefone do psiquiatra. Não houve nenhuma resposta, mas anotou o número de emergência que a secretária eletrônica lhe fornecera e fez a ligação diretamente. A ligação foi conectada e Anne reconheceu aquela voz simpática, como um eco em sua memória.

— Dr. Goldberger?

— Sim, quem fala?

Anne já estava quase dando o seu nome, então deteve-se. O médico poderia estar legalmente impedido de falar com ela sobre o caso, e não lhe diria nada se soubesse quem ela era.

— Meu nome é Cindy Sherwood. Sou repórter e cobri o julgamento Satorno. O senhor se lembra de mim?

— Não, sinto muito. É ainda muito cedo, srta. Sherwood, e estamos num feriado. Não falo com repórteres e não me lembro de ter sido entrevistado sobre aquele caso.

— Por favor, gostaria de saber se o senhor tem alguma informação sobre o paradeiro atual do sr. Satorno. Estou tentando escrever uma matéria sobre os desdobramentos do caso.

— Até onde saiba, o sr. Satorno está na prisão. Se quiser saber mais, fale com o sr. Alvarez, o promotor público.

— Se por acaso souber alguma coisa sobre o sr. Satorno, poderia, por favor, me telefonar? O código da área é Filadélfia, onde moro desde que me casei. — Anne deixou o número do celular e ele teve a gentileza de anotá-lo antes de desligarem.

Ela desligou o telefone, pensando no que fazer a seguir, tentando manter a calma. Se perdesse o controle, voltaria a ser aquela garota correndo pela praia, assustada.

De certo modo, era como estivera agindo até este minuto, e isso dia após dia, desde que conhecera Kevin Satorno, e não podia

mais deixar isso acontecer. Já estava conseguindo raciocinar melhor sobre tudo aquilo.

Ela ia se pôr na estrada de novo, mas desta vez não era fuga, era luta. Pegou sua pasta e a sacola de ginástica e, às pressas, enfiou dentro seus documentos e suas roupas. Pela primeira vez, desde o momento em que vira o jornal matutino, estava pensando direito. Tinha de voltar para a Filadélfia, descobrir se Willa estava morta e quem a matara. E havia apenas uma maneira de fazer isso. Se o mundo acreditava que Anne estava morta, então ela ia continuar morta. Ia se fingir de morta.

No momento, era a única maneira de continuar viva.

4

Meia hora mais tarde, Anne entregou a chave do seu apartamento para um perplexo corretor de imóveis e dirigiu em velocidade pela via expressa de Atlantic City no seu Mustang vermelho. Ela enrolara os cabelos, ainda úmidos da chuveirada, num coque sob um boné branco de beisebol, baixando a aba frontal redonda sobre a testa.

Além do boné, usava uma camiseta branca, saia jeans e suas sandálias com pintas de leopardo, já que os tênis ainda estavam ensopados de suor. Os olhos continuavam inchados, por trás dos óculos escuros, devido às lágrimas derramadas debaixo do chuveiro quente. Ela pressentia que não seriam as últimas.

O Mustang zunia ao longo da autoestrada e ela aumentava a pressão das mãos sobre o volante estofado e grosso, revestido de imitação de couro. O ponteiro amarelo do velocímetro marcava 110, depois 120. Quase não havia tráfego, porque todos estavam indo para a praia, já contando com um feriado de muito sol. Anne ligou o rádio, sintonizando-o numa estação que só transmitia noticiários, tendo então de suportar estatísticas de queimaduras de sol, notícias sobre tráfego e temperatura da água do mar, até finalmente chegarem as notícias mais pesadas. Ela aumentou o volume do rádio.

“A polícia ainda não tem suspeitos nem descobriu a razão do assassinato a tiros, na noite passada, de Anne Murphy, advogada de Rosato e Associados.”

Anne mordeu os lábios. Era tão difícil ouvir aquilo. Surreal e horrível. Sua suposta morte era a notícia de fundo dos noticiários, e a pobre Willa permanecia sem ser citada.

“A firma de advocacia da Center City, Rosato & Associados, está oferecendo uma recompensa de 50 mil dólares para qualquer informação que conduza à prisão e captura da pessoa ou das pessoas envolvidas. Quem quer que tenha informações deve ligar para o departamento de homicídios da polícia, no número...”

E isso pegou Anne de surpresa. Ela sequer pensara numa recompensa, ainda mais oferecida pela firma.

“Continue sintonizado e manteremos você informado sobre a evolução dos acontecimentos. Para uma cobertura completa da história, visite o nosso website em ...”

Anne desligou o rádio. Um ônibus que mais parecia uma enorme caixa fechada bloqueava a pista de alta velocidade, mas ela acelerou para ultrapassá-lo. Quando a estrada ficou livre, apanhou seu celular e ligou para casa novamente. Ainda sem resposta. Então ligou para Mary outra vez. Também sem resposta. Achou melhor não deixar uma mensagem dizendo algo como Alô, estou viva, e pressionou o botão para encerrar a ligação. Tentaria outra vez mais tarde. Quando o velocímetro estivesse marcando menos de 140 por hora.

Uma hora mais tarde, tendo temporariamente desistido de falar com Mary, alcançava a Filadélfia. Ela saiu da via expressa na rua 22 e tomou a direita, dirigindo-se à Benjamin Franklin Parkway, um bulevar com pistas que se tornaram um festival em vermelho, branco e azul. A avenida estava fechada por uma fileira de cavaletes pintados, e o tráfego estava sendo desviado.

Anne avançou até o cruzamento e um guarda fez sinal para os pedestres atravessarem a rua. Ela baixou a aba do seu boné de beisebol. Não podia correr o risco de ser reconhecida. O motor do velho Mustang reclamou, com pouca gasolina e superaquecido, devido à longa viagem. Ela ficou observando a multidão passando diante de seu para-choque ostentoso. Famílias caminhavam de mãos dadas, dirigindo-se ao Art Museum, onde haviam sido instaladas arquibancadas de alumínio e barracas de seda de paraquedas, e os corredores tomavam o rumo do Schuylkill. Estudantes de arte arremessavam seus discos plásticos para labradores usando bandanas, e crianças desciam correndo calçadas já cobertas de goma de mascar, segurando balões de gás. O ar estava cheio de fumaça de cachorro-quente e os ambulantes apregoavam bandeiras americanas, chapéus de Tio Sam, sinos da liberdade infláveis e camisetas com os dizeres EU ESTIVE NO QUATRO DE JULHO.

Anne ficou nervosa por estar de volta à cidade. Seu bairro começava apenas a cinco quarteirões dali, e ela já perdera a conta do número de vezes em que passara por este mesmo cruzamento na ida ou na volta do trabalho, mas agora não lhe parecia de modo algum familiar. Havia mudado para sempre, havia sido arrancado dela. Se Kevin estava em liberdade, ela perdera a oportunidade de refazer sua vida. E, mesmo assim, sabia que sua perda não era nada comparada à de Willa. Se é que Willa realmente estava morta.

O guarda fez sinal para que seguisse adiante, e ela baixou a cabeça enquanto passava bem debaixo do nariz dele. O vento vindo do rio Schuylkill varreu com força o amplo bulevar, agitando as bandeiras multicoloridas de todos os países, chocalhando as correntes que as fixavam aos postes de luz. Um homem atravessou a rua, encarando-a, quando ela passou de carro. Anne parou e subiu o teto do seu conversível. O teto de pano deslizou suavemente, encaixando-se no lugar, e ela se sentiu mais segura, agora, coberta como se fosse um lençol de segurança instalado pela fábrica.

Ela seguiu adiante e, mais alguns quarteirões à frente — Greene, Wallace, depois sua rua, Waltin —, já cruzava a fronteira não-oficial de Fairmount. Virou à esquerda, pegando a Waltin, e deteve-se numa fila de carros incomumente longa, atravancando a única pista da rua. Pessoas de fora da cidade, que iam comemorar o feriado na Parkway. Forasteiros, atulhando sua rua. Um deles poderia ser Kevin? Anne observou-os sob a aba do boné. Nenhum deles se parecia com Kevin. Ela parou o carro atrás de um Camaro branco. Sentiu um aperto no estômago. Tudo agora lhe parecia diferente.

Observou o quarteirão com novos olhos. Uma fileira de casas dividindo paredes, bandeiras americanas penduradas nos andares de cima e um vizinho gay desfraldando com orgulho sua bandeira com as cores do arco-íris. A cena parecia razoavelmente normal, mesmo com veículos estacionados em ambos os lados da rua, com apenas uns poucos exibindo suas etiquetas brancas para estacionamento de moradores. As calçadas estavam coalhadas de gente, mas Anne não saberia dizer se eram seus vizinhos, já que não os conhecia.

Um homem idoso levava a passeio um pequeno cachorro de pelo marrom, a cauda encaracolada abanando, acompanhando seu andar bamboleante. Anne olhou-os, angustiada, preocupada com Mel. Esticou o pescoço, esquadrinhando a rua. O gato não estava à vista em nenhum lugar. Sua casa ficava na metade do quarteirão; seus tijolos vermelhos tinham sido recentemente lavados com jatos de pressão e a porta de carvalho raspada para tirar as velhas manchas de tinta verde, recebendo depois uma camada de verniz incolor. Aquela visão, usualmente tão aconchegante, deixou-a enregelada.

O tráfego diminuiu e o Camaro avançou a distância equivalente ao comprimento de um carro. Anne adiantou seu Mustang, tendo agora uma visão mais próxima da sua casa.

Um pedaço de plástico amarelo rasgado na extremidade agitou-se no alto do batente da porta. Ver aquilo a fez comprimir as costas contra o assento acolchoado do motorista, com um aperto no peito. Era uma fita de isolamento usada em cenas de crime. Willa só podia estar morta. Seria enganar-se pensar o contrário. E a casa de Anne tinha se tornado o cenário do seu assassinato.

Ela conteve as lágrimas. Precisava saber quem tinha feito aquilo, se era de fato Kevin. Já havia examinado algumas cenas de crime nesse seu período na Rosato & Associados, e decidiu encarar esta cena como outra qualquer, mesmo que fosse ela a estar pagando o aluguel. E que Willa pudesse ter sido assassinada ali dentro.

Anne adiantou seu carro, quando o Camaro da frente se moveu, o olhar fixo na sua casa. Não havia nenhum tira guarnecendo a porta da frente, registrando os visitantes oficiais, afastando os curiosos e, acima de tudo, impedindo que as provas fossem contaminadas. Essa ausência indicava que o local do crime já havia sido liberado. Era surpreendente. Os policiais geralmente não liberam o local até o segundo ou terceiro dia.

O Mustang avançou e, à medida que ia chegando mais perto, Anne notou algo estranho na casa. Os transeuntes paravam diante da sua porta e, quando se afastaram, ela pôde observar que na varanda havia ramos de flores embrulhados em celofane. Anne ficou olhando, espantada, através da janela. Imaginava que as flores

haviam sido deixadas para ela, mas não tinha tantos amigos assim. Olhou de soslaio por trás dos óculos escuros, tentando em vão ler os cartões, à distância. Não podia evitar de se perguntar se um deles seria de Matt. Estaria ele pensando que ela estava morta? Estaria sofrendo por causa dela? Sentiu uma pontada de dor que não conseguiu reprimir.

Um toque de buzina sacudiu-a de seu devaneio e lançou um rápido olhar para o espelho retrovisor. Um motorista de uma minivan, impaciente para os garotos saírem do carro. Ela adiantou o carro. Queria entrar na sua casa, mas havia gente demais por toda a volta. E precisava entrar sem ser reconhecida. Então, teve uma ideia.



Quinze minutos mais tarde, Tio Sam em pessoa dobrou a esquina da Waltin Street. Estava usando uma cartola vermelha-branca-e-azul, uma barba falsa de algodão espesso e óculos escuros de brinquedo com armação de plástico azul superlarga, junto com saia jeans, sandálias com pintas de leopardo e uma camiseta onde se lia FELIZ QUATRO DE JULHO DE UMA MULHER INDEPENDENTE! O conjunto era totalmente ridículo, mas era só o que os vendedores de rua tinham para vender e combinava bem com aquela multidão de turistas enlouquecidos. Desde que comprara seu disfarce, Anne já havia avistado quatro garotas Tio Sam, uma delas usando mocassins Tod.

Ela desceu a rua com passos largos e deteve-se junto aos buquês embrulhados que estavam sobre seus degraus de entrada. Uma dúzia de rosas brancas jazia no degrau de cima e ela reconheceu a caligrafia. Era de Matt. Sem refletir, já ia recolhê-lo, quando se deu conta do que estava fazendo. Não era hora de pensar nessas coisas.

Continuou descendo a rua até chegar à alameda lateral, onde diminuiu os passos. Percorreu toda a rua, por trás dos seus óculos

escuros de desenho animado. A barra estava limpa.

Então, deu dois passos para o lado e saiu de vista. A alameda prosseguia por trás da fileira de casas geminadas do seu lado da rua, para onde davam os quintais dos fundos. Ninguém nunca usava aquela alameda para nada; havia circulado um folheto, no começo do ano, sugerindo, que os vizinhos se cotizassem para fechá-la com um portão, por medida de segurança, mas ninguém deu a mínima. Era difícil conseguir interessar os habitantes de Filadélfia por qualquer coisa a não ser os Sixers.

Correu em disparada pela alameda e quase escorregou nos tijolos cobertos de musgo que davam a inclinação para uma calha francesa, mas segurou-se na cerca de madeira de uma residência e consertou sua barba. Teve de se agachar por causa da cartola, enquanto corria em direção a sua casa. Ficou procurando em volta por Mel, mas o gato não apareceu. Ele nunca saíra de casa e mesmo sendo gorducho o bastante para sobreviver algum tempo sem alimento, ela odiava pensar que ele estaria perdido em meio ao tráfego da cidade. Um cachorro começou a latir de uma das casas, e ela disparou na direção do muro de cimento cinza de cerca de um metro e meio de altura, que rodeava o seu pequeno quintal.

Quando o alcançou, escorou ambas as mãos sobre a superfície áspera, então tomou impulso uma, duas, três vezes, preparando-se para se erguer. Conseguiu ganhar o alto do muro, mas estacou ali, uma perna em cada lado, como uma boneca Tio Sam, depois rangeu os dentes, e pulou para o outro lado, aterrissando com força sobre o imperdoável pavimento de laje do seu quintal. Suas sandálias voaram, e ela as pegou de volta, ao mesmo tempo que se passava em revista. Constatou que não havia quebrado nem as pernas, nem os braços, nem sequer uma unha. Portanto levantou-se, sacudiu a sujeira da saia e correu sorrateira até a porta dos fundos da casa. Entrar na casa foi muito mais fácil do que no quintal. Anne pegou as chaves no bolso da saia.

5

O cheiro que envolveu Anne quando abriu a porta da sua cozinha não era nada parecido com o que a recebia costumeiramente ao chegar em casa. Forte, levemente metálico, e totalmente assustador. De repente, ela ficou em dúvida do quanto poderia se portar profissionalmente, ali. Não conseguia deixar de pensar em Willa. Ela desenganchou os enormes óculos escuros das orelhas e enfiou uma das hastes para dentro da gola da camiseta. A seguir, correu os olhos pela cozinha, tentando examiná-la com objetividade.

Era bem pequena, construída no canto do ambiente único que antes ocupava todo o primeiro andar.

Armários folheados de cerejeira cobriam as três paredes, o topo do balcão era um bloco de madeira maciça, a pia era de aço inoxidável, e estava limpa apenas porque ela estivera ocupada demais ultimamente para cozinhar, isso querendo dizer todo aquele ano que estivera morando ali. Um dos armários estava parcialmente aberto, e Anne inspecionou-o por dentro. Continha as habituais canecas de cerâmica esmaltadas, vidros de geleia e uma pilha mais ou menos equilibrada de enormes tigelas usadas para comer generosas porções de cereal tarde da noite.

Ela ficou intrigada com aquele armário aberto. Normalmente, não o deixava assim, porque batia com a cabeça nele quando isso acontecia. Talvez tivesse sido Willa.

O que ela pegara? Bastou uma olhada rápida e Anne se deu conta, quase imediatamente, do que estava faltando, já que se tratava de um suvenir. Era a caneca cor-de-rosa com Lucy e Ethel na fábrica de chocolate, do *Job switching*. Episódio n. 39, 15 de setembro, 1952. Anne sabia de cor todos os episódios de Lucy, mas guardava tanto segredo disso quanto de seus hábitos de consumo e de várias centenas de outras coisas. Onde estava a sua caneca Lucy? Será que Willa a teria usado? Isso teria alguma importância?

Ela procurou em volta. Nem sinal da caneca, e nenhum sinal dela. Também não havia qualquer vestígio do pó para revelar

impressões digitais, aquela camada de poeira que ficava agarrada nos objetos, deixada pelo pessoal da polícia técnica. Os tiras evidentemente não haviam tirado impressões digitais da cozinha. Isso mostrou a Anne que o crime deveria ter sido perpetrado em outro lugar. Ela não podia afastar aquele cheiro do pensamento, ou seu medo, mas forçou-se a seguir adiante. Precisava saber o que tinha acontecido a Willa.

Entrou na sala de jantar, através de uma porta estreita à direita. A sala de jantar não era muito maior do que a cozinha, e havia uma mesa de pinho encostada na parede à esquerda. Contas de cartões de crédito que não havia aberto, ofertas de cartões de crédito pré-aprovados e vários prospectos de propaganda estavam empilhados no canto da mesa, junto a inúmeras canetas esferográficas baratas que, Anne sabia, estavam sem tinta há muito tempo. Aqui também tudo estava como havia deixado, e não viu manchas com impressões digitais sobre a mesa ou sobre as duas cadeiras de pinho que, habitualmente, ficavam uma em diagonal à outra. Sobre o tapete, junto à perna da mesa, ficava o camundongo de brinquedo com seus pelos cinzentos eriçados.

— Mel — chamou baixinho, para os vizinhos não escutarem. O gato normalmente viria trotando ao ouvir o seu nome, mas desta vez não apareceu. Anne sentiu-se mal por estar pensando no seu gato numa hora dessas, mas não conseguia evitar. — Mel — chamou novamente, ainda sem obter resposta.

Mordeu o lábio. Será que ele tinha fugido de casa? Será que estava vivo? E se Kevin o tivesse levado? E se o tivesse ferido? A raiva impeliu-a a atravessar outra porta, também estreita, e ela se pôs a examinar a sala de estar. Era mais escura do que a sala de jantar e a cozinha, o infeliz resultado de estar voltada para o norte, e Anne viu-se tentada a acender a luz, mas não podia correr o risco de os vizinhos flagrarem Tio Sam em uma invasão de domicílio.

Também ali não havia sinal de Mel, nem de luta. Um tapete de sisal marrom cobria o chão, havia uma TV, um estéreo e prateleiras de livros instaladas de frente para um divã cinzento, que estava sob as janelas contra a parede norte. Em frente ao divã, ficava uma mesa de café de vidro, coberta com manchas escuras de impressões digitais, e ela se encaminhou até aquele ponto. O pó

preto estava na borda da mesa, e no centro da mancha havia um círculo do tamanho do fundo de uma caneca. Deveria ser a caneca Lucy, que a polícia na certa havia coletado como prova. Anne tentou reconstituir a cena. Willa provavelmente estava assistindo à TV e bebendo alguma coisa. Onde teria ela sido assassinada?

O cheiro estava mais forte naquele ambiente, e Anne olhou quase involuntariamente para o hall de entrada, separado da sala de estar por um painel de vidro fosco.

A porta estava parcialmente aberta, mas o hall estava escuro. Ela aproximou-se e lançou uma olhada para o interior do hall. O que viu provocou-lhe um engasgo.

O hall era um matadouro. Sangue por todos os lados, respingado nas paredes cinza e encharcando o carpete cinza que cobria o chão de parede a parede com uma horrível mancha vermelho-amarronzada. A porta estava coberta de sangue, ressecando-se em manchas desiguais como a mais horrenda pintura carmim. Pedaços vermelho-escuros informes de pele estavam agarrados ao vidro da porta e na parede oposta. Um pedaço pontudo de osso foi parar numa parede distante. Um retalho de couro cabeludo com cabelo ensanguentado ainda nele estava agarrado grotescamente à parede próxima.

Anne sentiu a náusea aumentar, mas conteve-se e forçou-se a examinar tudo com objetividade. Deparou com o tênue traço de giz do corpo, delineado grosseiramente no tapete. As pernas tracejadas — as pernas de Willa — estavam ligeiramente separadas, com os pés voltados para a porta da frente. Parecia como se Willa tivesse recebido os tiros assim que abriu a porta.

Meu Deus, a pobre coitada. Anne olhou novamente para o sangue no tapete. A maior parte estava concentrado onde a cabeça de Willa tombara, o que sugeria que tinha sido baleada na cabeça. Mais precisamente, no rosto, se tivesse sido assassinada quando abriu a porta.

Anne olhou de novo o contorno a giz e notou alguma coisa mais no tapete. Aproximou-se, olhando furtivamente para a porta, tentando não aspirar aquele horrível cheiro carnal. Perto do contorno do corpo de Willa, havia outro contorno traçado a giz, no seu lado esquerdo, com cerca de 30 centímetros de comprimento. A

forma menor de giz parecia um borrão à distância, então Anne percebeu do que se tratava. Uma arma. Bennie lhe dissera que os guardas sempre traçam o contorno de uma arma deixada na cena do crime. Será que a arma do assassino tinha sido deixada para trás? Os jornais não haviam noticiado isso. No entanto, não fariam mesmo uma coisa dessas.

Ela se ajoelhou e examinou o contorno da arma, cobrindo a boca parcialmente com a sua barba de Tio Sam, por causa do cheiro. Já que o contorno a traço ficava do lado esquerdo do corpo, teria sido o lado direito do assassino, mas era apenas grosseiramente a forma de uma arma, com o punho mais próximo da porta e o cano ligeiramente mais comprido. Parecia muito com o contorno de uma espingarda de cano serrado. Anne engasgou.

A arma preferida de Kevin.

A arma que ele usara quando a atacou na porta de casa. Kevin encostara a espingarda na sua cabeça, mas, inacreditavelmente, o promotor público não o acusara de tentativa de assassinato porque ele não havia disparado. Ela reprimiu seu ressentimento para poder se concentrar em Willa. Só podia ter sido Kevin que a havia matado. Ele era destro e esperto o bastante para saber que era melhor deixar a arma na cena do crime do que ser apanhado com ela.

Depois, voltou a sua mente a notícia no jornal daquela manhã. Havia uma menção a “tiros à queima-roupa”. Pensou um pouco sobre isso. Se Kevin tivesse usado uma espingarda de cano serrado e se tivesse disparado à queima-roupa e mais de uma vez, o rosto de Willa suas feições — teriam sido completamente destruídas.

Anne sentiu o estômago retorcer, mas se manteve sob controle. Os ferimentos teriam tornado a identificação impossível. E todas as circunstâncias apontariam Anne como a vítima do assassinato; era a casa de Anne, e Willa tinha o cabelo semelhante, a mesma altura e peso. Além disso, Willa estaria usando a sua camiseta ROSATO & ASSOCIADOS. Anne ainda não entendera tudo, mas. Quem identificara o corpo de Willa? Teria sido alguém do escritório? E uma peça crucial do enigma ficou faltando. Por que Kevin mataria uma mulher que ele sabia não ser eu?

Ela vasculhou com os olhos o hall de entrada procurando uma resposta, tentando ignorar o sangue grudado na parede, e seu olhar

atento voltou-se para o lustre no teto. Era um modelo barato com armação retangular e um falso vidro fosco vitoriano. Estava apagado. Ela não conseguiu se lembrar da última vez em que o acendera.

Nunca ninguém a visitava.

Ela alcançou o interruptor e ligou-o, mas a luz não acendeu. Talvez a lâmpada estivesse queimada. Um instante! Ela nunca teve a ideia de pôr uma lâmpada naquele lustre, desde que se mudara. Era muito baixa para alcançá-lo e não quis se dar a esse trabalho.

Se a luz da entrada do corredor estava queimada, não havia nenhuma iluminação sobre Willa quando ela atendeu à porta. Se a luz da sala de estar estivesse acesa, e provavelmente estava, já que era noite — como Willa estava sentada na sala de estar, assistindo TV e bebendo uma coisa qualquer —, a luz da sala de estar a iluminaria pelas costas, isso na melhor das hipóteses. Willa seria uma silhueta quando abriu a porta, e tinha o mesmo tamanho e formas de Anne. E vestia a camiseta de Anne.

Anne visualizou a cena do crime em sua mente, com o coração apertado. Tudo fazia sentido agora. Kevin atirara em Willa, pensando que estava atirando em Anne. E era possível que ainda não soubesse que tinha matado a mulher errada. Agira corretamente ao passar por morta.

Sentia-se aliviada e horrorizada. No entanto, como Kevin conseguira sair da prisão? Seria possível que não tivesse sido Kevin? Ela se ergueu aturdida e ficou olhando para a mancha, os pensamentos voltando-se para Mel. Será que Kevin o havia levado? Onde ele estaria? Então, lembrou-se de um lugar onde o gato se escondia quando o homem do gás aparecia.

— Mel! Mel! — ela chamou, depois virou-se e correu para cima, para o quarto de dormir. Ele não estava na cama porém a porta do respiradouro do *closet* estava entreaberta.

— Mel? — Anne correu para lá e abriu a porta, e no mesmo instante escutou um miado indignado.

Estivera dormindo entre os Jimmy Choos e espreguiçava-se, agora, com as pernas da frente distendidas. — Super-Gato!

Anne ergueu-o e a garganta quente ronronou em resposta. Ela ficou com os olhos inundados de lágrimas com a maciez do gato,

mesmo sabendo que suas emoções tinham a ver apenas parcialmente com o fato de tê-lo de volta.

— Vamos embora daqui — disse com a voz rouca. Então, saiu do quarto, mas o gato enrijeceu-se, quando atingiram o alto da escada.

— Está tudo bem, neném — ela o acalmou, mas então ouviu ruídos de passos na varanda da frente, fora da casa. Depois o barulho metálico da maçaneta girando na porta da frente.

Ela parou no alto da escada. Alguém estava na sua porta. Ela recuou devagar, ocultando-se.

Justo antes de a porta da frente se abrir por completo.

6

Anne ficou parada de pé no vestíbulo do segundo andar, acariciando Mel para mantê-lo quieto e de ouvidos atentos ao arrastar de pés lá embaixo. Parecia de uma multidão, e ela só torcia para não ser a unidade móvel da Homicídios. Ela podia ouvir o barulho do tráfego do feriado entrando pela porta aberta. Quem quer que tivesse entrado, devia estar de pé no hall, onde Willa tinha sido assassinada. Então ela ouviu a voz de um homem.

— Parece tudo perfeitamente claro, pelo padrão do sangue salpicado na parede leste, aqui, e na porta do hall. Típico do padrão impacto total de uma espingarda. Está vendo aqui, no vidro fosco? E no chão. Olhe o tapete.

Merda! O sujeito falava como um policial ou um detetive, e Anne se afastou da escada, abraçando Mel. Por mais que quisesse ir à polícia e contar tudo a eles, nunca mais faria uma coisa dessas. Eles não tinham sido capazes de protegê-la na vez anterior, e ela nunca pôde esquecer a imagem do cano de aço apontado para sua cabeça.

O detetive dizia:

— A jovem advogada, Murphy, atende a porta da frente. O atirador dispara duas vezes, dois tiros no rosto. Ela cai no hall. O atirador joga a arma no chão e vai embora. Ele deixa a porta da frente aberta. Some. Dá o fora.

Lá em cima, Anne sente quase um acesso de vômito e aperta Mel, para confortar a si mesma. Ela estava certa sobre como tinha acontecido, mas era tão terrível constatar isso. Pobre Willa.

Uma mulher falou a seguir:

— O sujeito deixou a arma no chão? Não se trata de nenhum idiota. Anne começou a reconhecer aquela voz. É Bennie Rosato. O que ela está fazendo aqui? Ela nunca estivera na casa de Anne, mesmo vivendo a menos de cinco minutos de distância. No entanto, Bennie começava examinar as cenas do crime nos casos de assassinato em que atuava como defensora. Era o primeiro passo em qualquer investigação para conhecer os argumentos do

promotor público e construir a defesa do caso. Então, por que ela estaria aqui? O detetive novamente:

— Isso mesmo, é um sujeito esperto. A balística já está com a arma. Vão checar procurando impressões digitais, mas isso vai levar uns dias, por causa do feriado. Um fim de semana inteiro de feriado. Precisamos batalhar um bocado para conseguir alguém. Meu palpite é que não vai dar em nada.

— Concordo — Bennie disse. — Esse cara tinha tudo planejado. Sincronia perfeita, perfeita execução.

— Um trabalho perfeito também! — acrescentou outro homem, com uma abrupta gargalhada.

— O que você disse? — Bennie indignou-se.

— Não tem graça nenhuma — fez coro outra voz de mulher.

Outra surpresa. Judy Carrier. Ela também estava ali embaixo. Judy nunca visitara a casa de Anne enquanto ela estava viva; tinha recusado os convites sempre que Anne a convidava para almoçar. E se Judy estava ali, então Mary estaria também, porque as duas eram feito siamesas, ligadas pelos quadris. Anne quase riu do absurdo.

Bennie, Mary e Judy em minha casa? O que provocou todo este súbito interesse em minha vida? Minha morte?

— Não vou perder meu tempo lhe ensinando um pouco de sensibilidade, detetive — disse Bennie friamente. — Exijo que peça desculpas. Quero que saiba que Anne Murphy estava sob meus cuidados. Era minha sócia. Mudou-se para Filadélfia para vir trabalhar comigo e foi assassinada sob minha guarda. Prometi à mãe dela que tomaria conta da filha, e falhei.

Prometeu à minha mãe? O quê? Quando?

Anne estava estupefata. Como Bennie tinha encontrado sua mãe? E as duas haviam conversado? Por quê? O que estava acontecendo aqui?

— Sinto muito, srta. Rosato...

— Isso não é o bastante. Escute... com feriado ou sem feriado, é melhor descobrir quem assassinou Anne Murphy antes que eu o faça.

Lá em cima, Anne sentiu-se atordoada. Bennie ia fazer o quê? Por quê? Anne podia contar nos dedos o número de vezes que

tivera conversas com Bennie Rosato, e isso durante um ano inteiro em que trabalhara para ela.

— Agora, diga-me se já interrogou os vizinhos — disse Bennie.

— Na noite passada e esta manhã. Ninguém viu ninguém correndo na rua, saindo da casa, nem qualquer coisa suspeita. Todo mundo estava ou na Festa na Parkway ou fora da cidade, fugindo da Festa na Parkway.

— Pode me dar os detalhes? — Lá de baixo veio o barulho de papéis farfalhando, e Anne imaginou que fosse Bennie, sacando seu caderno de notas legais, e o detetive, folheando seu bloquinho. No entanto, Anne não conseguia digerir o que havia escutado... *Ela prometeu à minha mãe que tomaria conta de mim?*

— Aqui vai. Casa número 2.255, Rick Monterosso, ausente, é o vizinho do lado leste. Casa número 2.259, Millie e Mort Berman, vizinhos do lado oeste, não estavam em casa também. O casal do outro lado da rua, número 2.256, Sharon Arkin e Rodger Talbott, idem. O 2.253 não atendeu à porta na noite passada nem nesta manhã, possivelmente ausente da cidade; 2.254, a família Kopowski, saíram para jantar em Striped Bass; 2.258, os Simmons, foram para a Parkway e só chegaram em casa depois do assassinato.

— Assim, os vizinhos mais próximos estavam ausentes. Quem chamou o 911 por causa dos tiros? Se a porta estava aberta quando ele a baleou, e tinha de estar, então os tiros seriam ouvidos facilmente rua abaixo. E não é uma rua tão grande assim.

— As pessoas devem ter pensado que eram fogos de artifício. Recebemos apenas uma ligação no 911, um cara chamado Bob Dodds, do 2.250. Eu o interroguei na noite passada, e isso era tudo o que ele sabia.

— Mas tem no mínimo uma boa pista, não é? Kevin Satorno, o agressor. Se ele estiver fora da prisão.

O quê?! Como Bennie soube de Kevin?

Anne quase engasgou de susto. Ela não contara a ninguém em Filadélfia sobre Kevin. Tencionava pôr uma pedra sobre o passado quando se mudara para a cidade, e decidira conservar essa história em segredo. Não mencionara nada sobre Kevin sequer em sua entrevista com Bennie. Ela queria o emprego e não desejava ser

vista como uma fracassada qualquer que tinha encontros com psicopatas. Então, como Bennie foi descobrir? Anne ficou completamente desnorteada. Nota mental: *É confuso estar viva depois da própria morte*.

Bennie continuava falando:

— Dado o que li nos arquivos judiciais, se Satorno está livre, ele tem que ser o suspeito número um. Já tentou matá-la uma vez. Pode ter escapado e voltou para matá-la, agora. Trata-se de um alucinado. Mandei entregar o arquivo do caso em suas mãos. O senhor o leu?

— Claro que li — o detetive replicou, acuado. — Telefonei para o promotor encarregado em Los Angeles. Estou esperando o retorno, mas é Quatro de Julho na Califórnia, também, srta. Rosato. Ele está de folga.

— Foi o que me disseram também, e ninguém quis me dar o número do telefone dele no Havaí. Então, conseguiu?

— Eu não pedi. Ele estava de folga...

— Não estou entendendo uma coisa. Kevin Satorno é prisioneiro do estado da Califórnia. Por que é tão difícil encontrá-lo? — Bennie riu mas sem nenhuma alegria, de fato. — Suponho que devesse saber onde ele se encontra, pelo menos onde passa a maior parte do tempo.

Acabe com eles, Bennie.

Anne sentiu-se encorajada. Ela foi até a balaustrada e deu uma olhada, com Mel apertado em seus braços. Podia ver Bennie em pé na sala de estar, um emaranhado de cabelos louros compridos pendendo indomáveis atrás da sua camisa azul de trabalho, que ela usava com bermudas jeans desbotadas e tênis gastos. As pernas eram supermusculosas, por causa do remo, um esporte que Bennie parecia apreciar bastante, apesar do esforço exigido. Naquele momento, Anne revisava sua opinião a respeito da mulher, apesar de não quanto a exercícios.

O detetive estava fora de seu campo de visão, mas Anne podia ouvi-lo explicar: — Se não fosse o feriado, seria fácil. Sabemos que ele foi sentenciado a vinte e quatro meses de prisão e começou a cumprir a pena no condado de Los Angeles, mas foi transferido

algumas vezes, e não estamos certos de onde esteja agora. Talvez tenha conseguido livramento condicional.

— Mas saberia se ele estivesse sob condicional, ou mesmo foragido.

— Ainda não. Se ele está sob livramento condicional, fica tão difícil encontrá-lo quanto descobrir onde está preso. Teríamos que falar com a pessoa certa e não se encontra ninguém num final de semana emendado com feriado. E se ele está foragido, também não é nenhuma moleza obter essa informação.

Bennie riu com desdém.

— Não dá para acreditar! O senhor não consegue nem mesmo descobrir se ele fugiu da prisão?

— Mas saber isso de quem? Da junta da Califórnia? Pode acreditar. Se um maluco qualquer fugir de uma prisão estadual, seja qual for, a gente precisa entrar com o nome dele no Centro Nacional de Informação Criminal, em Washington. Ninguém sabe nada até o nome ser inserido nos arquivos, e isso tem de ser feito por alguém que tenha tempo e esteja trabalhando no feriado. — O detetive fez uma pausa. — Mesmo que o nome seja inserido, recebemos um milhão desses teletipos por dia. Ninguém tem tempo para examinar todos eles, e na verdade nem sequer temos motivo para fazer isso.

— Agora tem um motivo.

— Já coloquei uma garota fazendo isso. Mas você tem a menor ideia de quantos sujeitos estamos falando? Tem uns setenta e cinco mil foragidos, somente aqui em Filadélfia, neste momento. E cinquenta deles são procurados por assassinato.

— O que significa “foragido”? — perguntou Bennie. — A palavra não diz nada.

— Ora. Fugitivos da Justiça, em geral. Bandidos que escaparam da prisão se aproveitando da licença para trabalhar fora, ou que pagam fiança e somem, todos com mandados de prisão decretados. Esse tal Kevin Satorno não estava nem mesmo preso por assassinato, apenas por assalto e agressão. Do jeito como as coisas são, ele era um ninguém. E nem sequer um dos *nossos* ninguéns. Ele é um ninguém da Califórnia.

Um ninguém? Lá em cima, Anne sentiu uma forte náusea. Ela sabia que Kevin tinha começado a cumprir sua pena na prisão do

condado de Los Angeles, mas tinha perdido sua pista, depois disso, também. Decidira deixar o passado para trás. Só que não era mais o passado.

— Então o que o departamento está fazendo para encontrar Satorno, se ele estiver foragido? — perguntou Bennie lá embaixo. — É evidente que tinha a intenção de matar Anne, e nada mais além disso. Não houve nenhuma tentativa de roubo, nem indício de estupro.

— O departamento não pode proceder na suposição de que ele esteja foragido, srta. Rosato. Não podemos nos dar a esse luxo. Não temos capacidade de pessoal para isso. Dispomos apenas de quarenta guardas uniformizados no Distrito Central, vinte no Sexto e vinte no Nono. Eles fizeram tudo o que podiam fazer num feriado, e foi por isso que liberamos a cena do crime. Não posso designá-los para procurar um sujeito que pode ainda estar preso. — O detetive fez uma pausa. — Você saberia dizer se Satorno fez contato com a vítima recentemente?

— Não. — Bennie virou-se para a sua esquerda, fora da visão de Anne. — E vocês, garotas? Sabem de alguma coisa? Carrier? DiNunzio?

Anne debruçou-se um pouco mais sobre a balaustrada e deu uma olhada para baixo. Mel enrijeceu-se. O gato não queria saber de descer sequer chegar perto do hall de entrada, com todo aquele sangue ali. Anne conseguiu enxergar Judy, em seu vistoso macacão, uma leve camisa amarela e uma bandana limão. Judy balançava a cabeça negativamente.

— Não. Sinto muito. Não sabia nada sobre esse tal Satorno até você falar dele hoje.

De súbito, um soluço interrompeu a conversa, um som tão comovido que chegava a ser quase embaraçoso em público. Imediatamente, Bennie girou nos calcanhares, assim como Judy, e um segundo soluço irrompeu do lado direito, onde devia estar Mary. Anne não conseguiu se conter, debruçou-se ainda mais sobre a balaustrada e o que viu fez sua própria garganta se estreitar, de tão surpresa.

Mary estava chorando, tornara-se de repente uma figura pequena e abatida, mergulhada no sofá de Anne. Tinha o rosto

enterrado nas mãos e seus franzinos ombros estremeciam com os soluços. Os cabelos estavam desarranjados, e o short caqui e camisa branca sem mangas privados da habitual elegância.

— Está tudo bem, Mary — Judy consolou-a, aproximando-se e passando um braço em torno da amiga. — Eles vão pegar o sujeito, você vai ver.

— Eu... não posso pensar sobre isso. — A voz de Mary tremia entre os soluços. Suas faces e o pescoço pareciam manchados. — É só que... não consigo acreditar... que isto tenha acontecido. É tão terrível que... ela tenha sido assassinada. E a maneira como foi assassinada.

Lá em cima, Anne olhava a cena, tão perplexa diante das reações delas quanto das suas próprias. Mary DiNunzio, que nem ao menos me conhece, está chorando por mim. E, por alguma razão, me sinto uma merda.

Bennie foi até Mary e colocou uma mão firme em seu ombro.

— Mary, talvez devêssemos levá-la de volta para o escritório.

— Está tudo bem, estou bem. — Os soluços de Mary começaram a ceder. A dor refluía das suas feições e ela levou as palmas das mãos ao rosto como que para se acalmar. — Quero dizer, tem sangue em toda parte. O sangue dela.

— Eu sei, eu sei — dizia Judy, batendo de leve nas costas de Mary. — Você prefere esperar do lado de fora? Por que não vai esperar lá fora?

Bennie virou-se brevemente para os detetives. — Talvez vocês pudessem nos dar alguns minutos sozinhas — disse.

— Com certeza — responderam em uníssono, aliviados. No minuto seguinte, a porta da frente abriu-se de novo, um quadrado de luz reapareceu no carpete da sala de estar e o barulho externo ressurgiu. Os detetives saíram fechando a porta apenas parcialmente atrás deles e na varanda. No segundo seguinte, Anne sentiu o cheiro de fumaça de cigarro vindo através da porta da frente aberta. Ela chegou mais perto do primeiro degrau e o seu olhar fixou-se em Mary.

— Quero dizer... Bennie, olha só em volta! — Mary estendia a mão diminuta apontando o hall e Anne pôde enxergar o tremor de seus dedos. — Tudo cheio de sangue! Mas nós, aqui, nós três,

falando como se fosse um caso qualquer... uma coisa qualquer. Mas é da Anne que estamos falando! Assassinada! Vocês duas esqueceram disso?

Uau! Lá em cima, Anne ficou atordoada com o arrebatamento de Mary. Não era do feitio de Mary criticar quem quer que fosse, quanto mais Bennie e Judy, e as duas pareciam absolutamente perplexas.

Judy parou de acariciar as costas de Mary.

— Sabemos que é ela, Mary. Não estamos esquecendo isso. Estamos aqui tentando descobrir quem fez isto, para prendê-lo.

— Que diferença faz? — gritou Mary. — Podemos agarrar o sujeito, mas isso não a traz de volta. Ela está morta, e vocês querem saber uma coisa? Nada sabemos sobre ela. Trabalhamos com Anne durante um ano e nunca chegamos a conhecê-la. Fiquei saindo com Jack durante dois meses e sei muito mais sobre ele do que sabia sobre Anne!

— Estávamos muito ocupadas — disse Judy, defensiva. — Estávamos trabalhando. Tivemos o julgamento Dufferman, depois Witco. Talvez seja esse o motivo de você estar tão perturbada, por causa do seu rompimento...

— Não é nada disso, é a Anne! É Murphy, ou seja lá como ela quer ser chamada. Como ela queria ser chamada.

— Murphy — Judy confirmou, mas Bennie estava balançando a cabeça.

— Não, acho que ela deixou que a chamássemos assim porque era como eu a chamava. Acho eu... Ela se apresentou como Anne, na sua entrevista.

— Seja como for! — explodiu Mary. — Fomos nós! Não lhe demos sequer uma chance! Nem mesmo tentamos. Nem ao menos sabíamos o seu nome. Ela nos disse que tinha um encontro para esta noite. Tinha mesmo? Quem ia se encontrar com ela? Seria o assassino? Nem mesmo sabemos disso! E agora descobre-se que havia um sujeito que a perseguia e que tentou matá-la no ano passado. Um cara contra o qual ela deu queixa! Nem sequer sabíamos disso!

Judy parecia na defensiva.

— Murphy mantinha tudo em segredo, ela era tão reservada...

— E o que me diz sobre a moção, Judy? Ela não foi nada reservada. Botou um *stripper* dentro do tribunal, e só fomos tomar conhecimento pelos jornais! Na certa, estava querendo nos contar isso, quando entrou no meu escritório na noite passada, mas nós a cortamos. — Os olhos de Mary se encheram de lágrimas novamente, mas ela pestanejou para escondê-las. — E supostamente somos uma firma só de mulheres, que piada! Não somos sequer capazes de suportar umas às outras. Afinal, qual a diferença entre nós, seja como for, homens ou mulheres, se no final agimos apenas como advogados?

— Você está apenas se sentindo culpada, Mary.

— Isso mesmo! Estou me sentindo muito culpada! E querem saber? Tenho razão de me sentir culpada! Vocês também! — Mary virou-se para sua melhor amiga, ao seu lado no divã. — Você sabe qual é a verdade, Jude? Vocês nunca gostaram da Murphy. Anne. Seja que nome for. Vocês não gostavam nada dela. Essa é a razão de não estarem transtornadas.

Uau! Anne estava chocada. Ela sentia que não devia estar assistindo aquela cena, mas não conseguia resistir. Era uma fofoca ótima! E o fato de ser sobre ela era quase bom demais para ser verdade.

— Estou transtornada! — insistiu Judy, mas Mary perdera o controle.

— Não está! Aquele tempo todo em que eu estive fora, doente, você a evitou. Ela a convidava para almoçar e você sempre recusava. Desde o começo, você não gostou dela. E você sabe por quê? Porque ela era muito atraente! Você achava que usava maquiagem demais, com batom o tempo todo.

Elas fofocavam sobre o meu batom? — Anne não podia acreditar na ironia.

— Ela usava mesmo maquiagem demais! — Judy estava começando a ficar ruborizada, também. — Mas isso não quer dizer que eu não esteja transtornada...

— Por que estávamos agindo assim? Falando sério, é porque como se fosse um fenômeno biológico, competir com outras mulheres, mesmo que não haja homens à volta. É uma doença! E quando é que vamos superar isso?

— Não era apenas a aparência dela...

— Você achava que ela usava a sua aparência! — irrompeu Mary, apontando-lhe o dedo. — Você disse exatamente isso, Judy! Que Anne nunca teria conseguido entrar na Chipster se não fosse tão sensual.

Argh! Lá em cima, Anne não podia acreditar no que estava ouvindo. Não era para estar escutando nada disso, e não queria escutar. Ou queria, mais ou menos.

— Ora, mas é a pura verdade! — revidou Judy finalmente, aos gritos.

— Como uma novata conseguiria um caso tão importante? O cliente conheceu-a na faculdade? Ora, faça-me o favor! Caia na real, Mary. Tudo bem, vamos falar a verdade.

Gil Martin nunca teria contratado Anne se ela não fosse tão bonita. — A cabeça de Judy girou instantaneamente para Bennie, a bandana esvoaçando. — Qualquer um ia estranhar uma coisa dessas, Bennie. Por que Gil contrataria Anne, a mais nova de todas nós? A advogada com menos experiência? Quantos casos ela defendeu? Um?

No entanto, Bennie já estava abanando as mãos, tentando interromper a briga.

Calma, vocês duas — disse, a voz imparcial como a de um juiz. — Mary, você sabe que tem razão. Nós todas devíamos ter sido mais acolhedoras com Anne, e não fomos. Estávamos ocupadas, como Judy disse, mas isso não é desculpa.

— Bennie inclinou-se, apertando o ombro de Mary e dando-lhe uma gentil sacudidela. — Só que culpar uma à outra não vai adiantar nada para Anne agora. Nada disso causou a morte dela.

— Como pode estar tão certa? — Mary levantou os olhos para Bennie, a testa franzida com amargura. — Quem sabe que diferença isso teria feito? Se tivéssemos conversado com ela, saído com ela para almoçar, pelo menos uma vez, talvez ela tivesse nos falado a respeito desse sujeito que a perseguiu. Ou se tivéssemos sido amigáveis, talvez estivéssemos com ela, na noite que ele apareceu por aqui. Anne agora estaria viva, se estivéssemos juntas.

Mary quase recomeçou a chorar, e até mesmo Judy parecia arrependida.

— Isso é verdade — admitiu, sua bandana já meio tombada na testa.

— Até aí é verdade.

Não posso suportar isso. Anne não conseguia ficar assistindo-as sofrer por nada. Primeiro, ela estava viva. Segundo, nem tudo era culpa delas. Não era muito boa para lidar com mulheres. Sempre tivera toneladas de namorados, mas amigas, nunca. Até onde podia se lembrar, sempre pensava em si mesma como Lucy, sem Ethel.

— Não estou fingindo nada — dizia Bennie. — Agimos errado com Anne, e cada uma de nós vai lamentar a perda à sua maneira. Para mim, a melhor maneira é agarrar quem quer que a tenha assassinado. Sugiro a vocês que acompanhem o processo. — Deu uma última palmadinha em Mary. — Quero examinar os fundos. Você fica aqui, OK? Carrier, fique com ela.

— Preciso de um lenço de papel. — Mary levantou-se lentamente, sua mão cobrindo o nariz que escorria, e ela olhou ao redor da sala de estar. — Alguém viu uma caixa deles por aí?

Talvez eu deva contar que estou aqui.

Anne precisava chamar a atenção delas sem que os tiras percebessem. Ela olhou para a porta da frente. Os detetives estavam do lado de fora, e alguma coisa lá no final do quarteirão atraía a atenção deles. Decidiu agir. Trocou Mel para o braço direito, tirou a sua cartola vermelha, branca e azul e abanou-a selvagemente.

— Mary! Mary! — chamou num daqueles sussurros que os demais personagens no palco fingem não escutar. Mas as mulheres não voltaram os olhos para cima. — Mary! — chamou novamente, mas Mary estava preocupada com o corrimento de seu nariz e Judy procurava a caixa de lenços de papel. Os detetives, ao que tudo indicava, haviam percebido que a choradeira havia terminado, e já estavam voltando para dentro, o fumante jogando a ponta de seu cigarro para a sarjeta.

— Não há lenços de papel em nenhum lugar por aqui — disse Judy, examinando o topo da TV — Mas, deve haver papel higiênico... no banheiro. Em casas como esta, o banheiro geralmente fica no andar de cima, perto do topo da escada.

O banheiro! Isso mesmo! O banheiro é aqui! Logo atrás de mim!

— Boa ideia — disse Mary e dirigiu-se para a escada.

Sem pensar duas vezes, Anne se virou, mergulhou no banheiro e fechou a porta.

7

— Meu Deus! — exclamou Mary, engasgando, pouco antes que Anne tapasse firmemente a boca da amiga com a mão, encostando-a na porta do banheiro. O rabo de Mel anelou-se num ponto de interrogação em torno do pequeno pedestal da pia, onde ele fora alojado.

— Estou viva, Mary! — sussurrou Anne. Ela arrancou a barba do Tio Sam. — Está vendo? Sou eu, Anne. Estou viva. Não estou morta!

— *Mummmmph*! — Os olhos avermelhados de Mary reviraram com o choque, e a mão de Anne pressionou com mais força ainda.

— Shhh! Não quero que a polícia saiba.

— *Mmmpunph*! — Mary sacudiu a cabeça, os olhos como bolas de gude marrons.

— Vou tirar a mão da sua boca, mas não diga nada, tá? Os guardas não podem ficar sabendo que estou aqui.

— *Muumph*! — acenou Mary vigorosamente.

— Não fique nervosa, certo?

— *Mmuumph*!

— Está tudo bem.

— *Mmuumph*!

— Sou eu mesma, de verdade. Estou viva. — Anne retirou a mão e Mary começou a gritar.

— SOCORRO! SOCORRO, POLÍCIA!!!! MINHA NOSSA!

— Mary, cale-se! O que está fazendo!?

— Eu vi você morta! Em cima da mesa! Você é um fantasma! Um demônio!

Mary benzeu-se pela segunda vez, e Anne olhou ao redor em pânico. Ela já podia ouvir gritos e o tropel de passos subindo a escada. Tão alto como o barulho de sapateados.

— Mare? Mare? — gritou Judy. — É você?

— SOCORRO! JUDY! — gritou Mary. — POLÍCIA! ALGUÉM! SOCORRO! BENNIEEEEEE! NÃO POSSO ACREDITAR.

— Quieta! Estou viva! Sou eu! Foi a garota que ficou cuidando do meu gato que foi assassinada! Está vendo o gato? — Indicou

atrás dela na pia, onde o rabo de Mel formou um ponto de exclamação.

— Não, você está morta! Eu sei! Vi você! Morta, morta, morta! Você estava com sua camiseta! Você foi baleada lá embaixo! Sangue...!

— Era a garota que ficou cuidando do meu gato. Seu nome era Willa. Emprestei minha camiseta a ela! — Anne agarrou os ombros de Mary. — Não era eu!

— DiNunzio! Estou indo! — Bennie gritou, junto com os detetives.

— Srta. DiNunzio? Srta. DiNunzio? — Eles estavam quase chegando no alto da escada, as vozes cada vez mais próximas.

Anne entrou em pânico. Não havia tempo para mais nada. O que estava feito estava feito. A maçaneta da porta já estava girando. Ela rodopiou para trás, arremessou-se dentro da banheira e fechou a cortina no mesmo instante em que a porta do banheiro se abriu. Ninguém seria capaz de enxergá-la através da cortina. Era opaca, uma fantasia floral de Laura Ashley com um grosso revestimento branco. Mas, se a salvasse, talvez valesse os 46 dólares que custara. Nota mental: *Permite-se a sapatos, roupas e maquiagem que custem exorbitantemente caros; cortinados precisam provar que valem seu preço*.

— Mary, Mary, você está bem? — Era Judy, alarmada.

— Srta. DiNunzio! — Era a voz do detetive. — O que está acontecendo? Qual é o problema?

— DiNunzio? Você está bem? — Era Bennie, que devia ter irrompido no banheiro, escancarando a porta com violência, porque a cortina da banheira ondulou. — Por que gritou?

Por favor, Mary, não me ferre.

Anne prendeu a respiração atrás da cortina e ficou absolutamente imóvel, encostada na parede de azulejo branco.

— Hã... não sei — respondeu Mary com voz trêmula.

— Mas você gritou — disse Judy, depois riu. — Oh, já entendi. O gato.

Bennie riu, também.

— Um gato!

Os detetives acharam graça. Todo mundo estava no *rá-rá-rá*. O banheiro virou subitamente uma festa.

— Ela levou um susto com o gato.

Mary, pegue a deixa. Eles estão lhe dando uma saída e tanto.

— Sim, foi isso — disse Mary finalmente. — O gato. Ele me assustou. Quando entrei, ele estava sentado na pia. Isso mesmo. Lamento ter gritado.

Graças a Deus, benzeu-se Anne em pensamento, aliviada, mesmo não sendo tão íntima assim do Senhor.

— Acho que esse gato era de Anne — disse Judy. — A caixa onde ele dorme está bem ali, embaixo da pia. Estão vendo?

— Eu me lembro agora — disse o detetive. — Tomamos nota da caixa do gato na noite passada, mas não o encontramos. Ora, aqui está ele.

Excelente trabalho de detetive. E o cara na prisão, por onde anda?

— Que tal levá-lo com você, Mary? — disse Judy. — Ele precisa de um novo lar agora. Você pode criar um gato no seu apartamento?

— Não sei. Não quero gato nenhum.

Judy zombou.

— Alguém tem que tomar conta dele, e eu e Bennie temos cachorros. Você já teve um gato uma vez, não teve?

Aceite logo levá-lo, sua idiota. Não estou morta, lembra?

— Certo, eu o levo. Bem, talvez seja hora da gente ir embora.

— Assim que eu gosto, DiNunzio — disse Bennie, e o barulho seguinte foi a abertura da porta do banheiro. — Talvez tomar conta do gato seja uma coisa que você possa fazer por Anne, hein?

— Talvez — respondeu Mary, e a cortina ondulou novamente enquanto as três advogadas, os dois detetives e o gato atônito deixavam o banheiro.

Anne pulou fora da banheira depois que ouviu o barulho da porta da frente fechar, depois deslizou para fora do banheiro e desceu depressa a escada. Sabia que Mary diria aos outros que ela estava viva assim que tivesse uma chance. Isso significava que Tio Sam tinha de ir para o escritório.

Ela enfiou os óculos de desenho animado e fugiu esbaforida.



Anne estacionou o Mustang na vaga mais próxima que conseguiu encontrar, a cinco quarteirões acima da Locust Street, e por isso teve de caminhar, passando por pequenas lojas, estabelecimentos diversos e uma fileira de casas de paredes geminadas convertidas em escritórios de arquitetura, contabilidade e de advocacia. Ela mantinha a cabeça abaixada, se bem que, com todo mundo pensando que estivesse morta, isso já constituía um disfarce e tanto. Sem mencionar que as ruas estavam entupidas de pessoas fantasiadas com coroas esverdeadas da Estátua da Liberdade, máscaras de George W Bush e cartolas vermelha-branca-e-azul. Anne encontrou mais dois Tio Sam, que acenaram para ela.

A Locust Street era uma balbúrdia só de tanto tráfego. Como a maioria das ruas de Filadélfia, era larga o bastante apenas para o trânsito de uma charrete puxada a cavalo, e permitia somente o tráfego em mão única. Já lhe haviam dito *ad nauseum* que o próprio Ben Franklin projetara a cidade, mas ela achava que sua famosa grade de ruas era nada mais que uma arapuca. Ela levantou a vista à frente, avistando rua abaixo a fachada do edifício que sediava a Rosato && Associados. O tráfego engarrafara exatamente naquele ponto, por conta da novidade de as vans da ABC, Court TV, CNN e das cadeias de emissoras locais estarem em frente ao prédio, estacionadas irregularmente. Mesmo àquela distância, Anne pôde enxergar os repórteres, fotógrafos, operadores de câmera e de transmissão via satélite cercando a entrada. Era uma aglomeração de repórteres mais do que o dobro maior do que a previsível.

Afinal, quem adivinharia que uma bela advogada assassinada às vésperas de um julgamento com tema sexual envolvido viraria notícia?

Anne fixou seus óculos de desenho animado e seguiu adiante. Ela varria a rua com os olhos quase ininterruptamente. Kevin podia

estar por perto. De uma maneira pervertida, era bem típico dele querer estar perto dela, mesmo que estivesse morta. Ele podia até mesmo ter o desejo de ver Bennie de relance. Ou Judy. Isso a preocupava. E se elas estivessem correndo perigo com Kevin? Não era provável, mas não era impossível. Tinha aprendido em suas pesquisas na Internet sobre erotomania que o sujeito delirante frequentemente transfere as suas fixações.

Anne consultou seu relógio. Eram 12h30. O depoimento estava marcado para as treze horas, mas ela não imaginava como a imprensa havia descoberto uma coisa dessas.

Não era público, e ela tinha certeza de que a Rosato & Associados não tinha deixado vazar nada a respeito. Ela apressou o passo já próxima da multidão, abaixando mais ainda a cartola. Dois quarteirões mais, depois apenas um. Ninguém estaria procurando por ela, mas alguns dos repórteres chegaram a conhecê-la de tanto persegui-la por conta do caso Chipster. Ela abaixou a aba vermelha. Estivera tão preocupada com Kevin que não se dera conta de que Tio Sam teria de passar também sob os olhares inquiridores da imprensa.

Anne alcançou o edifício do seu escritório e abriu caminho através da multidão da mídia, mantendo os olhos em estado de alerta por trás dos enormes óculos. Os repórteres suavam nos seus ternos de verão e da maquiagem da TV Anne avistou uma âncora da TV que conhecia e baixou a cabeça, checando o relógio. Eram 12h45. Turistas e espectadores aglomeravam-se na calçada, causando ainda mais tumulto. Ela tinha de seguir em frente. Foi pega no *bump-bump* de um CD de rap e aspirou em cheio uma baforada de fumaça de cigarro.

De repente, um celular começou a tocar, e só bastou um minuto para Anne se dar conta de que era o dela. Quem poderia ser? O mundo inteiro pensava que ela estava morta. Ela abriu sua bolsa, retirou o celular e, com um piparote, abriu-o.

— Sim? — disse ela, baixando a voz.

— Srta. Sherwood, aqui é o dr. Marc Goldberger.

— Sim, claro — respondeu Anne, surpresa.

— Entendo agora por que telefonou para mim. Acabo de falar com meu supervisor. Você não foi inteiramente honesta comigo,

srta. Sherwood. Se é que é este o seu verdadeiro nome.

Oh, não.

— Não sei do que está falando.

— Acho que sabe sim. Kevin Satorno fugiu da prisão alguns dias atrás. Você sabia disso quando me telefonou?

— Fugiu? — Anne sentiu o coração parar. Ela já tinha adivinhado isso, mas ficou aterrorizada ao saber que era verdade.

— Vai querer me dizer que não sabia? Que foi apenas uma coincidência ter me telefonado hoje?

Kevin está fora da cadeia. Kevin está livre.

Anne não pôde responder. Não conseguia falar. Ela apertou Fim e lutou contra um frenético impulso de engatinhar para debaixo de qualquer coisa e esconder-se. Não sabia o que fazer, exceto que não podia entrar em pânico. Forçou-se a respirar até as batidas do coração voltarem ao normal. Subitamente sozinha no meio daquela multidão barulhenta, fumarenta, ergueu os olhos para o edifício do seu escritório. Levou apenas um segundo para digitar o número no seu celular.

Mary já devia estar esperando sua chamada.

— Anne, onde você está? Você está aqui?

— Socorro! — foi tudo que Anne conseguiu dizer, depois se controlou. — Estou aqui do lado de fora. Você pode dar um jeito de eu passar pelo segurança?

— É o Herb, e nós dissemos a ele para aguardar um novo mensageiro vestido de um jeito esquisito. Você ainda está com aquela barba?

— Estou.

— Já estou descendo.

Graças a Deus.

Anne desligou o telefone, e imediatamente começou a examinar todos os transeuntes. O estômago contorcia-se de medo. Ali. Um homem louro, com o cabelo da mesma cor do de Kevin e cortado curto, como se tivesse estado na prisão. Anne estava a ponto de gritar quando o homem louro enlaçou o braço na mulher junto a ele. No bíceps ele tinha uma tatuagem onde se lia *SemperFi*. Um marine, não um detento. E não Kevin.

Anne cavou seu caminho em meio aos repórteres e atravessou correndo a porta giratória do edifício, penetrando no gelo do ar-condicionado de um amplo saguão de mármore com paredes de reboco restaurado. Respirou profundamente, aliviada, mas a escrivaninha de mogno do segurança funcionou como um obstáculo entre ela e o elevador.

Mary devia ter telefonado para baixo para que liberassem a entrada, mas havia ainda a chance de o segurança reconhecê-la, especialmente sendo Herb, *O Gostosão*. Ela disfarçara o rosto mas não o seu busto, que era o que mais chamava a atenção do segurança. Graças a ele, Rosato & Associados tinham os seios mais bem guardados de Filadélfia.

O olhar atento de Herb fez um zoom focando os dizeres MULHER INDEPENDENTE da camiseta dela, enquanto Anne ia se aproximando da mesa.

— Olá, querida! — exclamou ele com o que tinha a esperança de ser um sorriso bem sexy. Ele exalava um cheiro forte de água-de-colônia barata e o seu uniforme azul-marinho parecia apertado demais para uma silhueta baixa e troncuda como a sua. Usava as calças com o cinto afivelado alto, como Fred Mertz. — Por que você se fantasiou de Tio Sam para uma entrevista de trabalho?

— Foi o que me ajudou a passar pelos repórteres, não foi? — Anne mantinha a cabeça baixa, puxou para perto de si o livro de registros e garatujou 36C sobre a linha contínua. — Se eu for contratada hoje, não quero que eles me reconheçam e fiquem me seguindo.

— Então por que você não tira o disfarce? Já está dentro agora.

— Eu gosto do poder.

De repente, a porta do elevador se abriu com um discreto *toing*, e Mary, esbaforida, saiu dele como se fosse a cavalaria chegando. Ela não pôde conter o sorriso.

— Vestida para o sucesso?

— Você deve ser Mary DiNunzio. — Anne estendeu-lhe a mão como se elas não se conhecessem, justo quando começou um burburinho na entrada, atrás dela. Elas se viraram a tempo de ver uma figura familiar entrando pela porta giratória, com um grupo de pessoas.

Oh, não. Agora Anne estava encrencada de verdade.

8

Anne refugiou-se no canto do fundo do elevador, enquanto Matt Booker entrava com os seus clientes, Beth Dietz e seu marido com rabo-de-cavalo, Bill. Do seu lado direito, estava Janine Bonnard, uma bonita jovem vestida num conjunto cinza, que estaria prestando depoimento hoje. Anne manteve a cartola abaixada e rezou para que Matt não a reconhecesse, se bem que ele parecia tão absorto que não teria notado nem se ela fosse Godzilla.

Ela lhe lançou um olhar de soslaio. Havia círculos escuros em volta dos seus olhos normalmente brilhantes, os ombros largos estavam arriados dentro do terno azul-marinho sem gravata, e os cabelos bastos não estavam arrumados convenientemente para um depoimento. Ela se perguntou se o seu transtorno seria por causa dela. com a pasta de lado, ele olhou por cima para Mary.

— Mary, sinto muito pela Anne — disse. Sua tristeza transparecia na voz usualmente confiante. — Você soube de mais alguma novidade da parte da polícia, desde a última vez em que nos vimos? Eles ainda não têm nenhuma pista de quem... a matou?

Minha nossa!

Anne estava com o rosto em brasa. Ela se sentiu culpada por vê-lo naquele estado.

— Ainda não — respondeu Mary. — Mas continuam trabalhando, isso eu sei.

— Por favor, dê minhas condolências à família, e se houver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar a vocês... ou à polícia, por favor, me avise. Mantenha-me atualizado, certo? Gostaria de saber o que está acontecendo.

— Pode deixar, obrigada.

— Não consigo imaginar quem poderia ter feito isso. Simplesmente, não consigo... — A voz de Matt tremeu e a sua cabeça pendeu.

— Nenhum de nós consegue — disse-lhe Mary, com a fisionomia fechada. Obviamente, não lhe agradava mentir, pelo menos ao ponto em que Anne levara a coisa.

— Por favor, transmita as minhas condolências à família dela, também. — Era Beth Dietz quem falava, e seu marido assentiu com a cabeça.

— Farei isso — disse Mary. — Escute, vou chegar um pouco atrasada para o depoimento. Preciso mostrar a este novo mensageiro qual é o seu serviço. — Com um gesto rápido indicou Anne, que mantinha a cabeça baixa. — Podem me dar uns dez minutos?

— Claro. Como lhe falei pelo telefone, teria concordado em adiar o depoimento se vocês desejassem.

— Obrigada, mas não será necessário.

— Quem vai ficar com o caso, agora que Anne está...

— Só Deus sabe.

Toing! As portas do elevador se abriram no terceiro andar. ROSATO e ASSOCIADOS, dizia a placa de bronze na parede, acima do familiar tapete, das poltronas forradas de tecido e da mesa de café de vidro. Anne sentiu-se estranha, como se estivesse voltando para a sua própria vida, mas não podia correr o risco de agarrar-se a esta sensação. Saiu do elevador e apressou-se em deixar a área da recepção, de costas para Matt.

Mary conduziu Matt e seus clientes para uma das duas salas de reunião que ficavam depois do hall de recepção e abriu a porta para eles.

— Podem esperar por mim aí dentro. Não demoro. O banheiro fica à esquerda, e a estenógrafa da corte já está pronta para o trabalho. Volto em dez minutos.

— Obrigado — disse Matt e Mary saiu em disparada, corredor abaixo, logo atrás de Anne.

— Você está viva!

Mary deu um abraço de quebrar costelas numa sobressaltada Anne, puxando-a para junto de sua blusa de linho que cheirava a sabonete Ivory e talco antitranspirante.

A fantasia de Tio Sam de Anne já estava descartada sobre a bem-arrumada escrivaninha de Mary, onde Mel, com cautela, farejava a falsa barba. Seu pelo parecia sedoso à luz do sol que se filtrava através da janela, um gato felpudo sobre pastas macias contendo sumários legais. Gato Advogado. Mary não se continha.

— Não acredito! Eu não acredito! Isto é tão maravilhoso!

— Que tal soltá-la, antes que você a mate de verdade? — disse Judy da porta que dava para o escritório de Mary, mas mesmo ela estava sorrindo. Bennie estava ao seu lado, sorrindo de boca arreganhada por cima de uma caneca de porcelana onde se lia JAVA DIVA.

— Estou tão feliz! — prosseguiu Mary, embalando Anne. — Estou tão feliz que você esteja viva!

— Ela é sempre assim? — perguntou Anne, enquanto Mary a balançava para trás e para a frente, e Bennie confirmou inclinando a cabeça.

— É, deleguei todas as minhas emoções para ela. Ela as sente por mim, por Carrier e por toda a Associação dos Advogados de Filadélfia. É assim que conseguimos redigir todas aquelas moções maquiavélicas.

— É o máximo! — Mary finalmente soltou Anne e ficou em frente ao seu birô marrom, junto da porta. Seus cabelos ainda estavam totalmente desalinhados, presos pelo rabo-de-cavalo, e os olhos castanhos brilhavam de emoção. — Conte-nos tudo, moça! Pensei que você fosse um fantasma!

— Não existem fantasmas — disse Anne, mas Mary franziu a testa.

— Mas é claro que existem. Puxa, a garota é meio doida.

Mas Anne preferiu deixar o tema de lado e aproximou-se de Mel para lhe dar um beijo de olá. Ele a saudou com uma fungada onde-você-estava na ponta do nariz dela.

Gato Esquimó.

— Conte tudo o que aconteceu, desde o começo — disse Bennie. Ela se acomodou sobre o birô com seu café e o seu sorriso desapareceu. Fui lá identificar seu cadáver, Murphy. E juro que o que vi era você. Morta. No necrotério. Foi horrível.

— Mas, o rosto devia estar ...

— Estava. Quase não pude me obrigar a olhar para ele. O seu... ou o rosto dela... estava uma maçaroca. E havia uns chumaços de algodão enfiados onde deviam ser seus olhos. Você entende, os tiros... Nós todas vimos o corpo, mas fui eu quem fiz a identificação. E assinei os papéis. Nem pensei em questionar nada.

Ela vestia as suas roupas, e o cabelo era vermelho, se bem que estava coberto de...

Anne fez sinal para ela parar. .

— Dá para visualizar! E é compreensível que você tenha se enganado.

— Então, nos diga o que realmente aconteceu — Judy apressou-se a dizer, ansiosa para mudar de assunto.

Ela ergueu o corpo para se sentar sobre o birô, ao lado de Bennie, balançando seus tamancos vermelhos. com o seu macacão, ela usava longos brincos prateados que se agitavam sempre que se mexia.

Que estranho. Nós quatro juntas, no escritório de Mary.

Anne sabia que isto nunca acontecera antes, e elas estavam no mesmo escritório no qual sofrera sua pequena decepção da tarde anterior. Estava achando difícil ter de olhar Judy nos olhos, sabendo de como ela se sentia a seu respeito, mas a garota era tão bonita, com o seu rosto redondo como um círculo, um sorriso de criança-Sopa Campbell, e seus cabelos muito curtos, de um amarelo pálido. Anne reprimiu seu ressentimento e o deixou de lado. Contou tudo para elas, começando pelo que acontecera no ano anterior com Kevin, depois avançando rapidamente para o assassinato de Willa, e como ela as tinha visto em sua casa, depois o telefonema do dr. Goldberger sobre a fuga de Kevin. Ela suprimiu a sua bisbilhotice sobre a conversa delas, e se alguma das três imaginou que as tivesse escutado, nada foi comentado.

Até mesmo Judy ficou silenciosa ao final da história, seu rosto de bebê contraído, como se estivesse mesmo sofrendo cólicas, mas Mary parecia abalada e muito séria.

Sobre o birô, o olhar de Bennie permaneceu fixo na janela, olhando para fora, e sua caneca de café vazia pendia de seu polegar. Ela foi a primeira a falar: Estou me perguntando aqui sobre uma suposição crucial que você está fazendo, Murphy. Você parte do princípio de que o assassino é Kevin e de que ele pretendia matá-la, e entendo por que vê as coisas assim. Os fatos apontam para isso, especialmente considerando a fuga dele. — Bennie encarou Anne diretamente, seus olhos azuis cortantes como gelo. — No entanto, existe pelo menos uma possibilidade de que o

assassino não seja Kevin, e também que, seja ele quem for, a sua intenção fosse matar Willa.

Anne não entendeu.

— Bennie, você disse exatamente o oposto para os tiras. Disse que não havia dúvidas de que fosse Kevin.

— Só que na hora eu não sabia que era a Willa que estava na casa. Agora, os fatos mudam, para mim. E deviam mudar para você, também.

— Os olhos de Bennie estreitaram-se. — Willa estava se encontrando com alguém? Suponho que ela não era casada, se ia ficar tomando conta do seu gato...

— Ela era solteira, e sei que não estava se encontrando com ninguém.

— Que idade tinha?

— Mais ou menos a minha idade.

— Onde trabalhava?

— Em casa, acho. Ela era uma artista, trabalhava sozinha.

— Ela deve ter tido amigos, família...

— Acho que sim, mas não sei mais nada a respeito dela. Acho que ela vivia de uns investimentos que tinha. Sei que não era daqui, de Filadélfia. Ela me disse isso uma vez. Não tenho a menor ideia de onde vive sua família ou de como me comunicar com eles.

— Temos que encontrá-los. Ela era filha de alguém, irmã de alguém, eles têm o direito de saber que está morta. Onde ela morava?

— Não sei. Eu só a conhecia da academia.

— Você vai ter de descobrir onde ela morava. Não pode ser tão difícil. — Bennie não esperou por uma resposta. — Fale-me da última vez em que viu Willa. Você disse que ela correu direto para sua casa depois que saiu da academia. Levou alguma coisa com ela? Uma bolsa ou uma sacola de ginástica? Chaves? A polícia não encontrou nenhuma identificação dela.

Anne visualizou Willa, ofegante, na entrada de sua casa.

— Não. Suas mãos estavam vazias.

— Mas não precisa exibir carteira de identidade ou de sócia para entrar na sua academia?

— Sim, claro... — Anne ficou pensando... — Então, Willa deveria ter com ela sua identidade e uma bolsa, para entrar na academia. Podem ainda estar lá, com suas chaves, e os armários normalmente ficam destrancados. Nunca deixei minhas coisas lá. Levo apenas as minhas chaves, a carteira de sócia e um dólar para uma garrafa de Evian.

— Vamos seguir essa pista, também. — Bennie fez uma pausa. Mais uma coisa. Você realmente foi se encontrar com alguém na noite passada? Isso era verdade?

Anne evitou os olhos de Mary.

— Não ia me encontrar com ninguém. Faz um ano que não saio com ninguém. Kevin Satorno foi meu último encontro. — Ela precisava trazer Bennie de volta ao caminho certo. — É por isso que sei que Willa não era a vítima. Ela estava no lugar errado, na hora errada. Foi Kevin e ele queria me matar. Ele estava na prisão, provavelmente acompanhando a minha carreira, talvez até mesmo o noticiário sobre mim e a Chipster. Os jornais de Filadélfia estão na Internet. E a escopeta, o ataque de tocaia na porta da frente, tudo semelhante ao que aconteceu antes, em Los Angeles. Ele provavelmente ficou vigiando a minha casa, depois que fugiu da prisão.

Bennie arqueou uma sobrancelha.

— Então por que ele não a viu partindo para a praia na noite passada? Como não viu Willa chegar?

— Talvez naquele momento não estivesse vigiando. Só saí de casa quando já estava quase escuro, um pouco depois das nove horas. Fiquei fazendo coisas pela casa, por um tempo, conversamos um pouco e brinquei com Mel. Emprestei a minha camiseta para a Willa e um short limpo, porque ela tinha vindo direto da ginástica. A que horas o crime aconteceu, eles sabem?

— Por volta das onze horas, é o que acham por enquanto. — Bennie refletiu um pouco... — E a luz do seu corredor já não acendia? Como sabe que ela não queimou esta manhã, quando você ligou?

— Nunca a usei, nem uma única vez. Duvido até que tenha uma lâmpada no lustre. — Anne ficou furiosa consigo mesma por não ter examinado o lustre. — Bennie, sei o que estou dizendo, foi

Kevin. Ele veio me matar, como fez antes. Tenho certeza de que ele acha que foi a mim que matou.

Judy balançava a cabeça vagarosamente.

— Só que Bennie pode ter razão. É pelo menos uma possibilidade lógica que alguém tencionasse matar Willa, por alguma razão. Sabemos tão pouco dela.

Mary lançou-lhe um olhar atravessado.

— Não, acho que Anne tem razão. Um atentado foi cometido contra a vida dela, apenas um ano atrás. Kevin tentou matá-la na ocasião e ele fugiu da prisão. Ele está obcecado, tem um temperamento agressivo. Ela é a vítima mais provável. Sem dúvida.

Opa! Nossa primeira batalha. Anne podia prever as linhas estratégicas sendo traçadas. Mel estava do seu lado, ainda que tivesse caído no sono em cima da escrivaninha de Mary. Gato Leal.

Bennie levantou uma mão como um guarda de trânsito.

— Parem, todas. Vamos deixar de briguinhas só por um minuto. Há outra suposição que não me agrada, Murphy. Se o assassino é Kevin, por que presume que ele ainda esteja na cidade? Se ele é um fugitivo e assassinou você, por que não fugiria? Já fez o que queria e não vai querer ser apanhado. Qualquer assassino procuraria escapar.

— Não um erotomaníaco. Não agem assim. Kevin vê a si mesmo como ligado a mim, romanticamente, para sempre. É tudo imaginação, claro, mas é muito forte. Ele vai querer ver onde eu trabalhava, talvez até mesmo esteja espreitando vocês, garotas.

— Concordo, esse tipo de pirado agressivo é uma confraria à parte — Mary disse, tranquilamente. Seus olhos castanhos bruxuleavam e ela removeu um fio de cabelo louro-escuro para trás com os dedos manicurados. — Vocês sabem, uma vez tive um problema com... um cara.

— Jura, você? — Anne levantou a cabeça olhando surpreendida, embora conhecesse as estatísticas. Três de cada dez mulheres serão atacadas em algum momento em sua vida. Assim, ela e Mary realmente tinham algo em comum, afinal de contas. Queria apenas que fosse alguma coisa boa, como ser uma consumidora compulsiva, por exemplo.

— Meu caso foi um pouco diferente porque não me dei conta que estava sendo perseguida pelo sujeito. Mas lembro que a gente precisa ter o maior cuidado quando está lidando com um cara que começa a perseguir uma mulher, e não tem saída. Se você recorre aos tiras, ele fica mais maluco ainda. Se não vai à polícia, fica desprotegida.

Certo. Era tão gostoso finalmente encontrar alguém que a compreendia, e alguém que não fora indicado pela corte para isso.

— É por essa razão que eu nunca deveria ter requerido uma ordem judicial para Kevin manter-se à distância de mim. Foi como se eu desse cabo da ilusão de que o amava. Foi a última e a pior das rejeições, algo que ele não poderia negar que estivesse acontecendo. Como uma declaração de guerra.

— Só que você tinha todo o direito de ir à justiça! — Judy indignou-se e, ao seu lado, Bennie assentiu com a cabeça.

— Você fez a coisa certa. Estava tentando proteger-se. Anne tentou explicar.

— Dez por cento das mulheres atacadas ou que estão nessa situação de ser perseguidas são assassinadas logo depois que requerem uma ordem para o agressor manter distância.

Em Nova York encontraram uma mulher morta... com a ordem judicial requerida por ela enfiada à faca no seu peito. — Ela ficou em silêncio, vendo diante de si a imagem pavorosa. — Esses sujeitos obsessivos são diferentes dos assassinos normais, se é que existe tal coisa. É por isso que Kevin ficará na cidade. Ele deseja ficar perto de mim, andar em lugares por onde eu andava. Ficar perto de mim, mesmo eu estando morta. Mary estremeceu.

— Aposto que o sujeito não vai deixar a Filadélfia antes do seu funeral.

— É verdade — Anne disse, mesmo sem ter pensado no assunto tão à frente, chegando até o funeral. — Só que é o corpo da Willa, lá no necrotério. O que eles vão fazer?

— Todas olharam para Bennie, já que ela sempre sabia de tudo.

— O legista não vai liberar o corpo por duas ou três semanas, por causa do feriado e das validações.

— Validações? — perguntou Anne. O termo aplicava-se a documentos comerciais, não a cadáveres.

— O Quatro de Julho, na cidade do Amor Fraterno? Fogos de artifício por toda a cidade? O legista também tem uma equipe pequena. Vão fazer testes de sangue e de DNA no corpo de Willa, mas os resultados não sairão antes da próxima semana, já que não há dúvidas quanto à identificação. Se não dissermos nada, é possível que liberem o corpo para o sepultamento, pensando que seja seu. — Uma nuvem cinzenta baixou sobre elas por um instante, mas logo Bennie prosseguiu: — Não podemos permitir que isso vá em frente, em respeito a Willa. Precisamos encontrar a família dela e temos de contar tudo aos tiras, Murphy. Temos de dizer a eles que Satorno fugiu e que você está viva. E que eles estão equivocados sobre quem foi assassinado.

— De jeito nenhum! Não vou dizer nada aos tiras. Mas concordo com vocês no que diz respeito à família de Willa. Podemos encontrá-la e contar tudo, e talvez convencê-la a trabalhar conosco para agarrar seu assassino.

— Não, isso não é sustentável. Tente me entender. — Bennie levantou o dedo com a caneca pendurada nele. — Kevin é um fugitivo perigoso e os policiais podem encontrá-lo antes do que nós. Eles têm os recursos humanos, têm os meios e sua qualificação. Podem pôr todos os guardas na rua em alerta, podem contatar com o FBI e se articular com as autoridades da Califórnia.

— Você ouviu o que eles disseram, eles têm apenas quarenta tiras dando cobertura a todo o centro da cidade. Não são capazes sequer de ficar guardando minha casa.

Além disso, já confiei uma vez nos tiras para me protegerem e quase terminei morta. Eles nem sequer conseguiram acusar o Kevin de tentativa de assassinato e foi por isso que ele pegou uma sentença tão curta. Não vou confiar no sistema judicial. Isso quase custou minha vida.

Mas Bennie parecia implacável.

— Murphy. Você está correndo um perigo de verdade com esse cara e isso não é coisa para ser tratada por amadores.

— Nada de tiras.

— Não concordo.

— Não é a sua vida que está em perigo.

Bennie não recuou.

— Murphy, você está equivocada. Sou a dona desta firma de advocacia e você é minha funcionária. Sou a responsável pelos seus atos, o que significa que sou responsável por tudo o que acontece aqui e por tudo que você faz. Como por exemplo contratar nudistas, só para mencionar o assunto. — Ela não conteve o sorriso. — Não posso ter uma informação como esta e escondê-la da polícia. É muito próximo de obstrução da Justiça. Eles estão investigando o assassinato da pessoa errada, e temos informação material sobre o paradeiro de um principal suspeito. — Bennie cruzou os braços e Anne cruzou os dela, também. Judy e Mary assistiam ao embate em silêncio.

— Bennie, se você contar a eles, vou dar o fora daqui.

— Menina, se você fugir, está demitida. E vou contar à polícia assim mesmo.

Epa! Anne tinha de fazer algo melhor do que cruzar os braços também, ou estava perdida.

— Espere, tive uma ideia. Que tal um acordo? Você conta à polícia que Kevin fugiu, mas não conta que estou viva. Então, continuo me fazendo de morta e continuo a procurá-lo. Você pode contar à polícia e deixá-los trabalhar à vontade. Desse modo, todas nós vamos estar trabalhando para encontrar o Kevin, nós e a polícia!

— Não, é muito perigoso — respondeu Bennie, mas já começava a hesitar. — Deixe os profissionais encontrarem Satorno. Eles sabem o que estão fazendo.

— Eles não podem nem mesmo encontrá-lo na cadeia! Ele é um ninguém para a polícia de Filadélfia! Você ouviu o detetive!

Mary assentiu com a cabeça.

— Como Anne diz, nenhuma de nós pode julgá-la sem estarmos na pele dela. Nem mesmo eu posso saber o que ela está passando. Se é a vida dela que está em jogo, deveríamos agir do seu jeito, com o seu consentimento.

Judy finalmente falou:

— Concordo. Vamos dizer aos tiras que o sujeito fugiu da prisão, mas vamos fazer o acompanhamento do caso, também.

Continuaremos com as nossas investigações sobre o assassinato o tempo todo, paralelamente a tudo o que os tiras estejam fazendo. Isto não é novidade nenhuma, não para nós.

Uau.

Anne lançou uma olhadela surpresa, mas não disse nada. As palavras de Judy claramente tinham peso para Bennie, que olhava para as três sócias com exasperação.

— Mas o que vou dizer aos tiras, garotas? Como é que fiquei sabendo que Kevin escapou, se Murphy na realidade continua morta? Ela foi a pessoa que recebeu o telefonema do psiquiatra, não eu.

— Use a imaginação — replicou Anne. — Você deu um jeito de achar minha mãe, não deu? Vá em frente, telefone para os tiras, mas me deixe continuar morta pelo menos até a manhã de terça-feira.

— Por que a manhã de terça-feira?

— Terça-feira pela manhã vou estar defendendo a Chipster. Bennie olhou para Anne como se ela tivesse enlouquecido.

— Você não pode estar achando que vai levar esse caso ao tribunal agora! Não tem jeito de estar preparada para o julgamento com tudo o que está acontecendo. Deus sabe que seria um milagre se os tiras encontrassem Satorno tão depressa. Murphy, atuar num julgamento civil desse porte é muito complicado. Você vai ter de pedir adiamento.

— Não posso. Gil vai querer prosseguir com a abertura de capital na bolsa. Nos dias de hoje, todo mundo anda à caça de recursos e é uma dureza consegui-los. Se houver algum tropeço, o negócio todo vai para o espaço. E por isso que não aceitamos fazer acordos desde o início. Gil queria ser completamente inocentado diante de sua diretoria e dos investidores. Se desandarmos o caso agora, ele perde a chance de abrir o capital. Fim da Chipster.

— Então não adie, mas não tente defender o caso. Não com esse seu problema com o Satorno. Seja prática, Murphy! — Bennie deslizou de cima do birô e calçou seus tênis. — Vamos fazer o seguinte: vou passar em revista os depoimentos e defendo o caso para você.

— Não, obrigada, mas quero eu mesma defendê-lo. — Anne sentiu-se surpreendida pela força do que sentia, até que entendeu a fonte. Kevin Satorno tirou um bocado de coisa de mim. Uma nova amiga. Minha casa nova. Meu sentimento de segurança. Minha paz de espírito. Só falta agora me impedir também de trabalhar. O caso é meu e é o meu cliente. — Ela cruzou os braços de novo, pelo menos mentalmente. Vou correr o risco.

Bennie emitiu um suspiro...

— Certo, isso é justo! Você apresentou o cliente, você é quem toma as decisões. — Ela consultou o relógio. — Vamos agir. Preciso telefonar para os tiras. DiNunzio, você toma conta do depoimento. A estenógrafa do tribunal já deve estar ameaçando ir embora, a esta hora. Murphy, você fica aqui, para que ninguém possa vê-la.

— Obrigada. — Aliviada, Anne voltou-se para Mary, que já estava se levantando da sua escrivaninha. — Mary, você sabe o que precisa fazer, certo? Force Bonnard a falar sobre o incidente de maio último. Você sabe, ela acusa Gil Martin de ter dado em cima dela em um seminário ao qual eles compareceram em Wyndham. Gil afirma que ela está chateada porque não conseguiu um aumento, e podemos documentar isso com os e-mails que ela andou passando. Puxe dela todos os detalhes para podermos prever o que ela vai dizer durante seu testemunho no julgamento.

— Pode deixar! Não vai levar muito tempo. — Mary contornou a escrivaninha, recolhendo suas anotações e tudo mais que pretendia apresentar como provas. — Fique à vontade. Pode usar qualquer coisa aqui do escritório, mas fique aqui dentro, pelo menos até que o depoimento esteja terminado.

— Certo. — Bennie fez uma pausa, já na porta, a mão na maçaneta.

— Uma última coisa. Você tem de saber que conversei com Gil na noite passada. É óbvio que ele estava transtornado com o seu assassinato, assim como a mulher dele.

Como vai lidar com isso? Vai contar a ele que está viva?

— Já tinha pensado mesmo em fazer isso. Confio em Gil. Ele vai manter a coisa em segredo. — Anne sentiu os olhos de Judy cravados nas suas costas. O que foi mesmo que ela tinha dito? Gil Martin nunca teria contratado Anne se ela não fosse tão bonita.

— Posso dar uma sugestão? — disse Bennie. — Por que não deixa isso mais para a frente? Você tem de se manter oculta, e já que Gil está pensando que estou cuidando do caso, que tal ficar assim, por enquanto? Pense nisso. — Bennie abriu a porta e deixou Mary sair. — E descubra mais sobre a Willa, certo? Temos que dar uma satisfação à família dela. E não estou convencida de que ela não era o alvo. Cuide bem disso! Me convença!

Droga. Então, não conseguira convencer Bennie. Anne sentiu-se vagamente derrotada quando a porta foi fechada, deixando ela e Judy sozinhas no pequeno e bem-arrumado escritório. Trocaram um olhar, mas logo desviaram a vista uma da outra. As duas não se gostavam. Anne não sabia o que dizer. Se não puder falar sobre batom, fico sem assunto.

— Obrigada pela força com Bennie — disse Anne finalmente, porque aquilo precisava ser dito.

— Tudo bem. Certo, agora vá em frente.

— Você não tem que ficar pendurada em mim, nem nada do gênero, Judy. Estou bem e você provavelmente tem muita coisa para fazer.

— Não, está tudo bem. Os meus casos estão todos num período de calmaria. Estamos no verão.

— Então por que ficar no escritório? Você provavelmente tem coisa melhor para fazer, num feriado. Você tem namorado, não tem?

— Tenho. Frank Lucia, do caso Lucia. Você já o viu, lembra?

— Não.

— Claro que sim.

— Ele foi pescar no fim de semana. Eu estava apenas pintando em casa, quando isso tudo aconteceu. Vou ficar por aqui e faço companhia a você.

DÊ O FORA!

— Certo.



O escritório ficou quieto exceto pela multidão de repórteres lá na rua. A janela dava para a Locust Street, e Judy virou-se para ela apontando.

— Barulhento, lá fora, hein? — disse.

— Repórteres.

— Que tal jogar uns balões cheios de água neles? — Judy foi até a janela, mas Anne não a acompanhou. Essa tentativa de Judy de ser amistosa para com ela estava começando a perturbá-la. Nota mental: *Alguns sentimentos não fazem sentido*. Judy virou-se e acenou para ela, chamando-a. — Venha ver. É um zoológico!

Anne foi até a janela de vidro fumê e olhou para fora. Havia um mar de pessoas movimentando-se em frente ao edifício, ainda maior do que antes. Repórteres com microfones, equipamentos de gravação e blocos de apontamentos, fotógrafos e cinegrafistas com câmeras e holofotes. Um vendedor de cachorro-quente debaixo de um guarda-sol com listras vermelhas apregoava seu produto e um garoto negro distribuía panfletos de propaganda. Anne contou três Tio Sam e um tira uniformizado.

Ela apertou os olhos, tentando enxergar sob a luz solar, procurando por Kevin. Preferia começar a caçá-lo imediatamente. Ele podia estar lá embaixo. Tinha lógica. O dia estava indo embora. O fim de semana estava indo embora. Ela já tinha perdido um bocado da sua vida por culpa daquele cretino. E ele havia matado Willa. Anne tinha que encontrá-lo. Para fazê-lo pagar por tudo isso e para voltar a sentir-se, finalmente, em segurança.

— Está procurando por ele, não é? — perguntou Judy, lendo os pensamentos de Anne, o que a incomodava.

— Estou.

— Como ele é?

— Por quê?

— Posso procurar também. Dois pares de olhos são melhores do que um. São quatro olhos juntos. É um bocado de olhos. — Judy sorriu e Anne teve certeza de que ela estava brincando.

— Ora, até que ele tem boa aparência, considerando que seja um psicopata. É louro de olhos azuis, olhos bem juntos. O nariz é comprido e um tanto adunco, um pouco...

— Espere. — Judy levantou a palma da mão, saiu da janela e começou a revistar a escrivaninha de Mary. Deteve-se ao encontrar um pequeno bloco de folhas brancas e um lápis apontado. — Comece novamente. Pelos olhos.

— O que está fazendo?

— Vou desenhá-lo.

— Por quê?

— Entendo melhor as coisas quando as desenho.

Esta menina é outra doida! Ora, talvez nada tenha a perder.

— Recomece. Pelos olhos...

— São azuis. — Anne iniciou numa detalhada descrição, surpresa por se lembrar tão bem da fisionomia de Kevin. Tinha lido que muitas vítimas de perseguição ficam obcecadas por seus perseguidores, mas no que acreditava mesmo é que seria impossível esquecer a fisionomia de alguém que crava os olhos em você com a intenção de matar. — Um azul claro, um azul assustador. E tem um queixo frágil, a propósito. Um pouco recuado.

— Recuado.

— Totalmente.

— Entendi. — Judy fez mais alguns traços, perguntou mais uma coisa e outra, então, após dez minutos, ergueu o bloco e manteve-o elevado. Como ficou?

Meu Deus.

A semelhança era incrível. O rosto de Kevin emergia do esboço. Direto diante de Anne.

— Você o detestou. — O rosto de Judy desmoronou.

— Não! Quero dizer, sim! Eu o odeio, e é ele! Exatamente ele. Você é ótima!

Judy virou o bloco para si, impressionada com a sua própria obra.

— Nunca fiz isso antes, desenhar a partir de palavras. Normalmente, desenho apenas a partir de modelos. Ou de fotos.

— É um verdadeiro retrato falado! Como aqueles que fazem na polícia! — Anne contornou Judy, postando-se ao lado dela, examinando o esboço. Era quase tão bom quanto uma foto de arquivo policial e isso já estava lhe dando uma boa ideia. — Posso ficar com ele?

— Claro. — Judy entregou-lhe o bloco. — Para quê? Argh!

— Quer realmente saber?

— Quero.

— É segredo.

— Sei guardar segredos.

Anne não sabia se poderia confiar nela; nem mesmo sabia se queria confiar nela. Judy podia tentar detê-la, contar para Bennie, ou fazer alguma outra coisa igualmente sensata. Anne nunca confiou numa mulher de quem gostasse, muito menos em alguém com quem não simpatizava.

— Então? Vai me contar? — Judy inclinou a cabeça, os brincos prateados pendendo para o lado e, sobre a escrivaninha, até Mel levantou o queixo, esperando sua resposta com interesse.

Gato Curioso.

9

Quinze minutos mais tarde, Tio Sam e o seu grande e estofado envelope de papel pardo estavam no saguão térreo do prédio, saindo pela porta de serviço, liberada por Herb, que a manteve aberta para certificar-se de que os seus seios passariam ilesos.

— Conseguiu o emprego? — perguntou. — Parabéns!

— Obrigada.

Anne apertou o envelope junto de sua camiseta MULHER INDEPENDENTE como se fosse um escudo.

— Ei, como é mesmo seu nome, querida? Chequei o registro porém não consegui ler.

He he. — Samantha. Volto em dez minutos, certo? Você vai me deixar entrar?

— Claro. É só bater. Vou ficar de ouvidos atentos.

A saída da alameda abria-se para a rua transversal, virando a esquina depois da entrada do prédio na Locust. Uma multidão, entre turistas e outras pessoas, ia descendo a rua, dirigindo-se para o norte em direção à Parkway, enquanto os repórteres se aglomeravam no lado sul, tentando subir para a Rosato & Associados.

Anne esperou até que o tráfego de pedestres atingisse a sua máxima densidade, depois misturou-se à massa de gente como Tio Sam, com óculos, barba e o envelope, enfiado cuidadosamente debaixo do braço. Ela insistiu em fazer pessoalmente a entrega, a despeito das objeções de Judy. Anne era o novo mensageiro, afinal de contas, e aquilo era uma coisa que somente ela poderia executar. Queria estar no meio da multidão e ver se conseguia encontrar Kevin. Sempre que via uma cabeça loura, examinava minuciosamente o rosto. Nada de Kevin.

Mas não conseguia reprimir a sensação de que ele estava por perto.

Anne caminhou na direção da Locust Street, esticando o pescoço para ver se o garoto continuava dando duro naquela esquina. Ele estava lá, seu suprimento de panfletos perigosamente

baixo, prova de que estivera impingindo lixo ao público com todo empenho. O suor escorria de suas sobrancelhas e ele parecia bem mais novo; de perto, teria talvez dezesseis anos. O cabelo tinha um corte talvez mais rente ao crânio e usava um cordão de ouro pesado sobre a camiseta.

Reduziu os passos ao aproximar-se do adolescente, dando aos repórteres e turistas uma chance de contorná-lo. Quando chegou junto dele, abriu a mão. Nela estava uma nota de cem dólares que havia pego da caixinha do escritório. Anne mostrou-lhe a nota: — Quer distribuir alguns panfletos para mim?

— Claro, palhaço — ele respondeu, pegando a nota e o envelope de papel pardo. Ele abriu o fecho de metal, tirou de dentro um dos folhetos e examinou-o cuidadosamente.

Anne não conseguiu evitar de ficar lendo por sobre os ombros do garoto. Haviam impresso o folheto em papel vermelho, na metade superior ficara uma cópia do desenho de Judy. Haviam redigido o texto juntas.

> ATENÇÃO TODOS OS REPÓRTERES! VEJAM O QUE A POLÍCIA ESTÁ ESCONDENDO DA MÍDIA!
>
> Quer conhecer a pista mais quente sobre o assassinato de Anne Murphy? Então encontre este homem!
>
> Seu rosto é esse. Chama-se Kevin Satorno e é o principal suspeito no assassinato de Anne Murphy, mas a polícia ainda não dele com vocês.
>
> Satorno é branco, tem 29 anos, 1,82m de altura e 80 quilos, cabelo louro claro e olhos azuis. Fugiu recentemente de uma penitenciária na Califórnia, onde foi preso no ano passado por assalto com agressão, depois de tentar matar Murphy. Encontre-o e dê o furo!

Anne estava convencida de que era um belo panfleto e uma grande ideia. A imprensa era tão obstinada quanto os tiras, e agressiva por profissão. Por que não usar os repórteres em seu

proveito? E fazer bom uso deles? Que trabalhassem para ela, ao invés de contra ela!

— Que merda é esta? — perguntou o garoto, com sua irreverência adolescente.

— É um panfleto. Tudo o que você precisa fazer é distribuir a todos os repórteres aqui. TV, jornal, qualquer coisa. Todo mundo que estiver com uma câmera ou um microfone. Entendeu?

— Que tal aquela baixinha do Canal Dez? — O garoto acenou com a cabeça para uma mulher bonita na turma da imprensa. — Ela é legal.

— Legal, está ótimo! Entregue a todo mundo que for legal. Baixinhos e altinhos. Mas trabalhe direito. Não vá ficar escolhendo a quem entregar. Vou ficar observando você e, se distribuir bem os folhetos, ganha mais uma grana.

— Lá vou eu. — O garoto penetrou na multidão com os panfletos. Anne ficou observando-o e, em poucos minutos, manchas vermelhas brilhantes começaram a florescer na multidão, como se fosse um campo de papoulas. Uma âncora, com o rosto alaranjado de tanta maquiagem da TV, deteve-se para ler o panfleto e um fotógrafo mostrava o seu para o operador de câmera junto dele. Repórteres juntavam as cabeças e Anne começou a ouvir retalhos de conversa, todo mundo subitamente alvoroçado:

— Você acha que isso é verdade?

— Você vai se arriscar a não considerar isso verdade?

— O noticiário do Canal Seis vai dar, já estão com a matéria.

— Mas tinha de ser neste fim de semana? Queria estar em casa às três. Meus filhos vão jogar uma partida de beisebol. Minha mulher vai me matar!

A esperança surgiu no peito de Anne e ela já estava para voltar ao escritório, de acordo com o planejado. Foi quando o viu.

Kevin!



Ela parou, ofegante. Um homem louro no meio da multidão lia o folheto, o rosto abaixado. Ele se parecia com Kevin. O cabelo estava toscamente cortado. Era da altura de Kevin. Usava camiseta branca indefinível, e seus ombros eram largos, com o torso musculoso. Estava quase diretamente diante da entrada do prédio, do lado oposto da rua, mas Anne não enxergou nenhuma credencial da imprensa nele. Esperou que ele erguesse a cabeça para poder ver seu rosto, mas, quando o fez, virou-se quase imediatamente para o outro lado. Anne não teve mais que um relance da sua fisionomia.

É ele, é ele, é ele. Não é ele?

Subitamente, o homem louro começou a se deslocar. Abriu caminho através da multidão, uma mancha luminosa em meio ao aglomerado de câmeras negras. Ele caminhava como Kevin. Devagar. Calculadamente. Controlado. Mas será que ninguém havia reparado que ele era o cara do esboço no papel vermelho? Que era o cara do desenho? Ela ficou na ponta dos pés, observando-o.

Está indo embora!

Ele estava se afastando da multidão, muito calmamente. Caminhava com tranquilidade, descendo da Locust para a Broad Street, dirigindo-se para leste e para fora de alcance. Ela não podia ver o resto do corpo do homem, mas ele agia do modo como Kevin agiria se tivesse visto o panfleto.

Kevin ia embora sem chamar atenção.

Anne ficou tentada a gritar, mas não queria estragar o seu disfarce, não com a mídia ao seu redor. E depois, não tinha tanta certeza assim de que fosse ele. Ela fechou a boca, mas não podia deixá-lo ir embora. Já sabia o que tinha de fazer.

Você vai persegui-lo! Agora você é a caçadora!

Ela saiu no rastro do homem louro até a Broad Street, deixando a mídia para trás, mas esbarrando com mais e mais turistas. Garotos agitando bandeiras americanas, damas coloniais falsificadas conduzindo excursões turísticas, munidas de pequenos megafones, adolescentes passando correndo. Anne passou diante do novo salão da Orquestra de Filadélfia, evitando famílias que posavam para fotos na calçada. Seu coração começou a martelar.

Os olhos dirigidos para a cabeça loura, seguindo em frente com determinação, rumo leste.

Ele parou num sinal vermelho na esquina de Broad com Locust, e ela acertou o passo para não perdê-lo de vista. Acelerou na direção da Broad e, no que foi chegando mais perto, escutou a música de cordas com seu *ting-toing* trazido pela brisa, acompanhado do martelar de um tambor surdo. Só podia ser uma parada, desfilando pela Broad abaixo, bloqueando o caminho do homem louro. Ele estava de costas para ela, e Anne pôde examinar de relance o seu físico. Seu tríceps protuberava sob a camiseta e um vinco profundo marcava suas costas. Ele era mais musculoso do que o Kevin que ela conheceu, mas poderia muito bem ter começado a malhar na prisão.

Anne escutou o característico *ringa-jinga* de uma banda de cordas Mummers, típica do verão, e uma falange de arlequins alaranjada e turquesa, com lantejoulas pretas, iniciou seu desfile. As fantasias refletiam o sol formando um colorido exuberante, e havia penas de pavão exageradamente compridas, brotando de seus elaborados capacetes.

A multidão prorrompeu em aplausos, exceto o homem louro, que abriu caminho Para o meio-fio.

Ela conseguiu atravessar a multidão e seguiu em frente. A música, os aplausos e a animação cresceram, mas ela desviou totalmente sua atenção da festa. A banda de cordas Mummers surgiu então, em plena glória, num desfile exuberante. A multidão finalmente deu passagem, comprimindo-se em seu deslocamento à frente, com o homem louro adiante dela, atravessando a Broad Street, depois acelerando numa corrida discreta. Oh, não!

— Por favor, me deixem passar. Preciso passar! — gritou Anne e partiu atrás dele, lutando com a multidão. Mas todo mundo estava querendo aproveitar o espaço deixado pela parada para atravessar a rua, nos dois sentidos, acotovelando-se para abrir caminho. Ela permaneceu na ponta dos pés, mas, quando alcançou o outro lado da Broad, o havia perdido de vista.

Meu Deus! Para onde ele foi?

Anne olhou em volta freneticamente. A multidão fluía dirigindo-se para a Broad, e ela correu no sentido contrário, disparando

contra a corrente. Apenas um perito podia correr calçando Blahniks e ela estava qualificada. Quando a multidão engrossou, começou a saltar no ar, tentando enxergá-lo.

Ali!

Sentiu o coração engasgar ao avistá-lo. Ele estava a dois quarteirões de distância! Desceu direto a Locust e depois virou à esquerda, no cruzamento da rua. Correu naquela direção, já esperando que ele perceberia que ela o seguia, agora que virara a esquina. Ela esbarrou num homem e desculpou-se, voltando de passagem a cabeça para trás, enquanto dobrava a esquina. Então, parou. Kevin não estava mais à vista.

Anne vasculhou desesperadamente com os olhos até o final da rua. Uma jovem caminhava com passadas largas na sua direção, a um quarteirão de distância. Ela já estaria naquele quarteirão quando Kevin o dobrou. Anne ajeitou os óculos escuros e apressou-se para interceptá-la.

— Desculpe — disse. — Estou procurando um amigo meu. Ele é alto, louro, mas tem o cabelo cortado curto, quase raspado. Você o viu? Acho que o vi virando a esquina.

— Ele estava usando uma camiseta branca?

— Estava! — Anne não podia acreditar na sua sorte, e a mulher apontou para o topo da rua. Era uma fachada de um estabelecimento sem janelas, no quarteirão seguinte, e parecia que o negócio que funcionava lá dentro era bem animado. Uma multidão mergulhava para o interior, saindo da calçada, balões vermelhos, brancos e azuis agitavam-se no alto, presos a uma placa.

— Ali dentro?

— Isso, acho que ele entrou ali.

— Muito obrigada! — disse Anne. E quase abraçou a moça, mas se lembrou que era o Tio Sam, e abraçar assim mulheres desconhecidas poderia lhe acarretar um processo pelas leis federais. Respirou fundo e tomou uma linha reta para o prédio.

10

Frankie & Johnny, dizia o letreiro na fachada do prédio, em horrendas letras pretas. As janelas haviam sido tapadas com compensado e pintadas de preto, e a grande porta da frente, também preta, era indescritível. Anne diminuiu os passos, e um homem na traseira de um grupo que entrava no lugar retribuiu seu sorriso, enquanto ela se posicionava atrás dele para entrar.

Dance music alta e estridente veio do interior pintado de preto fechado. Mal entrou e o cheiro de suor e de fumaça de cigarro invadiram seu nariz. No mesmo instante reconheceu a canção, The Weather Girls cantando *It's Raining Men*. E quando seus olhos se ajustaram à luz, Anne viu onde estava. O lugar estava entulhado de corpos que se moviam na mesma batida, e todos os corpos eram masculinos. Sem camisa, com tops, camisas embandeiradas e gente tatuada; eram todos homens, com apenas uma ou duas mulheres. Ela olhou em volta e tentou enxergar, na escuridão, a multidão perto da porta. Eram todos homens, também. Ficou parada, totalmente desconcertada.

Pela primeira vez em sua vida, estava dentro de uma boate gay. Nota mental: *Novidades são desconcertantes em princípio, então deixe para lá*.

Ela reprimiu a estranheza e tentou achar Kevin na multidão. Onde ele estaria? Cabeças vermelhas, cabeças raspadas, cabelos castanhos, carecas, cortes de vários tipos; a escuridão a impedia de ver a cabeça loura. A única iluminação vinha dos holofotes vermelhos, brancos e azuis que vagavam acima da multidão, piscando em flashes junto com a batida *bump-bump* da música. Todas as pessoas ali se movimentavam sem parar, trocando de lugar e se remexendo, no ritmo da dança. Era quase impossível manter os olhos sobre alguém, e Anne não conseguia enxergar nada por causa da fumaça e da escuridão. Sem mencionar os seus óculos escuros. Será que Kevin realmente estaria num bar gay? Ele não era gay, não que ela soubesse. Tinha fixação por ela.

Ela perambulou devagar pelo bar, aturdida. Pelo lado de fora, o bar parecia um pequeno armazém, mas por dentro, mostrava-se enorme, com um pé-direito de seis metros, um balcão em meia concha sobre o qual havia homens dançando e um palco. Havia um comprido martíni-bar ao longo do lado direito do salão, e afixado a um imenso espelho, atrás do bar, bruxuleava uma enorme taça de martíni em néon vermelho-vivo. Anne usou o espelho para tentar achar Kevin, entretanto tudo o que via refletido era uma enorme massa de homens suados.

Será que não havia um leão de chácara na porta? Todo mundo ali tinha a constituição física de um leão de chácara. Através da fumaça de cigarro ela esquadrinhou os homens bebendo no bar. Por trás deles, localizou um homem musculoso com um top branco que tinha estampado o logo da boate. Abriu caminho até ele, respirando a promiscuidade de odores de martíni de chocolate e Paco Rabanne.

— Com licença — gritou para o sujeito da porta, de modo a ser ouvida apesar da música. — Você viu um cara branco, alto, louro entrar aqui, um minuto atrás? Ele tem o cabelo cortado rente e é musculoso. E usava uma camiseta branca!

— Vi, sim, uma porção deles! — O guarda pôs as mãos em concha ao redor da boca. — Por que, ele é menor de idade?

— Não, mas preciso encontrá-lo — Anne começou a dizer, mas a multidão se intrometeu entre eles, já dançando tão logo chegavam à porta e a cruzavam o seu limiar.

Seu coração naufragou ao pensar que Kevin podia ter conseguido passar pelo porteiro da mesma maneira como ela fizera, na ponta de um grupo numeroso. Mas talvez alguém tivesse visto ele entrar.

Anne abriu caminho até o outro lado da entrada abarrotada, onde uma fileira de aparelhos de tevê de tela plana montada no alto do teto exibia um vídeo mudo de Jennifer Lopez. Anne encaminhou-se para dois homens de pé recostados à parede escura perto da porta, ambos usando tops brancos e bermudas jeans iguais.

— Com licença! Os senhores viram um homem que acabou de entrar aqui, há cinco minutos? Cerca de trinta anos, louro, alto, muito musculoso?

— Bem que eu queria! — gritou um dos homens, e ambos riram. Havia outros homens agrupados em volta da porta, todos bebendo e se remexendo ao som da música, que prosseguia agora com Grace Jones cantando *I need a man*. Ela se aproximou desse segundo grupo, mas eles não tinham visto o homem. Tampouco os do terceiro grupo. O quarto perguntou-lhe se ela queria fazer uma farra com eles, e o quinto comentou que os seus óculos escuros eram tão Six Flags. Mas concordou, como Grace Jones, que ainda necessitava de um homem. Um homem louro em particular.

Olhou em volta, tudo o que lhe foi possível distinguir com alguma nitidez foi o *barman* ao lado da caixa registradora, iluminada por um único foco de halogênio.

Ele também usava um top branco com o logo da boate e estava preparando um coquetel brilhante com martíni no seu batedor. Ela abriu caminho através da multidão até o bar, que estava abarrotado, e finalmente conseguiu chamar a atenção do *barman*: — Estou tentando encontrar uma pessoa, um homem louro de camiseta. É muito importante.

— Já perguntou a um dos *Muscle Queens*? — sugeriu ele aos gritos e, diante do olhar de confusão de Anne, ele traduziu. — Seguranças.

— Não vi nenhum segurança. Perguntei ao porteiro.

— Então, tente o gerente, no escritório, lá nos fundos. Ele pode ajudar você.

O *barman* se afastou para atender os vociferantes fregueses e ela se mexeu vagarosamente, ladeando o bar. Contornou o salão de dança, e avistou um escritório, depois dos banheiros. Bateu na porta preta e riu, surpresa, no que foi aberta. O gerente estava trajado de Tio Sam, também, mas com uma barba elegante e uma cartola de cetim verdadeiro, além de uma cintilante jaqueta azul brilhante com lapela.

— Estou enciumada — disse Anne. — Você está de jaqueta.

— Não, eu é que estou enciumado! Você está com esses sapatos Blahniks. Lindos!

Anne achou graça.

— Mas os meus óculos escuros são tão Six Flags!

— Isso é o que dá toda graça a eles!

Anne retirou-os, sentindo-se razoavelmente segura com ele. O sujeito não iria reconhecê-la e certamente não iria querer lhe passar uma cantada.

— Posso incomodá-lo um minuto? — ela perguntou.

— Claro, entre.

Ele fez Anne entrar no escritório. Tinha um conjunto fone-microfone, tipo Madonna, pendurado no pescoço, pouco mais de 1,75m de altura, as costeletas cortadas rentes e estava ligeiramente acima do peso. Nota mental: *Evidentemente nem todos os gays malham — ponto para eles*.

— Qual é seu nome? — ele perguntou.

Epa!

— Sam?

— Que coincidência — disse ele sorrindo, e ela olhou rapidamente em volta. O escritório estava um tanto entulhado, tinha uma escrivaninha de metal cinzento e um arquivo, um computador com um monitor antigo, máquinas de somar, contadores de dinheiro e um cofre feito de uma liga de metal preto com um segredo prateado.

Faturas, correspondência e folhas de inventário empilhadas em cima da escrivaninha; um grande relógio com cartões de ponto em escaninhos, pendurado na porta. Era outra surpresa. Anne tinha esperado A gaiola das loucas e estava dentro da Cigna.

— Estou procurando alguém que entrou aqui há cerca de cinco ou dez minutos. — Ela gostou tanto do gerente que decidiu ser quase honesta com ele. — É perigoso, um assassino. Seu nome é Kevin Satorno e ele fugiu da prisão na Califórnia. Sei que a história parece coisa de maluco...

— De jeito nenhum, infelizmente. — O gerente não deu sequer uma piscadela. — Temos fregueses que são recém-saídos da prisão. Sob liberdade condicional, ex-condenados. Bares gays são ímãs para toda espécie de gente. É um problema para nós, e para a comunidade.

— Mesmo se o sujeito não for gay? Digo, acho que este homem não é gay.

— Adoro isso. Ninguém é gay neste mundo, mas, por algum mistério, nosso negócio aqui continua faturando. — O gerente soltou

uma gargalhada. — Os condenados que entram aqui, nem todos são gays, ninguém tem de ser gay para entrar. Entram aqui para trocar uns amassos, mas não pelo sexo. Quando saem da prisão, estão sem um tostão. Então, tentam arranjar alguém que lhes pague bebida, cigarros, uma cama quente para dormir. Ou algumas vezes arranjam um freguês, vão para casa com ele e o assaltam.

— Jura que isso acontece? — perguntou Anne, como uma verdadeira filadelfiana.

— Mas claro. É escuro aqui dentro e os tiras não aparecem para comer suas rosquinhas. Os meus funcionários sabem muito bem que não devem ficar espionando ninguém, todos nós sabemos disso. Muita gente ainda dentro do armário, sabe? Cada um na sua, contanto que gastem a grana.

O celular do gerente começou a tocar, pendurado no cinto, mas ele o ignorou. Havia pendurados no cinto além do porta-celular, um porta-óculos e um porta-walkie-talkie, todos de couro preto.

— Você tem certeza de que ele está aqui, no chá dançante?

Chá dançante? Anne não tinha visto nenhum chá no chá dançante, a não ser que todo aquele martíni tivesse outro nome.

— Estou, sim. Dúvida nenhuma. Uma mulher lá fora o viu entrar.

— Como ele é, esse sujeito que você procura?

Anne queria ter à mão um dos seus panfletos vermelhos, mas não esperara avistar Kevin. Fez uma descrição rápida, e os olhos do gerente se arregalaram, alarmados.

— Espere um momento — exclamou. — Cabelo louro-claro, quase platinado? Cortado curto, quase raspado?

— Isso mesmo — respondeu Anne, animando-se. — O senhor o viu?

— Não, mas ouvi falar dele. Um amigo meu é gerente no Eagle, e ele me contou que um cretino deu uma surra num de seus fregueses, ontem à noite. Quebrou o nariz do cara.

O coração de Anne baqueou. Ontem à noite. A noite em que Willa foi assassinada.

— A que horas? O que aconteceu?

— Foi depois da meia-noite, esse tal cara bonitão, louro, entrou no bar. Todo mundo notou porque era uma cara nova. Uma *queen*

mandou-lhe alguns drinques porque é chegado a louros, mas quando foi para cima dele, o louro teve um ataque. Chamou de bicha e lhe deu um murro na cara.

— Meu Deus! — Anne sentiu um aperto no peito. Será que era Kevin? E apenas uma hora depois de ter cometido o assassinato? Ainda devia estar totalmente transtornado. Violento. — Mas, chamaram a polícia? Deram queixa?

— Não. Expulsaram o cara, cuidaram da *queen* e fim de papo.

— Oh, não! Por que não ligaram para o 911? Um freguês deles foi agredido.

— Não sei de nenhum bar que proceda assim. Nós aqui não fazemos isso, pode estar certa. Queremos os tiras longe. Nós mesmos somos a polícia aqui dentro. Especialmente neste fim de semana. Feriados são ouro puro neste negócio. Pagamos nosso aluguel com este chá dançante, depois fechamos, limpamos e reabrimos novamente à noite. Espere um instante!

O gerente atravessou o escritório, indo até uma estante com equipamentos eletrônicos que Anne ainda não tinha observado; um videocassete, outra caixa preta e um pequeno monitor de TV, preto e branco. Era um sistema de segurança!

Suas esperanças aumentaram.

— Vocês têm câmeras de segurança aqui?

— Claro que sim! Olha só os tempos que vivemos. Isto aqui é um multiplexer. Temos três câmeras no bar e uma na porta.

— Nem posso acreditar!

Anne se aproximou do monitor. A tela da TV era dividida em quatro janelas, com hora e data estampadas sobre a parte superior direita. O quarteto de imagens era cinzento e escuro, mas ela pôde ver que a janela inferior direita estava focalizada na porta da frente. A porta da frente seguia abrindo e fechando sem parar, homens entravam aos borbotões na boate. Era difícil dizer qual era, de fato, a cor de seus cabelos e roupas, mas as feições dos homens, apesar da imagem granulosa, eram discerníveis.

— E você tem uma fita gravando?

— Essa é a jogada! Você disse que faz uns cinco, dez minutos que o tal cara entrou aqui? — O gerente apertou o botão do VCR para rebobinar, e os homens na tela do monitor começaram a voar

para fora da porta da frente do bar. A hora marcada no topo do canto direito corria para trás.

— Aqui vamos nós.

Anne cravou os olhos em silêncio nervoso quando a fita parou de rebobinar e começou a rodar, A porta da frente ficou abrindo e fechando, os homens entrando. Não havia som, mas eles estavam, obviamente, rindo e conversando. Havia grupos grandes e pequenos.

— Ele estava usando uma camiseta branca.

— Querida, ele e metade dos homens aqui dentro. Observe a tela e diga se consegue vê-lo.

Anne mordeu o lábio enquanto um grupo de homens, vestidos uns de camiseta, outros de top, entravam. Subitamente, quatro caras apareceram, juntos, e logo atrás um quinto, o cabelo formava um borrão claro na imagem granulada. Anne sentiu o coração saltar. Era Kevin!

— Ali! É ele!

— Espere um minuto.

O gerente apertou o botão pause, e a imagem congelou na tela.

— Qual deles?

Meu Deus. Ele está aqui. Anne se viu apontando-o. Um dos rostos granulados na tela era nitidamente o de Kevin. Ela o havia encontrado. Ficou sem fala durante um minuto, enquanto o gerente recolocava o filme para rodar em câmera lenta, detendo-o na melhor tomada de Kevin.

— É ele, de camiseta de Joe Camel?

— É! — Anne olhou mais fixamente para a tela. Ela não tinha reparado antes porque não tinha visto o peito de Kevin, mas a camiseta tinha um pequeno desenho de Joe Camel no bolso do peito. — É ele!

— Acho que ele deve estar rondando por aí, procurando um lugar para se esconder. Mas nem por um diabo vou deixar que ele machuque algum freguês.

O gerente já estava estendendo a mão para alcançar seu walkie talkie, retirando-o do coldre. Apertou *Talk* no aparelho e fez uma perfeita descrição de Kevin com a camiseta de Joe Camel.

— Escutou direito, Mike? Julio? Barry? Me chamem assim que o pegarem. Ótimo. Fim.

— Vamos pegá-lo. — Anne já estava se dirigindo para a porta, quando o gerente franziu a testa.

— Não, vamos ficar aqui. Meus seguranças vão pegá-lo.

— Não vi nenhum segurança lá fora.

— Mas eles estão lá, e sabem o que estão fazendo. São treinados para enfrentar situações como essa.

Claro que são, o que a idiota aqui poderia fazer lá fora? Vou ficar aqui e esperar. Mais nada! Vou, sim, sem dúvida.

Anne agarrou sua cartola, abriu a porta e zarpou como uma flecha, deixando o espantado gerente para trás.

— Espere! O que pensa que está fazendo? — ele berrou às suas costas. — Não posso deixar você xeretando pelo bar. Vai ferrar meu chá dançante!



Anne deu-se conta de estar mergulhando no escuro novamente, mas dessa vez o gerente a alcançou e agarrou a sua mão, menos amigavelmente do que havia procedido até então. Os dois Tio Sam lutaram um com o outro até que ele desistiu, evidentemente não querendo provocar um escândalo. No começo ele saiu procurando junto com ela, ambos movimentando-se rapidamente e com perícia através da multidão, examinando todo mundo, enquanto ele falava através do seu fone-microfone à la Madonna, preso com uma alça à aba da sua cartola.

Anne não viu Kevin: interior da boate tinha mudado. Homens se apinhavam no espaço de dança, mas não estavam dançando, eles aplaudiam um show que se realizava no palco elevado. Ela olhava atenta, CONCURSO DAS MELHORES BUNDAS, lia-se num cartaz num cavalete, e uma fila de homens semidespidos no palco exibia-se com as costas viradas para a plateia. Estavam apenas com as suas roupas de baixo. Os apresentadores eram um sujeito vestido com

uma roupa feita de retalhos de listras de tigre, *stars-and-stripes*, listras de zebra, e uma *drag queen* com lantejoulas vermelhas. Ela bateu seu microfone numa bunda com cueca de leopardo e gritou:

— Palmas para a Número 1!

Foi o que bastou para a multidão ir à loucura.

O gerente e Anne procuraram Kevin, examinando cada rosto, muitos deles virados para o palco. Os seguranças com camisetas pretas com um APOIO estampado em branco na frente percorriam a massa de gente e o gerente conversava com o seu *headset*.

— Agora, palmas para a Número 2! — berrou a *drag queen*, e os aplausos intensificaram-se. As estrelas-e-listras sobrepujaram o de listras de tigre. Era uma turba patriótica. Pena que não pudessem entrar para o exército. Mas onde estava Kevin?

Subitamente, o gerente parou, levando os dedos ao fone de ouvido, depois se virou para Anne.

— Vamos para a porta da frente.

— Ele foi apanhado? — Anne perguntou, o coração pulando, mas o gerente agarrou rapidamente a sua mão e conduziu-a através da multidão para a porta da frente. O porteiro com quem ela falara antes estava parado lá e o gerente gesticulou para ele.

— Você o viu? — gritou para o porteiro.

— Joe Camel? Acho que sim. Já disse ao Julio, acho que me lembro dele saindo há uns cinco minutos.

— Você acha? Viu ou não viu?

— Vi, vi... Eu vi o cara.

— Nunca mais deixe esse cara entrar aqui, e toda vez que ele aparecer na porta, entre em contato comigo imediatamente. Mas não o deixe entrar. — O gerente voltou-se para Anne. — Bem, ele já saiu. Sinto muito — disse, mas ela já estava balançando a cabeça.

— Mas o porteiro não tem certeza. Talvez ele esteja enganado. Falei com ele antes, e ele disse que não tinha visto nenhum homem louro entrar, e sabemos que não é verdade.

— Isso foi antes de eu ouvir falar de camiseta de Joe Camel — o porteiro gritou, defendendo-se, mas o gerente colocou uma mão pesada sobre o ombro de Anne.

— Querida, ele é o meu porteiro, e sabe o que está fazendo. Não.

— Por que não voltamos ao seu escritório e checamos o tape? Isso pode nos dar a certeza de que Kevin saiu daqui.

— Não, não daria. Pelo jeito, ele saiu do bar enquanto estávamos assistindo à fita com ele entrando, e o aparelho não grava enquanto está passando o tape. Acho que já está na hora de você ir embora.

O gerente escoltou Anne até a porta e abriu-a, justo no momento em que a música começou a tocar uma versão gay de *The party's over*.

Ela já ia protestar, mas escutou o seu celular tocar e deu-se conta de que já se encontrava fora da boate, piscando contra a claridade do sol na calçada. Pegou do bolso o seu celular e abriu-o. Não conseguiu ler os números azuis sob a luz do sol.

— Alô? — disse ao telefone.

— Anne, Anne! — Era Judy. — Onde você está? Hein?

— Estou fora!

— Do armário? Anne, espere. — Houve silêncio no telefone, depois uma nova voz surgiu.

— Murphy! Murphy! ONDE DIABOS VOCÊ SE METEU?

Bennie Rosato, sua *Muscle Queen* particular. O que ia fazer? Anne não respondeu, mas Bennie nem pareceu notar.

— Murphy! Não quero você aí na rua! Não posso acreditar que você e Carrier fizeram estes panfletos! Perderam o juízo? Venha para o escritório, imediatamente! Entre pela porta traseira. AGORA!

Droga!

Anne não conseguia se convencer a desistir de perseguir Kevin, e não podia dizer não para Bennie. Então, teve uma ideia.

11

Quinze minutos mais tarde, um Mustang de um vermelho berrante estacionava em local proibido, na frente de uma insuspeita boate gay. O carro conduzia quatro mulheres numa campana feminina: Bennie no volante, Judy, no assento do carona, e Mary no assento de trás junto com Anne. Bennie havia guiado o carro até ali, mas se atrasara porque o Mustang estava sem gasolina e tiveram de parar para reabastecer. O bar estava fechando as suas portas, e o chá dançante tinha terminado sem sinal de Kevin.

Anne já havia contado tudo para Bennie e as outras, mas não poderia ir embora sem ter certeza de que Kevin de fato não estava mais ali dentro.

— Acho que não vou despedir você ainda, Murphy — disse Bennie, sentada. Um panfleto vermelho achava-se amassado sobre o painel de instrumentos, presumivelmente onde ela o tinha jogado. — Nem você, Carrier. Isso ia ser moleza demais. Seria pena de morte em vez de prisão perpétua, e sou filosoficamente contra isso. Estão entendendo meu ponto de vista, garotas?

— Você quer nos ver sofrer? — aventurou Anne.

— Exatamente. Você, em particular.

Anne conservava os olhos fixados na entrada da boate. Judy e Mary, também. A porta preta da entrada tinha sido mantida aberta, e os homens estavam saindo em manada.

Alguns dispersavam-se rua abaixo, outros chamavam táxis, mas a maioria deixava-se ficar, rindo, batendo papo e fumando em grupos pequenos na calçada, aproveitando a sombra projetada pelos edifícios. Já deviam ter visto uns duzentos homens saindo, e Anne nunca teria imaginado que todos eles poderiam caber lá dentro. A boate era uma verdadeira lata de sardinhas de gays. Bennie continuou:

— Há apenas uma regra na Rosato && Associados, que é a seguinte: eu sou a patroa. Sou Bennie Rosato. Sou a dona da Rosato & Associados. Percebem? O nome da firma não é esse por acaso.

Anne assentiu com a cabeça novamente. Nada de Kevin. Droga!

— Murphy, tentei lhe explicar que sou responsável pelos seus atos, e disto subentende-se que nada acontece no meu escritório de advocacia sem o meu consentimento.

Nenhum funcionário meu comete nenhuma insanidade sem acertar tudo comigo antes. Para isso é que pago salários e contas, incluindo, embora não apenas, aluguel, luz, água, pastas de arquivo, canetas Pilot e pó de café fresco.

As esperanças de Anne estavam se desvanecendo. As calçadas estavam repletas de peitos nus, tops brancos e shortinhos curtos, mas a camiseta de Joe Camel de Kevin não estava à vista.

— Eu estava tentando falar com o detetive Rafferty quando soube que a minha mais nova sócia estava numa boate gay fantasiada de Tio Sam, tentando encontrar um assassino psicótico. Imagine a minha surpresa com a notícia. — Bennie fez uma pausa. — Não apenas você era para estar tentando descobrir alguma coisa sobre Willa Hansen, como era para estar morta. Isto me leva a acreditar que você não entendeu direito o sentido central da minha mais recente preleção. Como já lhe disse uma vez, Murphy, fui uma das pessoas que identificaram o seu corpo. — A voz de Bennie falhou abruptamente, e o súbito silêncio prendeu a atenção de todos.

Anne checou Bennie pelo espelho retrovisor, e os olhos dela faiscavam de dor. Judy deu uma olhada também, e Mary inclinou a cabeça. Bennie pigarreou para limpar a garganta.

— Os detalhes físicos não são o que mais importa. Em primeiro lugar, aquilo que vi, o que todas nós vimos, dentro de uma gaveta fria de aço inoxidável, demonstra do que Kevin Satorno é capaz, se foi ele quem fez isto. Ele não apenas queria matar você, Murphy. Ele queria destruí-la. Ele alvejou exatamente o seu rosto bonito e mandou-o para o inferno. Se lhe for dada uma oportunidade, ele tentará outra vez.

Anne engoliu em seco. A voz de Bennie soava como se estivesse preocupando-se com ela. Como se gostasse dela. Era uma novidade.

— Sinto muito. De verdade! — disse, com toda sinceridade.

— Ótimo. — Bennie consultou o relógio, e Anne e Judy voltaram a sua atenção para a boate. Depois de um minuto, contudo, Anne observou que Mary não tinha erguido a cabeça e fez algo que nunca tinha feito com outra mulher... esticou o braço e segurou a mão dela. Justo nesse momento, uma cartola familiar surgiu na porta da frente do bar, tagarelando com um grupo de convivas.

— Aquele ali é o gerente — Anne disse, olhando atentamente. O gerente estava retirando um enorme chaveiro de sua calça de cetim azul e enxotando todos do caminho.

Hora de fechar, pelo menos até à noite. Depois, ele voltou para o interior da boate, presumivelmente para trancar a porta da frente pelo lado de dentro.

Maldição!

— Talvez Kevin esteja escondido lá dentro — disse Anne, mas nem mesmo ela acreditava nessa hipótese. Seus olhos encontraram-se com os de Judy, e ela olhava quase igualmente desapontada. Anne passara a se sentir melhor em relação a ela, depois dos panfletos vermelhos. Quase.

— Tenho certeza de que eles mandaram todo mundo embora antes de fecharem — disse Judy. — Assim, se ele ainda estava lá, já deve ter dado o fora. Creio que o perdemos, Anne. Pelo menos por enquanto.

Mary levantou um pequeno punho manicurado.

— Não desista! A gente ainda vai pegá-lo. Ele vai sofrer a vingança das garotas!

Bennie fez um gesto para suas sócias ficarem em silêncio. Abriu o seu telefone celular e fez uma chamada.

— O detetive Rafferty ainda está aí? — perguntou.

No entanto, o pensamento de Anne já tinha ido mais adiante. Mary havia sugerido algo, quando elas todas se encontraram mais cedo, no escritório. Anne começaria a trabalhar nela tão logo voltasse para a firma de advocacia.

Ela mal podia esperar.



Bennie e Judy foram encontrar os detetives numa sala de conferência, onde lhes transmitiram uma reconstituição detalhada do aparecimento de Kevin na boate gay. Mary dirigiu-se para a vizinhança de Anne, à procura de testemunhas do que acontecera na noite anterior. Anne ficou sentada em sua escrivaninha com Mel, dando o último dos seus telefonemas para o acerto do plano B. Deu algum trabalho, mas ela tinha toda certeza de que desta vez conseguiria agarrar Kevin, especialmente agora que sabia que ele se encontrava por perto. Ela teria de contar às outras sobre o plano, até mesmo para Bennie, porque iria precisar da ajuda delas. E estava tentando agir honestamente com elas, desta vez.

O ambiente estava silencioso exceto pelo *shh-chunk* da impressora do lado de fora do escritório de Anne, cuspindo cópias como parte das providências do Plano B. O olhar de Anne extraviou-se para a janela do seu escritório, e o vidro fumé refletia a sua última encarnação. Ela não podia continuar circulando por aí para sempre como Tio Sam, então resolveu cortar o cabelo bem curto e tingi-lo com Rich Sable, Essências Herbal 67. O prospecto da embalagem prometia um “castanho escuro e profundo”, mas Anne não se apreciava como morena. Fazia com que se preocupasse sobre seu orçamento.

Mel sentou-se ereto numa pilha de depoimentos e Anne acariciou-lhe os fios de barba da bochecha. Os olhos verdes do felino alongavam-se a cada carícia, transformando-o no Gato Chinês politicamente incorreto. Era um dos favoritos de Anne. Ela se sentiu suavemente refrescada, depois do banho de chuveiro no escritório e de ter-se trocado, vestindo roupas limpas tiradas do armário de roupas de reserva da firma; uma saia caqui da Banana Republic e uma camiseta branca onde se lia EU FAÇO GAROTOS CHORAREM. Ela continuou calçando seus Blahniks, mas não passou

batom, cedendo à pressão das colegas, agora que tinha colegas. Nota mental: *O progresso tem seu lado negativo*.

Agora que o plano B estava quase pronto para entrar em ação, Anne decidiu tentar encontrar os membros da família de Willa para notificá-los. Mas por onde começar?

Ela tomou um último gole de café frio e entrou na whitepages.com, um catálogo telefônico on-line. Digitou “Willa Hansen” e “Filadélfia”, para a cidade, mas a resposta foi: “Sinto muito, nenhuma pessoa combina número de telefone e o parâmetro de busca que você digitou.”

Humm. Isto significava que o nome de Willa não se encontrava na lista. Anne sentiu a sua antiga energia voltando. Não faria sentido procurar pelo sobrenome Hansen, já que ela ignorava onde morava a família de Willa. Então, lhe ocorreu outra ideia. Pegou o telefone e discou para a academia de ginástica. Um homem jovem atendeu, e Anne arriscou a voz de boboca que ela costumava usar nas suas solicitações: — Oi, sou Jenny, a nova massagista do spa. Sou eu que atendo os clientes em domicílio, sabe?

— Jenny? Já ouvi falar de você. Aqui é o Marc. Quer me atender em domicílio hoje?

— Rá! — Anne forçou uma risadinha. — Oi, Marc. Estou ligando porque estou indo para a casa de uma cliente, mas acontece que perdi o papel com o telefone e endereço dela. O nome é Willa Hansen. Você pode ver isso para mim?

— Mas claro. — Barulho de teclas sendo digitadas no outro lado da linha. — Willa Hansen mora na Keeley Street, 2.689. O telefone não consta da listagem, mas ela pôs o número do apartamento. Você quer?

— Por favor. — Ele leu o número, Anne anotou. O endereço era do outro lado da cidade, perto da Fitler Square. Ela somente conhecia o lugar porque costumava cortar o cabelo ali perto, quando não o fazia ela própria. — Você tem qualquer outra informação sobre ela no computador? Qualquer coisa no seu perfil de sócia da academia que possa me ajudar? Preciso ter alguma base do perfil da cliente.

— Deixe ver. — Novo barulho de teclas. — Pouca coisa, Jenny. Na ficha consta que é nossa cliente há dois anos, mas nunca

frequentou nem *spinning*, nem ioga, nem as classes de cárdio. Ela não preencheu os dados do perfil de sócia. E se declarou “solteira” na ficha, mas não se inscreveu em nenhuma das *singles nights*. Não parece nada sociável.

— Não mesmo. — Anne não pôde evitar de achar graça da ironia. Este podia ser o seu próprio perfil de sócia. —Alguma coisa mais? Qualquer coisa?

— Deixe-me ver, ela mora em casa alugada e é autônoma. Não preencheu o espaço destinado à renda anual, mas é um dado opcional. Paga com atraso as mensalidades. Estou olhando o retrato dela, temos na ficha, mas não me recordo dela, não mesmo, e já estou trabalhando aqui há três anos.

— Ótimo. Preciso ir.

— Escute, Jenny, estou dando uma festa na segunda à noite para ver os fogos de artifício. Se você...

— Obrigada, mas não posso. — Anne desligou, pensando. Keeley Street, 2.689. Tinha de ir até lá. No apartamento, deveria haver alguma coisa sobre a família de Willa e de como entrar em contato com eles. Iria contar para Bennie logo que voltasse. Isso faria Bennie se sentir melhor, embora estivesse justamente tendo o efeito contrário sobre Anne. Ela fora a causadora da morte de Willa.

O gato miou em protesto, bem alto. Ele estava passeando bem em cima dos depoimentos do caso Chipster, perturbando Anne. Ela precisava memorizar os depoimentos para o julgamento. Podia fazer-lhe bem trabalhar no caso e afastar o pensamento de Willa por enquanto, ou de Kevin.

Ela afugentou Mel de cima do depoimento da queixosa, Beth Dietz. Visualizou Beth, então, uma pessoa reservada, com um ar superior de engenheira, a despeito do seu sorriso meloso, roupas hippie e meias irritantemente surradas. Beth era esperta o bastante para inventar todo aquele caso, assim como seu marido. As cortes tinham se tornado a versão da vida real do programa *Quem quer ficar milionário?* E a resposta final era: *todo mundo*.

Anne começou a ler:

P: (Da srta. Murphy) Sra. Dietz, a senhora alega, na sua queixa que Gil Martin forçou-a a fazer sexo com ele, durante uma reunião realizada em 18 de setembro do ano passado. Poderia, por favor, relatar tudo o que aconteceu naquele encontro?

B: (Queixosa) Bem, entrei no escritório dele por volta das 8:15 daquela noite. Era uma sexta-feira, e ele me convidou para sentar no sofá que fica encostado à parede.

Achei aquilo meio estranho, porque o laptop dele estava em cima da escrivaninha e a gente não pode trabalhar num aplicativo da, Internet sem um computador.

P: Entendo. O que aconteceu?

B: Eu me sentei e imediatamente ele pôs a mão na minha cintura.

Perto dos meus seios.

P: Mas o quanto ele chegou perto dos seus seios?

B: Mais ou menos uns oito centímetros abaixo deles. Ha minha cintura. Depois ele deslizou a mão para cima, sobre minha blusa, e colocou-a sobre o meu seio. Eu me afastei e tirei fora a mão dele, eu a empurrei.

Anne sabia que nada daquilo era verdade. Por nada deste mundo, Gil Martin ia se enroscar num sofá com uma programadora, com sua diretoria na sala ao lado e estando em jogo uma abertura de capital que traria 55 milhões de dólares para a empresa. Anne conhecia Gil desde a faculdade de direito, e ele sempre se mostrara um sujeito focado nos objetivos de grande alcance.

Era bonito, espirituoso, com uma mente brilhante para questões legais, e também uma mente bastante pragmática. Não foi surpresa que abandonasse a faculdade logo no primeiro ano, nem que houvesse fundado a Chipster, transformando-a numa das empresas de ponta em aplicativos para a Internet. Nesse meio tempo, havia se casado com Jamie, sua namorada desde a faculdade. Nesse duelo de credibilidades que constituía a essência do caso *Dietz v. Chipster*, Anne sabia que Gil Martin estava dizendo a verdade. E iria prová-lo nessa terça-feira. Ela prosseguiu:

P: Há alguma outra coisa que ele tenha lhe dito, ou já me contou tudo?

B: Ele disse que pensava em mim o tempo todo. Disse que queria que eu fizesse amor com ele e que eu tinha de aceitar. Disse que eu tinha de aceitar porque ele era o patrão.

P: Foi exatamente isso o que ele disse?

B: Exatamente. Eu sou o patrão.

Patrão? Anne ficou refletindo sobre aquela palavra. Não conseguia imaginar Gil dizendo aquilo. Era tão fora de moda, ela não conhecia ninguém que a usasse. Então, lembrou. Quando estavam no Mustang, fazendo campanha contra Kevin, Bennie dissera: “Eu sou a patroa.” Era uma coisa que pessoas com quarenta anos dizem. Mas não alguém na casa dos vinte anos. Será que isso teria algum significado? Fosse qual fosse? E poderia ajudá-la? Ela voltou ao depoimento.

P: E o que aconteceu em seguida?

B: Ele me forçou a fazer sexo.

P: Ali mesmo, no sofá, em seu escritório?

(O sr. Dietz levantou-se.) Chega! Ela já respondeu a essa pergunta, senhorita! Por que fica insistindo em fazer minha mulher repetir isso toda hora?

(Da srta. Murphy): Matt, por favor, faça o sr. Dietz sentar-se e permanecer em silêncio durante o depoimento.

(Do sr. Booker): Sr. Dietz, por favor sente-se. Por favor.

Sr. Dietz: Isto é um absurdo! Ele a estuprou! Ele a obrigou a foder com ele para não perder o emprego., Não tem como dizer isso mais claro. O que você quer? Que ela soletre palavra por palavra?

(Do sr. Booker): Bill, por favor!

Sr. Dietz: Ela adora essa sujeirada! Ela quer saber de todos os detalhes podres, só para ficar rindo depois. Ela e aquele

escroto do Martin!

Queixosa: Bill, por favor, está tudo bem. Eu estou bem.

Anne leu o trecho novamente, visualizando a maneira como Bill Dietz subitamente mudara de um hippie para um psicopata, se pondo aos berros na silenciosa sala de reuniões. A fonte de caracteres Courier, tão apropriada para assuntos comerciais, quase entalhada no papel da espessura de uma casca de cebola, nunca poderia transmitir o clima do momento quando ele pulou de pé, enfurecido, empinando seus mais de 1,80m de altura junto à mesa de reuniões, e apontou o dedo, praticamente fincando-o na cara de Anne. Naquele instante, ela achara a cena quase cômica. Por que a incomodava tanto, agora?

Claro. Kevin.

Anne estava vendo Bill Dietz, com seu rabo-de-cavalo, sob um novo olhar. Agora, enxergava homens agressivos em todos os lados. Assim, ela pôs de lado o depoimento e vasculhou a pasta sanfonada à procura do depoimento de Dietz. Ela tinha tomado seu depoimento ao longo de um dia inteiro, por conta de sua queixa por dano à relação conjugal, o que significava que ele estava processando a Chipster.com, com uma queixa de injunção correlata, por danos ao seu casamento e por sexo durante o casamento.

Dietz permanecera calmo o tempo todo, respondendo até mesmo às perguntas mais íntimas com toda frieza. Ela abriu o depoimento dele, só para checar:

P: (da srta. Murphy) Onde você está trabalhando agora?

B: Estou trabalhando na Chipster.com, uma companhia de aplicativos na Web.

P: Em que atividade?

B: Escrevo códigos para vários aplicativos da Web. Especializei-me em Cold Fusion, uma linguagem de computadores.

P: Há quanto tempo está trabalhando para a Chipster?

B: Há cinco anos, desde o começo da empresa. Éramos um punhado de programadores, quando Gil Martin iniciou a companhia. Eu era um deles, uns seis caras na garagem dele.

P: E nessa condição — estou pulando adiante aqui — Você recebeu um certo número de opções para compra de ações, como parte da sua remuneração?

B: Não. Não recebi.

P: Algum dos outros programadores recebeu essas opções?

E: Três deles receberam. Na verdade, os programadores que Gil conhecia desde os tempos de faculdade. Ele tem essa tendência de proteger seus conhecidos. Eu não o conhecia naquela época, e um outro sujeito que trabalhava lá também não. Assim ficamos de fora.

Anne não gostou da impressão que isso lhe causou. Era como se Dietz estivesse ressentido, mas não percebera isso na hora, quando ele contara o episódio simplesmente como se constatasse um fato. No entanto, tinha de haver algum ressentimento ali; aquelas opções de compra de ações tornariam os fundadores da empresa milionários, quando a Chipster entrasse na bolsa. Mas isso tinha alguma importância no caso? Tinha alguma coisa a ver com aquela farsa de assédio sexual? Teria sido a motivação de Dietz? Anne não tinha se fixado sobre Dietz anteriormente porque sua queixa era derivativa, besteira pura, para falar com franqueza. Ela conseguira o arquivamento da queixa sob a Lei do Terceiro Circuito, mas tomara o depoimento dele antes do arquivamento, usando sua prerrogativa de ter acesso a todas as evidências. Ela passou as páginas do depoimento de Dietz, até chegar ao teor principal de sua queixa:

P: (da srta. Murphy) Agora, sr. Dietz, o senhor alega que por causa do abuso sexual sofrido por sua esposa, Beth, o senhor e ela experimentaram certas dificuldades com a relação íntima do casal, certo?

B: Certo.

P: Quando isso começou?

B: Quando o assédio começou. Em 15 de setembro.

P: E por quanto tempo isso durou?

B: Bem, estamos nos recuperando, agora. Os efeitos do assédio sexual são semelhantes aos do estupro. Leva tempo para a vítima se refazer e voltar a confiar em homens.

A Beth se sente culpada pelo que aconteceu. Não devia, mas se sente.

P: E quais eram exatamente as dificuldades que afetaram o seu casamento, motivadas pelo alegado assédio sexual?

B: Beth começou a me evitar. Ela ficou arredia e deprimida. Dormia mal, perdeu peso. Passava mais tempo no computador, ligada na Internet, quatro a seis horas à noite e nos fins de semana. Participava de chats, representava papéis nos chats, ou ficava brincando com joguinhos na Internet. Só besteiras.

P: Especificamente, de que modo foi que o alegado assédio afetou sua vida sexual?

B: Ela se tornou desinteressada em sexo, e a frequência das nossas relações sexuais caiu de uma vez por semana para menos do que isso durante um mês. Tornou-se insatisfatória. Para ambos.

Anne leu o restante do depoimento, que no entanto não lhe acrescentou mais nada sobre Bill Dietz. Mas, isso não era tudo que tinha sobre ele. Ela o intimara a interrogatórios e para uma declaração documentada, rotina em casos de problemas legais no trabalho. Anne pegou a pasta onde estavam esses papéis, abriu-a e passou os olhos nas respostas que Dietz dera durante os interrogatórios. As perguntas iniciais não lhe chamaram a atenção, e seu olhar foi atraído imediatamente pela terceira pergunta.

O SENHOR JÁ FOI CONDENADO POR ALGUM CRIME? NÃO.

A veracidade das respostas foi atestada pela assinatura de Dietz na página seguinte, mas ele não seria a primeira pessoa a

mentir num depoimento. Era óbvio que perdera o controle durante a sessão de perguntas, e de modo quase violento. Mas será que isso já acontecera outras vezes? O instinto de Anne dizia-lhe que sim, e ela deixou o interrogatório de lado, foi para o seu computador, conectou-se na Internet, clicando em um dos vários websites de pesquisa. Na tela pipocou um *banner*:

Cheque os registros da justiça relativos a penhora, finanças e condenações criminais!

Ela digitou o nome "William Dietz". Não levou dois segundos para conseguir uma resposta: Sua pesquisa revelou *3680 pessoas chamadas William Dietz com condenações criminais*.

Anne não ficou surpresa. Era um nome comum. Ela não podia acessar um por um, ou demoraria até terça-feira. Estreitou a pesquisa geograficamente, para a Pensilvânia.

Pelo que sabia, Bill Dietz morara no estado nos últimos anos. Trabalhava para a Chipster havia pelo menos cinco anos.

Sua pesquisa revelou 427 pessoas chamadas William Dietz com condenações criminais.

Uau!

Anne consultou o seu relógio. Estava ficando tarde. Além do mais, o que estava querendo? Tinha tanta coisa para fazer e isto era sem dúvida uma digressão. Ela nem sequer sabia por que estava pesquisando esse ponto. E daí se Dietz fosse violento? E daí se tivesse ficha criminal? E daí se apenas estivesse fingindo ser um sensível homem com rabo-de-cavalo? No entanto, Anne teve um lampejo repentino da cena do depoimento, a fúria nos olhos de Dietz. Ela moveu o cursor para as cinco primeiras entradas ativas em azul e clicou.

Oitenta e duas entradas mais tarde, Bill Dietz ainda não tinha sido condenado. Anne esfregou os olhos. Que estupidez. Não estava chegando a lugar nenhum. Ela consultou o relógio: 6h05. Será que Bennie estaria conversando com os tiras? Por que estava demorando tanto? Anne espreguiçou-se, tensa e frustrada. Estava quase desistindo, quando a porta do seu escritório escancarou-se ruidosamente.

Bennie enfiou a cabeça na abertura da porta, sua testa franzida, angustiada.

— Você é aguardada na sala de reuniões D. *Agora*.

— Os tiras. Algum problema?

— Não, os tiras estão na C. — Bennie enfiou-se furtivamente dentro da sala e fechou a porta atrás dela com ar conspirativo. — O que é pior do que os tiras?

— Cabelos pintados de castanho.

— Pense em dinheiro.

— Minha conta do cartão de crédito.

— Pense como uma advogada, não como uma mulher — disse Bennie, mas Anne já estava em pé.

12

— O que está acontecendo?

— Gil Martin está aqui — respondeu Bennie. — Carrier está lá dentro com ele.

— O quê? Gil? Aqui? Por quê?

— Acontece que, já que você foi assassinada, ele tem tido dúvidas quanto a eu ser qualificada para defender Chipster. Ele veio aqui para nos demitir.

Anne quase achou graça. Ela tinha levado a julgamento uns dez casos, contra os mil de Bennie. E os dela foram todos em Los Angeles, onde até mesmo O.J. havia se livrado das acusações.

— Então, o que foi que você lhe disse?

— Que ele não devia se preocupar, que eu já estava preparada. Que funcionamos como uma equipe, uma família.

— Uma equipe familiar nunca funciona — disse Anne sem pensar, e Bennie deu uma piscadela ofendida.

— Não funciona?

— Toda companhia diz que é uma família. Nunca é verdade.

— É verdade para mim. Estou falando sério.

— Bem, acredito em você, mas eles não. E as outras pessoas também não.

Bennie ainda parecia magoada.

— Certo, depende de quem diz isso... — concedeu Anne.

— Bem, seja como for, nosso garoto não está convencido. Estamos ferradas. Ele já entrou em contato com a Crawford, Wilson & Ryan. Gil conhece o pessoal de lá, e ele também está de olho na Ballard, Spahr. Firmas de primeira linha. Aposto que, enquanto estamos aqui papeando, eles já estão checando se não há problemas éticos envolvidos. E nós duas sabemos o que vão concluir.

— O que acha que devo fazer?

— Ele é seu cliente, quem decide é você — respondeu Bennie sem rancor. — O que quer fazer?

— Se não estou querendo que nem mesmo você defenda este caso, acha que vou perder o cliente para alguém que sequer é da família? Anne sorriu, Bennie também. — Sem vacilações. Vou contar a ele que estou viva. Faço-o jurar guardar segredo. Quero segurar nosso cliente.

— Entendo, mas não tenho interesse em matar você para manter um cliente. Mesmo que não tenha sido Kevin quem matou Willa, sabemos agora que ele está por perto. Você confia que Gil vá manter segredo, sabendo que você está viva?

— Confio, sim.

— Certo, mas eu vou na frente, para manter os tiras na C. — Bennie abriu um pouco a porta e examinou o corredor. — O seu cliente está na D.

— Obrigada. A propósito, consegui o endereço de Willa.

— Bom trabalho. — Bennie saiu discretamente e Anne esperou um minuto, depois saiu e desceu correndo o corredor. Ela passou zunindo pelo bebedouro, pelas aquarelas da fachada vitoriana da Prefeitura, e pela sequência infindável de remadores, que agora pareciam, todos, sujeitos magricelas em botes a remo usando camisetas surradas. Finalmente, chegou à sala de reuniões D, abriu a porta e deslizou para dentro apressadamente, fechando a porta atrás de si.

Gil estava de pé com Judy, muito bem vestido num blazer azulmarinho, calças caqui bem vincadas e mocassins Gucci. Suas bochechas infantis estavam ligeiramente bronzeadas, ainda que fossem visíveis os sinais de tensão da abertura do capital da empresa.

— Olá, Gil. Sou eu, Anne — disse, encarando-o. Não queria brincar com as emoções dele, que, por um momento, pareceu não reconhecê-la. A testa franziu-se, seus olhos azul-esverdeados, sempre muito vivos, estavam confusos. Num gesto inadvertido, sua mão correu pelos seus cabelos castanhos brilhosos, que se assentaram elegantemente de volta, logo a seguir. Anne tratou de abrir um sorriso encorajador. — Sou eu. De verdade, Gil. Não estou morta. Estou viva. Foi um engano.

Gil pareceu se forçar a rir, mas não conseguiu mais do que um soluço.

— Que brincadeira é essa?

— Talvez fosse melhor você se sentar. — Anne apontou uma cadeira moderna de encosto alto no outro lado da mesa, mas Gil já estava afundando nela, com seu 1,80m de altura, lentamente balançando dos joelhos para cima, como uma casa implodindo a partir de suas fundações. Ele não conseguia desviar os olhos do rosto de Anne, e ela percebeu que teria de fazê-lo recompor-se. — Gil, sinto muito, foi tudo um mal-entendido. Eu explico... Não fui assassinada na noite passada, foi outra mulher. Não eu.

Gil olhou indeciso, o sorriso cauteloso.

— Você é mesmo Anne Murphy? Então me diga alguma coisa que somente você saberia... algo de nosso primeiro ano na faculdade.

— Certo, nós nos conhecemos no primeiro dia de aula do curso sobre contratos. Sentávamos juntos um do outro, por ordem alfabética. Martin e Murphy. Eu decorei a lição sobre oferta e aceitação, e você aprimorou o Game Boy.

Gil sorriu debilmente, quase recuperando os sentidos.

— É você mesma? Não posso acreditar. Mas... nos noticiários, na TV, eles disseram...

— Estavam enganados. Está tudo errado. A mulher que foi assassinada estava tomando conta do meu gato. Os tiras ainda não sabem que estou viva. Apenas nós, aqui.

E, agora, você. E é preciso que continue assim. — Anne procurou com os olhos o jarro de água que sempre ficava em cima da mesa, mas havia sido retirado por causa do feriado. Restavam apenas os copos, emborcados numa toalha de papel. — Você quer beber alguma coisa?

Que tal um uísque? — Ele sorriu, e Anne sorriu também. Próximo a ele, Judy levantou sem que ninguém lhe pedisse e dirigiu-se para a porta da sala de reuniões, mas Gil estava tão absorto examinando Anne que ela não podia garantir que ele tivesse se dado conta da saída de Judy. Anne sabia que tinha de trazê-lo de volta à razão rapidamente. Não estava disposta a perder o cliente.

Gil, os tiras já sabem quem matou a moça que cuidava do meu gato, e estão na sala de reunião aí do lado, neste momento, planejando como vão agarrá-lo. Vão prendê-lo, é só questão de

tempo. Mas nada disso é o mais importante, entre nós, aqui. — Ela se debruçou sobre a mesa, tentando prender a atenção dele, fazê-lo raciocinar, e, quando ele cruzou o olhar com ela, Anne sustentou-o. — Sei que é difícil de digerir isso tudo de uma vez só. Mas, o que importa para mim e para você é a Chipster, e pretendo defender você e a sua companhia na terça-feira. Conheço todo o caso, todos os fatos, de trás para frente. Você não pode trocar de advogado agora. E não precisa fazer isso.

— Você está viva? De verdade? — Gil continuava alisando os seus cabelos cor de areia. — Isto é tão... estranho.

Na terça-feira vamos contar aos tiras e escolheremos o júri. Mas, você tem que jurar guardar este segredo durante o fim de semana. Não conte nem mesmo a Jamie, certo? A ninguém.

— E só que... não consigo entender. É tão esquisito, que merda!

— Não me diga! — Anne precisava distensionar a cena. Tinham que começar a tratar do julgamento. — Sei que tipo de pessoa nos convém para estar no júri. Já preparei minhas perguntas para Beth, porque ela vai ser a primeira testemunha deles. Na verdade, estava justamente relendo os depoimentos.

— Mas onde você estava, na noite passada?

— Saí da cidade para me preparar para o caso com tranquilidade. Você sabe melhor do que eu como a cidade fica no Quatro de Julho. Precisava de silêncio para pensar.

— E não contou a ninguém? Não me disse nada? — Gil franziu a testa. — E se eu precisasse falar com você?

— Achei que você não ia precisar falar comigo. E não precisou. Anne corou, na defensiva. Ela não entendia a razão dessas perguntas. Talvez fosse por causa do choque inicial. — Além do mais, lembrei que você me falou que ia estar num jantar, na noite passada, fora da cidade.

— Eu... estava... Sim... Eu fui... Eu lembro. Você sabe o que é esquisito de verdade? — Gil soltou uma gargalhada súbita. — Nós enviamos flores para você! Foi Jamie quem escolheu! Lírios, uma dúzia. Ela ficou tão abalada, quando soube... Vimos tudo na TV Eu já contei isso? — Ele riu novamente, mostrando toda a sua

perplexidade, e Anne aproximou-se impulsivamente para tocar de leve sua mão.

— Sinto muito o choque, seu e da Jamie. — Jamie era dona de casa, a própria definição de uma mulher de bom coração.

— Você disse que os tiras sabem quem fez isso?

— Sabem. Mas tenho uma pergunta para você, e sei que ela parece estranha. Em suas próprias palavras, qual é a relação de Bennie comigo?

Gil franziu a testa.

— Quem?

— Bennie Rosato.

— Não, quero dizer, quem fez isso? Quem assassinou você... Quer dizer, essa outra mulher? Ela estava na sua casa? — Gil parecia preocupado, mas Anne não queria desviar-se. Queria mantê-lo concentrado no caso.

— É uma longa história e não tem nada a ver com nosso assunto aqui.

— Mas o assassino ainda está solto por aí? Quero dizer, andando nas ruas?

— Gil, deixe para lá. Os tiras estão trabalhando na investigação. Eles são profissionais. Deixe isto com eles.

— Certo. Então, como é que eles não descobriram que você não só está viva, como está bem aqui, numa sala do lado da deles? — Gil riu, mas parou quando a porta se abriu e Judy entrou, fechando-a atrás dela e trazendo uma garrafa plástica transparente de água. Ela a depositou sobre a mesa e procurou um copo, que encheu com um *gluggluglug*, passando-o para Gil. Anne agradeceu-lhe, porque Gil não o fez, e fez uma anotação mental sobre a mudança em Judy. O panfleto que haviam idealizado juntas tinha sido um tratado de paz. Certo, ainda não estavam trocando receitas, mas pelo menos também não estavam se batendo, como num daqueles ringues de lama.

Gil bebeu, sedento, e Anne prosseguiu.

— Não quero que você pense nem por um segundo que não estamos em cima deste caso, porque nós estamos. Mary DiNunzio, que você já conheceu, cobriu belamente o depoimento de hoje, e a Judy aqui tem nos dado um bocado de ajuda. Bennie sabe mais

sobre esse tipo de julgamento... e sobre qualquer tipo de julgamento... do que serei capaz de aprender em toda a minha vida. Você e a Chipster estão em excelentes mãos. Não há razão para ir catar mais ninguém. Portanto, cancele esse contato com a Ballard e Crawford. Diga-lhes que podem ficar sentados e ficar vendo como se faz. — Anne sorriu, o que pareceu extrair um sorriso genuíno em Gil.

— Na verdade, não queria dispensar a firma de vocês. Você sabe disso. Bem, vim procurá-la aqui por boas razões. Nós nos conhecemos há bastante tempo e você sempre foi tão... — ele procurou atabalhoadamente a palavra — ... esperta. Esperta de verdade.

— Obrigada.

— Sei que você ia dar o máximo por mim e, para ser sincero, queria uma mulher para me defender. Imaginei que isso ajudaria com o júri, em um caso de assédio sexual.

— Gil parecia estar pensando em voz alta, para si mesmo, tentando retomar o raciocínio. — Além do mais, você é tão atraente que eu sabia que chamaria a atenção dos jurados. E da mídia.

— Todas estas razões ainda são válidas. — Anne assentiu com a cabeça, vagamente dando-se conta de que Judy estava eriçada junto a ela. Gil Martin nunca teria contratado Anne se ela não fosse tão bonita. Bem, aqui estava a prova definitiva. Anne esperava que ela estivesse satisfeita.

— Quero dizer, eu estava tentando fazer tudo o que pudesse para defender minha empresa. Se a gente quer contratar uma mulher, contrata logo uma firma só de mulheres, certo? — Gil fez um gesto, estendendo as palmas das mãos à frente. — Vamos fazer logo a coisa em grande estilo.

— Claro. E você fez. — Embora Gil nunca tivesse exposto esse seu raciocínio, tão explicitamente, Anne não era tola. Ele usara a publicidade em seu benefício; tinha sido acusado de assédio sexual e deu um jeito de ficar parecendo campeão da causa feminista. Só que nada disso ia funcionar a menos que Anne ganhasse o caso. — Então vamos falar sobre o caso um minuto. Responda à minha pergunta. Qual é a relação de Bennie comigo?

Ao lado dela, Judy parecia perplexa, e Gil deu de ombros.

— Bennie Rosato? Ela é a dona desta firma de advocacia, não é?

— Sim, mas qual o nome que você dá à pessoa que possui o negócio?

— Como? Eu? O proprietário, acho.

— Não o patrão?

— Eu nunca falo essa palavra. É estranha. Por quê? Claro.

— Foi apenas uma pergunta. Agora que você se recobrou do choque de me ver ainda respirando, o que mais posso fazer por você? Há mais alguma coisa sobre a qual você queira conversar? Os repórteres devem estar deixando você louco, não é?

— Mas tudo isso aqui é muito esquisito, não acha? — Gil olhou com renovada hesitação de Anne para Judy e desta para Anne novamente. Só o que você vai fazer é fingir que nada disto está acontecendo? Que não houve uma mulher assassinada? Este assassino, seja lá ele quem for, não anda solto por aí?

Anne sentiu magoada.

— Gil, não estou fingindo nada. Estou apenas lidando com ambas as coisas ao mesmo tempo. Uma tarefa múltipla.

— É a minha companhia, Anne. Minha reputação. — A expressão de Gil se anuviou. — Os fundos mútuos estão de olho, os investidores. Estou arriscando tudo aqui. Preciso vencer, prometi que venceria à minha diretoria. Não posso ir adiante contando com menos de cem por cento de você.

— Entendo isso, e você pode contar com o que precisa.

— Você está pronta para levar este caso a julgamento, mesmo com esta coisa de assassinato sobre a sua cabeça? Uma coisa dessas vira a cabeça de qualquer um. Além do mais, você está me dizendo que tem de esconder isso da polícia...

— Mas tudo vai estar resolvido até o julgamento, Gil.

— E se não estiver?

— Impossível. — Anne sabia que o estava perdendo, ao vê-lo se mover para trás, na sua poltrona.

— Não sei — ele disse, após uma pausa. — Não sei mesmo. É muito bom que você esteja viva... é maravilhoso, óbvio... Mas é tudo muito esquisito. Não posso tratar disso como uma questão pessoal. É negócio.

— Pois então pense no seu negócio, Gil — Judy interrompeu, e a cabeça de Gil girou em sua direção devido ao tom de voz agudo.

— O que você quer dizer? — perguntou ele.

— O mundo inteiro sabe que Anne Murphy da firma só de mulheres chamada Rosato & Associados representa você. Todos também estão sabendo que Anne foi brutalmente assassinada na noite passada. O que vão pensar se você demitir as meninas quando elas estão por baixo? Como isso vai repercutir no mundo inteiro, para a imprensa e para os seus potenciais acionistas? Ou para as mulheres que vão estar no seu júri?

Gil hesitou.

— Eu posso cuidar da imprensa e dos acionistas, e meu advogado pode conversar com os jurados sobre isso quando os estivermos selecionando. Basta que ele tome cuidado para que aqueles que vejam as coisas dessa maneira fiquem fora do júri.

— Não, nada disso — disse Judy. — Não se trata de um caso criminal, no qual o júri é duramente escrutinado sobre sua imparcialidade. *Voir-dire* é rotina num caso civil, especialmente na corte do juiz Hoffmeier. Você nos procurou porque éramos mulheres, e esta pode ser a razão pela qual você deve ficar conosco.

Os olhos de Gil brilharam.

— Isso é chantagem.

— Isso é litígio. — Espere um minuto — amenizou Anne, antes que começassem a trocar socos. — Escute, Gil. Isto é tudo novidade para você, eu estar viva, eu continuar defendendo-o. Você foi pego de surpresa.

Então por que não descansa a cabeça no travesseiro e nos falamos de novo amanhã?

— Não sei.

— Dê-me um dia. Você me conhece há muito tempo. Tenho prestado um bom serviço à Chipster, ganhei quase todas as moções. Nós os temos onde os queremos, agora. Se você quiser me demitir no domingo, tudo bem. Entrego todos os arquivos na mesma hora.

— A prudência é o melhor conselheiro — acrescentou Judy, como se fosse uma republicana desde criancinha. De tamancos vermelhos.

Gil olhou de uma advogada para a outra, a sua expressão impassível.

— Não sei.

— Não decida agora.

— Uma coisa é certa, Anne. — Gil levantou-se para ir embora, alisando as calças caqui. — Vou contar tudo para a Jamie. Ela esteve ao meu lado o tempo todo, minuto a minuto, até mesmo sofrendo toda a humilhação por causa deste caso. Gostaria de discutir o assunto com ela, então, se vou esperar mais um dia. E confio nela para guardar qualquer segredo.

— Não — respondeu Anne firmemente. — Pode me despedir agora, se quiser, mas não conte isso a mais nenhum ser vivente.

Gil deu na mesa um soco resignado.

— Certo, então, ligo para você amanhã às nove.

— Que tal depois da minha homenagem póstuma?

— Homenagem póstuma? — Gil engasgou, e até Judy levantou os olhos para ela, surpresa.



Era o plano B. Anne estava providenciando para si mesma uma homenagem póstuma. Sabia que Kevin encontraria um meio de comparecer. Então, seria agarrado de uma vez por todas. — Sim, amanhã ao meio-dia o escritório vai realizar uma homenagem póstuma a mim, no Chestnut Club. Seria importante que você viesse também.

Gil não conseguia acreditar.

— Você quer que eu compareça a uma homenagem póstuma e finja que você está morta?

— Sinto muito, mas é inevitável. Você não pode deixar de comparecer. A mídia vai vir em peso.

— Meu Deus, Anne. — Ele contornou a mesa de reunião, dirigindo-se para a porta, onde parou. — Entenda, eu não sou

insensível. Sei a importância que o caso tem para você. Mas minha prioridade é a minha companhia.

— Deixe isso comigo — disse Anne, fingindo não se preocupar por Gil ter saído pela porta, fechando-a bruscamente atrás de si.

Logo que as duas mulheres se viram a sós, os olhos de Judy flamejavam de ódio.

— Odeio esse escroto!

— Por quê?

— Você não se ofendeu com o que ele disse? Que a contratou porque você era uma mulher?

Lá vamos nós.

— Judy, não sou ingênua. As empresas contratam advogados negros para representá-los nos casos de discriminação racial. Estupradores contratam mulheres para representá-los nos casos de estupro. Todo mundo contrata homens mais velhos quando se quer autoridade.

— Sei disso. — Judy levantou a voz. — A questão é: isso não ofende você? A mim, sim, mesmo sabendo que vive acontecendo.

É agora!

Anne ficou em guarda.

— Só que isso não é o que está aborrecendo você, de verdade, é? Porque não foi exatamente o que Gil disse. Ele disse que me contratou porque sou uma mulher bonita. Foi muito sincero, ele não teria me contratado se eu fosse feia, correto?

— Correto. — Judy corou ligeiramente.

— E nós duas sabemos disso, você e eu. — Anne debruçou-se nivelando-se com ela. — Mas quer saber de uma coisa? Isso não me incomoda, porque acho muito irônico. No fundo, sei o quanto é falsa essa minha beleza... essa minha alegada beleza.

— Falsa? Do que você está falando? Você é perfeita! O seu rosto, o seu corpo, mesmo com esse seu novo corte de cabelo. Os homens caem aos seus pés. Você parece uma supermodelo.

— Nasci com lábio leporino, lábio leporino unilateral.

Judy parecia não saber ao certo o que isso significava, e Anne sentiu que se sentiria bem se explicasse, se contasse tudo em voz alta. Nunca tinha feito isso antes, fora de um consultório médico. Era

seu pequeno e sórdido segredo. Isso e o fato de sua proposta ter sido recusada duas vezes pelo American Express.

— Meu lábio, este aqui — Anne apontou para o centro à esquerda —, tinha uma fenda acima ligando-o ao nariz, quando nasci. É o defeito de nascença mais comum, e meu caso era relativamente simples porque a abóbada palatina não estava comprometida, apenas o lábio. A parte vermelha do tecido ao redor, para ser precisa.

— Argh!

— Exatamente. Minha mãe, bem vamos dizer apenas que ela não teve a melhor das reações. Ela era uma bela mulher e queria um belo bebê. Um bebê que pudesse transformar numa estrela de cinema. — Anne recusou-se a se fazer de vítima, assim encurtou a história. — Não me submeti às cirurgias de que precisava... lábio, céu da boca, e mesmo a gengiva... até depois dos dez anos. Foram necessárias sete operações para me transformar no que sou hoje, e no final passei a me sentir como um experimento científico. Assim, quando consigo algo por conta da minha aparência, tudo que faço é sorrir por dentro.

— Deve ter sido horrível. — Judy engoliu em seco, Anne deu de ombros.

— Não dá para fazer sumir, minha beleza ou minha feiura, e eu não faria isso. Apenas sei que o mundo mudou quando fiquei bonita, e você tem razão, ganhei uma porção de vantagens injustas. Homens, clientes. O gerente da Hertz guarda um Mustang para mim. O rapaz na loja de vídeo separa para mim os novos lançamentos. Os seguranças do tribunal de Justiça correm para me proteger. Sei muito bem como me tratam agora, porque vejo a diferença. Sou uma daquelas fotos *antes e depois* ambulante. E eu costumava sentir a injustiça, o ressentimento e a inveja. Como você sente.

As sobrancelhas finas arquearam-se de tristeza.

— Então, não fico chateada por você se sentir assim, e não precisa esconder o que sente por mim. Eu me sinto mais como você do que você mesma. — A sala de conferência ficou tão silenciosa que Anne conseguia ouvir a aspereza que tomara sua própria voz. Nunca antes ela conversara com tanta intimidade com uma pessoa,

mas precisava desanuviar o ar. — E tenho uma confissão a fazer. Ouvi por acaso você esta manhã, lá em casa, mas para mim não foi nenhuma surpresa. Sei que você não gosta de mim. Nenhuma mulher gosta de mim. Não posso fazer uma amiga apontando uma arma na cabeça dela.

Judy emitiu uma risada seca.

— Só espero que você me dê uma oportunidade, porque agora me conhece melhor. Quando você pensa nos clientes, nos homens, nos novos DVDs, e na agitação que a minha aparência me traz, pense no resto, também. Como Kevin Satorno, que está tentando me matar. A beleza não é uma bênção, Judy, veja o meu exemplo. É uma maldição.

Neste exato momento, a porta da sala se abriu. Era Bennie, eriçada de cólera.

— Senhoras, vamos andando! Acabo de receber um telefonema da Mary.

— Falando o quê? — Anne perguntou.

— Do seu assassino. Vamos.

13

Anne, com o seu boné branco de beisebol e os óculos escuros, Bennie e Mary estavam paradas na cozinha limpa, mas muito pequena, da quitinete do terceiro andar.

Um canto do quarto fora convertido naquela cozinha, com a instalação de um frigobar a título de geladeira, um fogão elétrico de duas bocas e uma pequena pia de aço inoxidável. Tinha o cheiro agradável de desinfetante e de frituras caseiras, mas era opressivamente quente, apesar da hora avançada do dia. Um ventilador barato de plástico oscilava sobre um balcão, sem produzir efeito.

Mary DiNunzio sentou-se à mesa da cozinha em frente à sra. Letitia Brown, e segurava a sua mão.

— Sra. Brown, estas são as minhas sócias, e estão querendo ouvir o que a senhora me disse. Sobre o que viu na noite passada. A senhora se incomodaria de repetir tudo?

— Sem problema, gosto quando garotas vêm me visitar. — A sra. Brown tinha 77 anos de idade, sua pele negra estranhamente acinzentada e os olhos enevoados atrás das lentes trifocais. Os óculos apoiavam-se nas bochechas, flácidas devido à idade, drapeadas como uma cortina de veludo de palco, em volta de um sorriso franco. Cabelos grisalhos saltavam em esguias espirais do couro cabeludo, e ela vestia um vestido caseiro florido com chinelos de plástico preto. Anne sabia que ela terminaria assim, com sapatos plásticos como aqueles, e realmente aguardava isto com ansiedade. Nota mental: *Todo mundo aprende no devido tempo a pensar com algum senso de perspectiva*.

Mary pedia: — Então, conte-me novamente: o que viu na noite passada, na rua?

— Vi um montão de gente fazendo farra, uma festança... Vi o povo descendo para a Parkway, indo ver os fogos de artifício, o dia todo o povo passava pela rua. Muita coisa para se ver. — A sra. Brown estendeu a mão trêmula na direção da janela por cima da mesa da cozinha, feita de madeira aglomerada barata. Uma pilha de

guardanapos baratos de papel tinha por cima um saleiro e um pimenteiro de vidro canelado pesado, para não voarem com a brisa que passasse pela cortina; obviamente, uma cautela exagerada. — Tem muita coisa sempre pra ver dessa janela aí, melhor do que a TV De dia, vejo minhas novelas, depois vou para a janela.

— E aquela casa sobre a qual lhe perguntei? Número 2257.

A sra. Brown umedeceu os lábios. Havia linhas finas em volta conduzindo a uma boca pequena e murcha.

— É, sim, vi tudo na noite passada, tudo o que aconteceu nessa casa de que você está falando.

— Qual casa? Mostre para nós.

— Aquela, 2.257. Meus olhos não estão tão ruins assim, enxergo o número muito bem. — A sra. Brown ergueu um braço e apontou para a janela, e Anne acompanhou com os olhos o seu dedo curvo, apenas para se certificar. Era a soleira da porta da sua casa, apenas duas portas abaixo, no mesmo lado da rua. A posição da sra. Brown no terceiro andar lhe dava uma boa visão, embora em paralelo, de qualquer pessoa que se aproximasse da porta de Anne. Mesmo que Anne nunca tivesse visto a sra. Brown, esta sem dúvida já a tinha visto.

— E o que estava fazendo na noite passada? — A voz de Mary era suave e serena, estranhamente combinando com o tom e a cadência da sra. Brown.

— O que sempre faço, estava sentada bem aqui. Olhando meus papéis, meus jarros, meus livros. — A sra. Brown apontou satisfeita para uma fileira de fotos escolares de crianças, todas garotas com cabelos elegantemente trançados, e um garoto mais velho de cabelo afro e blusa de jérsei. — Olha aí meus netos!

— São umas gracinhas.

— E aqui são meus livros... — Ela esticou o braço para alcançar uma pilha de revistas de palavras cruzadas e abriu uma com dificuldade. Impresso em papel jornal, havia um jogo de palavras cruzadas de tamanho grande, preenchido com uma trêmula caneta esferográfica. Anne bateu os olhos na vertical 10, “móvel para dormir, quatro letras”. — Os quadrados estavam preenchidos, mas não com CAMA, e sim com QWOP. Todos os espaços haviam sido cuidadosamente preenchidos com letras

escritas com uma mão trêmula, mas nenhuma das letras formava palavras.

Mary devolveu o olhar de Anne.

— Sua filha e seu genro moram lá embaixo, com os dois filhos. Eles tinham saído de casa na noite passada e não estavam aqui quando os guardas bateram na porta. A sra. Brown ficou em casa. Ficou aqui em cima o tempo todo, mas os policiais não sabiam disso.

Anne assentiu. Elas tinham conhecido o genro, lá embaixo. Um jovem frio que evidentemente não gostava da sogra o suficiente para ensiná-la a ler, ou nem mesmo para subir junto com o grupo de advogadas que veio visitá-la. Além do mais, tinham ar-condicionado central em seu andar, mas somente um ventilador vagabundo para todo o terceiro piso. Como alguém podia deixar a mãe ali em cima desse jeito?

— Continue, sra. Brown — falou Mary, encorajando a mulher com um aceno de cabeça.

— Eu estava bem aqui, sentadinha aqui mesmo... e minha filha e o meu genro, eles todos saíram de casa. E tinha aqueles fogos de artifício estourando, bem acima do teto. Vi que alguns subiam bastante alto. Então, escutei um barulho grande... um barulhão, na verdade.

— Não eram fogos?

— Não. Tiros.

— Como sabe?

— Eu conheço, hum!

— Viu alguém com a arma, atirando? — perguntou Mary.

— Não, eu estava cochilando, acho, só um pouquinho, e os meus olhos, eles se arregalaram. — A sra. Brown abriu as mãos diante dos olhos e Anne visualizou-a sonolenta, sentada à mesa numa noite de verão sufocante —, mas daí olhei lá pra fora e vi aquele homem.

— Que homem? Conte-nos tudo o que viu.

— Jovem, bonito, branco. Cabelo louro. O rosto dele todo iluminado pela casa, pela luz que vinha de dentro da casa. 2257. Eu vi ele e ele deixou a arma cair no chão, foi isso, sim.

A cabeça de Anne disparou. Foi Kevin.

— E Deus que me castigue se não vi ele chorando, então, chorando feito uma criança recém-nascida, como se o seu coração fosse arrebentar, e então ele correu, ele correu rua abaixo, até o fim da rua, e aí perdi ele de vista.

Anne não conseguiu respirar durante um momento. Sempre soube que tinha sido Kevin, mas agora isso se tornara mais real. Pelo menos, Bennie se convenceria agora.

— Vi os pés da pobre moça, estendida no chão. Ela usava tênis e os pés dela estavam tremendo, tremendo...! Então, de repente, pararam. — Os olhos da sra. Brown encheram-se de lágrimas e Mary apertou sua mão enrugada.

— Se eu lhe mostrasse um retrato desse homem que estava com a arma, poderia dizer se era ele ou não? — Mary procurou dentro da bolsa o panfleto vermelho, mas Bennie a deteve pelo ombro.

— Não faça isso. Não quero arriscar pôr a perder um reconhecimento por fotos, que a polícia vai mostrar a ela. Já temos o que precisávamos.

Mary colocou o panfleto vermelho de volta na bolsa.

— Sra. Brown, muito obrigada por ter aceitado falar conosco. Ajudou muito. Queremos chamar a polícia agora. Repetirá para eles o que nos disse? Eles querem agarrar esse homem e colocá-lo na prisão.

— Mas é claro que sim.

Bennie já estava abrindo o celular.

— Detetive Rafferty, por favor, é Bennie Rosato — disse e não teve de esperar muito. — Estou aqui com uma testemunha do assassinato de Anne Murphy, e ela descreveu Kevin Satorno perfeitamente. Uma vizinha. Você quer conversar com ela aqui ou devemos levá-la para você? Bennie fez uma pausa. — Ótimo. Eu o espero na Waltin Street, 2253, dentro de dez minutos. — Ela fechou o telefone e virou-se para Judy. Carrier, que tal levar nossa nova mensageira para o carro e lhe fazer companhia?

— Entendido. — Judy agradeceu à sra. Brown e fez menção de sair.

Entretanto, alguma coisa plantou Anne no lugar onde estava. Causava-lhe um certo mal-estar deixar a velha senhora sozinha.

Algo ligado a uma filha que abandona a sua mãe dessa maneira. Então se deu conta de que, pelo que sabia, sua própria mãe estava largada, sentada num quarto abafado, no terceiro andar de alguém, passando o tempo à espera da morte.

— Qual é o problema, criança? — a sra. Brown perguntou, a voz bondosa, parecendo enxergar Anne mesmo por trás de seu desajeitado disfarce. Óculos escuros, boné de beisebol ou batom, Anne sempre vivera escondendo alguma coisa, desde quando podia se lembrar.

Tudo.

— Nada, obrigada — respondeu Anne.

Ela seguiu Judy, atravessando o apartamento. O quarto da sra. Brown cheirava vagamente a talco de farmácia. Havia uma surrada cama de casal, coberta por uma rala colcha de chenile, tão gasta que os seus tufos brancos estavam alinhados como monumentos num cemitério militar. Em cima da cama, havia um grande crucifixo de madeira, pendurado, e sobre o criado-mudo, um passador com um pequeno abajur Tiffany falsificado, um relógio-despertador amarelo e uma Bíblia gasta que deixou Anne com um aperto na garganta.

Ela atingiu o vão da escada em plena comoção, que não era capaz sequer de entender, quanto mais expressar, exacerbada pelo irritante *clop-clop* dos tamancos de madeira de Judy, sobre os degraus de escada não atapetados. Chegaram ao segundo andar, depois ao primeiro, que tinha ar-condicionado, e recendia a aromas modernos. Anne não conseguiu se despedir do genro, porque na verdade sentia ímpetos de estrangulá-lo, apesar de a polícia estar a caminho. Dirigiu-se à porta da frente, escancarou-a e esbarrou frente a frente com um homem aproximadamente da sua idade, parado na varanda da frente, prestes a bater na porta.

— Olá! — disse o homem e sorriu, mostrando todos os belos dentes. Usava um chapéu australiano escuro, um lado preso em cima, uma camiseta com jeans folgado e sandálias Teva pretas.

— Oh, olá — retrucou Anne, espantada.

— Meu nome é Angus Connolly. Sinto perturbar seu feriado, mas queria saber se já viu este homem. — Ele meteu a mão no

bolso de trás e estendeu para Anne o panfleto vermelho que ela própria fizera. — O nome dele é Kevin Satorno.

Anne estava tão chocada que não conseguiu falar. Nem mesmo com sua voz interior.

— Estou apenas querendo saber se você já viu este homem. Ele é suspeito de ter assassinado uma das suas vizinhas, mais abaixo no quarteirão, na noite passada. Na casa a duas portas descendo a rua. — O homem virou-se e apontou para a casa de Anne.

— Quem é você?

— Sou repórter. Do *City Beat*.

— *City Beat*? — Anne examinou-o, procurando uma credencial de jornalista, mas não viu nada parecido. — Nunca ouvi falar desse jornal.

— Somos um jornal alternativo, e estou tentando ficar conhecido, eu e meus amigos. Estamos investigando este tal crime e perguntando a todos os vizinhos se viram este homem na noite passada. — Ele franziu o semblante. — Espere um momento, você mora aqui, não mora?

— Não, ela não mora — respondeu Judy, aproximando-se por trás de Anne. — E ela não viu esse homem. Mas, conheço alguém que o viu. Ela mora bem no terceiro andar, e já está pronta para revelar a sua história para os tiras, que estarão aqui a qualquer minuto. Olha só a sorte que você deu, garoto arrumadinho.

— Jura? — O homem galgou a varanda e, no mesmo instante, Anne sentiu os nós dos dedos de Judy na parte inferior de suas costas, lhe chamando a atenção.

— Vá direto para cima — Judy continuou. — Bennie Rosato está lá, também. Ela lhe responderá a todas as perguntas que quiser fazer.

— Bennie Rosato? A Bennie Rosato? Oh, meu Deus! — O pretendente a repórter sacou um telefone celular do bolso traseiro do jeans. Preciso de um fotógrafo depressa — ele estava falando no aparelho, mas já arremetendo para dentro de casa.

— Ande logo, moça! Vamos, vamos! — sussurrou Judy, descendo para o degrau onde Anne estava parada e puxando-a

pelo cotovelo. — Você quer que os tiras e a imprensa a reconheçam?

— Não, claro que não — disse Anne, mas o seu coração parecia que ia explodir.

Qual é o problema comigo? Por que estou agindo como uma tonta?

As lágrimas inundavam seus olhos e o cansaço se abateu sobre ela. Talvez porque tudo tenha acontecido tão depressa. Ela deixou que Judy a conduzisse rua abaixo, fustigando seus passos. Passou por sua própria casa com os ramalhetes de flores envoltos em celofane deixados na varanda da frente. Desviou os olhos e parou ao dar com as flores. Um buquê de margaridas, enlaçado com uma fita branca. Não estava ali mais cedo. Ela se abaixou e o apanhou.

— O que está fazendo? — perguntou Judy, rangendo os dentes. Um casal de transeuntes franziu os olhos para Anne, não disfarçando a censura, mas ela não podia falar. Anne baixou a cabeça, olhando fixamente o buquê de margaridas. Um cartão cor-de-rosa junto a ele trazia palavras datilografadas, como se as flores tivessem sido encomendadas por telefone.

Dizia simplesmente: *Amor, mamãe*.

14

Bennie enfiava o Mustang nas brechas do tráfego do centro da cidade, com um olho pregado no espelho retrovisor. A esta altura, Anne estava suficientemente familiarizada com Bennie para adivinhar que não era o tráfego que a estava deixando preocupada. Judy, de instante em instante, voltava-se para trás, lançando-lhe um olhar, e Mary havia agarrado definitivamente sua mão direita.

— Gente, não se preocupe comigo. Estou bem. — disse Anne, embora estivesse sentada no assento traseiro, abraçando as margaridas de sua mãe como se fosse um cobertor de criança. Nota mental: *A gente às vezes sabe que está agindo feito uma idiota, e mesmo assim não consegue parar*.

— Não há realmente nenhum motivo para preocupação — disse Mary, apertando-lhe ainda mais a mão. — Essa coisa toda não sairia tão bem nem se tivéssemos planejado. Os tiras vão conseguir a identificação do Kevin com a sra. Brown, e os jornais vão dar a notícia ainda esta noite. Provavelmente, já está em toda a Web. Todo mundo na cidade estará procurando por Kevin Satorno.

— Isso mesmo, Anne. — Judy virou-se totalmente para trás, os últimos raios do sol filtrando-se através dos seus cabelos brilhantes, sua bandana esvoaçando ao vento.

— Os tiras vão sair na caça dele. Vão prender Kevin a tempo da gente poder dar uma passeada por aí para ver os fogos de artifício.

O Mustang chegou a um sinal vermelho e Bennie freou.

O único problema é que ele pode perder a coragem de aparecer na homenagem póstuma, isto é, se ainda estiver solto até lá.

— Ele vai aparecer! — garantiu Anne, com absoluta convicção, estavam cada vez mais perto de agarrar Kevin, e a reação de Bennie ao plano B fora muito melhor do que ela esperara, se bem que não estava certa dos seus motivos. — Ele vai achar um jeito de estar lá.

O Mustang andava em marcha lenta, e Bennie tamborilava com os dedos.

— Vamos pensar sobre isso. Como ele conseguiria aparecer lá? Diga alguma coisa, Murphy. A ideia foi sua.

— Muito bem, no início pensei que ele chegaria como um convidado, alguém que fosse chorar a morte da falecida, um qualquer. Mas aí, comecei a imaginar uma coisa... — Anne eu comecei a perguntar se Bennie estaria apenas tentando fazê-la recompor-se, mas levou a coisa à frente, já que era uma linda demonstração de fé. Ele não vai agir assim, com todos os tiras e repórteres da cidade tentando agarrá-lo. Estou pensando agora que ele talvez possa tentar lá de outra maneira.

— Por exemplo? — perguntou Judy.

— Não sei. Quem sabe disfarçado de alguém que esteja lá a trabalho.

— Um agente secreto. — Judy sorriu. — Uau! — Então, o que acontece numa homenagem póstuma, senhoras? Vamos fazer um *brainstorming* aqui entre nós. — Bennie acelerou o carro. — A coisa vai acontecer no Chestnut Club, no centro. Que tipo de pessoa trabalha lá? Vai ter alguém?

— Somente a gerente. O clube está fechado.- Anne tomara as providências para a sua própria homenagem póstuma, fazendo-se passar ao telefone por uma prima da Califórnia.

O Chestnut era um dos mais antigos clubes-restaurantes de Filadélfia, com dois andares de salas de jantar e garçons vestidos de jaquetas brancas com obsoletos colarinhos Nehru.

— Eles contratam o bufê fora. Sem pessoal da casa servindo, fica tudo mais fácil para Kevin.

Mary franziu a testa.

— Como assim?

— Ora, Kevin é muito inteligente. Não seria difícil para ele prever que minha firma providenciaria uma homenagem póstuma, fosse qual fosse, principalmente depois de ter oferecido a recompensa. Publiquei notas nos jornais de domingo, anunciando a cerimônia, aberta ao público. Na certa, ele já viu algum desses anúncios, descobriu onde é o lugar e então, quem sabe, já conseguiu ser contratado pelo serviço de bufê, ou coisa que o valha.

— Tem razão. — Mary mostrou-se quase reverente e Anne conhecia bem aquela sensação.

— É, eu sei. O meu perseguidor é um gênio.

— Vão chegar montes de flores — sugeriu Judy, pensando alto. Ele pode aparecer como um entregador de flores.

A menção causou um arrepio em Anne.

— Muito provável. Kevin tem uma espécie de psicose por rosas vermelhas. Era o que ele enviava para mim, todos os dias, uma única rosa vermelha.

O Mustang acelerou, descendo a Race Street.

— Então, escutem como a coisa vai funcionar — disse Bennie, o vento soprando anéis de cabelo louro nos seus olhos. — Vamos parar todo mundo, mas precisamos distribuir as funções. Carrier, você verifica os entregadores de flores. DiNunzio, você recebe a imprensa. Não os deixe entrar, mas examine suas credenciais, mesmo assim. Satorno pode usar uma credencial de imprensa para tentar entrar.

Mary assentiu com a cabeça.

— Entendi.

— Obrigada — Anne disse, tocada pela boa vontade de todas em ajudar. — Posso fazer a cobertura do pessoal do bufê. Contratei a Custom Catering. Era a única empresa que atendia neste fim de semana.

— Vou ajudar você nisso — chilreou Judy, e Mary riu.

— Mas que surpresa!

Bennie relanceou os olhos para elas.

— Carrier, não se esqueça de fazer uma lista da equipe da cozinha. Já cobrimos tudo?

Anne tentou visualizar a cena:

— Cadeiras dobráveis, um parlatório... Microfones. Aluguei esses itens de um fornecedor que o clube utiliza. Vou checar também os sujeitos das cadeiras.

— Certo, isso é tudo, acho.

Bennie virou à esquerda da Broad Street e seguiu para o sul. A parada já havia acabado, mas a rua ainda estava cheia de gente comemorando, bebendo cerveja, ou simplesmente andando para

cima e para baixo, esperando o cair da noite e o espetáculo de raios laser.

— Os tiras estarão lá, e vou contratar seguranças. Caras musculosos que a gente aluga. Vou chamar o Herb, também.

Anne se encolheu, aborrecida:

— Para o caso de nossos seios necessitarem de proteção.

— Seja mais generosa, Murphy. Ele conhece seu pessoal, e ficou extremamente abalado quando seus seios faleceram. — Bennie riu. — Senhoras, é quase noite e vocês todas têm ordens de ir para casa, e direto para a cama. DiNunzio, vou deixar você primeiro, depois Carrier. Murphy, você vai ficar comigo esta noite. Estará em segurança em minha casa.

Anne arregalou os olhos, surpreendida. Não havia previsto isso. Não podia recusar a oferta de Bennie. Aprendera nos filmes que era sempre uma farra amigas dormirem na casa umas das outras. Mas lembrou-se de Mel, sozinho no escritório e, depois, de Matt. Queria poder dizer-lhe que estava viva. Ela se perguntava que espécie de noite ele estaria passando.

— De acordo, Murphy? — Era Bennie, trazendo Anne de volta de seus pensamentos.

— Claro que sim. Obrigada. Mas precisamos fazer uma parada, antes.

— Exatamente o que previ. — Bennie checou o espelho retrovisor.

— Você não está cansada demais? Teve um dia dos diabos!

— Não foi pior do que o dela — replicou Anne, olhando para fora da janela, enquanto a noite caía.

Judy olhou para Bennie, confusa.

— De quem vocês estão falando, garotas? Aonde estão indo? Anne deixou Bennie responder. Doía demais ter de dizer.



A Fitler Square era um dos históricos miniparques de Filadélfia, um quarteirão cercado com sebe e uma cerca de ferro batido, com convidativos bancos de madeira em volta de uma fonte no centro e com calçamento de tijolos recém-restaurado. A Fitler Square não recebia a metade da notoriedade dispensada à Rittenhouse Square, que estava mais ou menos situada no mesmo bairro, mas Anne achava a Fitler mais charmosa. Estava fora da zona do distrito comercial, na rua 26 com Pine, e a qualquer hora que passasse por lá, de táxi, veria inúmeras mães empurrando seus carrinhos e crianças ainda aprendendo a andar, deixando cair cereais em flocos por entre os dedos ou garatujando desenhos nas calçadas com grossos pedaços de giz.

Porém a vizinhança, a vizinhança de Willa, sofrera mudança para ela, também, e esta noite o cenário parecia diferente, estranho. A Fitler Square estava quase vazia, e as luminárias dos postes vitorianos a gás que marcavam as quatro esquinas do parque bruxuleavam na escuridão, mal iluminando um casal sentado em um dos bancos, abraçado. O Mustang contornou a praça, procurando uma vaga, e depois seguiu para a Keeley Street. Anne inclinou-se para a beirada do seu assento, enquanto faziam a volta do quarteirão e Bennie manobrava o carro para entrar numa vaga no final da fileira de carros.

Bennie estacionou e desligou o motor.

— Trouxe a bolsa?

— Trouxe — respondeu Anne, pegando a bolsa de Willa do assento entre elas. Era uma sacola de pano listrado da Guatemala, e ela tinha conseguido pegá-la do armário da academia, onde Willa a havia deixado na noite anterior. Uma rápida busca no seu interior foi o bastante para revelar que não havia nenhuma carteira dentro da sacola. Anne imaginou que Willa, assim como ela, não trazia sua carteira para a academia porque os armários não fechavam. A pequena sacola continha apenas chaves, óculos escuros e Uma maçã cultivada organicamente, que já estava estragada. Anne sentiu-se estranha, carregando-a, enquanto tentava acompanhar as passadas de Bennie, mais alta do que ela, a caminho da casa de Willa.

O ar da noite era pontuado pelo pipocar distante dos fogos de artifício, e pelo arrastar dos saltos baixos das sandálias de Anne na calçada. A fadiga e a emoção estavam tentando dominá-la, mas ela afastava ambas. Devia isto a Willa. Já era horrível que tivesse levado o dia todo para chegar até ali. Tinha de encontrar a família de Willa antes do final do dia, e dar-lhe a pior notícia de suas vidas.

Elas passaram o 2.685, depois o 2.687. O alinhamento de casas na rua estreita, afastada do tráfego, trazia Fairmount à lembrança de Anne e eram da mesma vindima colonial; um alinhamento de casas de tijolos ligadas umas às outras, todas de dois andares e uma porta flanqueada por duas janelas frontais, diferenciadas pela cor da pintura de suas persianas e um ou outro jarro de barro com flores sobre os degraus da escada da frente. O estômago de Anne retesou-se quando chegaram ao 2689. Abriu a sacola de Willa para apanhar as chaves e teve uma terrível sensação de estarem invadindo a privacidade de uma mulher morta, remexendo em sua sacola, entrando no seu lar.

— Você quer esperar do lado de fora? — perguntou Bennie, mas Anne sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada. Sou eu quem deve isto a ela.

— Não devia pensar nisso dessa maneira. — O tom da voz de Bennie suavizou-se, mesmo sem Anne ser capaz de enxergar a expressão do rosto dela, no escuro. O único poste da rua ficava no final do quarteirão. Era mais ou menos como a própria rua de Anne deveria se parecer, na noite anterior, quando Willa abriu a sua porta da frente.

Anne pegou as chaves de Willa e inseriu-as uma por uma na fechadura até encontrar uma que fizesse clique. Abriu a porta da frente de Willa e penetrou na escuridão.

Por favor, meu Deus, não permita que tenha aí um hall de entrada. Uma luz acendeu subitamente, e ela se virou.

— Tem certeza de que está bem? — Bennie estava parada atrás dela, uma mão sobre o interruptor na parede e a outra fechando a porta às costas delas com um sonoro clique.

— Estou bem. — Anne voltou-se e olhou ao redor. Não havia hall de entrada, e o interruptor iluminara uma esfera branca de pergaminho com caracteres vermelhos chineses que pendia sobre a

pequena sala de estar. Mas era uma sala de estar diferente de todas as que Anne já vira. Cada centímetro da parede estava coberto por desenhos. Desenhos a carvão, todos muito bem-feitos e detalhados, com paisagens da cidade, pregados lado a lado com tachas, do chão até o teto. Esboços de fachadas do Mercado Italiano. Arranha-céus do distrito comercial. O entrelaçado de pistas de concreto de uma bifurcação na Via Expressa. As luzes das casas-barco ao longo do rio Schuylkill.

— Minha nossa — exclamou Bennie surdamente. — Olhe só esses desenhos. Deve haver centenas deles aqui.

— Ela era tão talentosa... — Anne sentiu um sabor amargo em sua boca. Kevin ia ter de pagar por isso. Por ter matado Willa.

— Mas você não nota nada fora do comum neles, a propósito?

— Não exatamente. — Anne percorreu os desenhos com os olhos. Todos são em preto-e-branco. É isso?

— Certo, mas não há gente neles.

Anne examinou novamente e viu que Bennie tinha razão. A série de desenhos de Fitler Square focalizava os lampiões de gás e as sombras que projetavam, ou o intricado padrão da cerca de ferro batido. Não havia bebês, nem mães, nem crianças. Um estudo da Rittenhouse Square retratava suas estátuas — uma rã, uma cabra — porém nenhuma das pessoas que costumavam se reunir junto dessas estátuas. Anne não teve logo certeza do que isso poderia significar.

— Gosto de pinturas com pessoas — comentou Bennie. — Sabe minhas gravuras de remadores de Thomas Eakins?

— Claro.

— Odeio!

— Adoro todas elas.

— São de uma exposição do Art Museum. Você a viu?

— Perdi essa. Mas, estive no Lucy-Desi Museum em Jamestown, Nova York. Isso conta?

Anne inspecionou o restante da sala de estar. Nada de TV ou videocassete, somente uma cadeira de balanço retro anos 60, branca, junto de um telefone sem fio, um estéreo e estantes de CDs, num módulo também branco. Parecia mais uma galeria de arte do que uma sala de estar, e não apresentava nenhuma pista

relacionada à família de Willa. No entanto, Anne não podia evitar de ficar perambulando pelo ambiente, aspirando o ar empoeirado e com um fraco odor de chumbo.

Era tudo o que restara de Willa, isso e um corpo frio e identificado equivocadamente num necrotério.

— Vamos! — Bennie chamou-a, indo até o telefone e apanhando o receptor. — Aqui está um meio de contatar a família dela e os amigos, num instante. Os números deles devem estar na discagem rápida.

— Boa ideia. — Anne admirou-se de não ter pensando nisso. Ela se sentiu de repente tão passiva, um meio passo atrasada. — Acho que devo ser eu a falar com eles.

— Não, deixe que eu trato disso. Quando minha mãe era viva, o número dela ficava logo na tecla 1. Na verdade, ainda está. Não tenho coragem de apagá-la do telefone.-Bennie apertou o primeiro botão de discagem rápida, com o ouvido no receptor, depois contraiu a testa. — Nenhum número na primeira tecla. — Apertou o segundo botão. — Nenhum número na segunda. — Ela apertou outro botão. — Tentativa três! — disse depois de um minuto e recolocou o fone no lugar. — Evidentemente, Willa não programava sua discagem rápida. Isso quer dizer que não havia ninguém para quem ela ligasse com mais frequência. Muito estranho.

— Nem tanto — Anne deixou escapar quase defensivamente. Ela nunca programara sua discagem rápida.

— Talvez. Vamos em frente. — Bennie tocou o braço de Anne. Deve haver alguma coisa, em algum lugar por aqui, que possa nos ajudar. Contas, correspondência, cartões de aniversário velhos com remetente. Alguma coisa que possa nos fornecer uma pista sobre ela, ou sobre onde podemos encontrar a família. Diga de novo: que idade ela tinha?

— Tinha a minha idade.

— É muito jovem para que os seus pais já tenham falecido.

— Correto — confirmou Anne, embora não tivesse raciocinado sobre isso. Talvez já estivesse esgotada. Ou talvez apenas não fizesse ideia de como os parentes se mantêm em contato. Ela nunca recebera cartão de aniversário da sua mãe. Jamais

reconheceria o seu pai, mesmo que o atropelasse dirigindo um carro.

Ela seguiu Bennie através da sala de estar para os fundos da casa.

A disposição dos cômodos era semelhante à da casa de Anne, uma combinação de sala de jantar e cozinha conjugados. Num relance, Anne deduziu que pouco teriam a revelar sobre a família de Willa, se é que encontrassem alguma coisa lá. Esboços também cobriam as paredes brancas do ambiente, e a mesa de carvalho estava nua, a não ser por um buquê de flores murchas. A cozinha estava perfeitamente limpa, com os utensílios de praxe, que os locatários sempre instalavam. A peça central da cozinha chamava bastante atenção. Era uma bela estante de temperos de cinabre vermelho.

Anne aproximou-se da peça, lendo os nomes escritos à mão nos vidros de tempero, tão exóticos que jamais ouvira falar deles, muito menos os usara para cozinhar: cominho, cardamono, cúrcuma. Willa devia ter sido uma cozinheira maravilhosa e bastante criativa. Anne sentiu uma fortíssima pontada, devassando uma vida perdida por causa dela.

— Talvez ela tenha um escritório lá em cima — disse Bennie, afastando-se. — Deve haver um lugar onde ela pagava suas contas. Vamos ter melhor sorte lá. — Ela deixou a sala, acendeu a luz do vão de escada e começou a subir. Anne seguiu-a entorpecida. Os esboços serviam de papel de parede por todo o percurso para o segundo andar, e Anne admirava-se com o tempo consumido para desenhar todas aquelas paisagens.

No topo da escada, havia um banheiro pequeno. As duas deixaram-no de lado e foram para o quarto, outro ambiente totalmente distante do convencional. Uma parede que normalmente existiria entre dois quartos de dormir fora evidentemente demolida, transformando o cômodo num quarto-estúdio em formato de L. Esboços cobrindo a parede, os temas semelhantes aos que havia embaixo, mas muito maiores, aqui, como se o segundo andar fosse uma galeria exclusiva, reservada a clientes especiais.

Havia uma cama de casal de pinho, cujo topo do dossel tinha sido acortinado com longas faixas brancas de seda, dispostas num

ângulo incomum contra as janelas frontais. Ao lado desta, havia um toucador e uma escrivaninha, inteiramente brancos, esta última coberta por pilhas de papel bem arrumadas.

Bennie foi direto para a escrivaninha e, junto ao móvel, acendeu uma luminária preta com lâmpada de halogênio. Anne foi atrás dela.

— Nenhum computador, isso não é comum — disse Bennie, mas de certa forma soou a Anne como se estivessem falando mal da morta, e por isso não fez qualquer comentário.

— Aqui estão as contas dela. Bennie vasculhou a pilha de envelopes, enquanto Anne observava. Visa, Philadelphia Electric e Verizon. Bennie puxou a conta da Verizon, que já estava aberta, e pescou os papéis que estavam dentro do envelope. — A conta telefônica. Aqui deve ter o registro das chamadas dela. Quem sabe podemos encontrar a família dela por aqui? Ela tem que telefonar para eles, mesmo que não estejam na discagem rápida. — Bennie desdobrou a conta, de uma cor azul-celeste familiar, e ambas passaram os olhos pela lista de chamadas.

— Quase nada além das despesas básicas — disse Anne, reconhecendo-a. Poderia ser uma duplicata da sua própria conta; as duas estavam até no mesmo plano telefônico.

— Ela está no plano no qual você paga por cada chamada feita. É mais negócio para quem não usa muito o telefone.

No entanto, Bennie já estava procurando um telefone ao seu redor.

— Nenhum telefone aqui em cima, Meu Deus! — Ela pegou seu celular do bolso, abriu-o, e ligou para o primeiro número na conta, um telefone local. Ela escutou na linha, depois desligou. — Taws, a loja de arte, e está fechada. Qual é o número seguinte? — Anne leu-o em voz alta, e Bennie digitou-o no celular, depois escutou. — Centro de Horticultura de Filadélfia, também está fechado. Por que ela ligaria para eles?

— Para fazer esboços? — especulou Anne, mas Bennie estava começando a ficar aflita.

— Tente o próximo. — Bennie digitou para o número tão logo Anne o ditou, escutou, depois desligou o aparelho. — Fresh Fields. Uma *delicatessen*. Merda! Ela passou os olhos pelo resto da conta e

atirou-a para o lado. — Nenhum dos chamados é interurbano, para a família.

O olhar de Anne caiu sobre uma pilha de correspondência em cima da escrivaninha. Talvez houvesse ali uma carta dos pais de Willa. Obviamente, Willa não era uma adepta do computador. Talvez tivesse sido criada numa família de artistas. Anne apanhou a carta do alto da pilha, mas tinha o timbre de Mether Galleries, no Centro. A data era da semana anterior, e ela a leu rapidamente:

> *Cara srta. Hansen:*
>
> *Estamos escrevendo na esperança de que reconsidere a decisão de não nos deixar representar seu portfólio. Achamos que você foi uma das mais talentosas estudantes no curso de Bill Hunter, no Moore College of Art, e acreditamos que podemos ajudar sua arte a encontrar lares maravilhosos, além de lhe prover um ganho substancial.*
>
> *Por favor, entre em contato conosco o mais cedo possível no endereço acima.*

Anne ficou cismada. A Mether Galleries era uma das mais elegantes galerias da cidade. Por que Willa não queria mostrar seus maravilhosos desenhos lá? Se tinha um fundo de rendimento, não precisava de dinheiro. Mesmo assim... Por que esconder todo esse talento dentro de casa?

— Nenhuma sorte com as outras contas — disse Bennie, abrindo a gaveta de cima da escrivaninha. — Você encontrou alguma coisa?

— Ainda não. — Anne apanhou o envelope seguinte da pilha. Era uma carta mais recente de Mether, e havia duas outras mais, debaixo dela, remetidas pelas galerias do SoHo. Ela passou os olhos pelas cartas, mas eram todas de teor semelhante às enviadas pela Mether Gallery. Por que Willa não tinha nem sequer respondido? Todas estas galerias mostravam interesse em seus

trabalhos, mas ela se negava a vendê-los. Pelo visto, nem se dera ao trabalho de lhes telefonar.

— Nada aqui. — Bennie tinha aberto a gaveta de cima da escrivaninha e estava vasculhando uma pilha de correspondência e papéis, fazendo comentários simultâneos.

— Nenhum retrato de família, nada. Nenhum cartão de aniversário. Alguns recibos da Taws, alguns da Anthropologie. Ela não costuma fazer muitas compras. Aqui tem um histórico escolar, do Moore College of Arts. — Bennie franziu a testa enquanto lia. — Ela estava indo bem, mas não se matriculou em nenhum curso depois de frequentar o primeiro semestre. Que pena! Deve ter desistido. — Bennie abaixou-se para abrir a gaveta inferior, cheia de pastas de papel pardo. Agora, isto parece promissor.

— O que é? — Anne recolocou no lugar a correspondência da galeria.

— Taxas, canhotos de cheques antigos e bugigangas. — Bennie escavou o fundo da gaveta. — Aqui está uma cópia do contrato de locação dela, e outros documentos.

— Ela mencionou um fundo de rendimento... — Anne observou Bennie retirando um maço de papéis e revirando-os, os lábios retesados como um elástico. Anne teve um mau pressentimento.

— Qual é o problema?

— Ela tinha uma herança. A família de Willa era de Holland, Michigan, e seus pais morreram lá, há dois anos. Este é o testamento deles. Foi registrado lá.

— Ah, não. Jura? — Anne ficou muito triste, por Willa. Pelo pouco que haviam descoberto sobre Willa. Estendeu a mão para os papéis e Bennie entregou-os sem uma palavra.

Era um papel tão frio, tão branco, uma folha perfeitamente lisa e incomumente encorpada, dobrada em três partes. Anne passou sem ver pelo timbre e correu os olhos direto para o texto, a fim de verificar se Willa tinha irmãos. Porém o legado referia-se apenas a “nossa filha, Willa”. Willa era filha única e, com a morte dos seus pais, estava sozinha no mundo. Anne sentiu os olhos umedecerem e mordeu o lábio, mas Bennie já se ocupava em folhear outro maço de papéis grampeados.

— Ao que tudo indica, os pais sofreram um acidente de carro, segundo o relatório do executor testamentário. As contas hospitalares de ambos foram pagas pelo inventário. Eles morreram no intervalo de uma semana, depois do acidente. — Bennie dobrou os papéis, depois procurou por mais alguma coisa nas pastas. — Que golpe para uma garota tão jovem. Ela deve ter vindo para cá para cursar o Moore, então os Pais morreram e ela desistiu. Que pena.

Anne enxugava os olhos quando Bennie se debruçou, esquadrinhando a gaveta por dentro. Ela não queria explicar seus sentimentos para Bennie. Ela própria não saberia explicá-los para si mesma.

— Foi uma grande herança, quase um milhão de dólares. Está empregado em fundos de investimento e bem administrado. Depois, vou dar uma ligada para a administradora do fundo. — Bennie estava lendo alguma coisa que parecia um relatório de investimentos. Se Willa tomasse cuidado com seu dinheiro, como ela obviamente fazia, estaria arranjada para o resto da vida. Isso explica por que não quis vender seus desenhos. Ela não precisava.

Não, não explica, Anne pensou, mas ficou calada.

— Então não há família a ser notificada — disse, em vez de expressar seus pensamentos, e mesmo aquelas palavras quase lhe ficaram presas na garganta. Era difícil conter uma tristeza tão opressiva. Willa vivia sozinha, num mundo em preto-e-branco que era apenas seu, desligando-se de todos ao seu redor. O único colorido da sua vida era o seu cabelo, e isso Anne não sabia como explicar direito. Willa tinha por companhia apenas o seu trabalho e não o compartilhava com ninguém. Levava uma vida completamente insular, e Anne sentia que isto havia começado quando os seus pais haviam morrido. Era uma resposta normal ao trauma e inconfortavelmente familiar.

— Oh, bem. — Bennie devolveu os documentos para a gaveta e fechou-a. — A esta altura, estou suficientemente convencida de que ninguém desejava matar Willa Hansen. Pelo que ficamos sabendo hoje e esta noite, acho que Kevin é o assassino e você, a vítima intencional. Eu estava errada. Sinto muito por isso, Murphy. Você tinha razão.

— Ela foi morta por minha causa. Pode deixar que não vou dizer *eu-não-disse* — falou Anne, forçando um sorriso desajeitado.



Já era tarde quando chegaram à casa de Bennie. Anne acomodou-se à mesa da aquecida sala de jantar, tentando afugentar a sua tristeza e fadiga. Bennie retirou-se para preparar alguma coisa para o jantar e arranjar um pires de leite para Mel. O gato enroscou-se nos pés de Anne enquanto o cachorro de Bennie, um retriever dourado chamado Bear, fungava sobre ele com um nariz úmido, deixando marcas de baba no pelo normalmente imaculado do gato e desalinhando-o. A mão de Anne rondava protetoramente nas proximidades. Para proteger o cachorro.

— Como eles estão se dando? — Bennie gritou da cozinha, fora de vista.

— Oh, logo vão ficar muito amigos! — respondeu Anne. Mel deu uma patada com as garras recolhidas em Bear, o que permaneceria como o segredo particular deles três, ali. O cachorro não parecia amedrontado diante daqueles 45 quilos de pelo com uma língua rosada. Bear estivera em permanente movimento, dançando ao redor de Mel, desde que Anne o colocara no chão, depois curvou-se diante dele para brincar, e finalmente começaram a trocar patadas no ar. Ela se maravilhava com o fato de que Bear se aventurasse a uma intimidade tão imediata e atribuiu-a a uma perturbadora ausência de discrição da parte do animal. Em outras palavras, coisa de cachorro.

— O gato está bem? — Bennie gritou novamente. Da cozinha veio o tlintlim de copos e, na sala de estar, Mel deu mais uma patada em direção a Bear, que a interpretou, mal aliás, como um convite para brincar. Anne ficou com a clara impressão de que retrievers dourados de fato acreditam que todos no mundo os amam, a despeito de toda e qualquer evidência em contrário. Eles poderiam ser os erotomaníacos do mundo cão.

— Nada com que se preocupar! — gritou Anne em resposta.

— Creme dois por cento ou light?

— Dois por cento está ótimo!

— Tenho aqui uma lata de atum, também.

— Ótimo! Obrigada! — Anne pôs o gato no colo antes que ele cegasse o seu *novo-melhor-amigo*. Mel acomodou-se como Gato Esfinge e na hora em que Bennie entrou na sala com uma bandeja, parecia o mais inocente dos felinos. Parecia até mesmo tímido.

— Tudo pronto — disse Bennie, colocando a bandeja sobre a mesa de nogueira. A bandeja tinha um fundo de vidro fosco, curiosos pegadores azuis e uma etiqueta de preço afixada no lado. Doze dólares e noventa e oito centavos, Michael Graves, à venda na Target. Anne não era detetive mas logo deduziu que Bennie não era de receber muitas visitas, e ouvira dizer algo sobre Bennie ter rompido com o seu namorado, que morava com ela. Nota mental: *Nunca se pode dizer quem é solitário apenas de olhar*.

— Obrigada.

— É tão pouco. Será que dá para alimentar essa criatura? — perguntou Bennie, segurando uma tigela de leite.

— Claro, é só pôr no chão.

— Nem pensar. Não com um retriever na área de risco. Comida no chão é um belo brinquedo para ele. — Bennie colocou a tigela em cima da mesa de jantar, sob o olhar de Mel. — Murphy, você precisa mostrar o leite para ele... ou fazer alguma outra coisa?

— Ele está vendo. Vai beber quando tiver vontade.

— Assombroso. — Bennie arregaçou as mangas da sua camisa social. com seu short surrado e os pés descalços ligeiramente sujos, parecia sentir-se completamente à vontade, não apenas em sua própria casa, mas em sua própria pele. — Um cachorro nunca deixa a comida para depois, entende?

O rabo de Bear já se agitava feito doido, com ele farejando a tigela. E ele a teria tomado toda, a esta altura, se Bennie já não o conhecesse e não tivesse colocado a tigela fora de seu alcance. — Só espero que o gato não demore demais.

— Garanto que ele vai fazer exatamente isso, só para torturar o cachorro. — Anne acariciou a cabeça de Mel e o bichano ronronou.

Ela pegou o seu refrigerante e sorveu um longo e gelado gole. — Muito obrigada pela bebida e pela sua hospitalidade.

— O prazer é todo meu. — Bennie inclinou a cabeça de modo que um emaranhado do rabo-de-cavalo despencou-lhe sobre os ombros, junto ao bolso em seu peito. — Conferi o que tenho para o jantar. Laranjas e três ovos. Sinto muito, não tenho tido tempo para fazer compras de supermercado, com essa história de depoimentos e a experiência de quase-morte de uma das minhas melhores sócias.

— Na verdade, não estou com fome. Geralmente, janto cereais em flocos.

— Isso eu posso preparar. — Bennie virou-se, dirigindo-se para a cozinha, e voltou com duas colheres de sopa, duas tigelas, um frasco de leite e uma caixa de Shredded Wheat, que depositou sobre a mesa, sentando-se a seguir na cadeira diante de Anne. As luminárias presas em um trilho circular emitiam um brilho diretamente sobre sua face, emprestando-lhe um suave rubor e dando brilho ao cabelo louro. — O jantar está servido.

— Genial! — disse Anne, embora não gostasse de Shredded Wheat. A caixa permaneceu em cima da mesa: atarracada, vermelha e lembrando demasiadamente uma mesa de café da manhã. Sua longa lista de “componentes Nutritivos” encarou-a, apresentando uma quantidade alarmante de fósforo, magnésio, zinco e cobre. Metal era coisa de encanador, não de café da manhã, e mesmo assim Anne pegou o cereal, despejou um pouco na tigela e fingiu que eram Captain Crunch.

— Então, vamos revisar — Bennie disse, engolindo. — Você sobreviveu a um perseguidor que queria matá-la, a um cliente que queria despedi-la e a um corte de cabelo feito com tesouras de escritório.

Anne forçou um sorriso.

— Coisas totalmente diferentes. — Ela engoliu outra colherada de cereais, que até não tinha um gosto ruim já que não tinha gosto nenhum. Correu em seguida os olhos pela mesa de pinho polida à procura do açucareiro, mas não havia nada sobre a mesa, a não ser pelos descansos de palhinha amarela trançada. Talvez seja isso que tem neste cereal. — Pode me trazer o açúcar, por favor?

— Não — respondeu Bennie.

— Está brincando?

— Não tem açúcar nesta casa. Nem açúcar e nem TV Ambos fazem mal à saúde.

Anne achou que poderia ser alguma modalidade de loucura. Nada de Lucy? Nada de açúcar?

— Já ouviu falar em melancolia do açúcar?

— É como a gente se sente quando não tem açúcar em casa? Bennie sorriu.

— Deixa pra lá! — Ela engoliu mais uma colherada de cereais. Você não gosta de esportes, gosta, Murphy?

— Eu faço compras. Injeta um bocado de estamina na gente. E treino comendo Cocoa Krispies. Sabe, isso é que é jantar. — Anne deu-se conta, lá no fundo, de que estava tentando fazer Bennie rir, e perguntava-se por quê.

— Sabe, Murphy! Eu admiro você. Verdade!

— É mesmo? — Anne quase engasgou, mas podia ter sido o descanso de palhinha.

— Acho que você está lidando com a situação belamente. Tive uns momentos difíceis na vida, mas não iguais a este. Sinto orgulho de você. Isto tudo é horrível, e eu sei o que você deve estar sentindo em relação a Willa.

— Obrigada — replicou Anne depressa, sentindo o rosto quente. Estou muito grata por tudo que você e as outras garotas têm feito por mim.

— Não há de quê, mas ainda não acabou. Amanhã é o grande dia. A homenagem póstuma. — Bennie engoliu mais um bocado de cereal, que ajudou a descer com Diet Coke.

— Vamos pegar esse escroto. DiNunzio é mais valente do que aparenta, e Carrier enfrenta qualquer parada. Ambas são assim.

— Aposto que são.

— No entanto, preciso me desculpar pelo comportamento delas e pelo meu também. — Bennie fez uma pausa, olhando diretamente para Anne. — Nenhuma de nós a recebeu bem quando você chegou à firma. E a culpa é minha. Não dei oportunidade para que você fosse assimilada. Não imaginei o quanto isso era importante.

Nenhuma de nós comportou-se muito bem, e sentimos muito por isso.

— Tudo bem. — Anne engoliu em seco. Ela abaixou a sua colher de sopa e jurou nunca mais comer utensílios domésticos.

— Não, não está tudo bem. Sou uma boa advogada, mas vejo agora que não sou uma boa administradora. Não sou tão boa, acredito, em fazer com que todos se sintam à vontade, que sejam felizes. Que trabalhem em equipe. No geral, quero apenas que a gente obtenha vitórias.

— A vitória é uma coisa muito boa.

— Não basta. Tem coisas que a gente acaba perdendo. E pessoas também. Como você.

— Não fui muito amigável...

— A responsabilidade era nossa. Era minha. Você veio para a minha cidade, para a minha firma. Mas o modo como agiu era compreensível, considerando-se o que você havia passado. Não há tempo como o presente.

— Tenho uma pergunta, Bennie. Você sabia tudo sobre Kevin. Sobre o meu passado. — Ela pensava no buquê de margaridas de sua mãe. Como foi isso?

— Uma das suas referências de trabalho falou-me a respeito de Kevin. Que ele tentou matar você, que você sofreu uma pressão violenta e colocou-o na cadeia.

— Mas esperava-se que eles fornecessem apenas dados profissionais — disse Anne, surpresa.

— Eram pessoas que queriam que você conseguisse o emprego. Estavam tentando ajudá-la a construir uma vida nova. E quando ouvi a história toda, isso me ganhou. Soube que você poderia aguentar qualquer responsabilidade que eu despejasse sobre você.

Anne sorriu. Ela realmente queria perguntar sobre sua mãe, mas parecia tão embaraçoso.

— O restante eu levantei. Tenho um bocado de amigos trabalhando em advocacia por aí. Saí catando informações, foi só. — Bennie bebericou seu refrigerante, mas o gelo fazia ruídos demasiado festivos para esse tipo de conversa. — Eu lembrei que na entrevista você disse que não tinha família. Mas não falou que

alguém tivesse morrido. E não havia menção de parentes ou mesmo local de nascimento no seu currículo resumido. Então, pus o investigador da firma em ação. Você conhece Lou, não é?

— Você me investigou? — Anne tentou não parecer totalmente irritada.

— Mas é claro, e não lhe peço desculpas por isso. Simplesmente não posso colocar alguém em minha firma sem mais nem menos, e ninguém aparece do nada. Todo mundo tem uma família, quer queira ou não. Não apenas uma família, um contexto. Como uma palavra, com significado num parágrafo. — Bennie sorriu por cima da beirada do seu copo. Deu um pouco de trabalho, mas descobri seu contexto.

— Minha mãe?

— Sim.

— Mas não meu pai.

— Não.

Anne sentiu o coração acelerado.

— Onde é que ela está, afinal de contas?

— Sul da Califórnia. — Bennie baixou o copo. — É tudo que devo dizer. Ela me pediu para não contar a você, e prometi que não contaria.

Anne sustentou uma fisionomia rígida. Uma pontada de raiva, bastante familiar, penetrou, cortando-a junto ao coração.

— Que bonito da parte dela.

— Sinto muito. Respeitei a vontade dela, mas também porque pensei que seria doloroso.

— Não me importo tanto assim em ser ferida — replicou Anne depressa demais, outra vez, e soou pouco convincente mesmo para si. Ela queria gritar. Como pode uma mãe ter tal poder sobre uma filha crescida? Mesmo que seja a pior das mães?

— Acho que ela não se sente muito orgulhosa de si mesma e é por isso que não queria que você soubesse. — Bennie fez uma pausa. — Ela tem um problema com bebida, percebi isso.

— Ou seja, quando falou com você mal conseguiu parecer coerente no que dizia, é isso? — Anne sabia para onde a tal conversa teria se encaminhado, e suas faces se ruborizaram subitamente, de vergonha. — Ela não lhe pediu dinheiro, pediu?

Bennie não confirmou nem negou.

— Minha família não é nenhum modelo de virtude, mas não há dia em que eu não sinta falta da minha mãe. Ora. Todos cometemos erros.

Anne sentiu um aperto no peito.

— Ela tem mantido contato com você, depois disso?

— Não, mas é bom lembrar que são dela as flores com as quais você estava abraçada por todo o percurso de carro, certo? — Bennie sorriu docemente. — Não que você se importe com ela.

— Claro, tive apenas que morrer para chamar atenção dela. Ela encomendou as flores por telefone. O cartão foi datilografado na loja. — Anne olhou para o que restara do cereal e experimentou um gosto amargo na boca que não era magnésio. — Eu nem sei como ela descobriu meu endereço.

— Fui eu que dei — respondeu Bennie e Anne se inclinou para ela.

— Você? Quando?

— Quando falei com ela, no ano passado, assim que você se mudou para cá.

Anne ficou muda. Então ela nem sequer estava acompanhando notícias sobre mim, nos jornais.

— Você preferia que eu não tivesse contado, eu sei. Sinto muito. — Bennie suspirou. — Sempre desejamos que nossos pais sejam melhores do que são. Maiores, mais fortes, mais ricos. Pessoas melhores, mais confiáveis. Só que eles nunca são. Apenas isso, não são. Algumas vezes, o melhor caminho é encarar a verdade como ela é.

— Eu já aceito a verdade faz muito tempo — disse Anne, depois odiou o jeito como falou. Ela se recriminou por se apiedar de si mesma, e mais ainda sabendo que Bennie estava com razão.

Nota mental: *Talvez patrões se tornem patrões por algum motivo*.

15

Do lado de fora da janela do segundo andar, fogos de artifício comprados a granel pipocavam, e os lasers do feriado fatiavam o céu noturno, mas Anne os ignorava, concentrando-se no monitor do seu computador. Ela se acomodara na mesa de trabalho do bagunçado quarto de hóspedes de Bennie, onde estavam guardados velhos equipamentos atléticos, uma bicicleta Peugeot branca, e caixas de arquivos antigos empilhadas sobre um sofá-cama estreito, colocado de encontro à parede, sem terem sido esvaziadas.

Anne teria ido para a cama, mas não conseguiu evitar de tentar terminar sua pesquisa na Internet sobre os antecedentes de Bill Dietz. Na parte de cima da tela, leu: Sua pesquisa revela 427 pessoas com o nome William Dietz com condenações criminais.

Ela iniciara no número 82, e já estava no 112. Ainda não sabia por que estava fazendo isto. Não sabia se tinha encontrado alguma coisa e não sabia a importância dela. Sabia somente que olhara dentro dos olhos de Bill Dietz e enxergara maldade por trás deles. Maldade mascarada no que dizia respeito à esposa, disfarçada de proteção, e mesmo de amor. Ela voltou à pesquisa.

No 226, Anne estava no clima de eliminar os Bill Dietzes e começar a assumir aquela simples tarefa como um prazer cafeinado. Clicar numa listagem, ler, clicar na seguinte. Era mais fácil do que rever sua argumentação de abertura do julgamento ou tentar adivinhar qual o disfarce que Kevin usaria em sua próxima encarnação. No 301, ainda não tivera nenhuma sorte.

— Murphy, está muito tarde — disse Bennie, da soleira da porta do escritório. — Você precisa dormir. — Bennie entrou com Bear atrás, as unhas dele retinindo sobre o assoalho de pinho. Ela usava um roupão de banho felpudo e os cabelos haviam sido amontoados num coque alto desordenado, mas, quando chegou mais perto, Anne pôde observar que os olhos dela tinham um tom avermelhado e estavam um pouco inchados.

— Qual é o problema? Você pegou um resfriado?

— Acho que sou alérgica a gatos. Estou com coceira no rosto e não paro de espirrar.

— Oh, não. — Anne sentiu-se culpada. — Quando foi que começou?

— Depois do jantar. Tomei um banho de chuveiro, mas não adiantou.

— Devo ir embora e levar Mel comigo?

— Não, você não tem para onde ir. Apenas fique com ele no quarto. Mas a notícia boa é que nossa testemunha ocular, a sra. Brown, está em todos os noticiários. Na TV, no rádio. Os tiras anunciaram que estão oficialmente procurando o fugitivo da prisão chamado Kevin Satorno, ligado ao seu assassinato. Ele é um homem procurado.

— Queria que todos os erotomaníacos fossem também.

— O que me leva ao meu assunto seguinte. Já que Satorno está solto, queria que você tivesse alguma paz de espírito. Posso defender nós duas, se houver necessidade. Não se assombre quando vir isto. — Bennie meteu a mão no bolso do roupão e tirou um objeto. A extremidade prateada refletiu a luz da lâmpada.

— Um trinta e oito especial, hein? — Anne estendeu o braço para apanhar a arma e revirou-a com perícia na palma da mão. O aço inoxidável da estrutura estava gelado, e os encaixes dos dedos na sua coronha de madeira, ligeiramente gastos, assim como estava o logotipo Rossi dourado. Ela pressionou a trava do cilindro e abriu-o em sua mão. O revólver estava carregado com cinco balas. Ela fechou o cilindro com um satisfatório clique. — É de uns dez anos atrás. Você deve tê-lo comprado usado.

Bennie levantou uma sobrancelha.

— Isso mesmo. Como você sabe?

— Estas armas não estão mais em circulação. A Rossi as fabricava no Brasil. Eram uns caras que copiavam as armas Smith & Wesson. É por isso que se parecem com elas. — A arma era praticamente obsoleta, mas Anne não disse nada sobre isso. Não gostaria que ninguém falasse mal de sua arma. Ela revirou o revólver em suas mãos, apreciando sua robustez, mas não seu estilo. — É uma boa arma. Prática. Para qualquer um. Boa para você. — Ela a devolveu.

— Então não ficou assustada?

— Com um revólver? Não, a menos que estivesse apontado para mim. Não sou dessas pessoas que adoram armas, mas comprei um revólver depois que Kevin me atacou. Tenho uma Beretta trinta e dois, semiautomática. Cabe na palma da minha mão. Mimosa como um botão. Não preciso nem soltar o carregador para municiá-la. Ele simplesmente salta fora, assim não quebro minhas unhas. Uma excelente arma para uma garota. — Anne percebeu que sua chefe a olhava de um jeito esquisito, então explicou melhor: — Tentei fazer terapia, Bennie, mas foi uma chatura, e não sou do tipo que frequenta grupos de apoio. Daí, passei a ir ao estande de tiro quatro noites por semana. Depois de um ano, já conseguia acertar uma folha de papel, e me sentia muito mais segura.

— Deus do céu. Você é uma garota interessante, Murphy. — Com um sorriso torto, Bennie enfiou o revólver de volta no bolso de seu roupão de banho. — Quero que saiba que o revólver está aqui e está carregado. Nós estamos seguras. Vou guardá-lo na minha mesinha¨de cabeceira.

— Por que não o deixa comigo?

— Não é aconselhável. Você tem experiência com este tipo de arma?

— E Eakins consegue pintar com ajuda daqueles esquemas de números? — Anne sorriu, e Bennie também.

— Mesmo assim, prefiro guardá-lo na minha mesinha de cabeceira. — Ela se virou para o monitor do computador com os olhos inchados.

— Qual é o objetivo dessa pesquisa, quando você devia estar se aprontando para dormir? O que importa se Dietz tem ficha criminal?

— Posso usar isso para impedir que ele deponha.

— É verdade, mas não sei o que você lucra com isto. Se tem tanta importância assim, mandamos o Lou investigar, depois do feriado. Mas Bill Dietz não é seu inimigo no caso Chipster.

— Eu sei. É a mulher dele.

— Errado. Você é a advogada. Seu oponente é advogado dela. Matt Booker.

— Claro. — Anne resolveu na mesma hora que não devia contar a Bennie sobre seus sentimentos para com Matt e vice-versa. — Isso é óbvio.

Bennie deu um aperto no ombro de Anne.

— Faça-me um favor e vá dormir. Você está sob o efeito da adrenalina, e tem um dia cheio amanhã. Agora, boa noite. — Ela virou-se e foi arrastando os pés, fungando, com Bear pateando atrás dela, corredor abaixo.

Anne inspirou profundamente e retomou sua pesquisa. Ela eliminou do 302 ao 397, esperando contra todas as probabilidades que este seria o seu Bill Dietz. Diminuiu o ritmo logo depois do 426, depois clicou na última entrada, sentindo inexplicavelmente como se estivesse jogando dados. Mas a tela apenas mostrou: William Dietz, data de nascimento, 3/11/80, Cochranville, PA. Delito. Roubo.

— Não! — disse Anne em voz alta, sem querer. Não havia nada. Mel ergueu a cabeça, sobressaltado, as orelhas em pé.

Anne sentiu-se subitamente perdida. Estava enganada. Bill Dietz não tinha ficha criminal. Ele era apenas um marido ciumento, protetor, que não havia cometido nenhum crime, nem mesmo uma contravenção. Ela se sentiu estúpida, inútil, esgotada, com suas emoções esvaziadas. Nada dera certo. Estava exausta demais para pensar. Tinha sido um dia muito maluco.

Ela se levantou, apagou a luz da escrivaninha, arrancou fora a saia e escorregou para a cama, dormindo sob as cobertas com sua camiseta. Pouco depois, a casa caiu em silêncio exceto por uma respiração alta e ofegante, vinda do quarto de Bennie, no final do corredor. Anne resolveu considerar que fosse a respiração do cachorro, e torceu para não ter deixado Bennie tão doente assim. Aos pés da cama, Mel circulou algumas vezes, depois se enroscou junto aos pés dela, cobertos, do jeito como fazia em casa. Mas não parecia que estivessem em casa. Ela poderia nunca mais voltar para casa. Deitada no escuro, sentiu-se como se subitamente não pertencesse a lugar nenhum, e com mais ninguém no seu mundo.

Qualquer que fosse o contexto que possuíra, ela o perdera. Era exatamente o que Bennie lhe dissera com sua característica rudeza.

Você não tem nenhum outro lugar para onde ir.

Anne fechou os olhos, tentando clarear o espírito, e dentro de um minuto o ronco abaixo do corredor juntou-se ao barulho da rua. Carros buzinando, risos e gritos do povo, final dos fogos de artifício. Uma festa distante devia ter terminado, ou então ela não pudera escutar o barulho antes. Colocou o travesseiro de baixo sobre a cabeça, mas não adiantou. Não era a sua cama, e ela sentia falta de seu travesseiro, com as fotos bordadas de Lucy beijando Desi em *Redecorating the Mertzes' Apartments*. Episódio Número 74, 23 de novembro, 1953.

Anne virou de lado e tentou não pensar mais em sua casa, nem em Willa, que morrera lá. Nem na sua mãe, cujas margaridas não perfumavam o quarto. Nem na sra. Brown, sentada sozinha com suas revistas de palavras cruzadas. E, principalmente, tentou não pensar em Kevin, com sua arma. Será que conseguiriam pegá-lo no dia seguinte, durante a homenagem póstuma? Mas tinham que conseguir. Depois de já tê-lo perdido hoje, era a sua última chance.



Uma hora mais tarde, ainda não conseguira dormir. Estava irrequieta e ansiosa. Virava-se de um lado para o outro, pensando em Matt. Nas flores que ele deixara na varanda. Na emoção de sua voz no escritório. O modo como olhara, cheio de dor. Será que compareceria a sua homenagem póstuma? Desejava tanto poder dizer-lhe que estava viva, e desejava tanto poder vê-lo. Sentia uma necessidade politicamente incorreta de um ombro forte para chorar, um peito quente para se abrigar. Anne amava homens, e, antes de Kevin, costumava ter muitos encontros; apaixonara-se e se desapaixonara algumas vezes, e fora muito feliz. Seria Matt o homem de sua vida?

Quinze minutos depois, Anne tinha se vestido, trancado Mel em seu quarto, e pegara a sua bolsa, que continha o seu celular e um revólver emprestado. Fora quase fácil demais entrar sorrateiramente

no quarto de Bennie e roubar o revólver da gaveta. E o ronco era do cachorro, graças a Deus.

Anne atravessou as ruas de Filadélfia com o seu Mustang. Tinha plena consciência do risco que corria se expondo na rua, mas era um risco calculado. Sabia se proteger, e as probabilidades de dar com Kevin eram quase nulas. Ele provavelmente estaria se escondendo da polícia, fingindo-se de morto, e além do mais ainda não tinha nenhuma razão para pensar que ela estivesse viva. Eram quase duas horas da manhã, mas não se podia dizer que as ruas estivessem desertas. Havia turistas semiembriagados, andando sempre em grupos, rindo, conversando alto, e de mãos dadas. Havia pessoas carregando sacos de papel pardo com garrafas de bebidas ou balançando pacotes de seis latinhas, cada, munidos de alças de plástico.

Anne parou num sinal vermelho, observando a festa nas ruas. Nada de Kevin. A noite estava abafada, o ar recendia a selvageria. Todo mundo cometia seus excessos, Anne mais do que todos. Afinal de contas, estava ali, de carro, fazendo exatamente o que não devia fazer, sem qualquer motivo justificável. As chances eram todas contra ela. No seu Mustang, Anne rumava para a parte colonial da cidade e para a casa de Matt. Tinha conseguido o endereço pelo 411, mas não havia telefonado antes.



Olde City ficava no lado leste, em torno de Independence Hall, onde a Declaração de Independência fora assinada. Seria o setor da cidade com a maior aglomeração de pessoas, no momento, já que toda a Filadélfia estava entregando-se à comemoração do aniversário de nascimento da nação. Ela acelerou em direção ao centro, e logo surgiram as fileiras de casas geminadas, com suas fachadas de tijolos, cobertas de hera, passando zumbindo nas janelas do carro.

Anne podia sentir a noite de verão assanhando o seu cabelo cortado curto, e acelerou. Esqueceu sua mãe e o caso Chipster. Precisava colocar distância entre Kevin e ela. A mesma sensação de quando se mudara para a cidade. Cheia de esperanças. Excitada. O coração acelerado. Procurou nos arredores uma vaga para o carro até que finalmente, na necessidade, estacionou num local proibido; mesmo a esta hora da manhã, as festividades prosseguiam. Desligou o motor e já estava pronta para sair do carro quando deu com sua imagem no espelho retrovisor. Tinha esquecido o batom. As marcas dos pontos no meio do lábio superior estavam aparecendo.

Que seja.

Apanhou a bolsa, retirou o revólver e enfiou-o na cintura da saia, só por precaução. Colocou os óculos escuros e saltou do Mustang com aquela confiança em si mesma que uma arma oculta transmite com demasiada facilidade. Caminhou alguns quarteirões até que encontrou a casa de Matt, uma casa de fachada de tijolos, como a sua, só que com tijolos mais antigos, de uma cor granulosa de melão desbotado. As persianas e portas eram pretas, e havia luz no primeiro andar, brilhando pelas frestas das janelas fechadas, portanto ele devia estar trabalhando até tarde, como ela ficara. Ela bateu à porta da frente e, após um minuto, a luz de fora acendeu e a porta foi escancarada.

Anne engasgou quando viu Matt.

— O que aconteceu? — perguntou, assombrada.

16

Matt parecia ter levado um murro na cara. Um corte de três centímetros abria-se na sua face esquerda, um rasgão tingido de sangue fresco, e abaixo do corte sobressaía-se um inchaço grande como um ovo de gansa, já quase fechando o seu olho esquerdo. Ele ainda vestia a camisa Oxford, agora toda salpicada de pequeninas gotas de sangue.

O seu olho intacto arregalou-se quando viu Anne.

Seus lábios abriram-se sem acreditar. Ele inclinou-se à frente para enxergar melhor, examinando o rosto dela.

— Meu Deus, você se parece com...

— Sou eu mesma. Sou eu, Anne. Está vendo? — Ela retirou os óculos escuros. Não queria ficar tempo demais parada ali fora, na varanda frontal. Um casal na rua já estava se virando para olhá-los. Anne não achou que pudessem de fato enxergá-los, muito menos reconhecê-la, mesmo assim... — Me deixe entrar, Matt. Aí dentro eu explico. Foi tudo um equívoco. Estou viva.

— O quê? Anne? Um mal-entendido? Viva?

Matt ficou paralisado de tanta perplexidade, então Anne tomou-lhe o braço e empurrou-o para dentro da casa, fechando a porta atrás deles. Havia uma lâmpada acesa na sala de estar, que tinha as paredes de tijolos à vista, um sofá preto moderno e cadeiras. Blocos pautados de anotações legais amarelos, fotocópias de casos e documentos com o logotipo da Chipster.com, cobrindo a mesa de café, quase ocultando um laptop. A casa de Matt era o quartel-general inimigo, mas Anne não podia pensar nisso agora. Nem encará-lo como inimigo nessa altura, não importava o que tivesse dito Bennie. O rosto dele estava se abrindo num sorriso de contentamento, à vista dela, viva, iluminada pela lâmpada.

— Meu Deus! Anne, é você! Estou mesmo vendo você! Anne!

— Gosta do meu novo penteado? — perguntou ela, remexendo nos cabelos com os dedos, mas antes que ela pudesse pedir mais elogios, Matt a havia estreitado em seus braços. E ela o sentiu forte e sólido, como um rescaldo de alívio percorrendo abundantemente

seu corpo, espalhando calor como sangue e vida. Era tão bom ser abraçada, mesmo por alguém que nunca a tinha abraçado antes.

— Você não está morta! — Matt começou a rir, desafogando sua dor. Abraçou Anne com mais força ainda, e seus braços, de tão compridos, quase a envolviam por completo.

— Não posso acreditar! Não vou deixar você ir embora agora! Eu tenho você. Tenho você agora!

Anne retribuiu o abraço, deixando a emoção expandir-se, e sentiu uma lágrima rolar pela sua face. Não chorava desde seu banho de chuveiro, coisa que parecia ter ocorrido séculos atrás. Enterrou o rosto na áspera camisa de algodão de Matt, aninhando-se contra o seu peito. Ela não sabia se deveria estar ali, mas sabia que necessitava de alguém em quem se apoiar, e não tinha se dado conta disso até esse minuto.

— Conte o que aconteceu. Não, não diga nada. Deixe para lá. Não fale, deixe isso comigo. Tenho algo para dizer. A cada minuto me arrependo de não ter dito isso antes, desde que soube que você estava morta. — Matt a soltou e olhou-a de cima a baixo, enxugando o rosto dela com seu polegar morno. — Não chore, é uma coisa boa. O que tenho a dizer é... Eu amo você, Anne.

Uau.

Então, Anne começou a sorrir, as lágrimas correndo, e estendeu os braços para alcançá-lo, beijando-o em cheio, de um modo que há muito desejava fazer. Ela podia senti-lo entrando nela mais e mais com seu beijo, também, com a urgência do seu corpo inteiro. Quando a soltou novamente, acomodou-a no sofá e sentou-se ao lado, afastando uma franja de cabelo impertinente de sua testa.

— O que aconteceu? — perguntou, conseguindo colocar toda a preocupação em seu rosto, a despeito de sua bochecha machucada. — Mas que loucura! Você está viva?

— Antes de mais nada, você não pode contar para ninguém. É o segredo mais difícil do mundo para se guardar, mas não posso correr o risco de deixá-lo chegar aos ouvidos do Kevin. Ele acha que estou morta.

— Kevin. Você quer dizer este cara que estão procurando, o que está nos noticiários? Satorno? É por isso que mudou o cabelo?

Matt escutou Anne lhe contar toda a história e, quando ela terminou, permaneceu em atordoado silêncio por um momento antes de falar.

— Você correu muito risco vindo até aqui. Por que Bennie a deixou fazer isso?

— Ela não sabe. Saí escondida da casa dela. Você está me convidando para sair faz um ano, e calculei que fosse uma boa hora para aceitar. Anne não conseguia olhar para ele sem se prender ao ferimento no seu rosto, e verificou que era pior do que pensava. O rasgão corria a face toda, e continuava sangrando. Talvez precisasse levar pontos. Anne era perita no assunto. — O que aconteceu com o seu rosto?

— Não posso lhe dizer.

— Por que não?

— Informação confidencial.

— O que isso quer dizer? Uma briga de socos confidencial? Matt procurou desconversar.

— Deixa isso pra lá. Por que a polícia pensou que você estivesse...

— Uma briga confidencial seria uma briga com um cliente. — Anne raciocinou por um instante e chegou de estalo à conclusão. — Já sei. Foi Bill Dietz! Ele deu um murro em você, não foi?

— Não foi de propósito.

— Aquele escroto, eu sabia! — Num relance, Anne visualizou as listagens com vários Bill Dietzes. — Nenhuma agressão, a não ser a desta noite, contra o seu próprio advogado. Ela estava certa quanto ao ódio que sentira em Dietz. — Por que ele esmurrou você?

— Isto não é confidencial, portanto posso lhe contar. Mas temos que observar certos limites aqui. Ele é meu cliente.

— Você ainda é leal a ele? Você devia era acabar com a raça dele!

— A coisa não funciona desse jeito. Correto.

— Bem, devia. Então, o que aconteceu?

— Fomos para o meu escritório, depois do depoimento. — Matt fez outra pausa. — Odeio ter que lhe contar isso. Não é nada contrário à ética, é somente estúpido, e este é o nosso começo, quando eu devia lhe mostrar apenas meu lado bom.

O começo.

Anne gostou da impressão que a palavra lhe causou.

— Diga...

— Ora, Bill falou uma coisa que de fato não me agradou e, não, não vou lhe dizer o que foi, portanto não insista perguntando. — Ele apontou o dedo para ela. — Bem, eu disse a ele que não tinha gostado. Então, ele me disse para não falar com ele dessa maneira, que eu era apenas o porta-voz, o que foi uma idiotice dele. E então me esmurrou. Ainda não consegui entender o que houve. — Matt levou a mão ao ferimento, acariciando-o com cuidado. — Ele não teve a intenção de me ferir, mas usava um enorme anel de colégio e foi o que me fez este estrago. Ele se sentiu pior do que eu. Pediu desculpas e Beth também. Eles se ofereceram para me levar a um hospital.

— Oh, mas que sujeito! Um cliente serviço completo.

— Os Dietz são na verdade boas pessoas.

— Os Dietz são canalhas mentirosos.

— Nada disso. O mentiroso é o Gil.

Anne suspirou.

— Matt, vocês precisam se dar bem, e isso está atrapalhando sua capacidade de julgamento. Dietz tem problemas. Não me surpreenderia se ele maltratasse a esposa. As pessoas normais não costumam ter reações físicas violentas. Ele esmurrou você por uma coisa que você disse a ele.

— Isso não significa que ele bata na mulher. Ele ama Beth. Faria qualquer coisa por ela.

— Você também. Você é o advogado dela. E dele!

— Não conheço ninguém que não queira esmurrar um advogado de vez em quando. E metade é de advogados! Talvez seja você que esteja íntima demais de seu cliente. O caso é que você não gosta dos Dietz.

— Mas eles estão extorquindo dinheiro de um inocente. Estão bombardeando a empresa dele e prejudicando a chance de abrir seu capital na bolsa. A Chipster é uma das mais bem-sucedidas...

— Anne? — Matt estendeu a mão e tocou seu braço. — Chega de falar dos Dietz ou da Chipster. Gostei do que estávamos fazendo antes.

— Vamos lá, o que foi que Dietz disse a você? Fale, estou louca para saber.

— Não! Não vou contar ao advogado da outra parte nada do que meu cliente tenha me dito! — Matt ficou sério. — Você está ficando paranoica, e não a condeno por isso, mas não podemos continuar falando dos Dietz. De acordo?

— Você não pode condenar uma garota por tentar.

— Eu posso e faço. E ainda estou irritado por aquela sua brincadeirinha de strip-tease.

— Você tem menos humor do que eu pensava. — Anne fez beicinho enquanto os braços de Matt deslizavam em volta dos seus ombros. Ela afundou profundamente nas almofadas do sofá, então sentiu algo duro contra seus quadris. Opa. — Pare, espere um instante. — Ela se desembaraçou o suficiente para retirar o revólver da cintura, colocando-o sobre a mesa de centro, em cima das anotações rascunhadas.

— Meu Deus! — Matt jogou o corpo para trás, chocado. — Onde conseguiu isso?

— É da Bennie.

— Está carregado?

— Claro. Não se pode atirar em ninguém com uma arma descarregada. — Anne se aproximou de Matt e segurou seu braço, mas ele continuou de olho na arma.

— Essa coisa tem uma trava de segurança?

— O que é segurança, grande companheiro? — sussurrou ela, plantando um beijo suave no lado bom do rosto dele.

— Algo que se coloca na arma para que não dispare.

— Estou brincando. Isso aí é um revólver, e revólveres não têm trava.

Matt recuou.

— Ele pode disparar?

— Não. Você tem que empunhá-lo, apontá-lo para alguém de quem você não goste e puxar o gatilho.

— Então, aponte-o para longe ou para alguma outra parte. Não consigo relaxar com ele apontado para nós.

— Perfeitamente. — Anne sentiu pena dele, então se inclinou e rodopiou a arma de modo que o cano ficou diretamente apontado

para o conjunto TV-DVD-VCR. — Acho que tudo estará certo agora, a menos que a arma decida atirar no seu DVD. Mas se você me beijar como fez um minuto atrás, posso esquecer de que você não passa de um grande bebê.

— Ah, você gostou? — Matt riu, mostrando todos os dentes, puxando-a para mais perto, e a parte do seu rosto que não estava ferida relaxou.

— Deus do céu, você é tão bonita que assusta.

— Não, nem tanto. — Anne apontou impulsivamente para a sua cicatriz. — Atraente, hein?

— E daí? A minha é bem pior.

— É mesmo? — E daí? — Anne piscou os olhos, perplexa. — Eu era um monstro quando nasci. Tenho uma cicatriz que, ao contrário da sua, é permanente.

— Não é uma cicatriz, é um alvo, e acho que não é tão grande assim.

Matt cobriu a boca de Anne com a sua, beijando-a suavemente, depois mais uma vez, bem devagar, vencendo o constrangimento dela a cada beijo. Ela retribuía os beijos, deixando que ele a conduzisse para longe dela mesma e dos seus medos. Ela estava sendo cuidadosa com ele também, indo lentamente para não machucar seus ferimentos e, para conhecê-lo melhor, com beijos cada vez mais profundos.

Ela se reclinou para trás no sofá coberto de documentos e sentiu a pressão dele sobre ela, o corpo dele, tão quente, com todo o seu peso. Ela ignorou o estalido das fotocópias por debaixo dela e Sequer pensou em espiar a jurisprudência que ele estaria utilizando em sua argumentação. Nem mesmo tentou dar uma olhada na tela do computador a curta distância quando ele esticou o braço para apagar a luz. Nota mental: *Algumas pessoas têm de escolher entre fazer amor ou fazer guerra, mas advogados podem fazer ambos*.



Ninguém na rua ao amanhecer de domingo e apenas alguns caminhões leves e vans circulavam, transportando gelo, mesas e barracas para as comemorações ainda programadas na cidade. Anne saiu apressada da casa de Matt, atravessando as ruas de Olde City, feliz e revigorada, depois de uma noite com um homem que a amava. Ela não poderia dizer que o amava, ainda, mas estava bastante propensa a fazê-lo e seria um vacilo e tanto.

Ela foi guiando, mantendo uma das mãos junto à bolsa, de modo que o revólver não fosse expelido. Certo, ela não era um modelo de segurança no uso de armas de fogo e também não estava mais usando calcinhas. Não tivera tempo de procurá-las. Tinha se levantado bem cedo para voltar para a casa de Bennie, a fim de não deixá-la preocupada. Nem que descobrisse que sua sócia novata estava dormindo com o inimigo. Anne não podia deixar o rabo na reta. Literalmente.

Caminhou apressada pela calçada de pedras arredondadas suando com o ar pesado. Os naturais de Filadélfia sempre dizem: “Não é por causa do calor, é a umidade”, mas Anne não concordava. É o calor mesmo, idiota. Ela empurrou para cima os óculos escuros que estavam escorregando sobre o nariz e aos trancos enfrentou os dois quarteirões restantes para chegar à rua onde tinha estacionado o carro, diminuindo os passos para tomar fôlego quando viu a fileira de carros que reconheceu da noite passada. Ela se acalmou ao passar por uma minivan azul uma Mercedes branca 430 e um caminhão Ford azul, que era o último da fileira.

Ela se deteve, olhando ao redor, confusa. Nossa, aonde foi parar meu carro? Não havia nenhum Mustang vermelho na rua. Na realidade, não estavam mais ali nenhum dos carros que vira estacionados na noite anterior. Será que todos haviam desaparecido? Ou ela estava na rua errada? Examinou a placa verde da rua. Delancey Street.

Certo. Estacionara aqui na noite anterior.

Procurou o Mustang nos arredores, mas o carro não estava à vista. Girou nos calcanhares, então, e ficou cara a cara com um letreiro vermelho que não havia notado na noite anterior, quando

ainda estava no cio. Leu então a placa: ESTACIONAMENTO PROIBIDO ÁREA DE REBOQUE.

Mas da mesma forma poderia ter lido:

PISTA VARIADA.

17

Estúpida! O coração de Anne naufragou. O Mustang tinha sido rebocado! Ela amaldiçoou a si mesma e a suas origens irlandesas. A sua falta de planejamento e a de suas calcinhas. O que poderia fazer? Poderia voltar e pedir uma carona ao Matt, mas não queria revelar sua estupidez. Agora compreendia o que ele quisera dizer com “Este é o nosso começo, quando eu devia lhe mostrar apenas o meu lado bom.”

Anne teve outra ideia, melhor do que estacionar um carro de fuga numa zona de reboque. Mais cedo ou mais tarde um táxi tinha de aparecer e, enquanto isso não acontecia, continuaria caminhando. Levaria uma hora para chegar à casa de Bennie, que ficava quase do outro lado da cidade, mas não tinha outra alternativa.

Começou a caminhar, tomando o rumo oeste, Delancey acima, e fazendo um inventário mental. Ora, o Mustang era alugado, e ela ainda tinha seu celular e uma imitação de uma Smith & Wesson. Do que mais uma garota precisaria? E ainda que o céu acinzentado estivesse clareando para uma cor de aquarela azul-clara, estava razoavelmente segura. Kevin continuaria escondendo-se da polícia. Só tinha um problema: não havia jeito agora de chegar a tempo à casa de Bennie. O que faria? Anne virou o cérebro pelo avesso tentando inventar uma boa mentira, mas não conseguiu nada que prestasse, o que a preocupou. Talvez o sexo tivesse esgotado os seus superpoderes. Desarmada, teria que dizer a verdade. Teria de admitir não só que havia cometido alta traição como tinha ficado com tanto tesão que deixara de ler uma placa de trânsito.

Continuou caminhando, pegou o celular da bolsa e ligou para a casa de Bennie.

— Sou eu — disse, quando a chamada foi atendida.

— Murphy? — Bennie soava sonolenta. — Você está me telefonando? Não está no seu quarto, na cama?

— Não exatamente. — Anne continuava procurando por um táxi na rua, enquanto seguia andando rumo à parte alta da cidade. A rua

estava infestada de lixo e de copos de papel da noite anterior. Copos de plástico para pipocas despejavam seu conteúdo na sarjeta. — Sinto muito, eu pretendia estar em casa agora. Estou telefonando para você não se preocupar.

— Como eu não deveria me preocupar? Onde você está? — Ela espirrou e Anne se encolheu.

— *Gesundheit*. Sinto muito, muito mesmo. Estou a caminho. — Ela mordeu o lábio. Isto era uma maneira repugnante de retribuir a bondade de Bennie. Não admira que ela nunca dissesse a verdade. Era difícil. Passei na casa do Matt, ontem à noite. Vou estar aí em uma hora, no máximo, ou mais cedo ainda, se conseguir pegar um...

— Um instante. Matt? Matt Booker? Fazendo o quê? Estavam tentando um acordo sobre o caso?

— Não exatamente. — Anne corou, mas talvez fosse pelo calor, ou pela umidade. — Passei a noite com ele. Estamos namorando, Bennie, acho.

— Matt Booker! Você e Matt Booker estão... o quê? Há quanto tempo?

— Só uma noite. Olhe, sei que parece horrível, mas é assunto pessoal, nada a ver com trabalho. — Então, ela se lembrou dos ferimentos de Matt e ficou na dúvida se deveria contar isso a Bennie. Estaria traindo Matt, se contasse? Estaria traindo Bennie se não contasse? E quanto ao Gil? Nota mental: *Há muitas razões, todas excelentes, para você não dormir com o advogado da parte contrária*.

— Você e Matt Booker são assunto pessoal? Ficou doida?

— Sei que não deveria ter feito isso.

— Ele é o advogado do queixoso!

— Eu fraquejei.

— Meu Deus, sempre fico esquecendo do quanto você é jovem! berrou Bennie, depois se conteve. — Discutiremos isso quando nos encontrarmos. Só que temos más notícias por aqui. Estou vendo pela janela do quarto que a imprensa ocupou a casa diante da minha. Estão esperando que eu saia.

— Eles não estavam aí na noite passada.

— Isso é porque eles dormem à noite, como você deveria ter feito. A questão é: não há como voltar para casa sem que você ou o

carro sejam reconhecidos.

Nenhum problema quanto ao carro.

— Encontre-se comigo no escritório — concluiu Bennie, com severidade. — Use a entrada dos fundos. Precisamos estar prontas para a homenagem póstuma. É hoje, ao meio dia. Seria bom que você comparecesse. É a convidada de honra.

— Eu sei. Sinto muito.

— Tudo bem, vejo você no escritório. Tome cuidado.

— Não se preocupe.

Bennie soltou um rugido, depois desligou.

Anne deslizou o telefone para dentro da sua bolsa e deu uma corrida até a esquina para procurar um táxi. Não havia nenhum à vista, então ela prosseguiu caminhando.

Levaria menos de uma hora dali até o escritório, e ela se dirigiu para lá, pegando um tabloide grátis de uma caixa no caminho. Era o *City Beat*, o jornal do qual ouvira falar, com circulação apenas local, provavelmente. O FUGITIVO, dizia a manchete, acima de uma péssima fotografia de Kevin. Anne ficou ainda mais agitada.

Todo mundo estaria procurando por ele agora, até mesmo os cidadãos comuns. Foi lendo a história enquanto andava, tudo sobre ela e Kevin, e uma coluna lateral sobre a sra. Brown. Deu uma olhada no crédito para o autor do artigo: Angus Connolly. O repórter esquisito com o chapéu australiano dera mesmo um golpe de sorte. Ela desejou que ele tivesse todo o sucesso do mundo, depois enfiou o jornal na primeira lata de lixo.

Suava em bicas quando chegou à parte alta da cidade. Teve de driblar a horda de repórteres, câmeras de TV e fotógrafos que se aglomeravam na entrada do prédio da Locust Street. Ela enfiou-se apressadamente na alameda dos fundos do edifício, ocultou os seios com as mãos ao passar pelo Hot and Heavy, e finalmente conseguiu alcançar o andar da firma, atravessando a área da recepção, vazia, rumando a seguir direto para o escritório de Bennie, no final do corredor.

A porta de Bennie estava aberta, e Judy e Mary ocupavam as duas cadeiras de frente para a sua escrivaninha. O escritório estava entulhado de livros jurídicos, prêmios e pastas sanfonadas vermelho escuro. As advogadas estavam conversando sobre alguma coisa

que Anne não conseguiu escutar. Ela emitiu um olá! cheio de culpa, fazendo as três cabeças voltarem-se para ela, instantaneamente. Mary e Judy sorriram de imediato para ela, mas Bennie cravou-lhe um olhar que dizia *você-está-metida-numa-confusão-tão-grande... mas-sempre-se-pode-fazer-uma-merda-maior-não-é*?

— Sinto muito ter preocupado você, Bennie — disse Anne, logo de cara, e com toda sinceridade. Ela tivera dez quarteirões para pensar sobre o quanto fora cretina, e concluiu que, por mais maravilhoso que Matt fosse, ele não era para ela, pelo menos ainda não. Na terça-feira ela estaria na corte, enfrentando-o, e um homem não era a resposta para tudo. Anne sentiu-se mais ou menos como uma alcoólatra que tivera uma recaída. Nota mental: *Esse negócio de voltar aos homens era uma merda*!

— Discutiremos esse assunto noutra ocasião. Temos muito trabalho a fazer.

O semblante cerrado de Bennie parecia ainda mais severo por conta de seu disfarce em traje de luto. Ela estava com tailleur preto e camisa branca e sapatos fechados pretos. O cabelo louro encaracolado tinha sido suavizado por um barrete de linho preto. Algum dia no futuro, talvez eu possa vir a aceitar suas desculpas. Neste momento, vou aceitá-las sob restrições.

Sentada na escrivaninha, Judy sorria.

— Pelo menos você se divertiu, Murphy, *a Devoradora*? — Ela vestia uma suéter de algodão preta com mangas curtas e uma saia preta simples e despojada até as canelas, com sapatos de pele de pônei falsificada.

— Oh, pare com isso, Judy — Mary saltou. Ela parecia uma freira simpática, num vestido preto com corte em A. — Também acho Matt um gato, e você merece ser feliz, depois de tudo pelo que tem passado. E confio plenamente que não lhe tenha dito nada sobre o caso.

— Obrigada — disse Anne, mas Bennie ainda não estava sorrindo.

— A propósito, quero a minha arma de volta.

— Mas é claro. Desculpe isso também. — Anne tirou o revólver da bolsa e Mary empalideceu.

— Isto é um revólver de verdade? Judy deu um pulo.

— Ele está carregado?

— Não — disseram Anne e Bennie ao mesmo tempo. Anne passou a arma para Bennie.

— Usei somente uma bala.

— Isso vai lhe custar dez *cents* — replicou Bennie, e os olhos de ambas encontraram-se numa trégua temporária graças à arma. Bennie abriu a gaveta da sua escrivaninha, enfiou o revólver dentro e girou a pequenina chave na fechadura. Depois, retirou a chave e escorregou-a para dentro do bolso da jaqueta. — Não tem mais nenhum revólver aqui. Podem ficar calmas.

Judy estremeceu.

— Não sabia que você tinha uma arma, Bennie.

— Agora já sabe tudo sobre mim. Minha cor favorita é retriever dourado. Meu esporte favorito é remo. Meu passatempo favorito é ganhar casos. Animais domésticos detestáveis? Gatos, sem trocadilhos.

— Como está Mel, eu já estava para perguntar? — Anne estava realmente preocupada com seu bichano.

— Ele miou chamando você esta manhã. Quis dar um tiro nele, mas alguém havia roubado meu revólver.

— Bennie! — Anne e as demais sócias olharam para ela horrorizadas.

— Brincadeira! — Bennie agarrou um bloco amarelo de anotações legais em sua escrivaninha. — Muito bem, garotas, todas nós temos de cumprir nossas tarefas hoje, correto? Carrier, você cuida dos detalhes relativos a flores. Você já está com a lista do pessoal encarregado da cozinha, certo?

Judy assentiu de cabeça, consultando um papel com anotações sobre a escrivaninha de Bennie.

— A maioria é de mulheres, assim estamos bem nessa área.

— Certifique-se de que na equipe da cozinha só estejam as pessoas com os nomes em nossa lista, e examine um por um.

— Entendido.

Bennie virou-se para Mary.

— DiNunzio, você cuida do pessoal da imprensa, que é uma missão de grande responsabilidade. Satorno pode penetrar com

uma câmera escondendo o seu rosto, ou com maquilagem de TV Nenhum repórter pode entrar. Sem exceções. Seria muito arriscado.

— Certo — Mary assentiu. — Como combinamos. Verifico todas as credenciais da imprensa do lado de fora e chamo os tiras se ele for encontrado. Mas sem chamar a atenção dele. E ninguém pode entrar no recinto da cerimônia, a não ser os convidados.

— Perfeito. — Bennie relanceou para sua lista. — Murphy, você se encarrega da planta física, veja se está tudo no lugar, antes de começar. Você vai fazer o papel da prima inconsolável da Califórnia. E se a sua mãe aparecer de repente? Está preparada para essa eventualidade?

— Isso não vai acontecer, mas se for o caso vou ignorá-la.

— Vai conseguir fazer isso? — O lábio inferior de Bennie curvou-se, em dúvida.

— Sem o menor problema. Tenho anos de prática.

— Você acha que ela a reconheceria?

— Não. Não com o meu novo cabelo, e ela já não me vê desde o tempo da faculdade.

Judy e Mary trocaram olhares, em seguida Mary sorriu.

— Ninguém vai reconhecê-la, nem mesmo a sua própria mãe, com o disfarce que escolhemos para você. — Ela se voltou para uma sacola vermelha, branca e azul deixada no chão. Era o que estavam examinando no momento em que Anne chegou.

— O que é isto? — perguntou Anne, inclinando-se para a sacola, mas Judy agarrou-a pelo braço e prendeu-a na cadeira.

— Na noite passada, fomos comprar os seus trajes de luto. — Mary, sem conter a excitação, enfiou a mão dentro da sacola. — Todas as lojas estavam abertas e havia toneladas de grandes liquidações do Dia da Independência. Olhe para estes sapatos! Não são uma graça? — Ela retirou um par de sapatos pretos de salto baixo como quem tira um coelho da cartola.

ARGHU!

— Uau, eles são... estupendos! — mentiu Anne, automaticamente.

O hábito faz o monge, era como andar de bicicleta.

— Experimente! — exclamou Mary animada. — São Superstriders, bem confortáveis. Uso esses sapatos o tempo todo.

Ficam ótimos nos pés. Calculei que o seu tamanho era igual ao meu.

— Perfeito. — Anne jamais usara Superstriders na vida, mas chutou fora os seus Blahniks e calçou-os. Não tinham saltos e eram feitos aparentemente de borracha, mas ajustaram-se como os sapatos da Cinderela e eram muito mais confortáveis do que qualquer sandália. Ela os aprovou instantaneamente, talvez porque os seus dedos dos pés podiam mover-se pela primeira vez em anos. — Sou capaz de agarrar um assassino calçando estas belezinhas!

Mary sacudiu a cabeça, feliz.

— Também compramos um vestido para você. Judy retirou-o.

— É lindo. — Judy cruzou as pernas sobre a escrivaninha. — Você vai adorar.

Anne ergueu devagar a vista para ver o vestido que Mary lhe apresentava. Preto, como convinha, mas nada convencional. Tinha decote em V de ponta virada. Saia abaixo do joelho, num tecido encrespado, totalmente *faux pas*, uma verdadeira gafe, muito além da moda; cairia bem de fantasia no Halloween.

— É um tanto dramático — comentou Mary delicadamente. — Mas Judy achou que você ia gostar. E cobre você toda, é um perfeito disfarce.

Judy assentiu, orgulhosa.

— Isso, algo assim. Eu o comprei numa loja de artigos feitos à mão. Vamos, vista, deixe a gente ver como fica. Não é apenas uma roupa, é uma obra de arte que se pode vestir.

— Hein?

— Arte é uma coisa boa. Adoro arte. — Anne pegou o vestido, enfiou-o pela cabeça e ajeitou-o sobre sua camiseta e a saia. Ajustava-se bem na cintura, mas a saia desabava para o chão como uma mancha de óleo preta. — Vamos ter que grampear a bainha, mas está perfeito. Muito obrigada.

Até Bennie estava sorrindo.

— Você ainda não viu a melhor parte. A última, a peça essencial.

— Mais? — Anne virou-se com temeroso cuidado, e Mary estava segurando um chapéu de palha preto com uma aba maior do que a maioria das barracas de praia. Ela o passou para Anne, que o

colocou na cabeça, inclinando-se impulsivamente para o lado e rodopiando como uma rainha de baile estudantil.

Bennie, Judy e Mary rebentaram de tanto rir.

— Uau! — aplaudiu Mary.

— Impressionante! — disse Judy, então o seu rosto mudou de expressão. — Oh espere, quase ia esquecendo. Você não pode ficar sem isto aqui. — Ela meteu a mão no bolso e retirou algo que cabia na palma da mão. Era um par de brincos compridos, com minúsculas contas de vidro vermelho, preto e azul de formatos irregulares, em selvagem ziguezague e padrões rodopiantes. As contas refletiam a luz do sol e brilhavam como fogos de artifício.

— Lindo! — Anne estava assombrada. Nunca vira nada como aqueles brincos, e fazia compras em todos os lugares. — Onde foi que vocês os encontraram? Na loja de arte?

— Não exatamente. Eu os fiz para você. As contas são de vidro. Judy entregou-as com um sorriso envergonhado. — Bem-vinda à Filadélfia, Anne.

Anne pôs os brincos, enternecida. Estas mulheres eram tão generosas com ela, cada uma do seu jeito. Estavam tentando ajudá-la. Na realidade, pareciam gostar dela.

A sua garganta ficou de repente tão apertada que não conseguiu falar, então ela fez o que lhe veio naturalmente... Arremessou-se nos braços delas, com chapéu e tudo.

— Muitíssimo obrigada! — ela grasnou como pôde, e seu abraço teve algum êxito em abarcar três advogadas. — Vocês são muito legais!

Mary abraçou-a pelas costas, com toda força, depois Judy, que riu surpresa. Porém foi Bennie quem deu palmadinhas nas suas costas e sussurrou-lhe no ouvido: — Vai dar tudo certo, querida.

E isso encheu Anne de um fervor que ela jamais tinha sentido. Nota mental: *Amigas são mais necessárias do que calcinhas*.

— Muito bem, senhoras, é hora do espetáculo! — anunciou Bennie, interrompendo o agarramento, e as três carpideiras puseram-se em ação, com uma ficando para trás: Anne.

— Bennie, seria esta uma boa ocasião para lhe contar o que aconteceu com o Mustang? — começou ela.

18

O Chestnut Club era uma das maiores *gray ladies* de Filadélfia, uma mansão vitoriana com um gigantesco saguão de entrada apainelado, uma majestosa escada circular de mogno e uma plataforma com um imenso vitral mostrando uma pintura de William Penn negociando com nativos americanos. O advogado dos nativos não estava presente.

No seu interior, Anne, tensa, consultava o relógio. Eram 11h50. Faltava meia hora para o início da cerimônia, e algumas pessoas ainda estavam chegando. Não esperava muita gente, mas não por causa do feriado nem porque o anúncio do convite fora pequeno, mas porque não havia ninguém que gostasse dela até vinte minutos atrás. Ela circulava por entre as pessoas de luto, seu rosto ardilosamente maquiado, a cabeça oculta sob a enorme aba do chapéu e os óculos escuros. Ninguém poderia ver seu rosto, muito menos reconhecê-la, e ainda podia espionar através da sua tecedura do véu.

Ela divisou uma distinta cliente de um dos seus contratos comerciais, Marge Derrick, mais outra cliente comercial, Cheryl Snyder, e uma amável mulher, Lore Yao, que conhecera numa festa beneficente da Free Library. A equipe da Rosato & Associados compareceu em peso, e Anne bem que quis partilhar com elas do seu segredo, mas Bennie fora contra. Kevin não estava à vista.

Anne encaminhou-se para a porta principal do clube e deu uma espiada para fora. A imprensa estava aglomerada na rua, agora acrescida de curiosos e dos que participavam dos festejos do feriado. Fotógrafos erguiam suas câmeras acima da multidão, batendo fotos a torto e a direito, e locutores de TV, de pé, um pouco afastados da multidão, falavam para câmeras. Congestionavam as calçadas, incontidos pela escassa polícia uniformizada e pelos cavaletes.

E, ainda, nenhum sinal de Kevin.

Anne teve a atenção desviada para os quatro homens musculosos que haviam sido contratados por Bennie, misturados à

multidão, vestidos de ternos. com aquelas roupas, pareciam advogados, mas eram traídos pelos bíceps que forçavam as costuras dos trajes. Ela avistou o chapéu australiano de Angus Connolly e Mary, circulando, examinando credenciais da imprensa, passes e rostos. Anne não viu vestígios de Kevin na multidão. Sentiu a mão forte sobre os ombros e levantou os olhos, espantada.

Era Bennie.

— Relaxe, Murphy — disse ela. — Tudo está indo bem. A cozinha, a imprensa e as flores, tudo sob controle, até agora. Talvez você se sinta melhor sentada lá dentro.

Anne concordou com um aceno de cabeça, justo quando avistou Matt, do lado de fora, vestindo um terno escuro e gravata azul-clara, livrando-se do assédio da imprensa e subindo os degraus de escada. O inchaço em seu rosto havia desaparecido, e o seu coração disparou à vista dele, depois endureceu. Matt não estava sozinho. Logo atrás dele vinham Bill e Beth Dietz, vestidos de luto. Anne não podia acreditar no que seus olhos viam. Por que Matt os trouxera?

— Você está vendo o mesmo que eu? — murmurou para Bennie, que nitidamente já os tinha visto, pela expressão do seu rosto. A sua boca ganhara um acento de raiva e os olhos azuis tornaram-se duros. Ela puxou Anne pelos cotovelos.

— Está na hora de você entrar — disse, conduzindo Anne de volta para o saguão. — Vá na frente. Tenho de bancar a anfitriã.

Anne encaminhou-se para o grande salão, enquanto Matt passava por ela à sua direita sem a reconhecer, pastoreando os Dietz. Por que os teria trazido? Por causa da imprensa? Deveria saber que isto não a agradaria nada. Ela continuou com a cabeça baixa, atenta a tudo, e logo a seguir percebeu que havia um homem a alcançando com passadas largas, e olhando diretamente para ela. Era Gil Martin.

Anne teve um sobressalto. Ela havia afastado Gil dos seus pensamentos, mas estava apenas negando a realidade. Seus serviços como advogada poderiam ser dispensados naquele mesmo dia. Não dava para dizer nada da expressão do rosto de Gil, profissionalmente grave. Ele vestia um terno escuro, gravata

Hermes brilhante e havia renovado seu bronzeado. A mão dele tocou-lhe o braço sutilmente.

— Se é você debaixo desse chapéu, precisamos conversar — falou ele num tom de voz baixa.

Droga.

— Agora?

— Isso. Jamie já está lá dentro. Temos apenas um minuto.

Anne conduziu-o passando pela escada, um hall de cabines de telefone antigas, feitas de madeira. Dali, dirigiram-se para o salão de fumar. Era um salão afastado dos ambientes por onde as pessoas estavam circulando; ninguém entraria ali. Alcançando o salão, empurrou a porta apainelada, e encontrou a pequena sala vazia. Ela entrou, com Gil atrás dela.

— Gil — disse Anne, começando o seu argumento de abertura. Sinceramente acho que você deveria me manter...

— Pare. — Gil apertou-lhe o ombro. — Você não tem de me convencer. Pensei sobre o que você me disse sobre o caso, e especialmente no que se refere à mídia. Apostei em você antes e vou continuar nesse curso.

— Isso é maravilhoso! — Anne ficou tão grata que o abraçou, com o chapéu vitoriano e tudo. Mas neste momento a porta que dava para o saguão se abriu com um rangido, e Anne e Gil olharam por cima do abraço. A esposa de Gil, Jamie, estava em pé na soleira da porta com um vestido Chanel preto, tremendo de fúria.

— Aqui também, Gil? Será que você não pode mantê-lo dentro das calças nem num funeral? Comigo na sala ao lado? — O rosto bonito de Jamie estava vermelho, a boca pintada retorcida. — Quem é essa aí? Não, esqueça! Você prometeu, Gil! Fizemos um acordo! — Ela girou nos calcanhares e bateu a porta atrás de si.

Anne recuou dois passos, afastando-se de Gil, atordoada, tentando entender o que acabara de acontecer. Ela sempre acreditara que Gil e Jamie eram bem-casados.

— Do que ela estava falando, Gil? Que acordo foi esse?

— Não tenho a menor ideia — respondeu Gil, a fisionomia tranquila e controlada. — Jamie está sempre pensando que estou tendo casos, o que obviamente não é verdade. Estamos tendo um caso? Não. Ela está simplesmente louca.

— Não me enrole! — Anne já tinha levado cantadas demais de homens casados para acreditar nele agora. Será que ela tinha sido enganada? Matt teria razão? Será que Gil era o mentiroso, e não Beth Dietz? — Beth está falando a verdade? Você a forçou a fazer sexo?

— Ora, por favor! — Os olhos azul-esverdeados de Gil estreitaram-se. — Nunca forcei ninguém, nunca precisei fazer isso.

— Mas teve um caso com ela, então?

— Certo, tudo bem. Você é minha advogada, tem o dever de guardar sigilo, correto?

— Gil, me conte a verdade! — gritou Anne, mas Gil agarrou o seu braço, zangado.

— *Shh*, não exagere as coisas, OK? E daí? Eu e Beth tivemos um caso, ficamos meses nos vendo. Mas nunca a obriguei a trepar comigo ameaçando-a de perder o emprego. Ela fez porque quis. Ela odeia o marido. Ele é um canalha e a maltrata um bocado.

Meu Deus.

Anne se afastou vagarosamente. Qual era a verdade? Fora realmente um caso consensual? Dietz era um canalha que maltratava a mulher. Seus pensamentos estavam tumultuados, mas Gil parecia soberbamente controlado.

— Não existe base para a ação judicial, Anne. Beth processou-me porque rompi o relacionamento e ela quis se vingar. A minha defesa é a mesma de antes. Isto não muda nada.

— Muda tudo! Perguntei mais de uma vez se você havia tido um caso com Beth, lembra? Você me mentiu! — Anne não podia acreditar no quanto fora ingênua. Ela acreditou nele porque sempre quis acreditar nele. Era seu cliente, seu amigo. — Você me disse que se sentiu ofendido com esta acusação! Você me fez de idiota!

— Não queria que você soubesse. Fiquei embaraçado e com medo de que contasse a Jamie. No mínimo, você não seria capaz de esconder o que sabia, quando estivesse perto dela. Mas isso ainda não faz nenhuma diferença para a ação judicial. Estou dizendo a você que não a obriguei a fazer sexo comigo.

— De que acordo Jamie falou? Que espécie de acordo você fez?

— Para ela ficar comigo durante o julgamento, depois, até a abertura de capital. Quero parecer limpo para todos. Além disso, se ela esperar até depois da abertura de capital, pode se divorciar de mim e receber dez milhões de dólares. Se fizer isto agora, fica a zero. O que você escolheria? E ela mentirá no julgamento se pedirmos isso a ela.

— Mas não vamos pedir isso a ela! — Anne não conseguia raciocinar rápido o bastante.

Não conhecia este lado de Gil. Como ela podia ter sido tão estúpida?

— Não vou fazer Jamie prestar um depoimento falso para ajudar você! E também não vou tomar seu depoimento, lá no tribunal! Não quero mais defender você. Pode procurar outra idiota!

— Ei, o que é isso? Não leve as coisas de um modo tão emocional.

O tom de voz de Gil tinha o propósito de acalmá-la, mas deixou Anne enojada. Ele tentou tocá-la, trazê-la para perto, mas ela recuou. Ainda não conseguia digerir aquilo tudo. Havia lutado para manter o caso mais importante de sua carreira, só para descobrir que estava defendendo um completo depravado. E não tinha tempo de resolver isso agora. Kevin já podia estar lá fora. A cerimônia ia começar a qualquer momento.

Ela girou sobre os calcanhares, apreciando o rodopio um tanto teatral da sua saia, e abandonou o seu cliente sem mais uma palavra. Não tinha mais que se preocupar em explicar seus procedimentos, agora que estava com cabelos escuros. Nota mental: *A impulsividade pode não estar relacionada com a cor do cabelo*.

Ela se apressou a descer o corredor, passou pela entrada e entrou no salão da cerimônia. A sala era apainelada, muito ampla e fechada, com blocos de cadeiras dobráveis e uma ala central vazia entre elas. Apenas as primeiras três fileiras de assentos estavam tomadas, e Anne sentou-se na última, para ter melhor visão. Sabia que precisava recompor-se. Seria a sua última oportunidade de pegar Kevin. Examinou cada cabeça, cada par de ombros à frente. Nada de Kevin.

Consultou o relógio: 11h55. A cerimônia estava prestes a começar. Onde estava Kevin? Será que ele viria?

Anne examinou a sala. Judy e Bennie estavam em pé na frente, um pouco para a lateral, conversando. Mary entrou e reuniu-se a elas. Matt sentou-se no lado direito da sala, junto aos Dietzes. Gil estava sentado duas fileiras atrás deles, a cabeça curvada dando a impressão de um homem com peso na consciência. Próximo a ele, estava o detetive Rafferty, de casaco e gravata, e seu parceiro fumante, com as costas pressionadas pesadamente contra a cadeira dobrável. A cerimônia parecia prestes a começar com os últimos participantes ainda entrando. Anne tentou ignorar o fato de sua mãe não ter se dado ao incômodo de comparecer, do seu amante tê-la traído, do seu cliente ter-lhe mentido por trás daqueles dentes dele, tão alvos, e do seu assassino psicopata ainda estar à solta.

Um entregador de flores entrou, e ela observou Judy apressar-se para ir ao seu encontro na porta, examinar sua identificação, depois fazer-lhe sinal para dirigir-se até a frente da sala, onde depositou as flores no chão junto às demais: lírios, crisântemos e ternas rosas brancas. As rosas brancas haviam sido enviadas da parte de um cliente, as outras flores eram de várias firmas de advocacia de Center City, e havia um buquê da academia de ginástica. Nenhuma de amigos, porque Anne não tinha amigos, e se isso não fosse significativo o bastante, como exemplo, bastava observar que ninguém entre os presentes estava chorando ou mesmo parecendo moderadamente consternado.

Anne sentiu um eco como que solto no vazio, algo igual ao que experimentara na casa de Willa, olhando para os seus desenhos em preto-e-branco. Não desejava continuar trilhando a trajetória de Willa, enclausurada e sozinha, e era para onde estivera indo. Tudo à sua volta era uma prova substancial. Resolveu imediatamente permitir que o episódio da sua morte mudasse a sua vida. Entretanto, primeiro tinha de deter Kevin, e de uma vez por todas.

Bennie já estava ao microfone.

— Boa tarde — começou ela, ajustando a altura do microfone. — Sou Bennie Rosato e agradeço profundamente a presença de vocês nesta cerimônia. Hoje, queremos prestar homenagem a uma

jovem que muito admiro, Anne Murphy. Eu a contratei ha um ano porque ela me chamou atenção por sua inteligência e capacidade e por ser uma jovem advogada batalhadora. Na verdade, não dediquei muito tempo a conhecê-la melhor neste ano que se passou. Foi minha a perda, não dela.

Escutando aquilo, Anne sentiu a boca seca. Não era o texto que haviam repassado antes, no escritório. Bennie tinha odiado a ideia de mentir para o público, assim, era para manter o panegírico vago e impessoal. Nas laterais, Judy e Mary trocaram olhares, e a equipe do escritório começou a sussurrar entre si.

— Mais recentemente, porém — continuou Bennie —, vim a conhecer Anne Murphy e realmente a amá-la. Sua ousadia, sua coragem e sua obstinação. Sua engenhosidade, e mesmo a sua imprudência...

Subitamente, um jovem pôs-se de pé no outro extremo da terceira fila.

— Judy Carrier! Srta. Carrier! — ele gritou. — Srta. Carrier! Você! — Ele apontou para Judy, de pé na frente da sala. — O *City Beat* quer saber, srta. Carrier!

Os lábios de Bennie se abriram de surpresa e Judy recuou, estarrecida. Anne não entendeu nada. Que brincadeira era aquela? Quem era o palhaço? As pessoas se viraram para o jovem, que continuava a berrar.

— Srta. Carrier, por que estava no carro de Anne Murphy no dia seguinte ao do assassinato dela? O que tem a dizer? — O homem tinha pulado da sua cadeira dobrável e dirigira-se diretamente para cima Judy antes que qualquer pessoa soubesse o que estava acontecendo. Ele arrancou uma diminuta câmera digital do bolso. — O *City Beat* quer saber!

City Beat? Era o jornal que Anne tinha lido a caminho do escritório. O tal sujeito pretendente a jornalista, Angus Connolly, com o chapéu australiano. Mas aquele ali não era Angus Connolly, e o que estava querendo com Judy, pelo amor de Deus?

Anne ficou em pé, observando chocada enquanto ele batia fotos, avançando para Judy. O detetive Rafferty saltou da sua cadeira e investiu para cima do repórter, acompanhado do seu troncudo parceiro.

Repentinamente, um segundo homem começou a gritar do outro lado da fileira.

— Judy Carrier! Carrier! Responda às nossas perguntas! O que você estava fazendo com o carro de Anne Murphy? Você matou Anne Murphy? O *City Beat* já tem a história!

O quê? Anne estava atordoada. Os olhos de Judy arregalados, os braços rodopiando, e ela tropeçou para trás sobre as flores. Anne correu para socorrer Judy, mas avistou Gil precipitando-se para a saída com os Dietzes logo atrás. Matt e Bennie tentaram chegar ao segundo repórter, que estava atacando Judy, brandindo qualquer coisa.

— Judy Carrier! — gritava ele. — Você matou Anne Murphy! Temos a prova! O *City Beat* tem a prova! Uma investigação secreta exclusiva. Ele continuou berrando, enquanto Bennie já o agarrava. Matt e dois outros homens jogaram-se sobre ele, mas o jovem não parava de gritar. Confesse! Você estava no carro dela! Temos a prova! Você estava dirigindo o carro dela um dia depois de tê-la matado a tiros!

Meu Deus!

Anne congelou sobre os pés, a mente disparada. Aqueles amadores estavam pensando que Judy fosse a assassina!

— Você a matou! — gritou o primeiro repórter, com o detetive Rafferty e seu parceiro mantendo-o no chão. — Você não pode fazer isso! Somos da imprensa! Somos da imprensa! Temos nossos direitos! Direitos constitucionais!

A cerimônia havia virado um pandemônio. As pessoas debandavam de seus lugares, tropeçando nas cadeiras. Anne era empurrada de encontro aos convidados quando um lampejo vivido de vermelho na porta prendeu a sua atenção. Uma dúzia de rosas vermelhas, trazidas por um entregador, o rosto visível acima das rosas. Os cabelos estavam pintados de preto fosco, mas os olhos, nariz e boca eram reconhecíveis.

Era Kevin.

— Peguem-no! — gritou Anne, sua voz projetando-se acima do alarido, mas Kevin desapareceu no mesmo instante. — Peguem ele! Peguem aquele homem! — ela gritava, mas sua voz se perdia no alvoroço. — Oh, não! — gritou novamente, depois deu a volta e saiu

atrás de Kevin. Não ia perdê-lo desta vez. Outra vez, não, nunca mais. Ela se lançou dentro da multidão, correndo na direção da saída. Os policiais de guarda no salão bloquearam seu caminho. Ela agarrou a manga de um, tentando inutilmente conseguir o seu auxílio.

— Policial! Preciso da sua ajuda. Venha comigo! — Mas o guarda já tinha passado por ela, alcançando o repórter algemado que ia sendo arrastado pelos detetives. Ela teria que fazer tudo sozinha. — Saiam da frente! Saiam da frente! — gritava Anne para as pessoas que abandonavam a sala na correria. De repente, abriu-se um clarão à sua frente, por um breve instante, então ela pôde alcançar o saguão de entrada, forçando a passagem, tentando enxergar Kevin por entre os convidados em fuga. De repente alguém na frente dela foi empurrado para trás e Anne quase caiu. Alguém tropeçou na bainha de sua saia. O seu chapéu e óculos escuros foram jogados longe.

Ela olhava freneticamente para todos os lados, tentando passar, empurrando a todos com cotoveladas. Mas Kevin já não estava à vista. Ela o tinha perdido. Outra vez, não! Sentiu vontade de chorar. E de berrar. Lágrimas de frustração inundavam-lhe os olhos.

— Eei! — ela reclamou, ao ser empurrada de lado, depois sentiu-se caindo para trás. Agarrou-se à bolsa de alguém, na queda, mas a mulher puxou-a de sua mão. Tudo o que pôde perceber era que havia caído sobre o carpete e que corria o risco de ser pisoteada. Protegeu a cabeça com as mãos e tratou de rolar de lado, para safar-se, com pétalas de flores coladas nas mãos e no rosto.

Eram pétalas de rosas vermelhas.



Anne abriu os olhos e olhou de soslaio através dos pés em movimento. Havia pétalas vermelhas espalhadas por todo o carpete. Deviam ser das rosas vermelhas que Kevin vinha trazendo. E ele

deveria ter fugido, levando-as, mas deixou-as cair no chão, logo a seguir. Sapatilhas negras bloqueavam sua vista e o salto alto pontudo de uma sandália quase enfiou-se em seu ouvido.

A pouca distância, um vaso de vidro tombou de lado. Parecia ter um papel branco, ou algo assim, preso a ele, algo que destacava-se contra o carpete vermelho-sangue.

Um pequeno cartão, do tipo que é enviado com flores. Um cartão de Kevin.

Anne arrastou-se sobre os cotovelos, arriscando a vida. O pesado solado de borracha de um sapato quase amassou seu nariz, mas ela manteve os olhos no cartão. Um único alfinete afixava-o a uma rosa acéfala. Se esperasse até todo mundo se afastar, o cartão seria estraçalhado, assim como o buquê. Levou um coice nas costelas, dado por um calçado indeterminado, e estremeceu de dor.

Estava a um metro do cartão, depois meio metro. O cartão logo estaria a seu alcance, bastaria esticar o braço, e foi o que ela fez, quando então um salto mais largo desceu em cheio sobre seu dedo indicador.

— Ai! — ela gritou e tomou fôlego, preparando-se para o bote final.

19

A sala de interrogatório na Roundhouse, a central da polícia de Filadélfia, estava tão abarrotada quanto um camarote particular de um filme estrelado pelos Irmãos Marx, só que muito menos engraçado. O detetive Rafferty estava de pé, encostado à parede, sem paletó, gravata listrada frouxa, depois da confusão no Chestnut Club. Seu parceiro sentava-se perto dele, catando milho numa antiga máquina de escrever. Liase nela Smith-Corona em letras imitando caligrafia e estava assentada em cima de uma mesa de madeira compensada encostada à parede. A não ser por algumas cadeiras, inclusive uma cadeira Windsor de aço aparafusada ao chão, não havia qualquer outro móvel naquela sala fechada e sem ventilação. As paredes eram de uma cor verde-suja, incrivelmente desbotada, com um forte e desagradável cheiro de fumaça de charuto velho. Judy e Mary mantinham-se de pé, à distância, junto a um espelho manchado, daqueles que permitiam a quem estivesse fora ver o que acontecia dentro da sala, enquanto Bennie postara-se junto a Anne, atuando como sua advogada.

Anne ocupava a cadeira Windsor de aço.

— Não, não estou morta — declarou ela, o que pareceu razoavelmente óbvio. Ou talvez não. Sua testa ostentava uma versão feminina do calombo de Matt, e suas costelas doíam, dos coices que levara ao rolar no carpete. Dois botões tinham sido arrancados do seu vestido-arte, e a bainha grampeada tinha despencado. De positivo, ela ainda tinha os seus brincos de conta e uma coisa a mais que havia entesourado dentro do sutiã.

— Então o corpo no necrotério é de Willa Hansen? — perguntou o detetive.

— Certo.

— Ela não tem família.

— Nenhum parente próximo.

— E quanto a *sua* família, srta. Murphy? Não quer que saibam que você está viva?

— Não vejo minha mãe há uma década. Jamais conheci meu pai.

— Bem, bem. — O detetive Rafferty coçou o queixo, onde uma área mais escura típica das cinco horas da tarde começava a brotar, embora fossem apenas três horas. —Nós íamos esclarecer isso na quarta-feira, quando os resultados dos testes chegassem. Erros de identificação acontecem, mas temos meios para evitá-los. O feriado de fim de semana nos atrapalhou. — Rafferty olhou para Anne. — Você fingiu que estava morta?

Anne estava pronta para responder, quando sentiu a mão pesada de Bennie sobre seu ombro.

— Eu a instruí para não responder a isso, detetive.

— Ah, meu Deus! Mas por quê, Rosato?

— Porque sou uma advogada experiente — respondeu ela. — A srta. Murphy concordou voluntariamente em conversar com o senhor somente porque estava pronto para interrogar Judy Carrier, tentando relacioná-la ao seu suposto assassinato. Agora, sabemos que a srta. Murphy não está morta e que Kevin Satorno atirou em Willa Hansen acreditando que ela fosse a srta. Murphy. Kevin Satorno continua sendo o atirador que o senhor tem de pegar, detetive. Ache-o.

— Ainda tenho mais algumas perguntas para fazer à srta. Murphy, que intencionalmente nos enganou sobre o seu paradeiro, o que se constitui em obstrução à Justiça. Assim como a sua conduta, a propósito, e a das outras damas aqui.

Bennie nem sequer pestanejou.

— A lei não diz exatamente assim, mas não tenho tempo para explicar isso neste exato momento. Minha cliente terá todo prazer em responder às suas perguntas, quando eu o permitir. Pode perguntar.

O detetive retornou a Anne.

— Vamos repassar a coisa toda, srta. Murphy. Você alugou o Mustang sexta-feira à noite, primeiro de julho. Na última sexta-feira à noite, foi anunciado o seu assassinato.

Então, Judy Carrier foi vista sábado no carro e parou para abastecê-lo, utilizando o seu cartão de crédito. Em dois de julho.

— Isso mesmo. — Anne tentou não olhar para Judy, que deveria estar dando chutes em si mesma. Mas era o que tinha acontecido, quando havia ficado sem combustível.

PISTA VARIADA. PISTA VARIADA. PISTA VARIADA.

— Então, a srta. Carrier deixou o recibo do seu cartão de crédito no carro, datado de dois de julho.

— Sim.

— Depois a senhora estacionou-o ilegalmente no domingo pela manhã, e o carro foi rebocado.

— Sim. — Agora era Anne que estava chutando a si mesma.

— O contrato de aluguel foi encontrado no carro, identificando o Mustang como tendo sido alugado a você. O recibo da gasolina com o nome de Carrier também foi encontrado no veículo, com a data do dia após o seu suposto assassinato. Estamos todos de acordo sobre esses fatos?

— Sim. Mas como é que aqueles idiotas conseguiram o recibo?

— Eles foram avisados pelo parque de reboque, que telefonou para um deles quando o carro deu entrada por lá. — O detetive Rafferty consultou o seu magro livro de notas. — O proprietário vendeu-lhes a informação, fotocópias do contrato de aluguel e o recibo de compra da gasolina. Ele também entrou em contato com o *National Enquirer* e o *Hard Copy*. Rafferty examinou Anne cuidadosamente através dos óculos de aro de aço. — Você tem qualquer informação relacionada a isso, srta. Murphy?

— Não.

— Assim tudo o que você sabe é que está viva?

— E que Kevin Satorno vai me matar se não for encontrado.

Rafferty estava balançando a cabeça. O parceiro troncudo datilografava lentamente. A última linha da folha branca da entrevista girando para fora da máquina de escrever dizia ME MATAR SE NÃO.

Bennie comprimiu o ombro de Anne para acalmá-la.

— Vamos pedir mais um dia, detetive. Apenas um dia, então o senhor pode ir a público com esta informação. O mundo ainda acredita que Anne está morta. Vamos deixar que continuem a pensar assim por mais um dia. Se o senhor liberar esta informação,

perderá qualquer chance de pegar Satorno e colocará a vida da minha sócia em perigo.

— Não vejo que diferença possa fazer um dia a mais. — Rafferty não parava de balançar a cabeça, o que Anne não tomou como bom sinal.

Bennie se inclinou.

— Não vai ser mais o fim de semana de Quatro de Julho, e isso faz muita diferença. Toda a diferença do mundo. Como o senhor disse, os resultados dos testes não estariam atrasados se não fosse pelo fim de semana. Mais adiante, o senhor terá pessoal disponível. O feriado estará terminado, o tráfego ficará mais calmo e todo mundo voltará a trabalhar. Pense sobre isto, detetive.

Rafferty parou de balançar a cabeça.

— Quando o mundo tomar conhecimento de que Anne está viva, a história vai explodir. Especialmente depois do desastre que foi a cerimônia de hoje, com uma colega sua acusada do assassinato diante de todo mundo. Hard Copy, Court TV, CNN, todas as redes vão invadir a cidade, se já não o fizeram. O senhor realmente acha que vai conter esse verdadeiro dilúvio hoje, apenas com dois homens uniformizados de serviço?

— Temos mais do que isso.

— Não muito mais. E pense: é a celebração do Quatro de Julho, na cidade que foi o berço da nação. Todos os olhos estão sobre nós, detetive. O senhor realmente quer que Filadélfia seja menosprezada logo agora? Qual a repercussão disto para o departamento? O senhor realmente deseja a atenção nacional focalizada sobre o fato de o departamento ter se deixado enganar sobre a identidade de uma vítima de assassinato?

Rafferty começou a escutar, e Anne sabia que Bennie estava arremessando contra a parede qualquer coisa que pudesse cravar-se nela, uma tradição reverenciada há muito pelos advogados especializados em disputas na corte.

— Detetive, todos aqui concordamos que Anne Murphy não estava fazendo nada mais do que tentar salvar a própria vida, e esconder-se de um homem que já tentara matá-la em Los Angeles. Quer mesmo condenála por obstrução, detetive? O senhor

realmente quer pegar esta mulher e pendurá-la para ressecar ao sol, diante do país inteiro, no Dia da Independência, e em Filadélfia?

Rafferty soltou um grunhido.

— Está dizendo que os grupos de mulheres vão cair em cima de mim agora? Por que tudo tem que ser mulher isso, mulher aquilo!

— Não tem a ver com mulher, tem a ver com a vítima.

— Não sou uma vítima — Anne deixou escapar e Bennie exclamou:

— Cale-se.

Rafferty ficou balançando a cabeça novamente.

— Não gosto de ser ameaçado, Rosato.

— Nem Anne Murphy, nem eu. Tudo que peço é um dia, um mísero dia, nada mais. Eu a entregarei terça-feira de manhã e anunciaremos tudo à imprensa juntos. Poderemos convocar a imprensa para uma coletiva, e todos nós vamos fazer bonito, diante deles. Teremos salvaguardado os direitos da vítima, depois de termos apanhado o homem mau.

O olhar de Rafferty desviou-se para o seu parceiro, que parara de datilografar em DIREITOS DA VÍTIMA.

— O que está achando, Cervejinha?

Anne não precisou que lhe explicassem o apelido.

— Terça-feira não é só mais um dia — o parceiro observou. — Hoje é domingo. Até terça-feira seriam dois dias.

Bennie não lhe deu muita atenção:

— Que seja logo a seguir do feriado. Terça-feira de manhã, primeira hora.

Rafferty parecia estar pensando no assunto.

— Não sei se tenho autoridade para fazer uma coisa dessas.

Anne abriu a boca para dizer Não enrole, mas Bennie enterrou seus dedos fortes no ombro dela.

— Deixe-me falar com seu capitão, então — disse Bennie. — Deixe-me explicar meu ponto de vista.

— Não dá. Ele está no pronto-socorro em Temple. Quebrou o tornozelo num jogo de beisebol.

— O tenente, então. Eu falo com ele.

— Ele está na praia, em sua casa em Longport, só volta depois do fim de semana.

— O inspetor?

— Ele está cobrindo as festas da Liga Atlética da Polícia para garotos das comunidades. Vai comparecer a mais ou menos umas trinta, hoje. Corridas de sacos, marshmallows assados. Fogos de artifícios, programa completo.

— Então, estamos apenas você e eu trabalhando hoje, hein? — Bennie deu de ombros. Neste caso, acho que você tem autoridade para resolver, chefe.

— Talvez.

— O verdadeiro problema é o que vai fazer com aqueles palhaços alvoroçados que se acham repórteres. — Bennie franziu o cenho. — Quero apresentar queixa contra eles. Estragaram a nossa chance de pegar Satorno e ainda agrediram Carrier. Murphy quase foi morta no estouro da boiada provocado por eles.

— Tem razão — acrescentou Judy. — E agora todo mundo na cidade pensa que assassinei Anne.

— Não venham se queixar comigo. — Rafferty gesticulou para Anne e Judy. — Vocês provocaram a encrenca, garotas. Distribuíram o panfleto. Atiçaram a mídia. Vocês os mandaram atrás da sorte grande. Deviam saber que estavam se metendo com repórteres legítimos, mas também com malucos como aqueles garotos. Ficaram todos alucinados.

Judy baixou a cabeça, e a pele delicada de Anne tornou-se vermelha. Infelizmente, o detetive tinha razão. Anne ficou satisfeita por não ter que falar nessa hora.

Nota mental: *Nada errado com o termo porta-voz*.

— Isso não serve de desculpa para o que aqueles dois fizeram, detetive — retrucou Bennie com raiva. — O que é isso? Julgamento via um jornaleco desses? Se tinham alguma evidência relacionada com um assassinato, recibos de postos de gasolina e coisas assim, deviam ter entregue tudo a você.

— Ora, e o que você fez? — esnobou Rafferty. — Você sabia que Murphy estava viva. Você nos comunicou?

— Ora, faça-me o favor. Eu não estava atrás de dinheiro nem de ficar famosa. Tentava apenas proteger minhas funcionárias, o que é bem diferente. E comunicamos tudo a você no devido tempo. Se não vai registrar uma acusação contra aqueles dois cretinos,

melhor mantê-los longe de mim. — Bennie estava quase bufando de raiva. Era como ter uma mãe grisalha como advogada.

— Acalme-se, Rosato. São apenas garotos. Aquele com chapéu de batedor do mato está chorando que nem um bebê. — A testa alta dele ficou profundamente vincada. — A questão principal é o que *você* vai fazer por mim, se eu deixar essa sua garota permanecer *morta*.

— Qualquer coisa. Ou quase.

— Então, escute o que eu quero. — Rafferty virou-se e apontou um dedo para Anne. — Você, nada mais de se meter a tira amadora. Temos recursos, temos qualificação e temos um esquadrão para assassinos fugitivos, trabalhando junto com os federais. E todos estão em cima desse caso. Estamos articulados com todos os estados. Nós é que somos os tiras, vocês não, entenderam? Então chega, minha jovem!

— De acordo. — Só que Anne não acrescentou: *Mas fui eu que o vi entrando com aquele ramo de rosas*.

— Nada de ficar correndo atrás do cara, nada de chapéus esquisitos, nem de fazer nenhuma outra merda do gênero, entendeu? — O detetive aproximou-se mais, e suas calças subiram um pouco, dando a Anne um relance de um coldre no tornozelo sustentando a coronha escura de um revólver. Um Smith & Wesson calibre 38, não uma imitação obsoleta. Daria tudo para ter um daqueles brinquedos com ela, mas sabia que o pensamento não era apropriado para a ocasião.

— Sim, senhor — respondeu.

— Isto é para a sua própria segurança, srta. Murphy. Capturar fugitivos é um negócio perigoso. Se a pegar fora da linha mais uma vez, vou prendê-la. Entendeu tudo, advogada?

— Entendi — disse Anne. Ela realmente havia entendido. Da vez seguinte não seria apanhada.

O detetive olhou para ela desconfiado, depois dirigiu-se para Judy e Mary.

— Entenderam bem, senhoras?

— Sim, senhor — disse Mary.

— Seremos obedientes — disse Judy.

— Fizemos um acordo? — perguntou Bennie, mas já sabia a resposta.



Meia hora mais tarde, as advogadas estavam atravessando o cerco da imprensa, postada no lado de fora da Roundhouse, ainda vestindo suas roupas de luto, passando sem deter o passo por repórteres, câmeras, perguntas aos gritos e holofotes. Bennie abriu caminho na multidão com um braço forte agarrando o cotovelo de Anne. Judy e Mary flanqueando-as como uma linha de ataque em movimento.

Anne manteve a cabeça baixa, usando os óculos escuros de Judy e um boné de beisebol da Liga Atlética da Polícia, cor amarelo-canário, que haviam roubado de sobre uma escrivaninha na sala dos detetives. Elas se dirigiram para o meio-fio, enfiaram-se num táxi, deixaram para trás os jornalistas que saíram em sua perseguição e terminaram de volta à Rosato &C Associados, adentrando ainda esbaforidas o escritório de Bennie. Anne estivera na sala tão poucas vezes que não pôde evitar de ficar olhando em volta, quando era de se esperar que estivesse lá fora, com as outras, fazendo o café de praxe.

Superestofadas cadeiras cobertas com forros de várias tonalidades, do cor-de-rosa ao clarete, circundavam a escrivaninha de Bennie. A cadeira da escrivaninha era de cerejeira, revestida de macio couro cor borgonha. O tapete era um Berber noduloso, e o escritório era mais bagunçado ainda do que o de Anne, com livros de leis, documentos, arquivos e pastas com petições apinhando as prateleiras, cobrindo a grande escrivaninha e móveis laterais. Certificados e prêmios das associações estadual e federal de advocacia e de grupos de defesa de liberdades civis cobriam as paredes. Anne perguntou-se se chegaria a receber pelo menos um daqueles prêmios na sua carreira. No entanto, primeiro precisava viver o bastante para tanto. Faria o possível para isso acontecer. O

segredo guardado no seu sutiã ia ajudar. Não aquele segredo, o outro segredo.

— Nossa sorte precisa melhorar, não é? — Judy entrou ainda acelerada no escritório e entregou a Anne uma caneca de café, que ela aceitou, agradecendo à sua colega ensopada. A saia preta e os tamancos de Judy estavam encharcados com água de jarros de flores, e ela perdera um brinco na refrega. A remanescente gota de prata balançava da sua orelha e refletia a luz do sol, quando ela se sentou junto a Anne. — Na sala de café chegamos à conclusão de que a cerimônia foi um fiasco.

— Sinto muito, Judy — Anne disse. — É terrível que todo mundo vá pensar que você é suspeita de assassinato, ainda que seja por um dia.

Judy fez um gesto desdenhoso.

— Os tiras vão fazer uma declaração afirmando que não estou sob suspeita. — Bennie e Mary entraram na sala trazendo suas respectivas xícaras de café, e ocuparam seus lugares, Bennie na sua poltrona na escrivaninha e Mary junto a Judy.

— Só que ninguém vai acreditar nisso — replicou Anne, e o rosto de Mary ficou vermelho.

— Eu deveria ter verificado se havia alguém com câmeras de bolso. Bennie sacudiu a cabeça, tomando um gole de café.

— O tal repórter se fez passar por convidado, ambos, aliás, e nunca teríamos pensado em revistar os convidados. Não estávamos preocupadas com a imprensa, e sim com Kevin. — Ela tomou outro rápido gole. teu devia ter pensado no carro alugado, quando você me contou que ele “avia sido rebocado. Todo mundo guarda os documentos no carro, são registros provisórios. Mas nem pensei nisso.

— Nem eu — disse Anne. — Olhe, não vamos ficar transtornadas Por conta disso. Não foi culpa de ninguém. Foi apenas uma dessas coisas que acontecem. — Ela pensou em explicar o que era PISTA VARIADA, depois decidiu não fazê-lo. Isso a faria parecer uma tonta, como saber de cor quase tudo de *I Love Lucy*. Certo, ela sabia de cor tudo de *I love Lucy*. Depois, lembrou sua conversa com Gil e a admissão do romance dele com Beth. Não

podia esconder isso delas. Estavam todas do mesmo lado, agora, e amigas não guardam segredos. Anne sabia disso de assistir à TV.

— Garotas, tem algo que devemos discutir — começou e contou toda a história. Quando terminou, todas tinham os rostos unanimemente petrificados.

— O homem é um merda — disse Judy.

— Um porco — disse Mary.

— Um mentiroso — disse Anne.

— Um cliente — concluiu Bennie.

— Não é mais. Eu o mandei arranjar outro advogado — rebateu Anne e Bennie pousou a caneca sobre a escrivaninha, surpresa.

— Ah, é mesmo?

— Sem hesitar.

— Você está despedida. Epa.

— Estou brincando, mas não devia ter feito isso.

— Bennie, Gil mentiu para mim. O tempo todo, faz quase um ano, várias vezes. Você acha que não chequei com Gil sua história sobre Beth Dietz? Não sou tão ingênua assim.

— Então, chegou à conclusão de que ele mentiu para você. Clientes mentem. As pessoas mentem. Querem que os outros pensem que são melhores do que realmente são.

Anne contorceu-se na poltrona.

— Ele enganou a esposa.

— E desde quando isso é problema seu? Você é advogada dela? Trata-se aqui de uma ação de divórcio? — Os olhos azuis de Bennie fuzilavam.

— Você é uma garota muito esperta, Murphy, então pense analiticamente. Raciocine. O sujeito tem razão quando diz que isso não muda nada, em termos do processo judicial. E você tem razão quando diz que não vai colocar ele ou a esposa para depor. Não quero você como cúmplice de perjúrio.

— Eu devia tê-lo mandado para o inferno.

— Não, você não arranja trabalho falando desse jeito com um cliente. Tenho certeza de que ele sabe que você estava desabafando. O que tem de fazer agora é dizer-lhe como ganhar este processo, porque é para isso que ele está lhe pagando,

entenda. Vá por mim. É melhor assim. — Bennie sorriu, mas não conseguiu fazer Anne sorrir de volta.

— Então, o que faço, Bennie? Como posso ganhar este caso? Matt tem toda razão. E ele sabe de tudo o que aconteceu.

— Matt é um gênio — disse Judy. — Um gênio legítimo. Ele é Louis Brandeis com cabeleira, um Earl Warren com musculatura, um Felix Frankfurter com uma salsicha frankfurt.

Bennie e Mary riram, mas Anne estava tentando não fazer o mesmo.

— Esqueçam o que eu disse. Deixem Matt fora disto, certo?

Judy reprimiu uma risadinha.

— Anne, quando dissemos que você tinha que pô-lo de bunda de fora, não quisemos dizer isso literalmente.

Anne fingiu ignorá-la.

— Bennie, o que faço? Não com Judy, que não tem mesmo jeito, mas com Gil.

— Agora é que ficou interessante. — Bennie levantou a sua caneca JAVA DIVA novamente. Todas no escritório sabiam a quem ela pertencia.

— Ele diz a verdade.

— Uma nova estratégia de defesa — aparteou Judy, mas Bennie já estava ganhando experiência em ignorá-la.

— Você o acuou, e ele admitiu que teve um caso, mas que foi consensual. Você arranca dele todos os detalhes, de como eles se encontraram, como isso tudo aconteceu. Quantas vezes se encontraram, o que fizeram. Veja se há cartas que ela tenha enviado para ele, quaisquer anotações desses encontros em calendários, quantas vezes foram a motéis ou restaurantes. Você precisa de provas de que foi um romance. Você provará que foi um romance, e vai ganhar.

Anne deu de ombros.

— Parece horrível.

— E é — concordou Bennie. — Pergunte ao Clarence Thomas.

— Ainda acredito em Anita — Judy disse.

— Vocês sabem o que é realmente importante sobre esta mudança das coisas? — perguntou Mary e todas elas lhe deram atenção, porque ela normalmente deixava para as outras as

investidas na teoria legal. Ela pigarreou. — O que é importante é o que Matt sabe. Em outras palavras, a cliente dele mentiria para ele, como o cliente de Anne mentiu para ela? O que acha o Matt acerca do caso ter sido consensual ou forçado?

— Forçado — Anne respondeu prontamente. Prontamente demais, ela se deu conta. E se perguntou por que as outras ficaram olhando para ela. Elas queriam informação de dentro. Conversas de alcova. Talvez isso fosse porque simplesmente não era de se esperar que uma advogada dormisse com o advogado da parte contrária. — Não acredito que ele pegasse o caso se soubesse que era uma mentira.

— Tem certeza? — perguntou Judy. — Muitos advogados aceitariam.

— Não ele — disse Anne, mas todas mostraram-se demasiado gentis para manifestarem suas dúvidas. Ela tinha a sensação de que iria se questionar seriamente a esse respeito. E ainda estava se perguntando por que Matt trouxera os Dietzes para sua homenagem póstuma.

Mary concordou.

— Estou certa de que tem razão, Anne. Porém uma outra questão é por que Beth Dietz entrou com o processo.

— O caso entre os dois tinha terminado e ela ficou danada da vida. Anne respondeu. — Vingança. Pelo menos é isso que Gil acha. Foi o que ele disse.

Bennie levantou, espreguiçando-se.

— Certo, crianças, temos muito o que fazer. Nossa principal missão agora é mantermos Anne em segurança até os tiras agarrarem Satorno. Aqui está o que vamos fazer — Eu adoraria tomar uma chuveirada, me trocar e voltar a trabalhar no caso Chipster — interrompeu Anne. Ela pensava no segredo em seu sutiã, e ainda estava sem calcinhas. Definitivamente, tinha problemas com sua roupa íntima. — Posso voltar à sua casa para uma limpeza geral, Bennie?

— Não. Não quero você longe das minhas vistas. Você pode usar o chuveiro do escritório, como já fez antes. E temos muitas roupas aqui.

Maldição.

Anne tinha que pôr em execução o seu novo plano B e não podia deixar Bennie se intrometer nele. A chefe nunca iria concordar, depois daquela reunião com os tiras.

— Por favor, as roupas daqui são um equívoco de estilo. Vou estar em segurança. Mary e Judy podem me acompanhar. Elas serão minhas guarda-costas.

— Você pode usar o meu apartamento, se quiser — disse Mary. Posso lhe emprestar algumas roupas. Somos quase do mesmo tamanho.

Judy terminou seu café.

— Prometo vigiar as duas, Bennie — ofereceu.

— Então, posso ir, mamãe? — perguntou Anne.

Bennie parecia indecisa, mas desta vez era Anne quem já sabia a resposta, e elas deixaram o escritório, pegaram o elevador e saíram do edifício pela entrada dos fundos, morrendo de calor em seus trajes de luto. Anne esperou até que tivessem se espremido no assento suado traseiro de um táxi e a cinco quarteirões do escritório antes de pegar o que tinha guardado no sutiã.

E as três garotas, então, foram procurar Kevin Satorno.

20

Schwartz's Flowers, lia-se na placa do lado de fora, e a balconista de cabelos pretos estava tão ocupada que mal ergueu os olhos quando a lo)a vazia foi invadida por três advogadas vestidas de preto. Ela tinha um telefone sem fio colado a um dos ouvidos e estava digitando ao mesmo tempo num velho teclado no computador/caixa registradora.

— Estamos fechados — disse, apertando tecla Enter. — Não tive tempo de virar a placa de aviso, ainda, mas estamos fechados, juro.

— Quero apenas fazer uma pergunta ou duas — replicou Mary, plantando-se no balcão. As moças tinham chegado a um acordo, por processo de eliminação, de que ela faria as perguntas; Anne não podia chamar atenção sobre si mesma, Judy já estava nos noticiários da imprensa e Mary precisava mesmo de treinamento no quesito agir demonstrando autoconfiança.

A balconista apenas grunhiu em resposta, recebendo uma encomenda pelo telefone. Anne aproveitou a ocasião para olhar ao redor. A loja era apenas uma sala, quadrada como uma caixa de um ramalhete de flores, o ambiente emitia um cheiro floral e era vagamente refrigerado. O chão estava coberto por um carpete verde impermeável e jarros de plantas aninhavam-se em volta de toda a sala. Dispostos contra as paredes, havia em exibição estojos de aço inoxidável com margaridas Gerber alaranjadas e douradas, íris altas de um azul característico, gladíolos brancos, cravos polvilhados cor-de-rosa e rosas brancas de haste longa. Apesar da beleza das flores, Anne sentiu um arrepio funesto.

Kevin esteve aqui.

Seus olhos incidiram sobre o balcão amontoado de pedaços cortados de fitas, um resto de cravo do amor e uma samambaia extraviada. Junto à caixa registradora, achava-se uma prateleira de pequenos cartões, muitos dos quais com mensagens previamente impressas. com Simpatia, Pensando em Você, Desejando sua rápida recuperação. Anne focalizou um cartão branco comum

semelhante àquele que resgatara do chão no Chestnut Club e enfiara no sutiã. Ela pegou o cartão novo da estante e revirou-o em sua mão enquanto a balconista, atrás do balcão, desligava o telefone.

— Estamos fechados, é verdade! — repetiu a balconista. Seus olhos eram de um castanho-claro, refletindo os raios de luz que se filtravam através da janela frontal da loja de frente para ela, e sua pintura se desbotara. Ela vestia uma camiseta branca e jeans sob um avental longo branco com o logotipo verde da loja sobre ele.

Seu nome, segundo o crachá, era RACHEL, gravado num forte verde-amarelado. — Já fechei a caixa registradora por hoje. Não posso vender mais nada.

— Não quero comprar nada — disse Mary. — Estou procurando um homem chamado Kevin Satorno, que trouxe ou encomendou rosas vermelhas para uma cerimônia hoje. Você o contratou ou ele as pegou aqui e entregou-as ele próprio. Pode nos ajudar? Não tomarei muito do seu tempo.

— O nome dele é Satorno? Já de cara posso afirmar que não trabalha aqui. — Rachel sorriu. — Aqui só trabalha gente da família. Se ele não é um Schwartz, não é nosso empregado.

— Então, conhece todos os entregadores?”

— São todos parentes.

— Nenhum empregado temporário?

— Ninguém consegue ser um Schwartz temporário.

Mary sorriu.

— Isso ajuda muito. Então, quer dizer que ele comprou rosas aqui e ele mesmo as entregou.

— Aí, pode ser. — O telefone sem fio tocou e Rachel atendeu. — Não, fica na rua 22! Rua 22! Não na 23! — Ela desligou. — Meu irmão é um completo idiota. Este é o problema de um negócio de família. Quando é a família da gente.

— Esteve trabalhando aqui mais cedo hoje e ontem?

— Sim. Sou a Schwartz que sabe fazer contas. Meu irmão odeia matemática.

— Este homem comprou uma dúzia de rosas vermelhas aqui, hoje ou ontem. E as entregou junto com um cartão desta loja. Olhe aqui um desenho do rosto dele. — Mary apanhou metade do

panfleto vermelho de sua bolsa e mostrou-o a Rachel. Elas tinham decidido que era quase tão bom quanto a fotografia da ficha criminal de Kevin e não dizia que ele estava sendo procurado pela polícia, evitando assim perguntas incômodas. Ele é branco, alto, jovem, e tem uma boa aparência. Tem olhos azuis e o cabelo era louro claro, mas ele o vem pintando de preto. Assim, ele podia estar louro ou moreno quando passou por aqui. Sei que não ajuda muito, mas é o melhor que posso lhe dar.

— Seja como for, o rosto dele não me parece familiar. — Rachel devolveu-lhe o panfleto.

— Você não se lembra dele?

— Não mesmo. Tem alguma ideia de quantas pessoas entraram nesta loja nos dois últimos dias, comprando rosas vermelhas? Todo mundo pede vermelho para o Quatro de Julho, para as comemorações, coisas assim. É a data do vermelho-branco-e-azul. Não consigo manter nada vermelho no estoque. — Rachel apontou para os estojos em exposição.

— Está vendo aquela íris? É belíssima, mas vai acabar murchando na loja. O Quatro de Julho é quase tão péssimo quanto o Dia dos Namorados.

— Entendo. Você não guarda registro do que as pessoas pedem, quando compram?

— Claro. Preencho o pedido de compra até mesmo de quem vem aqui comprar, se é isso que quer saber.

— E o registro não fica com nenhuma informação pessoal, como nome ou endereço?

— Claro, pergunto a todos o nome, endereço e telefone, mas nem todo mundo quer dar. Não são obrigados por lei. Mas de qualquer maneira perguntamos, para a mala postal. — Rachel parecia na defensiva. — Se bem que, quando tem muito movimento, nem sempre tenho tempo de escrever o nome por extenso. Preencho mais ou menos a ficha e entrego as flores. Meu pai fica doido com isso.

Anne já estava procurando formulários de pedidos no balcão.

— Este Satorno — continuou Mary — pode não ter dado o nome verdadeiro. Pode até mesmo ter fornecido um endereço falso, mas comprou uma dúzia de rosas vermelhas aqui, ontem, ou na

manhã de hoje. Poderia dar uma checada, só para garantir? Precisamos encontrar esse sujeito. É muito importante.

— Quer que eu ache o pedido dele? — Rachel enxugou um filamento de cabelo escuro da testa umedecida. — Olha, sinto muito, mas preciso fechar e tenho ainda uma porção de coisas a fazer antes de ir embora. Você sabe quanto tempo seria preciso para ir atrás de pedidos de rosas vermelhas? E não tenho as fichas separadas pelo tipo de flores. Estão todas fora de ordem. Não tinha de mexer nelas até terça-feira.

Anne continuava procurando os formulários de pedidos. Atrás do balcão, próximo a uma estante de fitas multicoloridas, encontrava-se uma série de agendas cinzentas de folhas soltas que continham catálogos. Então ela achou um tesouro. Ordens de venda. Algumas estavam enfiadas numa obsoleta haste de metal com ponta, mas a maioria, totalmente desordenada. Ela deu uma cotovelada leve em Mary, cujos olhos já as tinham localizado.

— Rachel, sei que você está ocupada, mas podemos ajudar. Se você nos permitir dar uma olhada nas fichas de pedidos, talvez possamos encontrá-lo. com nós três, poderíamos passá-los em revista rapidamente, e deixaríamos os pedidos ordenados para você. Não iria mais precisar fazer isso na terça-feira. E a gente pode fazer isso enquanto você fecha a loja, e terminaríamos logo. O seu pai vai achar você o máximo.

— Não, sinto muito. — Rachel mudou de posição atrás do balcão. Eu gostaria, mas não posso.

— A vida de uma mulher depende disto. Ela é mais ou menos da sua idade e, graças a Deus...

Anne deu um passo à frente.

— Minha vida — disse, surpreendida pela tensão desesperada em sua própria voz. — Por favor, não vamos atrapalhar você, juro.

Rachel olhou para Anne e suspirou profundamente.

Meia hora mais tarde, o aviso na porta virara para FECHADO, mas qualquer um, olhando através da vitrine da loja, veria três mulheres vestidas de preto, de pé junto à extremidade do balcão, diante de três pilhas de pedidos. Mary, Judy e Anne estavam checando todos os pedidos de fim de semana, mas até agora nenhuma rosa vermelha tinha sido vendida a um Kevin Satorno, ou

com as iniciais K.S., ou quaisquer outras alcunhas que ele pudesse ter usado.

Ou, pelo menos, alguma que Anne pudesse imaginar. Haviam sobrado apenas dez pedidos e ela já estava achando que era uma besteira insistir. Kevin nunca daria o seu nome verdadeiro nem o endereço verdadeiro. Ele era um fugitivo, e muito esperto. No entanto, ela queria fazer um serviço completo e não se deixou desencorajar. Havia duas outras pilhas.

— Como vai indo, Mary? — perguntou. — Alguma novidade?

— Até agora, nada.

— Não desanime! — disse Judy, mas Anne verificou que a sua pilha estava reduzida a cinco pedidos. Não havia jeito de encontrar ali um pedido de Kevin. Era uma perda de tempo. Não conseguia aceitar. Se não o pegassem agora, quando iriam pegá-lo? No funeral? Quantas cerimônias falsas ainda poderiam encenar?

Ela retornou aos recibos. Fatura # 00547, Fatura # 00548, Fatura # 00549.

Anne suspirou. Pronto. Acabaram os pedidos. Lutou contra lágrimas de frustração.

— Alguém por favor diga que encontrou o pedido dele — falou em voz alta.

Mary mordeu o lábio. Sua pilha tinha sido pesquisada e recheada.

— Nenhum Satorno. Nenhum nome aqui ainda que remotamente suspeito. Apenas um punhado de pedidos de rosas vermelhas e cravos vermelhos, brancos e azuis.

Judy examinava sua última fatura.

— Uma porção de rosas, nenhuma para ele. A maioria desses pedidos é de mulheres, mas ele não teria ido tão longe de inventar um codinome. — Ela se virou para Anne. — Talvez a gente deva juntar todos os pedidos de rosas vermelhas e passar em todas as casas para onde foram enviadas, não importa o nome.

Anne sacudiu a cabeça.

— Não. Ele deu um endereço falso. Por que não o faria? Aposto que entrou, pagou em dinheiro, recebeu as flores e foi embora.

Rachel veio do fundo do escritório, sem o avental, os cabelos presos numa sobra de fita. Segurava um saco cheio de entulho.

— Acabei de fechar tudo lá atrás. Até limpei as vans de entrega. Encontraram?

— Não — respondeu Anne, desolada.

— Sinto muito. Se eu pudesse pensar em alguma outra maneira de ajudar, eu o faria. — Rachel desligou o computador no balcão, depois desdobrou o saco e o abriu.

— Só tenho mais uma tarefa, então vou realmente precisar ir embora. Minha família me espera para um churrasco.

— Tudo bem, eu entendo — disse Anne. Ela estava revirando o cérebro. O que mais podiam fazer? Deveriam visitar as casas? Checar se os endereços eram falsos?

— Meus irmãos já estão lá, meus pais também. — Rachel se abaixou e retirou de baixo do balcão uma grande cesta de papéis pintada com motivos florais e levantou-a com seus braços magros. Anne agarrou o saco de lixo pela alça amarela e manteve a extremidade aberta para Rachel, não tendo nada mais a fazer exceto chorar.

— Obrigada — disse Rachel, com um sorriso grato. — Meu irmão sempre deixa o lixo para mim, o cretino.

— Muito agradecida por tentar ajudar. — Anne segurou seu lado do saco enquanto pilhas de laços de fita prateados, tecido verde e restos de plantas eram jogados dentro, seguidos por um catálogo descartado e toalhas de papel encharcadas. Então ela o viu. Um cartão branco comum. *Eu te amo*, dizia. Ou não? Brotos de frésias brancas o haviam sepultado como uma avalanche. Estaria tendo visões? Mas não era um cartão semelhante ao que Kevin entregara com as flores, na cerimônia?

Não era a caligrafia de Kevin?

— Espere! — gritou Anne. Ela meteu a mão livre no lixo, atacando-o como louca, revirando papéis, cartões e samambaias. — Você viu? Pensei ter visto outro cartão com a letra de Kevin.

Mary se aproximou.

— Como o primeiro? Outro?

Judy agarrou o saco de lixo.

— No lixo?

Anne enfiava as mãos até o fundo, procurando pescar o cartão.

— Posso despejar, por favor? Por favor? Eu ficaria numa dívida enorme com você, juro.

Rachel deu um sorriso amarelo.

— Tem hora que eu odeio esse serviço.

— Sinto muito, sinto de verdade. É só que vi algo escrito por ele.

Anne pegou o saco e despejou-o no chão. Ajoelhou-se no meio da sujeira toda e começou a peneirá-la.

Mary tinha nas mãos o cartão em branco que haviam trazido.

— O cartão se parece com este, e diz *Eu te amo*. Mais nada.

Rachel tomou o cartão das mãos de Mary, examinando-o.

— Sim, acho que estou reconhecendo. Lembro dele, sim. Não me lembro do cara, mas me lembro dos cartões.

— Cartões? — perguntou Judy. — Do que você se lembra? Cartões? No plural?

— Cartões? — Anne quase gritou, meio que escutando enquanto prosseguia remexendo no lixo. Botões de rosa, pétalas de margarida, goma de mascar, pontas de cigarro e páginas de inventários saíram voando. — Ali! É ele! O cartão! — Ela o pegou e segurou-o no alto. — *Eu te amo*, está escrito aqui. — Então seus olhos caíram sobre outro cartão no lixo.

Novamente, com a caligrafia de Kevin. — Olhe, só! Tem mais aqui com a caligrafia de Kevin. E mais outro.

— São cinco aqui! Espere, seis!

— Meu Deus — sussurrou Mary e Judy curvou-se sobre o monte de lixo, começando a procurar também.

— Aqui tem mais um! — disse Judy, encontrando outro cartão branco com *Eu te amo*. — Não entendo. Todos dizem a mesma coisa?

— Achei isso um pouco estranho! — comentou Rachel. — Estou me lembrando agora. Esse babaca escreveu o cartão no balcão, como muita gente faz, só que ele fez outro, depois outro e outro. No princípio, achei que ele era uma gracinha. Que só queria que a letra ficasse bem bonita. Fiz uma piada, mas ele não achou engraçado. E continuou a escrever cartões, um atrás do outro. É ele o tal cara?

— É! — Anne estava colocando os cartões alinhados no balcão. Onze cartões alinhados, como uma linha pontilhada.

Eu te amo eu te amo eu te amo

— Então, onde está o pedido dele?

— Ah, não, eu estava muito ocupada. Deve ter sido um daqueles que não preenchi. — O rosto de Rachel se anuviou. — Ele deve ter aparecido na pior hora. Não tive como fazer o pedido. Queria apenas vender, e não reter o freguês aqui. Acho que é por isso que não me lembro do rosto dele.

— Nenhum endereço? — O coração de Anne atravessou o chão de grama falsificada, mas sua intenção não era fazer Rachel se sentir culpada. Kevin tinha provavelmente planejado tudo de modo a não ser reconhecido, ou talvez apenas contando com a sorte. — De qualquer forma, ele não deixaria um endereço verdadeiro. Você viu de onde ele veio?

— Não. Sinto muito. — Rachel parecia tão desconsolada que Anne estendeu a mão e tocou o braço dela.

— Está tudo bem. Ele veio dirigindo ou estava a pé, sabe dizer?

— Não sei, mas é proibido estacionar aqui em volta. Deve ter vindo a pé.

— Você se lembra de como ele pagou?

— Com dinheiro, acho. Sim, dinheiro. — Rachel contorceu seu gracioso nariz. — É estranho escrever a mesma coisa tantas vezes, não é? Quer dizer, tem gente que faz besteira ou se torna obsessiva, mas não tanto assim.

— Ele é mais obsessivo do que a maioria. — Anne riu e subitamente Rachel se alegrou.

— Espere! Eu me lembro, ele deixou a caneta! Deixou a caneta dele! Estava escrevendo tantos cartões e ficou tão feliz quando conseguiu um que achasse bom, então eu disse a tal piada, fiquei olhando para ele e o cara ficou uma fera. Juro. Saiu tão apressado que esqueceu a caneta. Isso é importante?

— Duvido, mas vamos verificar.

Anne não pôde disfarçar seu estado de excitação, e Rachel já estava pegando um porta-canetas branco, comprido.

— Eu a coloquei aqui dentro. A caneta dele, com as outras.

Ela despejou o porta-canetas no balcão. Canetas, lápis, uma chave de fenda e uma faquinha caíram na superfície limpa e rolaram, espalhando-se. Havia ali umas trinta canetas, vermelhas, verdes, azuis e brancas, como um jogo de pega-varetas de criança. Então, Anne notou algo nas canetas.

— Elas têm logos! Talvez possam indicar de onde vieram. — Anne pescou uma caneta esferográfica de ponta esférica, virou-a e leu em voz alta as letras impressas.

— Propriedade do Melhor Avô do Mundo.

Judy estava lendo uma caneta púrpura que encontrara.

— Claritin-D 24-horas.

Mary passou os olhos por uma caneta preta...

— Ace Diafragmas ... Ei, é o que eu uso!

Anne pegou uma caneta branca, leu a inscrição e teve a sensação de um choque elétrico percorrendo seu corpo. Brandiu-a no ar e ela brilhou como uma vela.

— Nós o pegamos!

21

Anne ficou surpresa ao descobrir que um fusca verde-limão pudesse ser quase tão divertido quanto um Mustang conversível. Certo, exagerava, mas sentia tanta excitação, achando que finalmente estivesse prestes a pegar Kevin, que precisava se convencer disso. Judy ia na direção do veículo, Mary no banco do passageiro e Anne saltitava no banco traseiro forrado de tecido enquanto o fusquinha subia ruidosamente a Ponte Ben Franklin. Nota mental: *Carro com margaridas no painel nunca é possante*.

Anne girava a caneta branca da florista entre os dedos. Era uma esferográfica barata de plástico com inscrição de letras douradas onde se lia DAYTIMER MOTEL. Abaixo, estava o endereço do motel e o telefone, em Pennsauken, Nova Jersey. Era a única caneta de motel ou de hotel no porta-canetas, na Schwartz, e Anne estava rezando para que Kevin tivesse alugado um quarto no Daytimer. O fusca atingiu o topo da ponte e diminuiu a marcha atrás das sinuosas linhas do tráfego.

— Epa! O pessoal ainda está indo para a praia — disse Judy, suspirando. Ela arregaçara as mangas de sua blusa e deixou o braço pendurado para fora da janela. — Tivera a esperança de que todo mundo que pretendia sair da cidade já tivesse ido embora.

— Maldição. — Anne, impaciente, inclinou-se para os dois assentos da frente, observando o tráfego através do assustador para-brisa.

— Isso aqui não está nada bom. Quando tempo vai durar, você tem noção?

— Não muito — respondeu Judy. — Há uma via para o posto do pedágio, mas não estão cobrando pedágios de quem vai nessa direção, então o tráfego vai andar mais depressa.

— Tempo suficiente para ligar para a Bennie — sugeriu Mary. — Estou com o meu celular. Acho que devemos fazer isso.

— Não — Judy e Anne responderam em uníssono, e Anne cada vez gostava mais de Judy.

— Não recue agora — disse Anne, para uma preocupada Mary. Fizemos um trato. Telefonaremos para Bennie assim que tivermos certeza de que Kevin se registrou no Daytimer. Por que incomodá-la se for um alarme falso? E se esta não for a caneta que ele deixou? Estamos apenas jogando com a sorte supondo que ele esteja no Daytimer, e é uma chance remota, na melhor das hipóteses.

— Anne tem razão — reforçou Judy. — Além disso, Bennie jamais nos deixaria fazer isso. E por que não devemos fazer? Estou me divertindo à beça! É como matar aula! Não é ótimo, isso tudo?

Ela fez um gesto com o braço, mostrando o céu como um pano de fundo azul-claro e o arco de extensão da ponte pairando no ar, mas Anne não conseguia parar de pensar em Kevin. Estavam de volta à caçada, depois de o terem perdido na cerimônia. Mas ainda iria pegá-lo. Já chegara tão perto que quase podia dar um chute nele.

— É esperteza de Kevin ficar em Nova Jersey, não é? — ela perguntou, sem saber direito por quê. — Fica fora da cidade e longe da agitação.

Judy concordou.

— E mais, cria uma questão jurisdicional com a polícia de Filadélfia. Requer cooperação com o FBI, que é sempre problemática.

Mary tapou os ouvidos.

— Não devíamos estar discutindo isso. Está errado. Estamos agindo contra as ordens da Bennie. Ela vai nos pôr na rua. — Ela destapou os ouvidos e se virou para trás. — Murphy, vamos falar do caso Chipster. Você tem que entrar com um novo argumento de abertura, agora que vai contar sobre o romance dos dois.

— Você tem razão — Anne raciocinou, depois pegou na bolsa o celular e ligou para Gil. — Aqui vamos nós. Silêncio, todo mundo.

— Não quero escutar um peido sequer, Mare — preveniu Judy. O fusca parou junto a um outdoor gigante, no qual uma mulher dirigia um barco a vapor tão grande quanto um transatlântico. Letras lantejouladas brilhavam, EU PEGO VOCÊ LÁ. A ligação foi atendido.

— Gil, é Anne. — Ela pôs a mão em concha em volta do telefone no ouvido para afastar o barulho do tráfego.

— Anne, onde está? Você está bem? Eu estava tão preocupado com você, depois do que aconteceu no Chestnut Club.

Certo, isso explica por que você não me telefonou.

— Escute, precisamos discutir sua nova defesa. Encontre-se comigo esta noite, no escritório, às sete, e traga alguma prova de seu caso com Beth.

— Prova? Como o que, por exemplo?

— Cartões, cartas, qualquer coisa. — Anne teve um lampejo instantâneo do *eu te amo eu te amo eu te amo*. Esquisito como as relações parecem paralelas. — Cartões de flores, recibos de hotéis, contas telefônicas, anotações no calendário. Qualquer coisa por escrito que confirme que seu relacionamento com Beth era consensual, não um toma lá dá cá para garantir o emprego dela. Não vamos esconder a verdade. Vamos prová-la.

— Anne, não! Não quero isso se tornando público, não agora.

— E a única maneira de você vencer. Temos que nos apropriar antecipadamente de qualquer argumento que Beth possa apresentar, qualquer prova de uma relação sexual.

— Ela não tem nada! Nunca escrevi nada para ela. Acha que sou estúpido?

Não responda. Não é uma boa política de relações com o cliente.

— Eles têm Bonnard, a tal francesa. Ela já testemunhou que você a forçou a fazer sexo, assim eles têm padrão e prática. Estamos nos mexendo para excluir isso, mas o juiz não vai decidir nada até a próxima semana, e ele provavelmente deixará o depoimento entrar. Se caírem sobre nós, você está morto e também a Chipster.

— Mas eu não a forcei! Nunca forcei nenhuma mulher! É verdade, tive um caso com Janine Bonnard, mas...

Oh, genial.

— Eu sei, você tem andado trepando por aí há anos. Isso é a nossa defesa. Não foi nada bonito, mas não é ilegal. Falaremos quando nos encontrarmos. Basta que me traga o material. Tenho que desligar.

— O que vou dizer a Jamie? Que vou humilhá-la em público? Você já fez isso.

— Diga-lhe que quero a presença dela naquele julgamento todos os dias, na fila da frente. E quando eu a chamar para depor, ela vai contar a verdade. Quero que testemunhe sobre o sofrimento que os seus casos lhe causaram, mas que diga que você não seria capaz de forçar sexo com ninguém. Suas pilantragens vencerão este caso. O seu padrão e prática são condenáveis, mas não são assédio.

— Isso seria constrangedor para Jamie e para mim!

— Não, pode ser constrangedor para você, mas acho que Jamie adoraria contar sua história, e com isso é que ela vai salvar sua pele. Ela será um contraponto para a queixosa, e a verdade do que aconteceu soará melhor partindo dela, justamente porque é tão obviamente contra o interesse dela admitir essas coisas. O júri entenderá que você foi punido e ficará do lado da defesa.

Gil soava insatisfeito.

— Anne, tenho que pensar nisso.

— Falaremos esta noite, depois de ver o que você conseguiu.

— Isso quer dizer que você ainda é minha advogada?

— Vejo você hoje à noite. — Anne desligou, sentindo um certo desconforto. Ela gostava do caso muito mais quando ainda acreditava em Gil. Agora conhecia a verdade.

Judy observou o olhar dela pelo retrovisor.

— O trânsito está começando a andar — disse ela. — É nossa deixa.

— Vamos pegar o cara! — disse Anne e Mary esboçou um sorriso cauteloso.



Quinze minutos mais tarde, o fusquinha passava zunindo pelo posto de pedágio, transpondo o Admiral Wilson Boulevard, que não fazia uma grande imagem do Estado Jardim.

Suas quatro pistas serpenteavam através de bares de strip-tease e lojas de bebidas. Havia vezes em que a maravilha cênica

era interrompida por uma ou outra placa de um cassino ou pela de um bar de strip-tease que se anunciava como clube para cavalheiros. Anne tinha certeza de que nenhum cavalheiro entraria num deles. O Fusca virou à esquerda, depois à direita, sempre a toda, passando por grandes lojas de pneus, ferros-velhos, e uma estação da PATCO Linha Expressa, o trem monotrilho que conduz passageiros sobre um viaduto, para Filadélfia. Após terem ficado perdidas, por alguns momentos, o Fusca cheio de suarentas advogadas finalmente chegou ao estacionamento do Daytimer.

Era um motel pequeno, espalhafatoso, que parecia ter sido construído na década de 1960, com uma extensão do teto projetando-se para baixo, que serviria de abrigo para carros. A vidraça da porta da frente era protegida por barras de segurança, e à direita piscava um letreiro de néon TEMOS VAGAS. Apesar de todo aquele mau gosto, Anne mal continha sua pressa de entrar.

— Não posso acreditar que estamos aqui. Nós o pegamos! Judy estacionou o carro diante da entrada e desligou o motor.

— Uau — exclamou, olhando por cima do capo ovalado. — Olhe só! Gosto do jeito desse motel.

Anne prestou mais atenção ao prédio e entendeu imediatamente o que agradara a Judy. O prédio tinha sido projetado como uma linha curta e reta, como um hífen disposto em paralelo ao estacionamento, tinha dois andares, de modo que duas fileiras de quartos numerados tivessem uma vista aberta para o estacionamento e para a rua.

— Podemos ver todas as portas e vigiar quem entra e sai.

— Ei, olhem só as placas dos carros. — Mary estava olhando para o estacionamento. — São todas de fora do estado. Connecticut. Nova York. Maine. Virginia. Interessante. Não há nada para se ver nos arredores, nenhuma atração turística.

— É um motel para escapadas, menina — disse Judy, maliciosa. — O pessoal de fora vem aqui para pular a cerca. Provavelmente, representantes de vendas, gente assim. O pessoal da cidade não mostra as caras por aqui, ou seriam vistos por quem passa.

Anne debruçou-se sobre o banco da frente.

— Deve ser por isso que Kevin veio para cá, para passar o fim de semana. Ninguém está viajando a serviço no feriado. Até mesmo os puladores de cerca ficam com a família. — Quanto mais pensava no assunto, mais sentido fazia. — Além do mais, aqui ele fica quase junto da estação da PATCO. É assim que consegue ir de Jersey para a Filadélfia e voltar, já que provavelmente não está de carro.

— Olha lá! — exclamou Mary, apontando para cima. Elas voltaram-se na direção apontada e viram um homem baixo, já de idade, com um terno comum de trabalho, saindo de um quarto no segundo andar. Ao lado dele, vinha uma lânguida mulher, muito mais jovem, vestindo um short vermelho justo que combinava com seus sapatos de salto plataforma. — É uma...

— Prostituta — completou Judy.

Anne ficou desapontada por não ser Kevin, mas Mary sufocou um grito.

— Uma prostituta? Uma prostituta de verdade? — Mary não podia despregar os olhos do casal, seguindo seu caminho pelo balcão superior, os quadris da mulher bamboleando com perícia, enquanto caminhava. Nunca tinha visto uma prostituta de verdade.

Anne estava determinada a encontrar Kevin.

— E agora, o que vamos fazer? Temos de descobrir se ele está registrado aqui. E se está no quarto, neste momento.

Mary examinou a entrada.

— Será mesmo que não deveríamos chamar Bennie, ou os tiras? Que eles assumam o comando daqui para a frente?

— Não! — Anne e Judy responderam, novamente a uma só voz. Anne inclinou-se à frente.

— Não se preocupe. Não temos certeza de nada, ainda. Então não faz sentido chamar a Bennie. E que tiras chamaríamos? A polícia de Filadélfia não tem jurisdição em Jersey, como Judy já disse, e não conhecemos ninguém na polícia de Jersey. Eu não ia saber sequer por onde começar.

— É um caso para o FBI — afirmou Mary, mordendo o polegar. — É daí que temos de começar.

Judy olhou para ela.

— Mare, como proceder? Telefonar para eles? Alô, FBI?

— Isso mesmo... acho — replicou Mary, mas havia pouca convicção na voz.

— Acho que ele deve ter saído — disse Anne, percorrendo a fachada com os olhos. Não viram ninguém entrando ou saindo pela porta da frente. O motel dava a impressão de estar deserto. — Sabemos que Kevin estava em Filadélfia ao meio-dia, na cerimônia. Meu palpite é que ele ainda esteja lá, na cidade. Vigiando minha casa ou o escritório, ou fazendo ponto num bar gay até que a excitação da cerimônia passe. Deve estar tentando decidir seu próximo passo. Fazendo planos. Um fugitivo sabe que precisa de bastante mobilidade para poder agir de acordo com a situação.

— Tudo isso parece um bocado perigoso. — Mary deu uma olhada nos arredores e Anne pôde ler o medo transbordando dos seus olhos castanhos.

— Se ele não está aqui, não tem perigo nenhum. Seja como for, ninguém está pensando em tirá-lo do quarto à força. Vamos entrar, verificar se está registrado, depois chamamos os tiras. Esse é o plano — garantiu Anne, sentindo-se fortalecida. — Estão ouvindo? Estou traçando o plano bem aqui na frente de vocês.

Judy sorriu, debochada.

— Não vale chamar de plano uma coisa que está sendo feita só na hora em que vamos precisar de um plano. Planos têm de ser feitos antecipadamente, com premeditação.

Anne estava morrendo de vontade de entrar logo no motel.

— Certo, então, temos de descobrir se ele está registrado aí. Se não, vamos ficar paradas feito bobas aqui fora.

— E como vamos fazer isso? — perguntou Judy, virando-se para Anne.

— Ele não iria colocar o nome verdadeiro na ficha de registro.

— Podemos descrevê-lo para o recepcionista, como fizemos com a Rachel. Quem sabe o recepcionista se lembra de alguma coisa?

Judy balançou a cabeça, agitando o seu único brinco de prata.

— O recepcionista não vai nos dizer nada, nem vai deixar você examinar os registros. Ele deve estar proibido de fazer isso, num motel de escapadas e duvido que faça. Principalmente se for uma mulher perguntando. E se fosse a mulher do cara?

— E se eu o subornar? E se eu lhe passar uma nota de vinte dólares... ou de cinquenta?

— Isso só funciona nos filmes. Aqui é Nova Jersey.

Anne sorriu.

— Então, tenho uma ideia melhor.

— O FBI tem alguma coisa a ver com essa sua ideia? — perguntou Mary.

— Exatamente o contrário. Mas primeiro, alguém precisa fazer compras. Mary, isso é com você. Tome um táxi. O Cherry Hill Mall fica a menos de dez minutos daqui. Judy e eu vamos ficar aqui, para o caso de Kevin dar as caras. Podemos nos esconder dentro de um carro, se encontrarmos algum por aí aberto. — Anne girou o corpo, olhando em volta.

— Ou talvez a gente possa ficar naquele posto de gasolina. Se Kevin voltar, chamamos imediatamente a polícia.

— Pode me contar qual é essa sua ideia? — perguntou Mary. — E por que preciso fazer compras? Acabei de fazer compras!

— É o que acontece quando garotas lutam contra o crime — respondeu Anne. E, embora soasse politicamente incorreto, nenhuma das outras tentou sequer protestar.



Uma hora mais tarde, três mulheres emergiram de um Fusca verde-limão brilhante e bambolearam seus quadris, equilibrando-se sobre saltos plataforma, atravessando o asfalto granuloso do estacionamento do Daytimer Motel. com maquilagem pesada, usavam shorts de cetim vermelho e tops bem curtos cobertos com estrelas azuis e brancas. Era para parecerem prostitutas, mas Anne achou que pareciam mais uma equipe de ginástica erótica. Fosse como fosse, com seus passos requebrantes, lá iam elas, perseguindo seu objetivo de encontrar Kevin.

— Não entendi por que todas nós tínhamos que usar as mesmas roupas, Mare — resmungou Judy. Ela era uma garota de

ossatura larga, bastante forte, mas que dava a impressão de ser surpreendentemente esguia em seu short e com seu top. A maquiagem acrescentava anos a seu rosto, o que portanto a transformara agora numa garota aparentando estar saindo da puberdade. — Acho que prostitutas não se vestem igual quando saem para... trabalhar. Ou seja lá como se chama isso.

— Poupa tempo arranjar três roupas iguais, e todas com o tema Quatro de Julho. — O tornozelo de Mary falseou, mas ela se reequilibrou. Sua silhueta parecia uma linha curva e compacta, e seu short alongava as pernas curtas. Seus cabelos estavam presos num rabo-de-cavalo, e os lábios reluziam num vermelho-rubro, já que Anne, com perícia, fez questão de assumir a função de maquiadora do grupo. — Além disso, vai auxiliar o plano.

— É um plano idiota — disse Judy.

— É um bom plano — retrucou Mary.

— É um plano esquisito — disse Anne. — Pelo menos esses shorts são mais frescos do que os vestidos pretos. — Ela não era grande fã dos tops extracurtos, principalmente considerando que ainda estava retendo água, mas estava apaixonada pelos saltos plataforma. — Saltos agulha e correias nos tornozelos. Eu amo correias nos tornozelos. Parecem um par de Bruno Maglis que vi certa vez, só que custavam dez vezes mais caros.

— Cuidado, o meio-fio. — gritou Mary, soando como o vigia do *Titanic*. O meio-fio da calçada na entrada do Daytimer Motel assomou direto no caminho delas. — Meio-fio! Morte à frente!

— Cabeças levantadas! — preveniu Judy.

— Não olhem para baixo! — Anne advertiu-as. — Todas de mãos dadas e vamos em frente! Contando um, dois, três!

— Iuipiii! — Elas se deram as mãos como bonecas de papel e saltaram, descendo da calçada. — Conseguimos!

— Eu adoro esses sapatos! — disse Anne alegremente e Mary riu, desajeitada.

— Gosto de parecer alta, mesmo sem conseguir andar.

Judy fez uma careta quando atingiu a porta da frente do motel, agarrando-se na maçaneta de vidro manchada.

— Comprar roupas, falar sobre roupas, vestir roupas novas. Comparado a isso, agarrar um assassino psicopata pode ser até

meio sem graça.

E as *prostitutas* entraram no motel, com seu andar oscilante.

22

Não havia saguão no Daytimer Motel, apenas uma pequena sala apainelada com um balcão de imitação de madeira que bloqueava o acesso aos elevadores mais adiante.

Folhetos dobrados, pouco recomendáveis na terra dos Amish, estavam sobre uma estante de metal próxima a um computador velho e encardido, um telefone sujo e uma pilha de jornalecos gratuitos chamados Pechinchas, com uma tinta tão preta que parecia que iria se soltar, feito sujeira, do papel. O homem atrás do balcão já devia passar dos oitenta, de óculos engordurados, olhos escuros e uma polo branca manchada. A barba grisalha encobria um olhar malicioso, lascivo, que se ressaltou no instante em que Anne entrou pela porta, liderando o seu time de prostitutas do Quatro de Julho. Anne foi se aproximando, requebrando os quadris, indo até quase junto ao balcão, e se debruçou, proporcionando ao recepcionista uma bela visão de suas estrelas e listas.

— Estou procurando um homem — ela ronronou. — Quer dizer, eu e minhas amigas estamos procurando um homem. E nos disseram que ele estava aqui.

— Sujeito de sorte — disse o recepcionista, deitando sobre ela uma olhada sorrateira.

— Oh, ele tem muita sorte. — Anne piscou seus cílios sedutoramente. E não teria feito isso melhor nem para Matt, mas ele não tinha idade o bastante para se lembrar de Betty Boop. — Somos uma espécie de presente pelo Quatro de Julho. Fomos mandadas por uns amigos dele, um pessoal da mesma fraternidade, na universidade. Escreveram o nome do sujeito num cartão, mas eu perdi. Sou uma boba, não é?

— Pobrezinha.

— Então, o único jeito de encontrar este sujeito da fraternidade e entregar a ele o... presente é pedir ao senhor que ajude a gente. Então, pode ser? Vai nos ajudar?

— Por favor, nos ajude — sussurrou Mary, reforçando o flerte.

— Se o senhor não nos ajudar, vamos ser despedidas. — Anne fez beicinho. — Uma garota precisa ganhar a vida, entende? Não podemos perder o emprego. Isso seria horrível.

— Terrível mesmo — acrescentou Mary. Judy debruçou-se sobre o balcão.

— É que, então, a gente ia ter de ir para a faculdade de direito. O recepcionista soltou uma risadinha, umedecendo os lábios.

— Mas é claro, vou ter muito prazer em ajudar. A todas vocês. Mas como vou encontrar o cara, se não sabem o nome dele?

— Ah, a gente sabe um pouco como ele é. Um sujeito jovem, cabelo bem curto. E ele é meio alto. Talvez mais de um metro e oitenta, um bocado musculoso. E tem olhos azuis, é branco. Os cabelos são pretos. Ou louros... esqueci. Ele gosta de mudar a cor dos cabelos de vez em quando, como se fosse um astro do rock ou qualquer coisa assim. Ele se hospedou aqui faz poucos dias. No máximo há uma semana. Talvez tenha dado uma saída, agora.

— Entendi. — O recepcionista já estava digitando qualquer coisa no teclado cinzento e sujo do computador, um antiquíssimo 286. Seus olhos corriam de um lado para o outro vagarosamente, enquanto lia na tela e pressionava a tecla Enter com a unha suja do dedo. — Ele está aqui, tem certeza?

— Sim, achamos que sim. — Anne confirmou com a cabeça, como fizeram as outras. É o que todas nós estamos dizendo, o gesto confirmou.

— Ora vamos, querida. — De repente o recepcionista parou de pressionar o Enter, desviou ceticamente os olhos do monitor e os dirigiu sobre Anne. — Você está mentindo sobre o tal cara ser um garoto de fraternidade, não está?

Anne tentou não parecer nervosa.

— Bem, por que está perguntando isso?

— Porque o homem que você descreveu se parece com um cara no 247, mas ele não é nenhum garoto de faculdade. Ele se hospedou aqui faz cinco dias. O cabelo dele era louro, mas pelo corte aposto um milhão que ele saiu de uma prisão, e não de uma faculdade.

— É mesmo? — O coração de Anne deu um pequeno salto, acima dos sapatos plataforma. Tinha que ser Kevin. — Vai ver é

esse o sujeito que estamos procurando, o cara com quem vamos fazer a farra. Vai ver também os caras que nos contrataram não quiseram dizer isso para a gente. Por mim, não tenho nada contra. Se ele já cumpriu a pena, tudo bem.

— Concordo. — O recepcionista clicou uma tecla, fazendo a tela retornar um pouco, depois apontou. — É ele. Ken Reseda. É esse o nome?

— Esse mesmo! — Anne respondeu, com uma excitação que não pôde esconder. Kevin nascera em Reseda, Califórnia, ela lembrava de sua ficha policial. Ken Reseda tinha que ser Kevin Satorno. — É ele. Não é que você é muito inteligente!

— Bem, não sei. — O recepcionista sorriu sob a barba grisalha.

— Eu farejo um ex-presidiário a quilômetros de distância. Você ficaria surpresa com o que a gente aprende, só observando as pessoas. Vejo muita coisa por aqui. Trabalho em hotelaria há vinte e cinco anos. Sou o proprietário aqui, sabe?

— Logo vi. É um lugar muito bem organizado.

— E bem familiar — acrescentou Mary.

Judy debruçou-se mais um pouco: — Um verdadeiro Ritz.

Anne reprimiu o sorriso.

— Sabe se o sr. Reseda está no hotel agora?

— Bem, eu não estava de serviço hoje de manhã, mas posso verificar. — O recepcionista deu uma olhada no quadro de chaves antigo, de madeira, atrás dele, então voltou para Anne. — A chave dele não está aí. Você tem razão. Ele deve ter saído de manhã.

— Oh, tudo bem. Quem sabe poderia nos dar a chave do quarto do sr. Reseda e guardar este nosso segredinho? Assim podemos fazer uma surpresa quando ele voltar.

— Acho que posso dar um jeito, minha linda — respondeu o recepcionista, com uma piscadela de olho. Ele se virou para trás e apanhou uma duplicata no quadro de chaves.

— E poderia ligar para o quarto, caso ele volte enquanto estivermos lá dentro? — Anne sabia o risco que estavam correndo, mas ninguém iria ficar de vigia atrás do carro. — Vamos precisar de um pequeno aviso se ele aparecer, para podermos... nos aprontar.

— Empoar os nossos narizes — completou Mary. E Judy, inclinando-se novamente: — Tenho de montar a jaula, entende?

— Claro. Aqui está a chave, e aviso se ele chegar. — O recepcionista estendeu a chave, mantendo-a ligeiramente fora do alcance de Anne, com um sorriso devasso.

— E posso ter a esperança de receber um presente das mocinhas como recompensa? Ainda tenho tudo em cima, sabiam?

Anne fez-se de desentendida, ou tentou.

— Eu não sou seu tipo.

Mary deu um risinho de apoio:

— Eu sou muito cara.

E Judy, debruçando-se:

— Meu hobby é processar as pessoas.

O olhar malicioso do homem evaporou, e ele passou as chaves para Anne com um relance nervoso para Judy.

— Ela é um pouco esquisita, não é? — ele sussurrou.

— *Muito* esquisita — confirmou Anne, e elas seguiram requebrando em direção ao elevador.

O diminuto elevador estava no andar, aberto, e as garotas ficaram de bico calado até que estivessem apinhadas dentro dele com as portas fechadas. Judy afastou o anel de cabelo recém-moldado de seu olho coberto de maquiagem, encarando Anne, magoada.

— Você disse a ele que eu era esquisita! — protestou, ofendida.

— Só quis levar adiante a brincadeira para podermos passar pela portaria. — Anne mal podia esperar para chegar lá em cima, observando o mostrador rachado com a numeração dos andares mudar para dois, mas Mary parecia cada vez mais preocupada.

— Ei, vamos mesmo subir até lá sozinhas? Não devíamos primeiro telefonar para Bennie e contar tudo a ela? Foi o que combinamos.

— Relaxe, o quarto está vazio — disse Anne. — Além disso, ela nos impediria de ir em frente.

— Não estou gostando disso — disse Mary, mas Anne agarrou a mão dela quando as portas do elevador se abriram ruidosamente.

— Vamos, tudo vai dar certo. — Ela se viu num balcão coberto com uma máquina de refrigerantes encostada a uma parede de estuque branco, já cinzenta de tanta fuligem.

Anne conduziu-as para a direita porque não havia outro caminho. O balcão tinha vista para o estacionamento do motel, o posto de gasolina e um depósito de pneus velhos. — Vamos.

— Eu não sou esquisita — resmungou Judy com seu andar hesitante, atrás das outras. — Não quero ser uma prostituta esquisita. Quero ser uma prostituta normal.

— Então, por que disse aquela coisa sobre a jaula? — Anne examinou apressada a chave do quarto. Era do número 247. Elas estavam diante do 240. Kevin estava tão perto; pelo menos seu quarto estava. As plataformas de seus sapatos se atritavam no assoalho de ladrilhos ásperos à medida que passavam, quase se atropelando, pelo 240, 241 e 242, e Judy ainda amuada.

— Não sei, não. Meus pés estão doendo.

— Bem. Sinto muito se ofendi você. Sinto mesmo. — Anne não podia se preocupar com Judy, agora, não tão perto do quarto de Kevin. Sentia o estômago tenso.

Mary agora estava na retaguarda:

— De todas, ele gostou mais de você, Judy. Vi pelo jeito dele olhar.

— Você acha? Ele me chamou de esquisita.

— Por isso mesmo — Mary disse. — Os homens gostam de brotos esquisitos. Brotos bem doidonas e esquisitas. É por isso que não consigo um namorado. Sou muito católica.

Judy arqueou uma sobrancelha e Anne emudeceu quando alcançou a porta. Ela deslizou a chave dentro da fechadura, na maçaneta, e abriu a porta, seu coração já começando a martelar. Mesmo não esperando dar com Kevin no quarto, abriu a porta lentamente. De repente, sentiu-se enojada de entrar no quarto dele, no mundo dele, na mente dele. Quando a porta se abriu, Judy avançou para o lado dela e Mary postou-se logo atrás, inspecionando o cenário bizarro.



Era um quarto pequeno, com um banheiro logo à esquerda, mas toda mobília estava coberta com papéis. Havia recortes de jornais, manchetes de tabloides, anotações, cartões e até pilhas de fotografias. Era como se tivesse nevado dentro do quarto, lançando um lençol branco sobre uma cama de casal encostada à parede e uma mesinha ordinária com uma TV portátil sobre um rack de metal. Junto dos recortes de jornal, havia facas Exacto e um rolo de fita adesiva sobre o carpete de espessura mínima, gasto e manchado.

Anne teve imediatamente a sensação de já ter visto aquele quarto, depois deu-se conta de que era verdade. Visualizou por um instante as fotos do quarto de Kevin no seu apartamento em Los Angeles, mostradas durante o julgamento, Prova A, ou algo assim. Aquele quarto de motel era uma réplica do quarto dele em Los Angeles, com retratos, recortes de jornais, entupido de fotos de Anne, junto com mapas das cercanias de sua casa e do escritório, com os lugares onde ela comia e fazia compras destacados por um círculo. Ela sentiu como se estivesse entrando numa das provas apresentadas ao tribunal, e essa sensação, momentaneamente, paralisou-a.

Está acontecendo tudo novamente.

Mary fechou a porta e dirigiu-se apressada para a janela, afastando ligeiramente a cortina transparente para o lado.

— Vou ficar aqui vigiando para o caso de ele voltar.

Judy passou por Anne, em direção à cama.

— O que é isso tudo aqui? Documentos legais? — perguntou ela, apanhando um dos papéis. — Isso mesmo. Esse aqui é o último resumo que demos entrada para o caso Chipster. — Ela passou os olhos no documento, surpresa, depois baixou-o de volta na cama, para que as outras o vissem. — Todos os documentos que arquivamos sobre o caso Chipster estão aqui. Cópias da queixa inicial, a resposta, até as moções sobre apresentação de provas, e o resumo completo do caso. Ele tem um arquivo tão bom quanto o nosso, e tudo tirado dos registros públicos.

Anne forçou seus pés a se mexerem e foi até os papéis que se amontoavam na escrivaninha. Eram recortes de jornal sobre a Chipster.com, espalhados sobre a superfície de fórmica, todos cuidadosamente cortados dos jornais. HOMEM NU NO TRIBUNAL, dizia

um subtítulo, e Anne sobressaltou-se. Ela vistoriou rapidamente os recortes e tudo indicava que Kevin estivera acompanhando todos os jornais. Ele colecionara todas as notícias relacionadas à Rosato & Associados, e os perfis de cada uma das advogadas da firma, assim como sobre os Dietz. Anne pegou uma das matérias. Era um impresso em cor, tirado da Web. Como foi que Kevin arranjou tudo isso? Ela pôs os recortes de lado e sepultado por baixo deles havia um laptop, ligado a uma impressora.

— Olá, garotas! Podem acrescentar receptação de material roubado à ficha dele.

Judy se afastou alguns passos da cama e apanhou um dos papéis.

— Vejam isto. É um mapa da cidade com ruas marcadas com um círculo. — Ela se virou para uma lâmpada barata perto da cama e estudou o mapa. — A casa de Anne, o escritório, o tribunal. Estranho, mas é verdade.

Aquilo causou um calafrio em Anne.

— Não quero passar por tudo isso outra vez. — As palavras vinham do fundo do seu coração.

Mas Judy ergueu os olhos, o mapa em sua mão já todo dobrado outra vez.

— Não estou mais certa se isso aqui só tem a ver com você — disse ela, com a fisionomia séria sob a exagerada maquiagem. — A casa de Beth Dietz, em Powelton Village, também está com um círculo em volta no mapa, e tem uma anotação no meio de um círculo na rua 15. Diz “Beth almoça aqui”.

— O que você quer dizer? — Anne se aproximou da cama, e Judy segurava uma foto dos Dietz saindo do tribunal depois de uma moção prévia ao julgamento.

— Há uma porção de fotos de Beth aqui. E até uma tirada de um website que ajuda as pessoas a encontrar colegas da faculdade. Ele deve ter feito pesquisas sobre ela, usando um nome falso.

— Conheço esse website — disse Anne, rastreando as fotos do jornal.

— Você tem razão. Há quase tanto de Beth Dietz quanto de mim, e ele usou esse site para levantar meus dados também.

Judy já estava para colocar a foto de volta na cama quando exclamou: — Oh, meu Deus, olhem para isso. — Ela pegou outra foto de Beth Dietz e mostrou às outras. — Essa foto tem um coração vermelho desenhado em volta do rosto dela.

Anne congelou. Ela havia apagado isso da cabeça, até aquele instante.

— Ele costumava fazer isso com minhas fotos.

Judy se virou.

— O que está acontecendo, Anne? Ele está apaixonado por Beth, agora que você está morta? Até parece que ele mudou de vítima, ou algo parecido.

— Os erotomaníacos são propensos a transferir as obsessões. — Anne sentiu um arrepio começar da base da espinha dorsal, e subir, em pontadas. — Se ele acha que me matou, pode me deixar de lado. Talvez agora comece a tocaiar Beth Dietz.

— Então, está apaixonado por ela.

Anne assentiu de cabeça.

— Está, mas não é assim que funciona um Clérambault. É o reverso disso, lembra-se? Kevin é um erotomaníaco, e assim ele agora acredita que Beth Dietz esteja apaixonada por ele.

— Mas ela é casada — Judy disse, perplexa, e Anne tentou explicar o inexplicável.

— Não importa, ele é um lunático. Nenhuma realidade destrói o delírio, exceto uma ordem judicial para se manter à distância. E todas nós sabemos que os Dietz não desfrutam do melhor dos casamentos no mundo. Talvez Kevin tenha conhecimento disso, também. Ele me vigiou durante muito tempo antes de me convidar para sair. Eu não havia descoberto isso até o julgamento. Ele me vigiou por meses sem eu me dar conta.

— Mas uma coisa dessas pode acontecer, mesmo que eles nunca se encontrem? — perguntou Judy. — Ora, duvido que Beth Dietz tenha alguma vez falado com Satorno.

— Dá na mesma, também não faz diferença nenhuma. Foi um erotomaníaco que tocaiou Madonna. E Martina Hingis. E Meg Ryan. Lembra do sujeito que matou aquela atriz de TV, Rebecca Schaeffer? Ele tinha a síndrome de Clérambault.

— É tão apavorante... — Mary disse. Ela se aproximou e afagou o ombro de Anne, mas Anne ficou sem saber se ela a estava confortando ou querendo ser confortada.

Anne inspecionou o lugar, conhecendo as implicações daquilo para Beth Dietz tão claramente como se fosse uma vidente. Começaria com e-mails, visitas, depois rosas, bilhetes e cartões, telefonemas e presentes, e surpreendentes batidas na porta a qualquer hora do dia e da noite. E poderia terminar com um revólver. Anne lutou para se recompor.

— Enquanto Kevin Satorno estiver em liberdade, a vida de Beth Dietz está em perigo. O problema é: o que vamos fazer sobre isso?

— Vamos chamar a polícia — respondeu Judy.

— Sem dúvida nenhuma.

— Também falaremos com Beth Dietz — acrescentou Mary.

— Sem dúvida nenhuma.

Anne ergueu a mão como um guarda de tráfego.

— Correção. Vamos nos certificar de que os tiras avisarão a Beth, e vou contar ao Matt, também. Tenho que continuar me fingindo de morta até terça-feira. Não queremos deixar Kevin enfurecido logo agora, para minha segurança e a da Beth.

— De acordo — disse Judy, e Mary ficou balançando a cabeça em assentimento.

— Muito estranho. Vamos salvar a vida de Beth Dietz, e ela está processando o nosso cliente. As fronteiras entre o bem e o mal estão mudando.

— Sim, é engraçado — Anne disse, apesar de saber que era apenas culpa da PISTA VARIADA em sua imitação de corrida. — Posso me sentir aliviada pelo Kevin estar largando de mim, mas ainda assim ele é uma praga que não desejo à minha pior inimiga.

Judy sorriu.

— Você sabe o que isso faz de você, Murphy?

— Uma boba — foi o palpite de Anne.

— Uma prostituta com um coração de ouro — respondeu Mary, e todas riram.



Minutos mais tarde, as advogadas tinham fechado a porta do quarto de motel de Kevin e estavam descendo o corredor, logo amontoando-se outra vez dentro do elevador.

Mary abriu o seu celular, assim que obteve a concordância geral, e digitou o número do escritório.

— Bennie, adivinhe! — disse ela. — Achamos o apartamento de Kevin. Ele está no Daytimer Motel, em Pennsauken, com o nome de Ken Reseda.

O elevador era tão pequeno que Anne podia ouvir Bennie gritando:

— COMO VOCÊ SABE DISSO? ERA PARA VOCÊ ESTAR TOMANDO CONTA DA MURPHY! ONDE ELA ESTÁ?

Mary se encolheu.

— Estamos todas juntas, aqui, e, bem... é uma história muito comprida. Telefonamos para você tão logo tivemos certeza de que era ele. Achamos que ele está atrás da Beth Dietz, agora. Você quer avisar a polícia ou prefere que eu faça isso?

O elevador abriu no primeiro andar enquanto Bennie gritava:

— ONDE ESTÁ VOCÊ, DINUNZIO? DIGA-ME, POR FAVOR, QUE VOCÊ NÃO ESTÁ EM JERSEY!

— Eu? Onde estou? — Mary passou às pressas pela mesa da recepção. — Eu... num posto de lavagem de carro.

Judy começou logo a fazer barulhos de lavagem de carro. *Ppppshhhhhh! Psssssshhhhh! Ssshhhhhhh*!

— Lavagem de carro? — Anne não podia acreditar. Era a mentira mais estropiada que já ouvira. A mentira mais estropiada já contada em toda a ordem dos advogados. Ela quase se sentia constrangida de estar presenciando aquilo. Estas garotas estavam precisando desesperadamente de um pouco de sua especialização na matéria, mas não era uma boa ocasião para uma aula sobre

mentiras. Ela devolveu a chave do quarto ao recepcionista, na saída.

— Muito obrigada pela ajuda — disse ela, suspirando, ainda incorporando seu personagem.

— Por que estão indo embora? Reseda ainda não voltou.

— Ele é um sujeito muito esquisito — respondeu Anne e apressou-se para atravessar a porta, atrás das outras. Normalmente, teria pedido ao recepcionista para não contar a Kevin que tinham estado ali, mas ele seria preso assim que pisasse no hotel.

Finalmente, ela o tinha encontrado.

23

Havia pouquíssimo tráfego dirigindo-se para a cidade, e o fusquinha zunia a toda pela subida da ponte Ben Franklin, carregando três felizes prostitutas. O vento que soprava do rio Delaware esvoaçava os cabelos das três, e Anne sentia-se quase embriagada enquanto o carro acelerava para alcançar o topo da ponte.

Elas haviam conseguido. Tinham encontrado Kevin. Ele estava prestes a ser preso, julgado e encarcerado para sempre. O pesadelo finalmente terminaria para ela e para Beth Dietz, que nem sequer sabia que algo assim estava em andamento. Para Willa, haveria luto e justiça. E no dia seguinte seria segunda-feira, dia Quatro de Julho.

Muitos fogos de artifício e frascos de ketchup arrotando. E Anne estava iniciando um namoro, um namoro do tipo acordo perfeito, como costumavam dizer em Filadélfia.

Ela sorria interiormente, com apenas um desconforto:

— Gostaria de ter ficado lá para vê-lo sendo preso. O cabelo de Mary revoava loucamente.

— Eu também, mas a Bennie exigiu que a gente saísse de lá imediatamente. Não era seguro ficarmos por ali. Ela telefonou para a polícia na outra linha e eles já estão indo para lá. Além do mais, temos que estar de volta ao escritório, para a sua reunião com Gil. Já estamos atrasadas.

— E mais, poderíamos ser presas por atentado ao pudor — acrescentou Judy. Enquanto dirigia, ia removendo a maquiagem com lenços de papel.

Anne inclinou-se à frente.

— Gostaria de saber como irão prendê-lo. Acho que vão ficar disfarçados, vigiando o motel, daí Kevin não vai perceber nada, quando retornar.

— Isso mesmo. — Judy acelerou. O carro alcançou o topo da ponte, com vista para a cidade inteira. O contorno de prédios no horizonte brilhava, festejando o Quatro de Julho, com as torres

pontiagudas de Liberty Place destacados em néon vermelho, branco e azul, e os cumes do Mellon Center banhados de luzes vermelhas. Fogos de artifício disparados esporadicamente da margem em que ficava a Filadélfia e um cometa artificial riscavam o crepúsculo, com seu rastro resplandecente.

Anne não conseguia deixar de se preocupar.

— Por favor, Judy, jure para mim que vão pegá-lo!

— Eles vão pegá-lo — respondeu Judy. — Kevin pode ser esperto, mas não tanto assim. Vão juntar a polícia de Filadélfia e de Jersey, e até mesmo os federais, e ocupar tudo em volta. Se não, vão ter de encarar Bennie Rosato.

Anne sentiu-se mais confiante. Ou quase.

— Só que um zilhão de coisas podem sair errado. Preferia ter ficado lá, ia me sentir melhor. Sabe, tipo caso encerrado?

Judy relanceou os olhos para o retrovisor, depois desviou-os para a pista, sempre acelerando o carro rumo à cidade.

— Quando o agarrarem, a notícia vai sair em todos os jornais e tevês. Bennie disse que vai nos telefonar pelo celular assim que o tiverem sob custódia.

Mary virou-se para Anne.

— E você vai estar livre dele. Para sempre.

— Uauu! — gritou Judy e Anne sorriu.

— Acho que vocês têm razão. Só que é tão difícil de acreditar... Ela respirou fundo o ar puro que chegava do rio Delaware. E, nesse momento, Judy abaixou-se ao volante, tateando algo no chão do carro, o que fez o Fusca dar guinadas, fugindo da pista, bem na beirada da ponte. Alarmada, Anne agarrou-se na alça de segurança para não tombar para o lado.

— Judy, o que você está fazendo?

— Olhem bem para isto, senhoras! — cantarolou Judy. Ela endireitou-se no assento, pôs o braço para fora da janela e sacudiu no ar seus sapatos plataforma vermelhos, segurando-os pelas correias. Os sapatos se agitavam contra o vento, com o carro ainda a toda velocidade. — Também quero ser livre.

— Judy, não faça isto! — gritou Anne.

— Pare! Não! — Mary gritou também, mas já era tarde.

— Adeus sapatos cruéis! — Judy gritou e lançou os sapatos plataforma pela janela. Os sapatos se separaram no ar, como módulos de foguetes, pareceram flutuar no vazio por um momento, então, dando-se conta de que eram meros calçados, projetaram-se num arco final descendente junto à lateral externa da ponte Ben Franklin e dezenas de metros mais, até mergulharem no rio Delaware.

— Você os matou! — choramingou Anne, mas Judy estava rindo às gargalhadas.

Mary ficou espiando pela janela traseira.

— Não precisava fazer isso, Judy. Eram sapatos muito bons.

— Eram uma merda! — gritou Judy. — Só lamento não tê-los visto afundar. Fiquei como a Anne, sem conclusão, sem o caso encerrado.

Anne deu consigo sorrindo, seu espírito leve.

— Aposto que deve ter soado como uma lavagem de carro — comentou, sarcástica, e irrompeu em ruídos de lavagem de carro. *Ppppshhhhhh! Psssssshhhhh! Ssshhhhhhhhh*! — Judy juntou-se a ela, e em dois minutos havia saliva borrifada por todo painel de instrumentos do Fusca.

Mary não conseguiu evitar de sorrir.

— Nunca me atreverei a ensinar nada a vocês, garotas — disse, mas sua voz foi sufocada por uma acalorada explosão de protestos, já com o carro na descida da ponte e entrando na cintilante cidade de Filadélfia.

— Anne! — exclamou Gil ao entrar na sala de conferências da Rosato & Associados. Olhou para Anne de cima a baixo, examinando cada estrela sobre os seus seios, depois fixando-se no seu shortinho de cetim e nos sapatos plataforma. — Puxa vida! Você está tão gostosa! E esses seus sapatos são totalmente...

— Por favor — disse Anne, com o rosto tão vermelho quanto seu short. Elas se atrasaram tanto para a reunião que ela sequer teve tempo de se trocar. Nota mental: *Não se vista como prostituta para encontrar um cliente metido a pulador de cerca*.

Gil não pôde deixar de sorrir, debochado, enquanto ia se acomodando numa cadeira, de frente para ela.

— Não consigo me controlar. Olhe-se no espelho, mulher! Você está tão diabolicamente gostosa! Aliás, sempre foi.

— Certo. Obrigada. — Ela se sentou diante do seu bloco de anotações jurídicas para restaurar algum senso de profissionalismo e observou que Gil, trajando um blazer esportivo e gravata, estava com um envelope de papel pardo. — Você trouxe provas do seu caso com Beth? Ótimo. Posso ver?

— Está dentro das minhas calças — disse ele, rindo, mas Anne não riu de volta. Será que ele está me cantando? Por que está falando essas coisas? Nunca procedeu assim antes.

Anne não gostou da maneira como Gil sorria para ela, e além do mais sentia um tênue cheiro de bebida em seu hálito.

— Você está vindo de um churrasco ou algo do gênero, Gil?

— Algo do gênero. Uma festa. — Gil parecia ter se esquecido do envelope sobre a mesa entre eles, a silhueta do envelope refletindo-se na superfície polida. — Preciso dizer uma coisa! Tem sido maravilhoso trabalhar com você, Anne. Você tem sido maravilhosa.

— Muito obrigada.

— Você é uma grande advogada. Você é tão... — ele pareceu se deter, procurando a palavra certa -... valente. Tão... durona, para uma mulher tão bonita. — Os olhos dele brilharam. — Sim, uma mulher muito bonita. Sempre achei isso, desde os tempos da faculdade.

— Ótimo. — Anne o deixou falando enquanto pegava o envelope e o puxava para ela. Não tinha tempo a perder, e sentia-se inquieta, nervosa. Ainda não haviam tido notícias da polícia sobre a prisão de Kevin. Bennie e as outras estavam sentadas junto ao telefone. Ela levantou o envelope.

— Posso abri-lo?

— Mas é claro! — Ele fez um gesto assentindo. — Você sabe, eu e os meus amigos, você se lembra deles, do grupo de pôquer no dormitório?

— Claro. O pôquer. — Anne não fazia a menor ideia sobre o que ele estava falando. Ela desprendeu o fecho de metal do envelope e enfiou a mão dentro dele.

— Todos nós tínhamos tesão em você. Eu tinha até um retrato seu, aquele do álbum dos calouros. E sempre achei você a mulher mais estonteante que já vi na minha vida.

Anne procurou dentro do envelope, mas não havia nenhum documento, apenas algo fino e redondo.

— Sabia que eu não fazia o seu tipo. Um maluquete por computador. Graduação em engenharia. Eu era inteligente, mas você não era para o meu bico, na época. Bem, as coisas mudaram. Até que não me saí mal na vida, certo? — Gil brandiu o punho. — Os maluquetes estão no poder!

Mas Anne mal o escutava, porque não existia nada dentro do envelope a não ser um CD. Ela o puxou para fora e ergueu-o. A superfície prateada refletia a luz que vinha de cima decompondo-a em listras coleantes com as cores do arco-íris. Ela revirou-o procurando uma etiqueta. Seria música, ou teria informações gravadas nele?

— De verdade, Anne. Gostaria que viesse trabalhar para mim. E olhe que estou lhe oferecendo um belo emprego, um cargo e tanto, como supervisora jurídica da Chipster. Pago trezentos mil para começar, mais uma opção para compra de ações. Quando abrirmos nosso capital na bolsa, você estará ganhando milhões.

Anne ergueu ainda mais alto o CD.

— O que é isso?

Gil sorriu, malicioso.

— Primeiro me responda. Quando quer começar? Eu e você podemos levar a Chipster para frente e para cima!

— Você andou bebendo.

— Culpado da acusação! — Gil ergueu a mão. — Então, aceita ser minha supervisora jurídica? Porque quero ser seu namorado.

O estômago de Anne deu uma cambalhota.

— Gil, tente se concentrar no nosso assunto por um minuto. — Ela fez o CD deslizar sobre a mesa, girando como um disco voador. — Estou tentando ganhar este caso para você, apesar de você estar fazendo todo o possível para foder com tudo. Primeiro, mente para mim sobre o seu caso com Beth Dietz. Depois, me traz um CD quando o que lhe pedi foram provas. No que acha que isso vai dar?

— Você não precisa ganhar este caso para mim, Anne. Eu já o ganhei sozinho. O CD é a prova, meu amor.

Anne ignorou o “meu amor”. Gil estava apenas embaralhado, e o uísque falava por ele.

— Como pode um CD servir de prova num processo?

— Não é prova neste processo. Mas não deixa de ser uma prova.

— Do quê?

— De atos ilegais. De roubo. De espionagem de corporação. — Gil recolheu o CD com dificuldade e olhou através do buraco do centro, com um olho azul-esverdeado. — *Buuu*!

— Gil, o que está fazendo?

— Você me subestimou, Anne. — Ele abaixou o CD, subitamente sério. — Você pensou que eu tinha fodido com tudo... foi o que você disse, interessante escolha de palavras. Mas, na verdade, não fiz nada disso. Costumo tomar precauções, sabia? Planejo todos os meus movimentos. É o que a gente tem de fazer, para ser bem-sucedido no negócio da informática. Sei que me entende. A competição é assassina. Se alguém tem de sangrar, que não seja você.

— Então, o que tem nesse CD?

— Certo, ora... Deixe-me primeiro recuar com você, por um minuto, para a história da nossa corporação. Fundei a Chipster com um punhado de sujeitos muito bons e, sinto muito dizer isso, doçura, entre eles Bill Dietz.

Anne lembrou-se da revisão que fizera dos depoimentos, recentemente.

— Dietz veio se juntar ao grupo mais tarde, vindo de outra empresa web chamada Environstar. Dietz era inteligente, trabalhava muito, virava dias no serviço e tinha boas ideias, considerando que era um escroto. O principal era que escrevia bons códigos.

— Certo.

— A Chipster decolou e desenvolvemos nosso produto, nosso aplicativo para a Web, parcialmente baseado nos códigos que ele escrevia. Um ano depois, Dietz me confessou que havia roubado o código-base da Environstar. — Gil ergueu o CD. — Este foi o programa que ele roubou.

— A Environstar processou vocês?

— Não, eles também tinham roubado o código para poderem iniciar a companhia deles. Todo mundo rouba no negócio de softwares principalmente porque nenhum programa é definitivo. Eles passam por cerca de trezentas versões, de 1.0 a 37.9, e nesse meio tempo as pessoas vão mudando de emprego. Mas essa não é a questão. A questão diz respeito a mim, não ao Dietz. Seja uma garota inteligente e diga-me o que fiz, então.

Anne pensou um minuto. Na semana anterior, ela teria dado uma resposta diferente, entretanto agora ela encarava Gil com novos olhos. E tinha aprendido a antever os acontecimentos.

— Você não fez nada. Usou o código-base, desenvolveu-o e ganhou uma fortuna. Ficou de boca fechada com relação ao código original e fez sua companhia crescer.

— Exatamente! Meu Deus, ainda por cima ela é tão esperta! Que beleza! — Gil curvou-se sobre a escrivaninha. — Adoro mulheres com cérebro. Não sou como os outros.

Não, você é pior.

— Por que você não deu ao Dietz nenhuma opção de compra de ações?

— Porque ele chegou mais tarde, não era um fundador, tecnicamente. E eu não precisava me esforçar para mantê-lo na companhia.

Anne estava entendendo agora.

— Não, mas isso só porque descobriu sobre o programa roubado. Assim, tinha algo contra ele. Se ele o abandonasse, você podia foder com ele.

— Adoro quando você fala desse jeito indecente. Você fala essas coisas indecentes, Anne? Muitas vezes me peguei perguntando isso, tarde da noite. — Gil inclinou-se mais ainda sobre a mesa, mas ela se levantou e contornou a cadeira, lamentando profundamente estar seminua.

— Gil, o que o CD tem a ver com o caso Chipster?

— O CD vai fazer o caso desaparecer. Eu ainda não o tinha em mãos. Mas finalmente subornei o programador certo. Agora, tenho a prova de que precisava. Adeus, Beth, olá bolsa de valores. — Gil lambeu os lábios. — Telefonei para Dietz, logo depois da nossa

conversa de hoje. Disse a ele que falasse com a mulher para botar o rabo entre as pernas, se não eu ia fazer um escândalo... com este CD. — Gil riu, mas Anne já tinha ímpetos de fugir dali para evitar uma tentativa de estupro.

— Se você o acusar, vai estar se acusando também. E pode sofrer um processo penal.

— Só que ele não vai pagar para ver. É o meu blefe, e ele ficou apavorado. Posso pagar o melhor advogado da cidade. Ele não pode se dar a esse luxo.

Anne ignorou as últimas frases.

— Mas como isso vai livrá-lo do processo?

— Beth não sabe que ele roubou o programa. Eles se conheceram depois que ele veio para a Chipster.

— Como sabe que ela ignora essa história? Talvez ele tenha contado.

— Não, ela jamais teria me processado se soubesse, era um risco muito grande. E ela teria mencionado alguma coisa durante o nosso pequeno e breve romance, mas não o fez. Agora, ele não tem saída a não ser contar tudo a ela, e Beth vai entender que me processar por vingança foi um péssimo negócio.

Anne pestanejou.

— Gil, você não vai vencer. Ela apenas vai desistir do processo. Mandar arquivá-lo.

— Não, não e não. — Gil abanou o dedo, levantando-se da cadeira. — Não é isso o que eu quero. Não foi o que pedi ao meu velho amigo Dietz. Quero que o processo continue e que a queixosa sofra uma repentina perda de memória. Dessas crises que acontecem na hora do julgamento, e bem quando subir ao banco das testemunhas. Então, quero que você lhe dê um chute na bunda nojenta e consiga um veredicto favorável daquele júri. Tudo para restaurar meu bom nome, para me deixar lindo aos olhos dos diretores da empresa. Não quero apenas dar um jeito nas coisas. Quero vencer.

— Você quer dizer que Beth vai enterrar o processo que ela mesma abriu? Como um lutador que se vende antes de uma luta?

— Exatamente. Bem colocado. Deus, como estou feliz que você não esteja morta. Quero você como minha supervisora, e pode usar

esse top ultramínimo no serviço. E também os sapatos. Os sapatos são...

— Não vou aceitar isso!

— Certo, você venceu. Nada de top. Rá-rá!

— Pare com isso, Gil. Não tem nenhuma graça. — Anne balançou a cabeça. — Não, não vou defender um caso forjado. Não vou lá fazer um papel desses, não vou fingir que não sei de nada. Não vou fazer isso!

— Mas vai ter que fazer. Você não pode abandonar um caso na última hora. — Gil avançou para uma cadeira, depois para a seguinte, aproximando-se de Anne. — Estamos no mesmo barco, Anne, ou melhor, montados num foguete que neste momento está subindo, subindo, subindo... Ah, querida!

— Como você sabe que Beth vai aceitar fazer isso? — perguntou Anne, suprimindo um arrepio de medo à medida que Gil chegava mais perto, contornando a mesa.

— Não posso ter certeza, mas ela vai aceitar, sim. Quem está se metendo a esperto para ganhar dinheiro nessa jogada é o Bill. Ele é o cérebro da operação. Ela é somente a xoxota. — Subitamente Gil deu o bote, saltando sobre as cadeiras, sua mão desajeitadamente agarrando as estrelas de Anne.

— Chega! Fora daqui! — gritou ela, esquivando-se e correndo para o outro lado da mesa na direção da porta. — Saia!

Mas Gil parecia não tê-la escutado.

— E, puxa, Dietz disse umas coisas muito desagradáveis sobre você. Ele disse: “Estou contente que aquela putinha esteja morta!”

— Não quero ouvir isso! — gritou ela, mas seus pensamentos estavam em disparada. Devia ter sido por causa disso que Dietz e Matt haviam brigado. A razão de Matt ter sido esmurrado. Ela. Anne lançou-se sobre a porta da sala de reuniões, para abri-la. — Agora, saia daqui!

Gil tropeçou num pé de cadeira, mas conseguiu agarrar-se nas costas dela, tentando equilibrar-se.

— Foi o que o Dietz disse para o advogado dele. Daí, tiveram uma briga. Dietz disse que queria ter atirado em você pessoalmente, pelo que estava fazendo contra a esposinha dele. Esse é o cara! Quer mesmo ficar do lado dele contra mim?

— Saia! Basta eu gritar e minhas amigas vão entrar aqui correndo.

— Não atire! — Gil levantou as mãos, e neste momento as portas da sala de reuniões se abriram. De pé na porta estava uma furiosa Bennie, e Anne só torcia para que a fúria fosse contra Gil, não contra ela.

— Saia de minha firma de advocacia, sr. Martin — ordenou ela, os lábios contraídos.



Depois que as mulheres puseram Gil no elevador, depois para fora do prédio pela alameda lateral e dentro de um táxi, reuniram-se na área de recepção para ouvir de Anne toda a história do CD e do que Gil tinha feito. Escutaram tudo sentadas nas confortáveis cadeiras azul-marinho e no sofá de dois lugares. Judy tinha se trocado, vestindo de novo o seu macacão de algodão e Mary continuava vestida com os apetrechos de prostituta, mas com os pés descalços. Os seus sapatos plataforma formavam um amontoado vagamente pornográfico sobre o tapete oriental.

— Uma situação interessante, muito interessante — disse Bennie, quando o relato terminou. Ela cruzou uma perna musculosa sobre a outra, vestida com seu short. — A propósito, você está despedida.

Anne torceu para que ela estivesse brincando novamente.

— Alguma notícia sobre o Kevin? Já o prenderam?

— Rafferty disse que eles estão ainda de tocaia do lado de fora do Daytimer. Não há nada a fazer senão esperar. Vão pegá-lo assim que ele aparecer. Rafferty telefonará imediatamente.

Anne não estava gostando nada da situação. Gil tinha enlouquecido e Kevin ainda continuava à solta.

— E a Beth Dietz? Os tiras contaram para ela?

— Rafferty disse que faria isso, mas saberemos com certeza logo que ele voltar a telefonar.

Anne suspirou, arriando-se pesadamente na cadeira diante da mesa de centro de vidro cintilante.

— O que faço agora? Como vou defender a Chipster? E defendo a Chipster, afinal de contas? Esse cara é um porco!

— Um merda — disse Judy.

— Um mentiroso — acrescentou Mary.

— Um cliente — disse Bennie firmemente e Anne encarou-a.

— Estou tendo um *déjà vu*, Bennie. Já tivemos esta conversa.

— E adivinho que continuaremos a tê-la até você entender, Murphy. A sua obrigação como advogada é representar o seu cliente inteiramente e dar o melhor da sua capacidade. Não deve contar mentiras, nem fazer trapaças. Mas tem de atuar como sua advogada.

— Mas ele agarrou minhas estrelas!

Bennie pareceu imperturbável.

— Eu mesma vou defender o caso Chipster, se você não se achar capaz de cumprir com sua obrigação ética com o cliente. Gil Martin ainda e, e em última instância continuará sendo, cliente de nossa firma de advocacia.

— Foram os brincos que viraram a cabeça dele — arriscou Judy.

Bennie fez um gesto, exigindo silêncio.

— Murphy, você vai defendê-lo ou devo assumir?

Anne odiou ouvir isso. Não havia nenhuma alternativa boa.

— Vou continuar defendendo o canalha.

— Então faça isso e faça bem. A verdade é que não sabemos se Beth Dietz vai concordar com esta fraude ou não. Ela pode se recusar a entrar no jogo.

Anne assentiu de cabeça.

— Se eles tiveram mesmo um péssimo casamento, ela pode não ligar para o fato de o marido acabar se ferrando, no final. Este processo judicial é a sua chance de se vingar do Gil por ter rompido com ela, e ela pode não desistir disso.

— A menos que Dietz a obrigue — observou Judy sombriamente. Ele pode ameaçá-la, sei lá. Sabemos que ele às vezes fica violento.

Mary parecia preocupada.

— Não gostaria de ser responsável pelo risco de alguém levar uma surra. Principalmente ela. A garota já está com um bocado de problemas, agora com o Kevin atrás dela.

Bennie franziu a testa.

— Você não seria responsável por nada. Ele é que seria, e ela também. Não me sinto nem um pouco solidária com Beth Dietz, se ela insiste em ficar com um homem que a maltrata. Ela está processando o meu cliente, e por mais canalha que meu cliente possa ser, não estou do lado dela. Fiz um juramento profissional, e ele está me pagando por isto.

Anne debochou.

— Mas você não acabou de expulsá-lo do escritório?

— Sou eu que traço os limites por aqui. Ele atacou uma das minhas sócias. E isso não vai acontecer debaixo do meu nariz, Não perca o objetivo de vista... o julgamento.

Anne refletiu um pouco.

— Então, na verdade, não sabemos que caminho ela vai seguir.

_

— Correto — respondeu Bennie. — Você precisa estar de sobreaviso para o que quer que eles joguem em cima de você. E o que toda boa advogada de tribunal tem de fazer, nada de mais. Vai ter de lidar com as coisas de acordo com a situação, e por conta própria. E exatamente o que tem feito nos últimos dois dias, e muito bem. com apenas um pequeno deslize de julgamento.

Anne antecipou-se a Bennie e disse:

— Matt.

O olhar de todas convergiram subitamente para Anne, três pares de olhos inteligentes em vários estágios de maquiagem. Os de Mary cheios de compreensão, os de Judy ligeiramente debochados. Porém os de Bennie tinham uma franqueza azul-clara que deixou Anne perturbada.

— Você não vai se encontrar com ele esta noite, espero — disse Bennie.

Oh, não.

Era agora, Anne tinha de decidir se entrava na briga para valer ou jogava a toalha. Matt deixara duas mensagens no seu celular, pedindo-lhe para dormir com ele.

Ela respondera a um dos recados, pedindo a ele que contasse a Beth sobre Kevin. com toda sinceridade, o que mais queria era engatinhar para a cama dele, ter os seus longos braços enlaçados em torno dela, sentir-se segura e protegida. Mas poderia admitir qualquer desses desejos na frente de todas elas? Seria da conta delas?

De repente, ela se via tanto com amigas quanto com um namorado. Nota mental: *Quando a gente consegue uma verdadeira vida pessoal, é difícil vivê-la*.

— Não vou vê-lo hoje à noite — prometeu Anne. Era a coisa certa a se fazer. Ou a não fazer. — Eu sou educável. Jovem, mas educável.

Bennie se animou.

— Uma decisão excelente, estritamente evitando ser excluída da Ordem dos Advogados. Você está aprendendo, garota.

Anne fez um movimento de reverência para Bennie.

— Mas onde vou passar a noite? Ora, não posso ficar com você, Bennie. Tenho que tirar o Mel de lá antes que seu nariz estoure. Talvez eu possa ficar num hotel.

— Isso não seria prudente. — Mary levantou-se de sua cadeira com renovado entusiasmo. — Sei de um excelente lugar para esconder você. *Nosso esconderijo*! Lá é seguro!

Bennie se entusiasmou, também.

— Ótima ideia! Por que não pensei nisso?

Judy bateu palmas, pulando de pé.

— Perfeito!

Anne ficou aturdida.

— Para onde vamos? Que esconderijo?

— Você vai conhecer o lugar — disse Mary. — Mas não podemos ir para lá vestidas assim. Seremos assassinadas.

Isso é o que ela chama de seguro?, pensou Anne, mas Mary já a pegava pela mão.

24

Já estava escuro na hora em que Anne e Mary chegaram na atarracada casa geminada, em um lugar qualquer de um bairro apinhado de construções de tijolos vermelhos no lado sul de Filadélfia. Elas abriram a porta de tela, com o D espiralado, feito de metal já desgastado pela ação do tempo, e Vita e Mariano “Matty” DiNunzio avançaram sobre elas, abraçando e beijando a ambas, arruinando como um casal de velhos pombos urbanos. Anne mal teve tempo de pôr no chão a caixa de papelão de folhas para fotocópias, contendo Mel, diante do velho divã. Sobre o peitoril da janela da frente, assentava-se uma imagem de plástico amarelada da Virgem Maria, olhando para a rua por entre duas pequeninas bandeiras cruzadas, a americana e a italiana.

— Entrem, garotas! Entrem! — o pai de Mary dizia. Ele agarrou Mary, abraçando-a de supetão como um Papai Urso, embalando-a para trás e para diante. — Ah, como amo minha garotinha! — Ele era baixo, careca, tinha por volta de setenta anos, vestia uma camiseta branca, bermuda escura e um cinturão preto que era supérfluo a não ser Para combinar com os seus chinelos. Ele sorria de felicidade, agarrando Mary, com os seus olhos castanhos derretendo-se como barras de chocolate, por trás das lentes bifocais de aro de aço. — Nossa garotinha está em casa! Nossa garota! Olhe, Vita, nossa garotinha está em casa!

Porém, a pequenina mãe de Mary estava enroscada em Anne e acariciava-lhe o rosto com uma mão de pele ressecada feito papel e que cheirava vagamente a alho.

— Você é a Ana? *Che bellissima*! Uma garota tão bela! Mais bela do que nas fotos! — A sra. DiNunzio tinha mais ou menos a mesma idade do seu marido, mas o sotaque italiano condimentava o seu inglês, dando um tom diferente a cada palavra. — Madonna mia, ela tem o rosto de um anjo, Matty! Olhe para ela! O rosto de um anjo!

— Puxa, obrigada. — O ânimo de Anne de repente elevou-se, sua energia ressurgiu e ela não conseguiu mais parar de rir. Amou

até mesmo o seu novo nome. Era ótimo ver pessoas fazendo festa apenas porque você entra na casa. Anne não se sentia tão bem havia tempos, talvez há anos. Nota mental: *Quero ser italiana*.

— Ela é tão bonita, é um pecado! Deus abençoe! — Espessas lentes trifocais aumentavam os pequenos olhos castanhos da sra. DiNunzio. Seus ralos cabelos tinham sido modelados num elaborado penteado e estofavam uma rede de cabelos cor-de-rosa. Fios de algodão saltavam da rede de cabelos e dispersavam-se pela nuca abaixo. Ela usava um vestido caseiro florido e um avental florido até os pés. Só que Anne no momento não estava brincando de descrições policiais. Estava ocupada demais sendo abraçada, aspirando uma agradável, embora peculiar, combinação de SprayNet e manjericão. A sra. DiNunzio parou de acariciar o rosto de Anne e recuou um pouco, maravilhada: — Você parece atriz de cinema! Ou de tevê. Olhe só o rosto dela, Matty, ela...

— Ela é linda! Linda mesmo! — O sr. DiNunzio concordou, ainda abraçando Mary. Os DiNunzio falavam um atropelando o outro, e ninguém parecia se importar. — Uma princesa, é o que ela parece! Vamos tomar conta dela. Vamos tomar conta das duas!

— Ninguém vai machucá-la em minha casa! — a sra. DiNunzio prometeu, encarando Anne com olhos subitamente úmidos. Mary havia contado para os seus pais os problemas que Anne estava vivendo, e a sra. DiNunzio estava praticamente chorando por ela. Por um lapso de segundo, alguma coisa diferente passou pelos olhos da velha senhora, alargando-os, depois desapareceu. — Deus a abençoe! Você fica conosco, tudo vai acabar bem! — Ela deu uma espremida no capricho em Anne, tremendo com uma solidariedade que ironicamente parecia fortalecer sua frágil figura.

— Muito obrigada — disse Anne novamente, e foi estúpido dizer aquilo, mas a sra. DiNunzio pareceu não escutar. Seus olhos ficaram abruptamente sombrios, e ruguinhas selvagens aprofundaram-se no seu semblante sob a rede de cabelo cor-de-rosa.

— Você também trabalha para Benedetta Rosato? Aquela bruxa não presta! — A sra. DiNunzio sacudiu um dedo bem enrugado nos nós. No caminho, Mary contara a Anne que sua mãe sofria de artrite, pelos muitos anos costurando abajures no porão

desta mesma casa, seu lar de infância. O pai de Mary fora ladrilheiro. E os dois odiavam Bennie.

— Olhe só quanto problema ela causa! Armas! Homens loucos! Benedetta Rosato, é tudo culpa dela! Ela não cuida da minha Maria! Nem de você! Ela não...

— *Mamma*, por favor não comece. — Mary desprendeu-se dos braços do pai e enlaçou a mãe. — Não vamos falar da Bennie, certo? Como eu disse pelo telefone, Anne pode ficar no meu quarto, na cama de Angie...

— *Tchierrto! Tchierrto*! Sem problema. — A sra. DiNunzio deu uns tapinhas de leve no rosto de Anne, a ira desaparecendo tão subitamente quanto uma tempestade de verão.

— Está arrumada a cama. Toalhas limpas, lençóis limpos, tudo limpo na cama, tudo pronto para você. Primeiro, vamos comer, depois para a cama. Bem-vinda, Ana!

— Muito obrigada. — Pela quarta vez! O que mais se podia dizer quando as pessoas são tão amáveis? — Mary lhe disse? Eu tenho um gato, também.

— Ah, *si*, o gato! Eu gosto de gatos! — A sra. DiNunzio espiou para trás de Anne, e o sr. DiNunzio já estava arrastando os pés dirigindo-se para a caixa e abrindo as abas do topo. Mel pipocou a cabeça para fora com um infeliz miau e todo mundo riu. A sra. DiNunzio bateu palmas, depois uniu as mãos, contente. — Madonna mia!

Como é bonito, o gato!

— *Che* belo gatinho! — O sr. DiNunzio levantou Mel da caixa, deixando as patas traseiras do gato penduradas sem jeito até que Mel finalmente se arrumou e aninhou-se no peito dele. — Vita, veja, que gato carinhoso.

Mel miou, conquistando os novos conhecidos com o estilo Gato Amoroso, e o sr. DiNunzio sorriu exultante, com seus dentes postiços uniformes. — Está vendo, Vita? Ele gosta da gente.

— É um belo gato, ele gosta daqui! — A sra. DiNunzio sorriu, sua cabeça oscilando apenas ligeiramente. — Bem-vindo, gato de Ana!

O sr. DiNunzio beijou o topo da cabeça macia de Mel e olhou para Anne.

— Como ele se chama? — Anne disse o nome do bichano, mas ele franziu as sobrancelhas, enrugando a testa. Por um instante, ela pensou que ele não a tivesse escutado, mas Mary havia dito que ele estava usando aparelho para surdez. O aparelho se destacava, em suas orelhas algo peludas. — Mel? — ele perguntou, confirmando. — Mas é um bom nome para um gatinho, Ana? Nunca vi ninguém dando a um gatinho nome de gente. Algo como Joe. Ou Dom.

Não havia crítica em seu tom de voz, ele estava apenas honestamente espantado, e agora Anne também estava.

— Não fui eu quem pôs o nome. Ele já se chamava assim, quando o peguei no abrigo. — Anne sorriu. — É um nome meio estúpido, agora que pensei no assunto.

— Que tal chamarmos ele de Gato de Ana, então?

Anne riu. Ela e Mel tinham evidentemente sido rebatizados.

— Claro, como quiser.

— Vamos, Vita. Vamos dar leite ao gato de Ana. — O sr. DiNunzio saiu da sala de estar arrastando os pés, segurando Mel. — Vamos, garotas. Ana. Venham comer alguma coisa. Você já comeu, Mare?

— Não, ainda não. Alimente-nos, papai. Já faz cinco minutos que estamos aqui. — Mary abraçou sua mãe já fora da sala. — Qual é o problema, *mamma*! Não gosta mais de mim?

— Não seja tola! — disse a senhora, com uma suave risadinha. Ela se voltou e agarrou a mão de Anne, atravessaram uma sala de jantar escura e entraram numa cozinha pequena e iluminada, aquecida pelo cheiro de café fresco e vapores de molho de tomate. A sra. DiNunzio foi direto para o fogão e começou a mexer o molho com uma colher de pau rachada, e Anne aproximou-se por trás dela.

— Precisa de alguma ajuda, sra. DiNunzio? — perguntou, aspirando o cheiro da panela. O perfume de tomates e alho cozidos a fez perceber o quanto estava faminta.

Não podia se lembrar da última vez em que comera e nunca provara uma comida caseira como esta. O molho de tomate era espesso e vermelho, com almôndegas rechonchudas boiando logo abaixo da superfície e o molho fervendo nas bordas, agitado pela gentil estimulação da colher de pau. Anne tentou adivinhar a receita, mas tinha que ser algo genético.

— Sente-se, sente-se, Ana! — A sra. DiNunzio fez sinal para ela com a colher de pau coberta de molho fumegante, e Mary pegou Anne pelo braço.

— Nem pense em querer ajudar, Anne. Ela baterá em você com o utensílio mais próximo. Ela é muito zelosa de seu território, essa minha mãe. A cozinha é dela, não é verdade, *pappa*?

— *Tchierto*, bonequinha. Logo que eu acabar aqui, me sento também. — O sr. DiNunzio tinha ido até uma geladeira forrada de fotos, pegar uma caixa de leite que despejou num pires, colocando-o no chão de linóleo antigo diante de Mel. O gato começou a lamber o leite. — Com gatos, minha esposa confia em mim. Tudo mais, é ela que alimenta. Vá, sente-se, Ana.

Anne já estava pronta para dizer obrigada pela 55ª vez, mas decidiu: Desisto!, já sentando-se com Mary à mesa de fórmica com salpicos dourados. Uma luminária pesada de vidro âmbar estava suspensa por uma corrente galvanizada dourada sobre a mesa, armários reformados brancos espalhavam-se pela pequena cozinha, além de fotos desbotadas de vários papas, Frank Sinatra e uma recolorizada de John F. Kennedy, penduradas pelas paredes. Num pequeno mural de tachinhas, havia um calendário de igreja com um enorme retrato de Jesus Cristo, seu cabelo castanho cacheado contra um fundo azul-celeste, seus olhos voltados para o alto. Nota mental: *Comece a adorar algo mais além de sapatos*.

— Ana, Maria. O café está pronto. — A sra. DiNunzio pôs a colher coberta de molho sobre um pires, depois baixou a chama da panela. Pegou uma cafeteira de aço inoxidável entalhada do outro bico de gás e trouxe-a para a mesa, servindo uma xícara fumegante para Anne, depois para Mary e para o seu marido, que estava sentado enviesado.

— Obrigada, sra. DiNunzio. Parece maravilhoso. — Anne aspirou o aroma anelado que se desprendia da xícara lascada e tentou lembrar se já tinha visto café feito num fogão. Parecia algo como acender uma fogueira com gravetos. Todos tomaram café puro, mas Anne misturou-o com creme e açúcar, depois provou a mistura. Estava um diabo de quente e até melhor do que seu Starbucks habitual. — Uau! É uma delícia! — ela disse, admirada.

— Grazie! Beba! — A sra. DiNunzio voltou para o fogão, colocou lá a cafeteira e retornou para a mesa, acomodando-se no seu lugar. Não tocou no café, e seus olhos castanhos tinham uma sombra de preocupação. — Então, Ana, a polícia, eles estão procurando o tal sujeito? Ele quer machucar você?

Mary lançou para Anne um olhar de deixe isso comigo.

— Isso mesmo, mas logo isso vai estar resolvido. Não se preocupe. Mas a sra. DiNunzio ignorou-a, olhando para Anne com uma intensidade que não podia ser tomada por conta de sua origem campestre.

— Pressinto problemas. Você está com problemas, Ana. Grandes problemas. — A sra. DiNunzio inclinou-se na sua cadeira para segurar a mão de Anne. — O seu problema, me conte. Posso ajudar você.

— Contar para a senhora o quê? — perguntou Anne, insegura mas ao mesmo tempo sensibilizada. Nunca se sentira num ambiente em que ficassem gostando tanto dela, e tão rapidamente. Era como se a sra. DiNunzio a estivesse aguardando, já pensando em ajudá-la, mas o problema que estava vivendo não era do tipo em que a sra. DiNunzio pudesse ajudá-la, a menos que possuísse uma bazuca. — O meu problema é o tal homem, Kevin Satorno. A polícia vai agarrá-lo. Eles vão telefonar assim que efetuarem a prisão, esta noite.

— Não, não, não. — A sra. DiNunzio cacarejou, como se Anne não a tivesse entendido. — Não ele, ele não é problema.

— Mamma — Mary interrompeu. — Você não precisa tomar conhecimento de tudo. Só vai assustar você. Já estamos tratando desse assunto...

— *Shhh*, Maria! — A sra. DiNunzio silenciou a filha com o dedo indicador levantado, e até o último vestígio de sorriso sumiu-lhe do rosto. _ Cara mia, você está com problemas. Sim, Ana. Uma dor na sua cabeça. Uma dor no seu coração. Sim. Eu sinto. Disso eu entendo.

Anne não sabia o que responder, exceto que, verdade seja dita, ela estava com uma brutal dor de cabeça. E ultimamente vinha começando a acreditar que o seu coração nunca mais voltaria à normalidade.

— Argh! — A testa de Mary tombou teatralmente em suas mãos. Mamma, não me deixe sem jeito na frente da garotada. Estou fazendo o possível para dar uma boa impressão.

— Mary, isto é uma coisa em que você não deve se meter. — A sra. DiNunzio levantou-se subitamente e pegou a sua xícara de café. — Se sua mãe diz que Ana está com problemas, é porque ela está. Agora, deixe-nos a sós. Este é um assunto entre Ana e sua mãe. A sua mãe sabe das coisas. Ela vai ajudar Ana.

Eu preciso de ajuda? Anne ficou vagamente alarmada. A atmosfera mudou de repente na cozinha. A sra. DiNunzio ficou subitamente séria. O sr. DiNunzio foi saindo de fininho com seu café. Mary já estava de pé, também. Até Mel parou de beber o leite e ficou na posição Gato Alerta, junto de seu pires.

Anne virou-se para Mary.

— O que está acontecendo, Mary?

— Minha mãe tem superpoderes. Ela é o seu próprio herói, um herói de ação com visão de raio X. Ela pensa que você está precisando da sua ajuda e que ela pode ajudar, então, aprenda a conviver com isto. Não tem jeito. Deixe-a fazer o que ela quer fazer.

— O que ela deseja fazer?

— Você vai saber. É uma antiga tradição italiana, gafanhoto. Você nunca deve revelar nada disso ao mundo exterior. — Mary lhe deu umas palmadinhas no ombro. — Nós todos fazemos um juramento de silêncio, a raça inteira, exceto Maria Bartiromo, que eu entretanto não acredito que seja italiana. Nenhuma garota italiana pode entender o mercado financeiro. É contra a natureza. Não somos educadas para isso.

— O quê?

Anne sorriu, perplexa. Ela examinou cuidadosamente a sra. DiNunzio, que apertou sua mão como uma médica que abraça para dar más notícias.

— Sra. DiNunzio, o que...

— Ana, você está com olho grande em cima. Alguém que odeia você. Alguém deseja mal a você. Alguém lhe pôs um *malocchio*.

— *Mal* o quê? — perguntou Anne espantada.

— *Malocchio*! Mau-olhado!

Mary estava seguindo o pai para fora da cozinha.

— Isso mesmo, ela está falando sério, Anne. E aqui é o sul de Filadélfia, terra de magia e maldições. Mas não se preocupe. Minha mãe sabe como livrar você do mau-olhado.

A prece lhe foi passada numa véspera de Natal por sua mãe, que também se achava uma super-heroína. Apenas finja que acredita, e por favor não lhe diga que não existem coisas como... fantasmas. Ela tem uma colher de pau e sem dúvida fará uso dela.

— Alguém me pôs um mau-olhado? — indagou Anne, incrédula. Mas não é nada de mau-olhado. É um maluco que persegue garotas. — Sra. DiNunzio...

— Não se preocupe, eu afugento — garantiu a sra. DiNunzio, com outro aperto de mão, que foi surpreendentemente mais forte, mais para um oncologista do que para um clínico geral..- vou resolver tudo para você, Ana. E vou fazer isso agora.

Mas todo mundo nesta casa é doido?

— Sra. DiNunzio, é muita bondade sua, mas não há nada que possa fazer sobre esse homem. — Nota mental: *Talvez seja melhor eu continuar irlandesa mesmo*.

A sra. DiNunzio tinha se levantado da mesa e já se encontrava na pia, lavando com água corrente da torneira uma tigela de Pirex. Ela fechou a torneira, pegou uma lata dourada de azeite Bertoli de uma prateleira acima do fogão e trouxe ambas para a mesa, onde depositou a tigela e o azeite entre ela e Anne. Então, sentou-se, os olhos distantes por trás dos grossos óculos trifocais.

— Sra. DiNunzio...

— Shhh! — A sra. DiNunzio levantou uma mão e depois encarou Anne com o seu olhar suave. — Você está com *malocchio*. Isto, eu sei. Vide! Atenção! — A sra. DiNunzio apanhou a lata de azeite e despejou três gotas verde-escuras na tigela de água, uma depois da outra. Uma grande gota flutuou durante um momento na superfície da água, e a sra. DiNunzio observou-a atentamente. A cozinha quente ficou quieta exceto pelo ocasional borbulhar do molho de tomate sobre o fogão. — Espere, Ana.

— Pelo quê? Pelo azeite?

— Si, se você tiver *malocchio*, o azeite se separa. — A sra. DiNunzio apontou para a tigela, e o óleo fendeu-se em duas gotas, afastando-se vagarosamente uma da outra.

— Está vendo? *Malocchio*!

O que é isso, *Química Italiana*?

— Sra. DiNunzio, água e óleo sempre se separam...

— Ana, você está com *malocchio* muito grave. Está com problemas, aí dentro de você, entende? — Os seus olhos exprimiam tanta bondade e sua voz suave tanta preocupação, que Anne não podia evitar de sentir a verdade por trás das suas palavras, a despeito da tolice da tigela com as gotas de azeite separando-se.

— Certo, admito que estou com problemas — ela se deu conta de estar respondendo, e baixinho, para que Mary não pudesse ouvir, se ainda estivesse na sala de jantar.

A sra. DiNunzio apontava para o lábio de Anne, diretamente para a sua cicatriz.

— Vejo que você tem... come se *dice*? — Sua testa enrugou-se com a concentração.

— Um lábio leporino.

— *Madonna Mia*! Um presente de Deus!

— Um presente? — Anne deixou escapar. — É uma maldição!

— Não, não. — A sra. DiNunzio abanou os seus dedos entre elas, lentamente. — Deus, um presente, ele o deu a você. Você é tão bonita, Ana, que as pessoas, elas se tornam ciumentas. Elas odiarão você. Deus sabe disto. Isto é um presente de Deus, e você deve agradecer a Ele.

Uau, isso vai resolver minha vida!, Anne pensou. Ela não podia imaginar um Deus que daria um lábio leporino de presente a qualquer criança, muito menos a uma menina com cabelos vermelhos brilhantes. Por quê? Para ter certeza de que ninguém ligaria para ela?

— *Shhhh*... -A sra. DiNunzio apertou a sua mão. — Feche os olhos, Ana. Vou ajudá-la. Deixe-me ajudá-la. Ninguém vai fazê-la sofrer nunca mais.

Anne não conseguia se obrigar a fechar os olhos. Era absurdo, não era? Coisas assim não existiam, fantasmas, mau-olhado.

— Feche os olhos, Ana! — ordenou a sra. DiNunzio, e Anne se viu obedecendo. Fechou os olhos e um minuto depois estava totalmente concentrada no calor da mão da sra. DiNunzio sobre a dela. Aspirava os maravilhosos aromas do alho e da cebola. Sentia

o aconchego das macias almofadas plásticas da sua cadeira. Ela escutou o chiado do molho de tomate. No minuto seguinte, a sra. DiNunzio estava murmurando baixinho em italiano, numa cadência regular e serena. Anne não poderia entender as palavras e nem tentou. No minuto seguinte, sentiu um toque macio e morno de um dedo, untado de azeite, na sua testa.

— O que está fazendo?

— Shhh! Eu faço o sinal-da-cruz. Três vezes. Shhhh! — A sra. DiNunzio retomou sua cantilena, presumivelmente expulsando a magia do mau-olhado, e Anne teria rido do absurdo daquilo, mas não podia evitar de absorver o tom maternal da voz da sra. DiNunzio e adorar o calor do azeite espalhado pela sua testa dolorida. De certa maneira, sentiu-se abençoada por estar nesta cozinha, o que era uma notável conclusão a que podia chegar alguém que não acreditava em Deus, em mau-olhado, e nem mesmo em mães.

— Abra os olhos, Ana — sussurrou a sra. DiNunzio, com um aperto final em sua mão.

Anne fez o que lhe era mandado e olhou para a sra. DiNunzio, cujos olhos escuros a envolviam como um abraço amoroso. E ela assim sustentou o olhar de Anne durante instantes, apertando a sua mão por cima da mesa sem dizer nada.

— Tudo bem agora, Ana — a sra. DiNunzio anunciou, depois de um segundo. Porém não pareceu uma pergunta e nem procurava uma confirmação. Em seguida, a sra. DiNunzio estendeu a mão em volta do seu próprio pescoço para pegar uma comprida corrente de ouro que Anne não notara antes, puxando-a de detrás do seu avental e passando-a sobre a cabeça e a rede de cabelo cor-de-rosa. Era um cordão de ouro, e a sra. DiNunzio entregou-o para Anne. — Ana, tome isso. É para você. Tome.

— Não, sra. DiNunzio! — Anne não o pegou. A mulher agora estava lhe dando uma joia? Era um comprido cordão de ouro com um amuleto de ouro de quatorze quilates pendendo da extremidade. — Não tem como eu aceitar uma coisa dessas. Não posso ficar com o seu cordão.

— Tome! Tome! Veja! — A sra. DiNunzio pegou o amuleto e mostrou-o entre os dedos nodosos, as pontas dos dedos ainda brilhando com o azeite. O amuleto refletia a luz e tinha o formato de

uma pimenta retorcida. — É para você! Um *cornu*, um chifre. Fique com ele! Para protegê-la do *malocchio*. — Ela o estendeu para Anne, que afastou-o, devolvendo-o.

— Não, eu não poderia, juro.

— Tome! É presente meu. De mim para você, Ana! — O tom da voz da sra. DiNunzio tornou-se quase nervoso. Ela deixou o cordão cair sobre a mesa na frente de Anne, e a peça fez um pequeno tinido. — Você precisa, Ana! Deve ficar com ele.

— Sra. DiNunzio, eu não posso ...

— PEGUE LOGO! — gritou Mary de algum lugar da sala de jantar e a sra. DiNunzio sorriu.

— Não posso, Mary! — gritou Anne.

— PEGUE-O OU ELA NÃO NOS DEIXARÁ VOLTAR PARA A COZINHA!

— Por favor, aceite! — A sra. DiNunzio inclinou-se sobre a mesa, apanhou o cordão e deslizou-o sobre a cabeça de Anne, decidida. Perfeito, Ana. Agora você está segura.

— Muitíssimo obrigada — disse Anne, acabrunhada. Ela baixou os olhos para o cordão de ouro, brilhando à luz da cozinha, e pôs o chifre oleoso na palma da mão. Realmente, não podia entender como um amuleto seria capaz de afastar o mau-olhado, mas se sentiu tão comovida porque a sra. DiNunzio o tivesse dado a ela que não pôde evitar que seus olhos ficassem úmidos.

— MEU CAFÉ ESTÁ FICANDO FRIO! — gritou Mary, e elas riram.

— *Tchierto*, Maria! — respondeu a sra. DiNunzio, sorrindo obviamente aliviada. — Tudo bem agora. Sem preocupação agora.

Mary entrou, aplaudindo.

— Então você o aceitou! bom para você. Agora, pode contar com a proteção italiana. Quem precisa de uma companhia de seguros, agora?

Anne enxugou as lágrimas e, quando reencontrou a voz, conseguiu dizer apenas uma coisa: — Você tem sorte, Mary. Sabe disso?

— Claro que sei.

Mary aproximou-se e sapecou nas faces da mãe um beijo, e, atrás dela, o seu pai veio arrastando os pés, entrando na cozinha com sua xícara de café.

— Como está sua dor de cabeça, Ana? — perguntou e Anne teve que pensar um minuto. Naquele momento, não sentia mais nada. Sua cabeça estava surpreendentemente leve.

— Foi embora! — respondeu. Era verdade, e ninguém ficou surpreendido exceto ela.

— Anne, acorde — Mary estava dizendo, a voz alta no seu ouvido. Já é de manhã. Você tem que acordar. Anne?

Anne não abria os olhos. Estava tão sonolenta. O travesseiro estava tão macio. O estômago inundado com espaguete, molho de tomate adocicado e chianti. Ela não queria se levantar.

— Anne, Anne! — Mary a sacudia gentilmente, mas com insistência.

— Acorde, é importante.

Anne abriu um olho e passou a vista em volta. O quarto era pequeno, limpo e simples, de paredes creme. Troféus com figuras latinas da escola secundária e imagens religiosas atravancavam uma prateleira branca. Um quadrado de luz solar lutava para atravessar uma cortina rendada. Já devia ter amanhecido. Uma mesinha de cabeceira achava-se a doze centímetros do seu nariz, e sobre ela brilhavam os números vermelhos de um relógio digital: 6h05. Anne gemeu.

— Mas é tão cedo.

— Acorde! Você precisa dar uma olhada nisto!

Havia certa tensão na voz de Mary, e ela ergueu um exemplar do *Daily News*.

— Olhe!

— O quê?

Anne começou a perguntar, mas a pergunta encravou-se na sua garganta quando leu a manchete. Os olhos se arregalaram. Ela agarrou o jornal e rapidamente se sentou, empinada:

— Não pode ser verdade!

— Mas é. Telefonei para Bennie e a notícia já se espalhou por toda a Web. Ela vai estar aqui em cinco minutos.

— Será que não é mais uma daquelas reportagens escandalosas? Trabalho daqueles idiotas? — Anne passou os olhos pela primeira página, incrédula. Sua dor de cabeça rugiu de volta. Então, com um medo repentino, ela se lembrou. Elas caíram no

sono por volta das duas da manhã, após telefonarem para Bennie pela décima vez, para verificar se Kevin já havia sido preso. Bennie não telefonou ontem à noite? Nada sobre o Kevin? Ele não foi preso?

— Não. Os tiras não puseram as mãos nele. O sujeito não voltou para o motel. Ainda está solto por aí. É isso o que estou tentando lhe dizer: você está correndo perigo agora, Anne. Temos que tirá-la daqui.

Anne não podia desgrudar os olhos do jornal. Passou por sua cabeça a imagem da manchete de jornal, daquela manhã em que tudo começara. Só que a de hoje era bem pior.

Ela a leu repetidas vezes.

MÃE DE MURPHY DECLARA: NÃO É MINHA FILHA!

Abaixo do cabeçalho estava uma foto da mãe de Anne.

Ela estava em frente ao necrotério da cidade.

25

A sala de reuniões particular do comissário na Roundhouse era espaçosa e retangular, tinha uma mesa comprida de nogueira com uma placa única de vidro polido para proteger sua valiosa superfície. Uma bandeira americana estava enrolada num mastro no canto atrás da cabeceira da mesa, e no outro canto Anne reconheceu a bandeira de poliéster azul da Comunidade da Pensilvânia, já familiar das salas de tribunais do estado. Um aparelho de ar-condicionado refrigerava a sala, mas o frio também podia estar sendo causado pelo seu estado emocional.

Dez cadeiras de couro de encosto alto, dispostas em torno da mesa, refletiam-se como sombras indistintas na sua superfície brilhante. Anne, Bennie, Mary e Judy tomaram assento nas cadeiras da esquerda, de frente para o delegado comissário Joseph Parker, o detetive Sam Rafferty, seu parceiro, e um jovem negro vestido de terno, que se apresentou como advogado do escritório do procurador da cidade. O advogado da cidade apertou a mão de todos em volta e começou a fazer anotações em um bloco novo, assim que retornou ao seu lugar. Anne precisou lembrar a si mesma que não se tratava ali de uma guerra, apesar das frentes de combate situadas em lados opostos da mesa, do advogado fazendo anotações em antecipação ao litígio, e da mulher que entrou na sala e discretamente foi sentar-se na cabeceira da mesa, a queixosa em potencial, uma tal Terry Murphy. Mãe de Anne.

Sem dúvida que era ela, se bem que Anne não a visse há muito tempo Ela parecia mais baixa do que Anne lembrava, talvez menos de 1,60m de altura. Além disso, anos de pílulas e álcool tinham acabado com a mulher outrora bonita o bastante para atrair dezenas de homens e alimentar fantasias de se tornar uma estrela de cinema. As bochechas pareciam chupadas, a pele murcha, e a cor azul dos olhos parecia desbotada, principalmente em contraste com o delineador demasiado carregado em torno dos olhos. Os lábios estavam alargados com batom coral, e ela vestia um conjunto de camiseta cor de melão com decote escavado e calças Capri de

algodão, com sapatos brancos de grife falsificada. Algo relacionado aos sapatos deixou Anne melancólica.

Ela viu a sua mãe cumprimentar o assistente do comissário de polícia, estendendo sua mão pequena com unhas foscas. A seguir, ela fez um movimento trêmulo de cabeça como se tivesse acabado de sair de seu milésimo internamento para reabilitação. Seus cabelos à altura dos ombros estavam recém-tingidos de preto para esconder o grisalho dos cabelos vermelhos. Ela apertou as mãos de Bennie, Judy e Mary, sem olhar para Anne até o último instante.

— Olá, Anne — sua mãe disse com voz débil, mas Anne não respondeu, porque não sabia por onde começar, e uma vez começado, nunca terminaria.

O comissário-assistente pigarreou.

— Senhoras e senhores, deixem-me em primeiro lugar dar as boas-&vindas aos nossos convidados, e agradecer por terem vindo até aqui no feriado para discutirmos este assunto, que reputo de grande importância para todos nós.

Ele era negro e troncudo, calvo, de olhos escuros gentis e um sorriso amável. Uma infeliz dobra do pescoço desabava por sobre o colarinho apertado de sua camisa branca engomada, que Anne achou que devia ter sido longamente usada pelo alto oficial, se suas divisas, o distintivo com a águia dourada, e a identificação de policial presa à gravata servissem de pista. O comissário-assistente continuou: — O comissário desejaria estar aqui, mas, como devem saber, está fora do país.

— Na Irlanda, segundo soube — disse Bennie, e Anne recostou-se contra o couro frio. Estava feliz de deixar Bennie comandar o show porque ficara imediatamente claro que nada de significativo iria acontecer ali e, apesar do seu recém-adquirido autocontrole, Anne sentia-se pouco à vontade compartilhando uma sala com sua mãe.

— O mais importante — continuou o comissário — é que me seja permitido pedir desculpas à sra. Murphy, aqui e agora, pela decisão tomada pelos detetives Rafferty e Tomasso. Após uma investigação, que lhes asseguro estar ainda em andamento, chegou-me ao conhecimento que estes detetives podem ter permitido que certas informações falsas acerca do paradeiro de sua

filha tenham persistido incorretas. Por isso, e por qualquer outro sofrimento indevido que isso lhe possa ter ocorrido, sra. Murphy, nós, todo o departamento, estamos profundamente sentidos.

Terry Murphy agradeceu com um gracioso movimento de cabeça, mas isso não interrompeu o discurso de desculpas que, Anne sabia, era destinado ao registro e proferido ali tão solenemente por conselho de um advogado que, sem dúvida, ocupava posto mais elevado do que aquele que tomava notas sobre a mesa. Eles sabiam que, dadas as circunstâncias, a mãe de Anne poderia processar a cidade e o departamento por danos morais e levar uma fortuna de indenização. E somente Anne sabia que a notícia da sua morte não causara à mãe nenhuma espécie de trauma.

— Eu lhe asseguro, sra. Murphy, que estes detetives têm excelentes registros de serviços prestados ao departamento, ao Esquadrão de Homicídios e à cidade. As suas ações foram tomadas em consideração não apenas ao pedido de sua filha, mas também na sincera e razoável crença de que a estavam protegendo de danos futuros. Espero que entenda isso, sra. Murphy.

— Sim, certamente — sua mãe disse, com outro movimento de cabeça, e Anne detectou um traço de um pseudosotaque inglês tão ruim quanto o de Madonna.

— Bonito enfeite, mãe. Está representando um papel aqui?

O comissário-assistente deu seu mais simpático sorriso.

— Contudo, permanece a verdade de que as ações dos detetives não foram ortodoxas, certamente que não, e também contrárias às normas policiais, apesar de terem agido com a máxima boa-fé. Vamos ter um encontro com a imprensa hoje, mais tarde, para deixar clara a posição que adotamos neste caso. A senhora já está avisada disso, então, sra. Murphy, e diremos à imprensa que nós, como um departamento, estamos considerando tomar medidas disciplinares contra os detetives por suas ações.

O detetive Rafferty baixou ligeiramente a cabeça, num gesto que mostrou a sinceridade que faltou à sua mãe, e Anne sentiu necessidade de falar.

— Se me permite, comissário Parker — disse ela, levantando o dedo indicador. — Como o senhor muito bem ressaltou, o detetive

Rafferty e o seu parceiro tomaram essa atitude... — ela teve de se livrar do estilo do policial antes de retomar a frase -... eles só mantiveram o segredo sobre o fato de eu estar viva porque lhes pedi que o fizessem, e apenas para me proteger. Acho que isso demonstrou uma excelente compreensão da parte deles, além da verdadeira generosidade dos seus sentimentos.

— Eu lhe agradeço — disse o comissário e o advogado da cidade rabiscou anotações furiosamente. Rafferty levantou os olhos, um ligeiro sorriso pregueando o seu rosto.

Anne retribuiu com outro sorriso.

— Espero que o Departamento de Polícia não tome nenhuma ação disciplinar contra esses detetives. Se o departamento quiser que eu faça uma declaração formal para esse efeito, para o senhor ou para ser submetida à imprensa, teria muito prazer nisso.

— Excelente, gostaríamos muito — disse o comissário-assistente, e o advogado pensou que já fosse Natal. Anne sabia que ele lhe enviaria uma carta assim que retornasse ao seu escritório, com a assinatura do promotor gerada por computador, pedindo confirmação de seu oferecimento. A cidade e o departamento tinham acabado de se safar de uma encrenca, mas isso estava ótimo para Anne. Ela preferia se danar a ver sua mãe ganhando um centavo com a sua suposta morte, não tendo sequer se incomodado de aparecer por toda a sua suposta vida.

Bennie concordou com um aceno de cabeça.

— A análise de Anne está correta, e a minha firma teria prazer em reafirmar a sua declaração numa carta em separado, se for do seu desejo.

— Uma carta de Bennie Rosato, apoiando a polícia? — O comissário-assistente riu discretamente, seu troncudo peito agitando-se para cima e para baixo.

— A César o que é de César, meu caro. — Bennie sorriu e inclinou-se sobre a lustrosa mesa. — Agora que já decidimos isso, diga-me o que o departamento vai fazer para prender Kevin Satorno.

— Designamos todos os homens disponíveis para a busca, articulados com o FBI e as autoridades de Nova Jersey.

Permanecemos de vigia no Daytimer. A propósito, como vocês encontraram o Satorno?

— Isto não importa agora — disse Bennie, evitando a armadilha. O comissário-assistente não a pressionou, evidentemente em retribuição ao seu gentil oferecimento de escrever a tal carta, algo como um arbitramento compensatório. — Mas será que pode oferecer alguma proteção à srta. Murphy? Temos certeza de que Satorno vai atrás dela, agora, para terminar o que começou, desde a Costa Oeste até aqui.

— Quanto a isso, não há muito o que possamos fazer. Como norma da polícia, não costumamos designar proteção individual para uma vítima em potencial de um crime, e estamos com grave falta de pessoal hoje, por causa do Quatro de Julho. — O comissário-assistente fez uma pausa.

— Mas quando liberarmos um pouco do nosso pessoal, depois do feriado, talvez possamos colocar um carro de plantão na residência dela ou no escritório.

— Aí, pode ser tarde demais. Ela precisa de proteção agora. O senhor não tem ninguém, num departamento deste tamanho? Não posso acreditar que não haja ninguém. E se um VIP visitasse a cidade hoje?

— Infelizmente, temos VIPs de sobra na cidade. Temos um Esquadrão de Proteção a Dignitários, mas eles já estão assoberbados. O secretário-geral da ONU vai receber um prêmio hoje, e metade de Hollywood está vindo para assistir à cerimônia dos fogos de artifício no Art Museum esta noite. Não há uma única alma de sobra. — Ele se voltou para Anne. — Srta. Murphy, se quiser aceitar o meu conselho, a melhor coisa que tem a fazer é tirar férias e sair da cidade, até que o sr. Satorno seja preso.

Anne já esperava por isso.

— Obrigada, mas não vou fazer isso. Preciso trabalhar, tenho que viver. Tenho que defender um caso amanhã. Não posso me esconder e, seja como for, não faria isso.

O comissário-assistente pareceu solidário.

— Então faça uso do seu bom senso, do qual a julgo possuidora em abundância. Deixe a polícia trabalhar para nós, srta. Murphy.

— Entendo, senhor. — Anne levantou-se lentamente, suas mãos deixando impressões digitais na mesa, e Bennie e as outras pegaram a deixa, levantando-se dos seus lugares. — Então, se é tudo, o melhor é voltar ao nosso trabalho.

A outra metade da mesa levantou-se também, liderada pelo comissário-assistente, que brigou um pouco para livrar a cintura da cadeira.

— Não queremos tomar-lhes mais tempo. Muito obrigado pela presença e, assim que tivermos o sr. Satorno sob custódia, lhes comunicaremos. Se precisarem de uma escolta para passar pela imprensa, no estacionamento lá fora, posso mandar o meu chofer acompanhá-las.

Anne olhou para Bennie, que respondeu.

— Está bem, obrigada. A que horas é a sua coletiva à imprensa? Ela se dirigiu para a porta seguida pelas outras advogadas, e Anne ficou para trás.

O comissário-assistente apressou-se a abrir a pesada porta almofadada.

— Dentro de duas horas. E estaremos mantendo a mesma linha nas explicações. Vou dizer a eles exatamente o que falei para vocês. E, com a permissão de vocês, reafirmarei a posição que manifestaram aqui. — Ele esperou pela confirmação de Bennie, depois olhou para Terry Murphy, que permaneceu sentada à mesa. — A sra. Murphy ainda não está muito certa sobre sua posição, mas ela gentilmente concordou em comparecer à coletiva conosco.

Câmeras, luzes, atenção.

— Não diga! — resmungou Anne, mas sua mãe a ouviu e revirou-se no assento, tendo no rosto uma máscara quase profissional de sofrimento.

— Querida? — ela falou em voz alta. — Podemos conversar, por um minuto?

Mas Anne já tinha saído, passando pela porta sem olhar para trás. Justamente o que fizera a sua mãe, uma década antes. Retribuir o favor faz bem, e mal, mas Anne tinha mais o que fazer.

Por exemplo, salvar a própria pele.



As três mulheres marcharam descendo um corredor vazio para tomar o elevador, amontoaram-se dentro da cabine e, a princípio, fizeram o restante do trajeto sem uma palavra. Anne sentiu os olhos de todas sobre ela, e gostou disto. As três se importavam com ela. Preocupavam-se com a sua segurança; preocupavam-se com o seu estado emocional. Bennie, Mary, e mesmo Judy, eram suas amigas de verdade agora, e ela, delas. No entanto, isso significava que não poderiam ficar ao seu lado por muito mais tempo. Ela não poderia expô-las a esse risco.

As portas do elevador se abriram no térreo e elas saíram. Anne pôde ver a turba da imprensa aglomerada no estacionamento, através das vidraças de portas duplas da entrada. Os repórteres estavam ao longo de toda a calçada, mas ela não estava mais aborrecida por vê-los. Eles a estavam ajudando agora. Mas não com panfletos, com algo muito melhor.

— Formação em cunha, garotas — disse Bennie, liderando o grupo e reunindo as sócias atrás de si como se fossem pintinhos. Então, olhou para trás e franziu o cenho.

— Murphy, onde estão seu chapéu e os óculos escuros?

— No bolso. — Anne bateu de leve no chapéu e nos óculos, juntando-os. — Estou farta de disfarces. De hoje em diante, vou me apresentar como eu mesma.

— Não, não vai, não. Coloque-os. Já.

Mary tocou o braço de Anne.

— Anne, você não deve abandonar o disfarce. Se não, vai aparecer em todos os canais de TV. Do jeito que está agora, com o novo penteado e a cor do cabelo.

Mas Anne já tinha saído da formação. Ela se encaminhou ligeira para a porta dupla antes que pudessem impedi-la e, do outro lado, os repórteres já estavam clamando por ela. Fazendo perguntas aos gritos. Batendo fotos.

— Murphy, não! — gritou Bennie, mas era tarde demais.
Anne já estava fora, em plena luz do sol.
Sozinha, a não ser por uma excelente ideia na cabeça.

26

— NÃO ACREDITO QUE VOCÊ FEZ ISSO! — Bennie gritava para Anne no banco do carona do Fusca de Judy, e sua voz reverberava no carro. Judy estava na direção e elas iam a toda, subindo a Parkway, rumo ao escritório na parte alta da cidade, segundo as ordens de Bennie. — Você tem a menor ideia do que fez, Murphy? — continuou ela aos gritos. — Agora, Satorno vai ficar sabendo qual é sua aparência atual!

— Sinto muito, acho que não pensei em nada — explicou Anne e esperava que Bennie acreditasse. Mas teria que vender melhor seu peixe. Sabia que estava deixando uma péssima impressão de si mesma. — Estou cansada de deixar Kevin dirigir minha vida. Quis ser eu mesma, uma vez na vida.

— MAS ISSO NÃO FOI MUITO INTELIGENTE, FOI? — Bennie estava gritando tão alto que Mary e Judy encolhiam-se com o eco, mas isto não a perturbava. — Você quis ser VOCÊ MESMA? Veja se entende... VOCÊ MESMA é a garota que ele quer matar. Ele sabe que tem que pegar você antes de terminar o feriado e da polícia conseguir pôr mais de três guardas de rua no caso! VOCÊ MESMA vai ser assassinada, se levar isso adiante! Você enlouqueceu, Murphy!

— Podemos parar em algum lugar? — Anne resolveu-se por uma retirada estratégica, fingindo fragilidade. — O carro está me dando enjoo.

Mary ofereceu-lhe uma garrafa de água pela metade.

— Quer beber um pouco?

— Não, obrigada, mas estou enjoada de verdade. Minha cabeça está zonza. — Anne inclinou-se para a esquerda, sintonizando quando Lucy fingiu-se doente em *Lucy ganha um vestido de Paris*. Episódio n. 147, 19 de março de 1956. — Podemos dar uma paradinha de um minuto?

Bennie revirou-se no assento, os cabelos esvoaçando-lhe no rosto. Você quer mesmo parar, Murphy? Então, vamos encontrar um bom lugar para parar, um lugar onde eu possa sair do carro e gritar melhor com você! — Uma minivan cheia de crianças acenando com

bandeirinhas americanas minúsculas passou, e a mãe delas, do banco do carona, gritava também.

— Me cansei de você! Pare o carro, Carrier! Pare, agora!

— Bennie, calma — disse Judy. — Ela está se sentindo mal.

— Agora! — ordenou Bennie. O Fusca deu uma guinada no sinal seguinte, desviando-se para o meio-fio, onde Judy pisou no freio, parando o carro com um solavanco, e desligou a ignição. Ela abriu a porta do seu lado e saiu. Bennie abriu a sua com violência e desceu. — Todo mundo fora! Já!

— Obrigada, garotas — disse Anne debilmente. Ela desceu do carro lentamente, dando-se tempo para representar bem a sua cena. Haviam parado próximo a um dos esparsos triângulos de relva pública, perto da rua. Um banco de madeira sujo instalado no meio de um pequeno pedaço de terra, cercado de pontas de cigarro, garrafas quebradas e pequenos farrapos de flâmulas com listras vermelhas-brancas-e-azuis. Bennie estava em pé junto à porta, ofegante.

Excelente.

Anne teria que agir rapidamente. Era um plano piegas, mas tinha dado certo com Lucy em tantos episódios que nem ela mesma conseguia contar. Anne reuniu toda a coragem que seus cabelos originalmente vermelhos lhe conferiam, encaminhou-se até Judy, e parou, apontando com simulado horror por cima do ombro da amiga.

— Oh, meu Deus! Judy, é o Kevin! — gritou. — Ali! Ali!

— Kevin? Onde? — Judy se virou no mesmo instante. Mary e Bennie fizeram o mesmo.

No segundo seguinte, Anne arrancou as chaves do carro das mãos de Judy, pulou para dentro do Fusca, enfiou a chave na ignição, girou, meteu o pé no acelerador e partiu. A traseira do Fusca derrapou violentamente, a porta do motorista batendo solta nas dobradiças, mas Anne tratou apenas de não ser cuspida para fora e saiu zunindo dali, na direção da Expressway para a Parkway. Ela checou o espelho retrovisor. Bennie já se transformara numa figura recuada sobre o pequeno pedaço de terra verde à distância, e Mary e Judy estavam paradas junto a ela. Funcionou! Nota mental: *Lucy Ricardo teria sido uma notável advogada*.

Anne afundou ainda mais o pé no acelerador, esperando apenas que elas entendessem. Gostava demais daquelas três mulheres para lhes trazer ainda mais problemas. Já tinha provocado o assassinato de Willa. Não iria suportar se qualquer coisa viesse a acontecer a uma delas. Ela conduziu o Fusca para a parte alta da cidade.

Um homem idoso num furgão lançou-lhe um olhar, obviamente incomodado com a alta velocidade do carro, mas ela lhe deu um aceno despreocupado. Anne tencionava chamar o máximo de atenção possível pelo resto do dia, tornar-se tão pública quanto possível. Ser notada, vista. Os jornais tinham seu retrato e logo estariam circulando, graças a seu espetáculo do lado de fora da Roundhouse. As pessoas começariam a reconhecê-la nas ruas. Relatariam mais aparições do que as de Elvis, fariam perguntas, espalhariam boatos. Seu paradeiro durante o dia inteiro ficaria conhecido, o que estava em tudo de acordo com o plano.

Anne pretendia celebrar o Quatro de Julho na Cidade do Amor Fraternal da maneira mais pública e óbvia, porque não tinha a menor dúvida de que, em algum lugar, naquele mesmo dia, Kevin a encontraria. Estava cansada de fugir dele e recusava-se a continuar fazendo isso. Mesmo que por mais um único dia. Ela deixaria Kevin agarrá-la.

E depois ela é que cuidaria dele.

Ela mudava de pista, respirando melhor agora. Estava fazendo a coisa certa. Era a única maneira de pôr um fim neste pesadelo. Usaria a si mesma como isca. Se não agisse assim, estaria condenada a fugir pelo resto da vida. Assustada e correndo perigo. Ela não mudaria de cidade novamente. Permaneceria em seu lugar, ia despachar Kevin pela descarga, e cravaria as próprias unhas nele. Bennie e as garotas jamais iriam permitir que ela fizesse isto, e portanto resolvera agir sozinha. Bem, não completamente sozinha.

Ela entrou na Arch Street, subindo na direção de sua casa, diminuindo a marcha do carro diante do tráfego mais pesado. O trânsito ia ficando cada vez mais congestionado à medida que se aproximava da Prefeitura, atravancando-se nas cercanias do Centro Turístico e das comemorações na Parkway. Ela tomou rumo oeste, virou à direita na rua 22, depois à esquerda, encaixando-se nas

fileiras de tráfego, e finalmente chegando em seu bairro e na Waltin Street.

Havia cavaletes montados pela polícia junto ao meio-fio com uma tabuleta branca em que se lia FESTA DO QUARTEIRÃO HOJE DAS 3 ÀS 5 DA TARDE. Anne vagamente lembrou-se de um formulário de contribuição que recebera para uma festa no seu quarteirão, mas nem pensara em mandar o dinheiro. A festa seria hoje. Estranho que eles a tivessem mantido, a despeito do seu assassinato. Nota mental: *Se as pessoas festejam quando você é assassinada, está em tempo de fazer algumas mudanças*.

Encaixou-se numa das filas do tráfego, reservada para veículos em baixa velocidade e utilitários, aproveitando o tempo para ficar olhando pela janela e deixar que as pessoas a vissem. Alcançou a parte alta de seu quarteirão e prosseguiu descendo-o, lembrando-se que pouco antes caminhara por ali mesmo, naquela rua, com uma cartola de Tio Sam. Fora apenas há dois dias? Era difícil acreditar. Então, se viu a cinco casas de distância da sua, depois quatro, e já pôde avistar os restos de fita amarela posta para isolar a cena do crime agitando-se ao vento. As pessoas iam passando diante da casa, detendo-se curiosas, e depois seguindo logo em frente, sem deixar que a lembrança sombria estragasse seu feriado.

Anne estacionou em fila dupla em frente a sua porta, bloqueando o tráfego. Que maneira melhor de chamar atenção? Torcia para que todos os seus vizinhos dessem uma espiada por suas janelas e a vissem. Kevin poderia estar na área, apostando que ela voltaria para casa. Ela tinha de entrar. Escancarou a porta do carro e saltou, levando um homem numa Trans-Am branca atrás dela a enfiar a mão na buzina.

Anne acenou alegremente para ele.

— Só um minutinho! — gritou ela, revirando a bolsa em busca das chaves, enquanto se dirigia à varanda. Ainda havia alguns buquês murchando em seus celofanes.

Não se deteve para olhar para eles. Rasgou a fita da cena do crime, enfiou a chave na fechadura e se endureceu por dentro para poder entrar.

A porta da frente abriu-se, e o odor acre de sangue seco saudou-a. Anne ignorou-o, fechou a porta e passou a chave. Ele vai

pagar por isso, Willa. Apressou os passos através do hall sem olhar em volta, então arremessou-se para cima e correu para o seu quarto. Entrou apressada no seu *closet*, escutando o som raivoso estridente de buzinas entrando pelas janelas do quarto. Todo o tráfego da rua estava bloqueado.

Anne abriu a veneziana de ventilação, esticou-se toda para alcançar a prateleira de cima, afastou para o lado uma pilha de suéteres de inverno e começou a procurar a caixa de sapatos Prada. Encontrou-a com as pontas dos dedos, puxou-a fora com as unhas, mas terminou deixando-a cair no chão, com a tampa pulando fora. Ela se ajoelhou e removeu o papel de seda para o lado, e ali estava ela, aninhada, segura e sã.

Sua pequena Beretta Tomcat preta semiautomática. Era uma arma pequena e jeitosa, design italiano, o Armani das armas de fogo. Tirou-a da caixa, sentindo o seu peso, mortalmente pesado na palma da sua mão. Empurrou o botão sulcado na coronha, liberando o pente. Tinha o cheiro de produtos de limpeza para armas e estava devidamente carregado. Anne pressionou o pente de volta para dentro e deslizou a pequenina arma para dentro da sua bolsa. Já estava pronta para descer correndo quando lhe veio à cabeça uma outra coisa. Ela não poderia correr calçando seus Blahniks, e teria necessidade de correr. Por que não pensar à frente, só dessa vez? Enfiou o braço atingindo o âmago mais profundo do seu *closet* e encontrou um par de sapatos de lona vermelhos. Enfiou os pés neles, e então deu com os olhos nos vestidos de verão.

Por que não? Ela seria mais facilmente reconhecível vestida com os seus próprios vestidos e, pela primeira vez na vida, sabia precisamente o que deveria usar. Vasculhou por entre suas roupas, fazendo deslizar na trave cada traje de trabalho e costume, com um leve guincho. Lá estava, bem atrás dos outros. O vestido que tinha usado no seu encontro com Kevin. E nunca mais o vestira, mas alguma coisa a tinha impedido de jogá-lo fora. Era parte da sua história, afinal de contas. Agora, tomaria parte no seu futuro. Ela se despiu, retirou o vestido branco com bordas de renda do cabide e vestiu-o, com um arrepio. O vestido, um *évasée* sem mangas, pareceu gélido sobre a pele e ela afugentou a má lembrança que carregava. Enfiou a Beretta no bolso da frente, porque teria maior

liberdade de movimento sem a bolsa. Foi até o toucador, apanhou uns trocados para qualquer emergência e dirigiu-se à porta da rua.

Honk! Honk! Já havia um buzinaço lá fora e Anne desceu apressada. Odiava ter de passar pelo hall de entrada novamente. Escancarou a porta com tanta violência que assustou um senhor de idade que passava pela calçada. Ele parecia vagamente familiar, vestido com short cinzento, camiseta branca, meias pretas e sandálias, e conduzia um cachorro pequeno demais para a força exagerada com que o arrastava.

Os olhos do velho arregalaram-se, a sua catarata formando um círculo nebuloso em volta deles.

— Srta. Murphy! Você está viva?

Anne desceu os degraus e segurou em seu braço, os bíceps flácidos devido à idade avançada.

— Estou, sim. Não leu nos jornais? Foi um lamentável engano. Eu estava apenas fora da cidade.

— Bem, é extraordinário! Você sabe, sou o seu vizinho, do 2.259. Meu nome é Mort Berman. — A cabeça do sr. Berman tremia ligeiramente. — Fiquei consternado quando ouvi a notícia de seu assassinato! A senhora era uma vizinha tão distinta e tranquila. Todos na rua se sentiram esquisitos por não cancelarmos a festa do quarteirão, mas, de certo modo, estávamos lhe prestando uma homenagem. E agora está viva! Vai vir à festa?

— Muito obrigada, sr. Berman. Vou, sim. — As buzinas no tráfego soavam estridentes, e o homem do TransAm branco estava fazendo para Anne um gesto dos mais obscenos, com seu dedo médio subindo e descendo, que ela torcia para o sr. Berman não estar vendo. — Sinto muito, realmente preciso ir agora. Feliz Quatro de Julho!

— Eu a vejo na festa! — respondeu ele, enquanto Anne pulava para dentro do Fusca, engrenando-o.

Os pensamentos dela eram mais rápidos do que o tráfego. Ela consultou o relógio vermelho-púrpura do fusca. Eram 9h48. Cedo, ainda. Ótimo. Estava um passo à frente de Bennie. E também de Kevin. Os jornais ainda não teriam saído, com as fotos tiradas na Roundhouse, e havia ainda uma porção de coisas que poderia fazer nesse meio tempo. Achava que Kevin não se movimentaria antes

que escurecesse, o que seria mais seguro para ele, mas não podia deixar que ele a pusesse na sua alça de mira antes disso. Tudo poderia acontecer a partir do momento em que se expusera ao perigo. Pelo menos agora tinha a Beretta para se proteger. E o encantador cordão mágico de ouro que a sra. DiNunzio lhe dera. Assim, considerava-se pronta para ele ou qualquer outro duende. Apareça, apareça, onde quer que você esteja.

Anne pisou no acelerador e virou à esquerda, na direção oeste. Sabia onde procurar Kevin, e como facilitar que ele a encontrasse. Vinte quarteirões depois, havia chegado no lugar. Powelton Village era um bairro residencial entre a Universidade Drexel e a Universidade da Pensilvânia. A arquitetura era decididamente diferente da de Center City; ao invés das fileiras de casas de tijolos que marcavam o centro de Filadélfia, havia grandes e espalhafatosos casarões vitorianos construídos em pedra, com torreões com telhado de placas de ardósia, sinistros parapeitos góticos e pórticos arqueados. Suas fachadas extravagantes haviam sido pintadas com cores exóticas. Alguns dos casarões exibiam placas em letras gregas, e Anne achava que eram casas de estudantes das universidades próximas, Drexel e Pensilvânia.

Ela virou à esquerda depois de passar por uma fileira de fraternidades estudantis, depois à direita, entrando na rua.

Moore, 3.845. Lembrou-se do endereço dado nos depoimentos. Era onde Beth e Bill Dietz moravam. Anne nunca visitara a casa de um queixoso, mas Kevin também nunca começara a perseguir outra pessoa além dela. Havia uma chance de que estivesse vigiando a casa de Beth. E, se estivesse, Anne queria que a visse. Talvez ela pudesse praticar uma boa ação, também. Chegara a pensar em telefonar antes, para checar se estava tudo bem se ela aparecesse por lá, mas haveria muita explicação a dar e ela não queria pedir uma licença que poderiam lhe negar.

O Fusca cruzou a rua e ela ergueu-se um pouco no assento do motorista, ansiosa. Casas altas e estreitas alinhavam-se ao longo da rua como livros numa prateleira.

Havia bandeiras americanas penduradas nas arcadas dos pórticos, e cheiro de hambúrgueres em churrasqueiras trazido dos quintais pelo vento, mas as ruas eram menos movimentadas do que

as do centro. Se Kevin estava tocaiando Beth Dietz, teria maior dificuldade de encontrar um esconderijo. Assim como Anne.

Ela encontrou uma vaga perto dos Dietz e pôde estacionar em local permitido, já tomando isto como um bom augúrio. Talvez tivesse alguma sorte e atraísse logo o fogo. Anne saltou do carro, desceu a rua lentamente, para o caso de Kevin estar à espreita, e encontrou a casa. Fora construída com pedras grandes e escuras, e tinha três andares, aparentemente apenas um cômodo espaçoso, uma varanda pintada de verde e nenhuma bandeira. O assoalho cinza da varanda estava empenado, as bordas das tábuas estavam tão deformadas quanto dentes estragados. Ela foi até a porta da frente e bateu, sob a janela com quatro divisões.

A porta foi aberta, depois da segunda batida, por Beth Dietz. Ela estava de bermuda jeans, uma blusa camponesa exageradamente bordada e uma expressão chocada em seu rosto bonito.

— Eu li que você estava viva, mas vê-la aí na minha frente... — ela interrompeu a frase, seus olhos azuis arregalados. — Bem, quero dizer, o que você veio fazer aqui? Você representa Gil Martin. Não tem nada para fazer aqui, e o meu marido vai chegar a qualquer momento. — Preocupada, ela relanceou os olhos rua acima, lançando para trás os longos cabelos louros, e Anne teve a imediata impressão de que ela estava nervosa.

— Sei que pode parecer errado, mas estou aqui para falar com você sobre Kevin Satorno, não sobre o caso.

— Por favor. Você precisa ir embora. Meu marido está chegando.

Beth fez menção de fechar a porta, mas Anne a impediu.

— A polícia lhe contou que Kevin Satorno está atrás de você? E Matt?

— Ninguém está atrás de mim. Eu saberia se alguém estivesse.

As palavras dela imediatamente trouxeram uma lembrança a Anne. Ela havia se sentido do mesmo modo, no começo.

— Não, não saberia. Kevin a está perseguindo e precisa tomar cuidado com ele. Kevin acha que você está apaixonada por ele, e a polícia não sabe como lidar com ele. Estou preocupada...

— Ora, por favor — debochou Beth. — Você, preocupada comigo? Você passou todo o ano passado fazendo de tudo para estragar minha vida. — Ela tentou fechar a porta novamente, mas Anne enfiou seu pé no vão.

— Tem acontecido muito de você atender ao telefone e desligarem na sua cara? Não troque o número, isso tiraria de Kevin a única maneira que tem de se acalmar, no momento. Providencie uma segunda linha telefônica e deixe uma secretária eletrônica atendendo. E guarde as fitas, como prova. — Anne pôde ver que Beth hesitou só por um instante, e ficou surpresa ao se ver suavizando-se por dentro. Ela e Beth eram mulheres enfrentando ambas a mesma situação difícil, mesmo estando em diferentes lados, no processo judicial. E não condenava Beth por ter tido um caso. Bill Dietz era do tipo que afastava qualquer mulher. — Sei que pode parecer estranho, mas nós duas temos muito em comum. É bem possível que Kevin esteja nos observando, neste exato momento.

— Olhe, você sabe que o meu marido não gosta de você, principalmente depois do nosso depoimento. É melhor mesmo você ir embora daqui. Nosso advogado está com Bill, você pode dizer tudo a ele. — Beth lançou um olhar rua abaixo e Anne percebeu que ela estava mais preocupada com o marido do que com Kevin.

— Matt está com seu marido? Então, ele contou sobre Kevin Satorno.

— Eles saíram por um minuto, para comprar mais carvão. Por favor, vá embora.

— Deixe-me entrar só um instante. Estamos ambas correndo perigo.

— Não, por favor, por favor, vá embora!

Os olhos de Beth estavam fixados no final da rua, então, de repente, piscaram, apavorados. Anne se virou. Um Saab negro estava vindo na direção da casa, e Beth deixou escapar um gemido abafado.

— Agora ele vai ver você sair.

— Se é pelo seu marido, posso falar com ele. Vou explicar que...

— Não! — Beth fez forte pressão contra a porta e quase atingiu os dedos de Anne. — Você não está vendo? Está apenas tornando as coisas mais difíceis para mim!

Anne sentiu-se tocada. Não tinha o direito de estar ali, mas não podia tolerar uma mulher sendo maltratada, estando com a vida em risco.

Kevin está por perto, Beth!

Ele estará procurando por mim hoje. E por você.

De repente, Anne escutou a batida forte de uma porta de carro na rua e virou-se a tempo de ver Bill Dietz estacionar o Saab em fila dupla e sair dele a jato, seu comprido rabo-de-cavalo esvoaçando. Ele estava sozinho; Matt não estava no carro. Ele avançou em passadas largas com suas pernas longas e finas alcançando o pórtico da frente em fração de segundos.

— Oh, não — gemeu Beth, e Anne recuou um pouco, erguendo os braços quase por reflexo no momento em que Dietz avançou em sua direção.

— Sr. Dietz, Bill, eu posso explicar...

— Anne Murphy!? — gritou Dietz. — Que merda você pensa que é, vindo à nossa casa? — O seu peito inchava por debaixo de uma camiseta leve, amarela, sem mangas, e sua voz cavernosa trovejou. — Você está morta, não está? Você gosta de zombar das pessoas, ferrar com elas? Qual é o seu problema?

A boca de Anne tornou-se ressecada.

— Estou aqui para falar com sua esposa e com você sobre um maníaco que persegue mulheres, Kevin...

— O quê? Você já não a feriu o bastante? Já não feriu a nós dois? Que conversa é essa? Você é maluca, sua cadela?

Dietz vociferava na cara de Anne, com o rosto mais vermelho do que estivera no depoimento.

— Só estou querendo ajudar Beth...

— Ah, é Beth, agora? Você não a chamou de Beth no depoimento dela! Você a chamou de prostituta!

— Bill, não, por favor! — implorou Beth da porta. Na calçada, uma mãe com duas criancinhas passaram apressadas pela casa, evitando a cena.

Anne manteve-se imóvel, pensando em quanto da sua raiva se devia ao CD. Dietz fora pego numa arapuca e sabia disso. Uma arapuca armada por Gil, não por ela, mas não podia falar sobre isto. Anne estava ficando com raiva.

— Isso não é verdade. E não estou aqui para tratar do processo! Estou aqui porque...

— Estou cagando para o que você veio fazer aqui! Você é uma puta manipuladora! Está trepando com Matt! Dando para nosso advogado, essa é a verdade! Está usando Matt para nos atingir! Pode enganá-lo, mas não a mim, sua piranhazinha!

— O quê? — perguntou Beth num sussurro e o rosto de Anne ficou quente.

Matt contou a Dietz.

Ela se sentiu envergonhada, traída, obrigada a responder.

— Não estou usando Matt, e ele em momento nenhum...

— Você é que é uma prostituta, não minha esposa! Acha que vou engolir aquela merda da qual ele tentou me convencer? Acabei de dar um chute na bunda dele. Está demitido. E vou denunciar vocês dois ao conselho dos advogados! Vou processar os dois! Agora, fora da porra da minha propriedade!

Oh não.

A cabeça de Anne estava girando. Ela não viu a mão de Dietz se aproximando. Ele lhe deu uma bofetada. Sua bochecha explodiu de dor. Ela tropeçou para trás e agarrou-se no pórtico para não rolar escada abaixo.

— Bill, não! — gritou Beth, segurando o marido na porta da frente. — Pare! Entre!

— Suma da minha vista! — berrou Dietz, livrando-se de Beth. Anne se levantou com dificuldade. Pensou na Beretta, mas nunca chegaria a tanto. Largou o pórtico e correu.

27

Anne desceu a rua, trôpega, até o carro de Judy. Estava com a respiração ofegante e os joelhos tremendo. Olhou para trás. Dietz não a estava perseguindo.

O pórtico estava vazio e a porta da frente, fechada. Beth devia ter conseguido pôr seu marido para dentro. Anne saltou para dentro do carro, procurou às tontas as chaves e as introduziu na ignição, ignorando a torção no ombro.

Ela deu partida no motor, pisou no acelerador e saiu da vaga, com o olho grudado no espelho retrovisor. Um quarteirão adiante, puxou o seu celular, abriu-o com um piparote, e ligou para o celular de Matt.

Vamos lá, Matt. Atenda!

Mas o toque cessou e uma voz eletrônica surgiu: “O cliente Verizon para quem você telefonou não pôde ser encontrado...” Anne deixava em velocidade a Moore Street, quando o bip soou.

— Matt, ligue para o meu celular! — gritou no fone. — Acabo de ter uma briga com Dietz. Por que contou a ele sobre nós dois? E soube que ele demitiu você. Telefone para mim logo que puder.

Ela desligou e jogou o fone no banco do carona. Só conseguiu respirar melhor quando já estava a dois quarteirões dali e o retrovisor cheio de carros dirigidos por pessoas normais.

Os batimentos cardíacos de Anne ficaram menos acelerados, mas o seu ombro doía e a bochecha ardia. Ela se examinou no espelho. A maçã do rosto estava inchada, mas a pele não fora cortada. Ela sentiu-se furiosa, assustada e aturdida. Parando num sinal vermelho, tentou reconstituir o que tinha acontecido. Matt contara a Dietz sobre a noite que passaram juntos, num momento de... o quê? Honestidade? Consciência? Intimidade? Ela balançou a cabeça, no instante em que o sinal mudou para verde. Muitos advogados de queixosos ficam amigos de seus clientes, mas isso era ridículo. Nota mental: *Os homens podem ser mais eficientes no quesito intimidade do que o dr. Phil imagina*.

Anne parou ao lado de uma minivan com uma bandeira americana esvoaçando presa na antena, e visualizou o cenário. Dietz estava tentando enterrar o processo por causa do CD, no entanto Matt não tinha conhecimento disso. Assim, Dietz deveria ter aproveitado a oportunidade, quando Matt lhe revelou o caso entre eles dois, para demiti-lo. Agora, Dietz podia chegar em casa, contar a Beth as novidades sobre Anne e Matt e culpá-los por tudo. Como ela pôde se deixar envolver nesta situação?

Ficou atrás da minivan e pôs o ar-condicionado no máximo, deixando soprar direto no machucado do rosto. Então, lembrou-se de Kevin. Ele podia estar espionando, esperando, escutando. O medo ameaçou dominá-la, mas Anne afugentou-o. Tinha que obrigar Kevin a pôr o nariz para fora, ou jamais o pegaria. Esquadrinhou a rua, mas não o viu; a seguir, de novo, e novamente nada. Então, ocorreu-lhe de repente... Se Kevin tivesse assistido à cena no pórtico ficara sabendo que Anne dormira com Matt. Esta novidade o deixaria furioso, o que colocaria Matt em enorme perigo. Os pensamentos de Anne se atropelavam. Matt estava encalhado na parte oeste de Filadélfia, sem carro. Onde ele e Dietz tinham ido? O que tinham comprado?

Ela acelerou o motor rapidamente até o final do quarteirão, depois para o próximo. Era uma vizinhança residencial, sem nenhum supermercado à vista. Havia uma jovem mãe com duas crianças em pé, esperando para atravessar a rua. Anne gritou para ela: — Sabe se há alguma loja de conveniência por aqui? Um lugar que venda carvão?

— Tem um minimercado no posto de gasolina. Cinco quadras para cima, depois tomando à direita. Eles devem ter carvão, se o estoque ainda não acabou.

— Obrigada! — Anne acenou e seguiu na direção do minimercado. Era um prédio branco brilhante, com bombas de gasolina e um movimentado estacionamento em frente.

Matt não estava do lado de fora, mas mesmo assim Anne entrou no estacionamento, desligou o motor e saltou do Fusca. Entrou no minimercado a toda, passando por uma pirâmide de carvão Kingsford. Olhou rapidamente em volta, mas nada de Matt. Se estivera ali, já fora embora. Já se encaminhava para a saída

quando avistou um aparelho de TV ordinário, preto-e-branco, sobre um balcão atrás da registradora, e a imagem na TV a fez parar.

Era sua mãe, em pé junto ao comissário-assistente. Devia ser a entrevista coletiva. Anne tentou apagar dos ouvidos o barulho do interior da loja e inclinou-se sobre o balcão na direção da TV.

— Respondendo à sua pergunta — dizia sua mãe —, estou muito satisfeita que minha filha esteja viva, e não vou instaurar um processo judicial agora ou em qualquer outra ocasião contra o Departamento de Polícia, a cidade, ou o IML.

Anne pestanejou surpresa. Seus pés comichavam para ir embora, mas ela continuou parada, como se tivesse criado raízes. Sua mãe, recusando dinheiro?

Fora da tela, a voz de um dos repórteres perguntava:

— Sra. Murphy, por que não foi chamada para identificar o corpo de sua filha?

Anne prendeu a respiração para a resposta.

A sua mãe baixou a cabeça e, quando levantou os olhos, estes estavam cheios de lágrimas.

— Não fui chamada porque ela não tinha ideia de onde eu me encontrava. Cometi erros terríveis no passado, e o maior deles foi ter abandonado minha filha, há muito tempo.

Anne estava abismada com o que ouvia. Ela queria ir embora, ela queria ficar.

— Pode parecer terrível, mas foi a notícia da morte de minha filha que me fez entender o que tinha perdido... ela. Tenho uma oportunidade que poucos pais recebem, uma segunda chance. Apenas espero que ela me permita acertar as coisas. Anne, se você está me ouvindo, por favor saiba que lamento muito o que fiz. — Sua mãe olhou para a câmera com um ar de sinceridade totalmente inédito.

Anne sentiu um aperto no coração.

— Baboseira — ela se ouviu dizer, por puro reflexo, e o caixa olhou para ela de soslaio.

Anne apressou-se em direção à saída, fugindo da TV, tentando esquecer a imagem. Era tão mesquinho, tarde demais. Pois até onde iam suas lembranças, havia sempre a imagem da sua mãe culpando seu vício em bebida, e todos os demais, por afugentar

diretores e agentes de terceira categoria, que não reconheciam o seu talento.

Anne fora criada rolando de pessoas que recebiam uns trocados para ficar tomando conta dela, em casa, depois para vizinhos, depois para estranhos, sempre mudando de um apartamento para outro, e normalmente sozinha, fazendo o seu trabalho de casa diante de uma televisão. Não era tão ruim assim. Na sua cabeça, morava na rua 68 oeste, 623, num apartamento modestamente mobiliado em Nova York, com paredes de tijolos aparentes, pintados de branco, e uma cornija de lareira com duas estatuetas chinesas, um relógio e um ocasional pacote de Phillip Morris. Sua mãe era Lucy Ricardo, seu pai era um belo líder de banda cubano, e todos eram muito felizes até a chegada do pequeno Ricky. Ninguém precisa de um irmãozinho.

Anne pulou para dentro do Fusca e ligou o motor, mas não conseguiu afugentar as lembranças. A mãe não se importava com ela sequer o bastante para tentar providenciar as cirurgias de que precisava para corrigir o seu lábio leporino. Fora uma estranha quem arranjara tudo; uma vizinha que tinha sido enfermeira e assumira a tarefa de requisitar as cirurgias gratuitamente, num hospital-escola. Na verdade, a mãe de Anne nunca esteve ao seu lado, quando ela precisava. Anne conseguira empréstimos federais e da própria instituição de ensino para poder cursar a faculdade de direito, e teria de ficar pagando a dívida pelo resto da vida. Seu coração virou pedra. Ela saiu do estacionamento e retomou a procura por Matt.

Avaliou a situação. Estava considerando a possibilidade de ir à casa de Matt. Mas iria levar bastante tempo para chegar lá, já que ficava no coração do bairro histórico, e podia perder Kevin de vista. Consultou o relógio. Era 1h15. O sol estava alto e quente, as pessoas permaneciam por toda parte e a cidade fervia com as festividades do Quatro de Julho.

Ela decidiu voltar à caçada, deixando um rastro bem visível, de modo que Kevin pudesse encontrá-la.



Uma hora mais tarde, Anne tinha estacionado o carro em local proibido, mas não numa zona de reboque, e seguiu abrindo caminho com dificuldade por uma multidão na Benjamin Franklin Parkway, afastando para trás seu cabelo para deixar a testa à mostra, exibindo sua cicatriz, apreciando a liberdade de sair sem disfarce nem batom.

— Ei, você não é aquela moça que pensaram que estivesse morta, aquela advogada? — perguntou um homem com um chapéu Budweiser vermelho. Ele estava segurando a mão de uma garotinha, seguindo com a multidão para a festa na Parkway.

— Ah, sou, sim. — Anne apresentou-se e apertou a mão dele, satisfeita de constatar que sua fotografia já estava circulando. O homem sorriu como se tivesse encontrado uma celebridade. Ela torceu para ele começar a espalhar a notícia e que ela estivesse cercada de gente. Trabalhadores hasteavam uma faixa de plástico na qual se lia HOAGIES $1 sobre uma ampla tenda branca na Eakins Oval, e ela se deteve para ligar para o celular de Matt, para sua casa e para o escritório. Nenhuma resposta.

Não havia visto Kevin ainda, mas não perdeu a esperança. O cheiro de hambúrguer grelhado e *kebabs* de frango flutuava no ar. Ela tirou algum dinheiro, sentindo-se uma pessoa comum, festejando o Quatro de Julho, matando tempo até que escurecesse e começasse o espetáculo de fogos de artifício. Consultou o relógio — 3h15.

Hora da festa.



Anne caminhava cada vez mais devagar à medida que se aproximava de seu quarteirão, bloqueado ao tráfego com cavaletes azuis e brancos da polícia.

A Waltin Street estava apinhada de gente, no mínimo sessenta adultos, crianças e animais de estimação, misturados sob a luz do sol, abrigados sob a folhagem frondosa dos bordos. Ela vasculhou com os olhos a multidão, procurando Kevin. Ele poderia ter visto as placas da polícia indicando a hora da festa — das três às cinco. Podia estar bem ali, observando-a, esperando uma oportunidade. Não precisava se preocupar por estar atraindo Kevin para aquela multidão; ele não representava perigo para ninguém a não ser para ela. Anne contornou um cavalete, na parte alta do quarteirão, junto a um senhor idoso usando camisa polo absolutamente limpa e calça esporte; ele parecia estar checando as identidades.

— Srta. Murphy, você não precisa provar que mora em nossa rua — disse ele, o rosto se iluminando quando a viu. — Eu reconheço você! Vi você na TV!

— Obrigada, sr....

— Sou seu vizinho, Bill Kopowski. Moro no 2.254, aquele com as persianas vermelhas. Ali. — Ele apontou. — Todo mundo ficou em dúvida se devíamos ou não cancelar nossa festa, mas acabamos mantendo a programação. Minha mulher, Shirley, e eu ficamos consternados. Você precisa conhecê-la! — O sr. Kopowski estendeu a mão trêmula, apontando uma mulher idosa rechonchuda, parada perto dele, e ela se virou, e seus olhos envelhecidos se alegraram quando avistou Anne.

— Oh, meu Deus, é você! — exclamou a sra. Kopowski. Ela estava com um vestido de linho bege e um colar de contas cor de âmbar.

— Isso mesmo, olá — retribuiu Anne. Ela lhe estendeu a mão, mas a sra. Kopowski adiantou-se, impetuosamente, para envolvê-la em seus braços, apertando-a de encontro ao seios flácidos. Ela recendia a Shalimar e sabonete de lavanda.

Cabeças na multidão começaram a se virar para Anne, e outros vizinhos se aproximavam, falando todos ao mesmo tempo e soltando risadas.

— Srta. Murphy! — gritou um homem de meia-idade de camiseta de algodão e bermuda. — Nunca fomos apresentados, mas moro em frente a você, no 2.258.

— Olá — Anne começou a dizer, quando foi interrompida por uma mulher usando uma coroa azul de espuma.

— Anne Murphy! Anne Murphy! Você está viva! Vi sua mãe nos noticiários. Foi comovente, muito comovente!

— Eu também vi! — fez questão de acrescentar outro vizinho, falando inglês com sotaque. Era um asiático que vestia camiseta azul-branca-e-vermelha. — Na TV! Ela se parecia muito com você! Telefone para ela! Ela ama você!

Todo mundo queria conversar com Anne, e faziam tantas perguntas que ela não conseguia sequer começar a responder. De repente, sentiu um tapinha nas costas. Ela se virou, surpresa, mas era outro vizinho sorridente, emocionado por vê-la viva, preocupado por uma coisa tão horrível ter acontecido na rua deles, querendo conhecer os detalhes. Em pouco tempo, a multidão a tinha absorvido por completo, conversando como se fosse a vizinhança que nunca tivera, recebendo-a carinhosamente, de braços abertos e cerveja quente. Só ali compreendeu o quanto as pessoas são afetadas por um simples assassinato e o quanto todo mundo naqueles arredores havia ficado abalado. Por todo o tempo permaneceu percorrendo a multidão com os olhos à procura de Kevin, mas se estivesse entre eles, ainda não o havia encontrado. Estava preocupada com Matt e curiosa por saber onde Bennie e as garotas estariam. Mais cedo ou mais tarde, elas a encontrariam, mas Anne torcia apenas que não fosse antes que ela desse cabo de Kevin.

— Srta. Murphy, srta. Murphy! Algumas perguntas, por favor! — Um homem falou às costas de Anne, e ela sentiu-se empurrada rudemente. Virou-se, então, e esbarrou nas lentes de uma câmera. Um repórter pipocou junto da câmera, um gorducho de camiseta branca e jeans, a barriga se projetando além de um cinturão com fivela dourada. — Srta. Murphy — ele perguntou, rápido —, qual é a história verdadeira sobre Kevin Satorno? Algum comentário?

— Não vou responder a nenhuma pergunta — disse Anne, tentando manter sua postura.

A imprensa havia chegado. Era óbvio que apareceriam em sua rua. Esta equipe tivera a sorte de encontrá-la. Mas teria sido sorte dela, também?

— Vamos, diga a verdade. Você e Satorno foram mesmo noivos?

As lentes das câmeras percorriam Anne, e os vizinhos já demonstravam sinais de desagrado. Um homem idoso que ela reconheceu como o químico aposentado estava abrindo caminho em direção ao repórter, brandindo um dedo esquelético para a câmera.

— Vocês não foram convidados para esta festa, senhor — gritou ele, a voz tremida pela idade. — É somente para os moradores. Temos permissão para bloquear a rua. E como conseguiu passar pelo Kopowski? Ele foi fuzileiro na Segunda Guerra.

O sr. Berman apareceu ao lado dele.

— Vocês são repórteres? Nenhum de vocês mora aqui! É melhor irem embora, se não chamamos a polícia. Um de vocês derrubou o vaso de flores da minha escada da frente ontem!

Entretanto, Anne pensava apenas em seu plano.

— Ei, amigos — ela se dirigiu aos repórteres —, por que não me perguntam o que vou fazer agora, já que não estou morta? Como eles fazem depois do Superbowl?

— Ela vai para Disneyworld! — grunhiu o sr. Simmons, outro vizinho, juntando-se ao coro, e os vizinhos atrás dele se agruparam, cercando o repórter e o câmera.

— Isso mesmo, perguntem a ela o que vai fazer agora! — gritou o sr. Monterosso.

E mais outro gritou:

— Certo! Que tal vocês darem alguma notícia nova uma vez na vida?

Um terceiro vizinho berrou: — Vocês não vão mostrar isto aqui na TV, não é? Nunca dão nada bonito, nem mesmo num feriado.

O repórter se virou para Anne, soltando uma risadinha:

— Muito bem, srta. Murphy! O que vai fazer agora? Vai para Disneyworld?

— E sair de Filadélfia no Quatro de Julho? De jeito nenhum! — respondeu Anne para o câmera, sabendo que Kevin estaria vendo. Deu graças a Deus que Bennie odiasse TV. — Esta noite, vou comemorar o aniversário do nascimento do nosso país. No estilo Filadélfia! Vou comer um sanduíche Submarino, nessa barraca em que vão ser vendidos a um dólar, depois assistir à queima de fogos no Art Museum! Feliz Quatro de Julho para todo mundo!

Os vizinhos aplaudiram ruidosamente, rindo e vaiando, e o sr. Berman brandiu sua bengala como se fosse o chefe da banda. — Agora, seu jornalista, já tem sua matéria! Vá botá-la no ar! FORA!

— Isso mesmo! Fora daqui! Vocês não moram aqui! A festa é apenas para moradores da Waltin Street! — berrou a sra. Berman e uma adolescente, a filha tatuada de um professor de psicologia, começou a entoar.

— Viva a Waltin Street! Viva a Waltin Street!

— Viva a Waltin Street! Viva à Waltin Street! — Os vizinhos reuniram suas vozes, enxotando os repórteres com o troar de seu coro.

— Viva a Waltin Street! Viva a Waltin Street! — cantarolava Anne, mais alto do que todos os demais, gritando no ápice dos seus pulmões, não mais para que Kevin Satorno ouvisse, mas porque isso a estava fazendo sentir-se bem e feliz, e parte de um grupo muito especial que habitava um quarteirão que formava um dos muitos quarteirões na grade de ruas históricas onde foram fundados os Estados Unidos da América. O próprio Ben Franklin projetou a grade, ela se lembrou, possuída de um inédito orgulho.

Nota mental: *Patriotismo tem a ver com pertencer, e Anne pertence a este lugar*.

Mas já chegara a hora de entrar em ação.

28

O sol ainda estava alto, mas já tingindo a tarde avançada de um tom alaranjado, chamuscando ao longo de uma descida lenta no céu. A atmosfera tornara-se opressivamente úmida, fazendo com que o vestido de Anne grudasse na pele. Ela recolhia o lixo deixado em sua rua e por entre os carros estacionados e metia-o dentro de um grande saco preto de plástico, observando cada pessoa que passava. Não viu Kevin e não podia evitar de sentir-se cada vez mais tensa.

Mantinha um olho sempre atento, procurando-o, mesmo enquanto ajudava os vizinhos a recolher garrafas para reciclagem, a dobrar as mesas de alumínio para piqueniques, e acondicionar em recipientes plásticos uma impressionante sobra de macarrão apimentado. Todos ajudaram a arrastar os cavaletes da polícia do alto da rua, abrindo relutantemente apenas para o resto da cidade o enclave em que se constituía a Waltin. O tráfego de pedestres aumentou, derramando pessoas na rua, à medida que todos se encaminhavam para a Parkway, procurando os melhores lugares para assistir aos fogos de artifício. As pessoas carregavam cadeiras de praia, esteiras e tatames enrolados e colchas sobressalentes. Uma criança seguia atrás do pai, carregando um jogo de velas baratas, todas acesas e desprendendo no ar seu característico cheiro acre.

Ela consultou o relógio. Eram 7h15. O tempo estava correndo e carregando-a junto. Havia verificado a programação do Quatro de Julho na Parkway, começando com “celebridades fazendo a leitura da Declaração da Independência”, depois todo mundo ia comer seus Submarinos aproveitando a promoção especial do feriado do sanduíche típico de Filadélfia a um dólar cada, e tudo terminava às nove horas com os fogos de artifício. Ela planejou demorar-se um pouco mais na Waltin, depois seguiria para a barraca dos Submarinos, onde Kevin sabia que a encontraria. Já estava quase na hora.

Anne se abaixou para apanhar um invólucro de celofane esmagado, colocando-o dentro do saco de lixo, e, ao inclinar-se, sentiu o peso da sua Beretta no bolso. Já tinha quase esquecido da arma em meio à alegria que lhe havia proporcionado a festa do quarteirão. Daí, começou a ruminar pensamentos. O que mais poderia fazer?

Não. Se esta coisa não terminar esta noite, não vai terminar nunca. Só quando eu estiver realmente morta. Ia enfiando o lixo no saco, enquanto caminhava na direção de um copo de papel descartável, quando o seu celular tocou.

Ela meteu o saco debaixo da axila e enfiou a mão no bolso para puxar o telefone. Abriu-o para ver quem estava ligando. O número do telefone de Matt apareceu na tela em brilhantes dígitos azuis. Ela não atendera aos muitos chamados de Bennie, mas este ela atenderia. Apertou a tecla *Send*.

— Matt? — perguntou, baixando a voz. — Onde você está? Fiquei procurando...

— Recebi suas mensagens. — A sua voz parecia ansiosa. — Como está você? Está bem?

— Bem, tudo bem, verdade. — Anne pôs a mão em concha sobre o ouvido livre para ouvir melhor e isolar o barulho da rua. Contou-lhe brevemente o incidente ocorrido na casa dos Dietz, omitindo a parte das vias de fato. Não convinha exaltar seu já exaltado instinto protetor. Por que foi contar a Dietz sobre nós? Isso era um segredo nosso!

— Precisei fazer isso. Telefonei para Beth e contei que Satorno estaria atrás dela agora, mas ela não levou o assunto a sério, então tive que ir adiante. Acho que era porque Bill não estava acreditando. Ele tem uma grande influência sobre ela. Tive que contar ao Bill o que aconteceu a você para fazê-lo acreditar. Ele quis saber como eu sabia tanto, e eu contei. Era o que eu tinha de fazer, ou ela estaria em perigo.

— Sinto muito — Anne disse, purificada pela explicação. Entre a segurança da sua cliente e a manutenção de sua representação do caso, Matt precisou fazer uma escolha, o que ela admirava. Como pôde ficar sentida com ele? — Sinto muito que você tenha sido demitido. O que vai fazer agora?

— Limpar os arquivos e passar adiante. Acho que eles vão contratar o Epstein, agora. Cuidado, Anne. Os bons advogados estão aparecendo.

— Besteira! — Anne mordeu os lábios. — Posso ajudar, ou já atrapalhei as coisas demais?

— Não, você não fez nada disso. Eu é que fiz. Admito que fiquei meio desconsolado quando ele me despediu, e estou achando que devia ter falado com Beth sozinha, mas está tudo bem agora. Ele era meu cliente também, e sempre falou por Beth. É com você que estou preocupado. Bennie ligou para minha casa, dizendo que você deu uma rasteira nelas. Ela está procurando você. Foi até sua rua para procurá-la e havia uma festa no quarteirão, então um senhor idoso barrou sua entrada. Nem Mary conseguiu passar a conversa nele. Nem mesmo Judy.

Anne sorriu. O sr. Kopowski não perdoa.

— Ela chegou a telefonar para a polícia, pedindo que a procurassem. Onde você está, Anne? Não devia ficar sozinha, não com Satorno ainda em liberdade. Quero ver você, estar com você.

Anne não podia deixar isso acontecer. Já envolvera gente demais nesse pesadelo.

— Estou bem, Matt. Não preciso que segurem minha mão. — As pessoas passavam por ela na calçada, os vizinhos acenavam dando-lhe adeus, enquanto se dirigiam para os fogos de artifício.

— Este cara é um assassino — insistiu Matt. — Ele pode estar observando você neste exato instante. Onde está? Estou ouvindo pessoas no fundo.

— Estou falando de uma cabine telefônica. Estou a caminho da sua casa. É só ficar aí e esperar por mim. — Era uma boa ideia, e assim o prenderia em casa até que ela agarrasse Kevin. — Preciso ir. Está ouvindo esse bip") Estou com a bateria baixa.

— Não ouço nenhum bip. Estou achando que você está prestes a fazer alguma loucura. Bennie disse que você tem uma arma. É verdade?

— Não, armas são assustadoras. Às vezes disparam sozinhas, sabia? Escute só o bip novamente. Vou para aí assim que puder. O tráfego está uma confusão. Espere por mim, bem aí! — Anne apertou o botão *End*, e imediatamente outra mensagem surgiu na

tela do telefone, UMA CHAMADA NÃO ATENDIDA, diziam as letras azuis. Provavelmente, Bennie outra vez, mas podia dar uma pista de onde ela estava. As suas duas últimas chamadas tinham sido do seu celular, e uma Bennie móvel ameaçava o plano de Anne.

Ela discou para sua caixa postal, então escutou.

Era Gil, e não Bennie.

— Anne, estou sinceramente arrependido pelo que fiz ontem à noite. — A voz dele parecia quase ininteligível e piegas. — Jamais poderia ter tentado uma coisa dessas. Jamie me abandonou e eu... sei lá... será que podemos nos ver esta noite para conversar um pouco... Mas, que merda! Olhe só! Estou no bar da esquina da rua 16 com Parkway, você sabe onde é, e estou vendo você na TV, neste momento! Droga, você parece apavorada! Adorei seu...

Enojada, Anne apagou a mensagem, perturbada. Gil estava a cinco quarteirões de distância e tinha visto a tomada sobre a barraca dos sanduíches a um dólar cada. Só esperava que ele não resolvesse aparecer para interferir. Desligou o celular e o enfiou de volta no bolso.

A seguir, olhou para o céu, que já estava escurecendo. O sol mergulhara por baixo dos bordos, tetos achatados e antenas parabólicas. Seus raios moribundos inundavam o céu com uma selvagem tonalidade laranja.

Estava na hora de começar a ação.



Anne tirou o saco de lixo de debaixo do braço, amarrou o cordão de fechamento e depositou o saco no chão junto com os demais, próximo da entrada da alameda. Não pôde deixar de notar que era a mesma alameda através da qual ela fugira com a sua cartola de Tio Sam, fazia tanto tempo agora. Dirigiu-se então para a Parkway, detendo-se ao passar por Sua casa, ainda com as flores na varanda. Sabia o que se encontrava além da porta da frente e passou por sua mente um vislumbre do hall de entrada todo

respingado de sangue. A obscenidade do assassinato. O mau cheiro da morte. Willa tinha morrido ali, e agora o seu assassino seria entregue à Justiça. Anne baixou a cabeça, depois penetrou no crepúsculo.

Ela se misturou à multidão que fluía para a Parkway, rastreando as pessoas na medida em que cruzava por elas, retendo na memória em detalhes o cabelo de Kevin, recém-tingido de preto, e o formato de sua cabeça, examinando tudo ao seu redor atenta para o menor sinal de sua presença. Só Deus saberia como ele estaria agora. Alguma coisa que se encaixasse no cenário. Passou os olhos em torno e havia trezentas camisetas com bandeiras na multidão em movimento. Anne passava junto de todas, para examinar o maior número delas possível. Nenhuma era Kevin.

Ela manteve o passo, escorregando a mão para dentro do bolso em que estava a Beretta, só para se certificar. Seguiu com o fluxo de transeuntes até a Ben Franklin Parkway, onde já não havia as fileiras de casas geminadas. As oito pistas do bulevar abriam-se para um céu que misturava um tom vagamente rosáceo com água-marinha e a mais transparente das ametistas. O crepúsculo se insinuava no céu, ainda difícil de discernir, visível apenas em contraste com as manchas luminosas de luzes inesperadas; pontos vermelhos de pontas de cigarro acesas, o cor-de-rosa vivo do bracelete néon de uma criança, um espaço iluminado pela lanterna de um sensato casal mais velho.

A linha geométrica do contorno dos prédios, no horizonte da cidade, havia sido colorida de vermelho, branco e azul para o feriado. Q letreiro luminoso no topo do Peco Building dizia FELIZ QUATRO DE JULHO, num desenho com pontos de luz que ininterruptamente ia formando as letras. O ar da noite estava repleto de frases soltas, risadas e choro de crianças. O vento cheirava a repelente de inseto e cerveja doméstica. À direita de Anne estava o Art Museum, o imenso edifício grego usualmente banhado por graciosas luzes âmbar dos holofotes, mas hoje ostentando o berrante vermelho-branco-e-azul, com lasers vagando pelo céu noturno. A imponente escadaria de pedra calcária que Rocky Balboa escalou no seu filme estava escondida por um maciço palco temporário de aço inoxidável, e painéis de iluminação de

espetáculos. Uma animada banda tocava no palco, suas guitarras elétricas ressoando por meio de um sistema de alto-falantes montados nas árvores.

Anne consultou o seu relógio: oito horas. Estava quase anoitecendo. Ela estava atrasada. Acelerou o passo, já atravessando a quadra de beisebol da Parkway, destinado para as crianças jogarem, mas coberta de mantas, espreguiçadeiras dobráveis e dos cidadãos de Filadélfia, ansiosamente aguardando pelos fogos de artifício. Ela preferiu passar por entre os ambulantes que vendiam refrigerantes, cachorro-quente, algodões-doces, bolos de churros *etc.* Quem queria comer um Submarino como jantar já estava se amontoando do outro lado da rua, ao redor da barraca. Anne encaminhou-se para lá em linha reta, escutando reverberar no ar da noite um solo de tambor, saindo dos alto-falantes.

Teve dificuldade para atravessar a rua, já na altura em que o público começava a pedir o final da exibição da banda, ansioso por ver as celebridades que iriam ler a Declaração de Independência. Esperava-se um milhão de espectadores e era quase impossível varar a multidão ali acotovelada. Anne manteve a mão segurando a Beretta dentro de seu bolso e espremeu-se por entre peitos e costas suarentos, abrindo caminho na Parkway para chegar a Eakins Oval, um círculo gramado, com canteiros e fontes em frente ao Art Museum.

A leitura da Declaração de Independência estava começando e, mesmo naquele jeito de falar da estrela de rap, quase um sotaque das ruas, suas palavras permaneciam bonitas: “Quando, no «curso de Eventos humanos, torna-se necessário para um povo dissolver os Laços Políticos que o conectou a um outro povo e assumir entre os Poderes da Terra...”

Anne esticou o pescoço por cima da multidão para enxergar para onde estava seguindo, obtendo uma nesga de visão da estátua escura de George Washington montado a cavalo. Ele e o cavalo estavam justamente no centro da maior fonte circular de Eakins Oval, flanqueada por duas fontes circulares menores, que jorravam água iluminada por luzes vermelhas, brancas e azuis. O enorme dossel plástico branco da barraca, que venderia Submarinos a um dólar cada, estava logo atrás dela, apinhada de gente. Droga. Como

Kevin poderia achá-la naquela multidão? E será que ela poderia mesmo atirar com uma arma, no meio de tanta gente? Talvez não tivesse sido o melhor plano, mas agora não dava mais para mudá-lo. Ela poderia sacar a arma com a trava acionada. Kevin não saberia disso, e assim não havia possibilidade de alguém sair ferido.

Uma jovem atriz de cinema declamava ao microfone, que emitia guinchos agudos, retornando o som das caixas: “Nós sustentamos estas verdades para que seja evidente, por si, que todos os homens são criaturas iguais, que todos foram dotados por seu criador com certos direitos inalienáveis, entre os quais estão vida, liberdade e a busca da felicidade...” Anne se emocionou. Palavras mais belas jamais foram escritas. Ela tinha direito à felicidade, à liberdade, à vida. Tinha um belo emprego, uma boa vizinhança, amigas e um novo namorado. Estava habilitada a todas estas coisas e Kevin pretendia privá-la delas. Ela contornou uma família sentada em uma manta, e a cabeça cálida do filhinho pequeno repousava na palma da mão da mãe. Prosseguiu, tropeçando em tênis e sapatos descalçados, em meio à escuridão, como se traçasse uma divisão naquela massa de gente sob o fascínio paralisante das celebridades. Um ator da Broadway proclamava empolgado: — “Mas quando um longo cortejo de abusos e usurpações, perseguindo invariavelmente o mesmo objetivo, evidenciando o propósito de submetê-los ao absoluto despotismo, é seu direito, é seu dever, derrubar um tal governo, e providenciar novos guardiões para a sua futura segurança.”

Certo pra cacete!

Anne estava protegendo a sua futura segurança. A barraca de Submarinos estava a menos de quinze metros, e ela esquadrinhava a multidão procurando Kevin, enquanto tentava atravessá-la. Não era fácil ver coisa alguma com nitidez, agora que a noite havia caído. As únicas luzes vinham da iluminação de gás antiga perto das fontes sobre o Oval e os lasers intermitentes que varriam o céu.

Uma estrelinha loura estava entoando uma indignação própria de colonizados: — “A história do presente rei da Grã-Bretanha é toda de repetidas Injúrias e Usurpações, todas tendo como Objetivo o estabelecimento de uma absoluta tirania sobre estes estados.

Para provar isto, deixe-se os fatos serem submetidos a um cândido Mundo. Ele, que recusou o seu Assentimento às Leis..."

Anne abriu caminho em direção à tenda. Em direção a Kevin. Ele tinha se recusado a obedecer às leis, também. Ela simplesmente não podia mais viver desta maneira.

Sentia-se perturbada, exausta, a adrenalina nas alturas. Isso, dos últimos dias para cá. E havia na boca um gosto estranho, e umidade constante nas axilas. Os seus joelhos bambeavam, mas ela se esforçou por prosseguir.

Um eminente vencedor do Oscar acusava:

— "Ele, que tem obstruído a administração da justiça, recusando obedecer às leis estabelecidas pelo poder judicial...."

A litania de injustiças continuava ressoando no ar, e o fato de terem sido perpetradas pelo rei da Inglaterra reduzia-se a uma filigrana técnica. Anne ia reparar a injustiça. Ia pegar o mau elemento e afastá-lo para sempre. Fazer justiça por ela mesma e por Willa. E agora, por Beth.

— Com licença, senhor — Anne pediu a um homem que lhe barrava o caminho, querendo cada vez andar mais depressa, estimulada pela agitação nervosa crescente que percorria a multidão compacta. Estava caçando Kevin, e nada de ele aparecer. Ele estava por perto. Ela o sentia, era uma vibração na escuridão. E mantinha a cabeça bem alta para que ele pudesse avistá-la.

Trinta metros faltando, e logo a seguir vinte. A barraca de Submarinos estava bem à sua direita. Anne começou a empurrar quem estivesse em seu caminho, sem se sentir desencorajada por ter de arrombar aquela multidão que lhe bloqueava o espaço, para passar. Já escutava o alarido de vozes no interior da barraca. Sentir o cheiro forte e penetrante dos temperos e da carne fresca sendo preparada, um cheiro que superava até mesmo o da fumaça de cigarro e o da cerveja.

Ela chegou à extremidade da fila para a entrada na barraca, tomou o seu lugar e tratou de dar ao seu rosto um ar de felicidade, de modo a transmitir a impressão de estar se divertindo. Mantinha entretanto a mão embalando a Beretta e não parava de examinar cada vulto da multidão em torno, pelos cantos dos olhos, aproveitando o brilho dos lasers. Estava numa posição vantajosa, na

fila da barraca. Todo mundo mantinha os olhos no palco e nas celebridades, boquiabertos, apontando e batendo fotos. Ela podia assim olhar detidamente o rosto de todos, estudando em detalhes as suas fisionomias sob os bonés onde se lia FILADÉLFIA, coroas de espuma, bonés com personagens de desenho animado e com a bandeira americana. Ninguém estava se movimentando exceto as pessoas apressadas para entrar na fila para comprar seu Submarino. A Declaração continuava:

— “Nós, portanto, os representantes dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, reunidos em congresso geral, apelando para a suprema corte judicial mundial para a ratificação de nossas intenções, agindo no nome e pela autoridade do bom povo destas colônias, solenemente tornamos público e declaramos que estas colônias unidas são, e por direito devem ser, estados livres e independentes...”

A fila avançava, mas Anne ainda não podia enxergar o interior da barraca. Quanto tempo ainda levaria para ser concluída a leitura da Declaração da Independência?

Ela devia saber o texto de cor, mas não sabia. Os fogos de artifício começariam logo em seguida. Quando Kevin entraria em ação? O seu coração começou a bater mais forte. Ela se sentia exposta, vulnerável, mesmo inteiramente à vista de todo mundo. Onde estava a polícia?

A fila continuava em frente, movendo-se mais depressa agora, e Anne finalmente conseguiu enxergar um pouco do interior da barraca. Um exército de pessoas, talvez cinquenta, vestidas de uniformes brancos e chapéus de encaixe de papel com estrelas e listras. Estavam distribuindo sanduíches o mais rápido possível e coletando o pagamento em cédulas de um dólar que eram jogadas dentro de um barril a ser doado ao Hospital das Crianças. Dois tiras postavam-se atrás do barril, os braços cruzados no peito, com as camisas de mangas curtas dos uniformes de verão. Excelente! A leitura da Declaração já estava a pique de ser encerrada.

— “e para sustentar esta declaração, com uma firme confiança na proteção da divina providência, nós mutuamente penhoramos um ao outro nossas vidas, nossas fortunas e nossa sagrada honra.”

O povo aplaudiu, em vivas entusiásticos. Os guardas voltaram-se, aplaudindo, e a fila explodiu em ovações, agora com todos excitados, pela iminência do início do espetáculo dos fogos, todos querendo pegar o seu sanduíche e retomar depressa seus lugares. O barulho era ensurdecedor, mas o fato de todo mundo estar aplaudindo, no primeiro momento, ajudou Anne. Porque do outro lado, por cima do mar de cabeças, estava um homem solitário que não batia palmas. Seu olhar imediatamente foi atraído para ele.

Era alto e estava com uma camiseta escura. Ela reconheceu o formato da sua testa, se bem que ele havia mandado raspar todo o cabelo. O couro cabeludo pelado brilhava refletindo a brancura da luz de gás. A expressão determinada, os ombros musculosos e inchados. De repente, ele se virou na direção da tenda, e um raio extraviado de luz vermelho-sangue fatiou seu rosto, iluminando-o.

O homem era Kevin Satorno. E estava na hora de Anne pessoalmente executar sua própria Declaração de Independência.

29

Boom! Um crisântemo branco explodiu, abrindo suas pétalas, e a seguir começou gradualmente a sumir, transformando-se num esqueleto faiscante, à medida que os primeiros fogos de artifício detonaram no céu noturno sobre o Art Museum, e a multidão, soltando *oohs*! e *aahs*!, aplaudia. A explosão reverberou no coração de Anne, que no entanto conseguiu manter o olhar sobre Kevin, para não perdê-lo de vista. A cabeça dele, totalmente tosada, agora, havia se voltado para a barraca dos Submarinos. Estava procurando por ela.

Anne conteve um arrepio e escorregou a mão para o bolso. Os dedos encontraram a coronha da Beretta, agora aquecida pelo calor do seu corpo, Ela se forçou a afastar o medo e saiu da fila, tomando à direita, de maneira a deixar a fila entre ela e Kevin. Todo mundo tinha os olhos voltados para os fogos de artifício, menos ele.

Anne observou que os olhos de Kevin estavam fixados na fila. Anne teria de chegar por trás dele.

Os fogos de artifício varavam o ar assobiando, em sua subida convulsiva às alturas, onde explodiam em brilhantes rajadas vermelhas, brancas e azuis. Deixavam para trás caudas de fagulhas brancas suspensas no vazio, como se fossem fadas incendiárias, e logo detonavam com estrondo, fazendo as criancinhas taparem os ouvidos.

Anne estava em ação. Avançava lentamente por trás da fila, de modo a não perder Kevin de vista nem chamar a atenção dele, com seu vestido branco. A roupa sobressaía-se à noite. com a graça de Deus, foi ela quem o vira primeiro.

CA-XUUSH! CA-XUUSH!

Os fogos de artifício detonavam com penetrante cacofonia.

Enchiam o firmamento de arabescos uivantes, em espirais vermelhas, verdes e azuis. As cores tingiam os rostos ao seu redor, que logo a seguir mergulhavam na escuridão.

Anne atingiu a barraca e continuou contornando por trás. As pessoas mantinham-se paradas, todas fascinadas pelo espetáculo nos céus. Kevin girava a cabeça, examinando minuciosamente a

fila, procurando por ela. Seus olhos, de tão apertados, pareciam pequenas fendas. A boca achatada transformada numa linha de sorriso determinado.

Ela sentia o coração batendo forte.

Examinou a posição dos policiais. Encontravam-se parados junto ao barril de dinheiro à esquerda. Pensou em correr até eles, imediatamente, e apontar Kevin, denunciar sua presença, mas não estava muito certa de poder convencê-los com rapidez suficiente, antes que ele tivesse tempo de fugir, ou talvez de ferir alguém. Então, teve uma ideia melhor. Ela se aproximaria por trás, apontaria a arma para as costas de Kevin, depois o faria caminhar na direção da polícia e para longe da multidão, a fim de evitar que alguém saísse ferido. Assim que o tivesse sob a mira e rendido, gritaria por socorro. O general George Washington, montado no seu cavalo de bronze a menos de cinquenta metros de distância, teria se sentido orgulhoso.

CA-XUUSH!

O ar estava saturado do cheiro de fumaça. As cinzas caíam como se fossem flocos de neve pretos. Anne contornou a barraca sorrateiramente e ganhou uma boa visão da cabeça de Kevin. Ela o pegara, finalmente. Estava exatamente atrás dele, com apenas a multidão embevecida entre ambos. Ela acelerou seu avanço, deslocando-se, através da multidão. Quinze metros os separavam. E logo apenas dez. Cinco...

O sangue de Anne explodia em seus ouvidos. Ela segurou a coronha da Beretta com tanta forca que deixou a marca impressa na palma da mão. As mãos tremiam, mas ela preferiu ignorar. *Buum*! Fogos de artifício de palmeiras verdes brilhantes com folhas cintilantes ondulavam no ar; a multidão sorria. Ela estava tão perto de Kevin que podia enxergar as saliências em seu crânio. Um grupo de adolescentes em festa se intrometeu entre eles. Todos vestiam uniformes azuis do time de futebol de Nova Jersey, brandiam suas latinhas de cerveja e exibiam seus charutos.

Bang! Bang! Fogos de artifício, agora, como pompons vermelhos, flamejavam sobre as cabeças, e no seu brilho avermelhado transformavam-se em corações incandescentes no céu. Os adolescentes aclamavam, erguendo no ar suas latas de

cerveja, e Anne agora tentava abrir caminho entre eles. A fumaça dos seus charutos era levada pelo vento na direção de Kevin, envolvendo-lhe a cabeça.

A barriga de Anne ficou endurecida, gélida. O coração parecia querer parar. Ela se sentia estranha, como se fosse outra pessoa, alguém mais corajoso do que se imaginava sendo. Ela apalpou a Beretta no bolso.

Pou! Pou! Uma matilha de lobos de luzes brancas detonou num frenesi que levou os adolescentes a uivarem nos ouvidos dela. Anne já quase tinha conseguido passá-los quando Kevin afastou-se, avançando na direção da barraca. Melhor ainda. Ela o pegaria onde queria que ele estivesse, mais perto dos tiras. Os dois policiais permaneciam de guarda no barril de dinheiro, a silhueta dos seus bonés azuis era visível na luz que saía da barraca. Chegou a hora. Vá. Ela segurou a coronha da Beretta e a manteve à altura dos quadris.

— Ei, beleza, aonde vai com toda essa pressa? — perguntou um dos jogadores de futebol. Ele avançou para junto dela, caminhando a seu lado e bloqueando-lhe a visão de Kevin.

— Com licença, por favor! — Anne começou a tentar contorná-lo, mas ele agarrou seu braço e a fez dar um rodopio tão rápido que ela quase deixou a arma cair.

— Qual é a sua pressa, meu doce? Não quer ver os fogos de artifício comigo?

— Me deixa em paz! — Anne deu um puxão, conseguindo soltar o braço, e nervosamente contornou-o.

No entanto, Kevin havia saído do lugar onde ela o vira um momento antes. Anne procurou em volta, com os olhos, freneticamente. Kevin havia desaparecido. Havia apenas a multidão, homens, mulheres, e crianças, olhando para cima, para os fogos de artifício. Ela o teria perdido? Não!

Anne mergulhou dentro da multidão em volta da barraca. Não podia perder Kevin, não agora. Ela esquadrinhou a multidão, mas não o encontrou. Será que ele fora para o outro lado da fila, como ela fizera? Ela deixou a Beretta escorregar novamente para o fundo do bolso.

CA-BUUM! CA-BUUM! Correntes prateadas se lançavam em jatos por todo o céu, como se o próprio paraíso tivesse começado a verter uma forte e colossal goteira, agora que o show de fogos de artifício avançava para o seu *finale*.

CA-BUUM! CA-BUUM!

O céu irrompeu numa rápida sucessão de explosões de fogos, como uma frente de batalha.

CA-BUUM! CA-BUUM!

Anne apressou-se na direção da barraca, olhando para todos os lados à procura de Kevin. A sua cabeça pelada, sua camiseta preta. A multidão se mantinha compacta, aplaudindo. Nenhum sinal de Kevin. Ela teve vontade de gritar de tanta frustração. Raciocinou rápido. Hora do Plano B. Havia perdido Kevin de vista, mas não o iria perder. Girou nos pés, procurando os policiais. Iria contar tudo a eles. Os policiais telefonariam pedindo reforço. Kevin não podia estar longe.

De repente, Anne sentiu-se agarrada pelas costas e o seu braço direito foi torcido para cima e para trás. Havia algo afiado pressionando-lhe as costas. Ela já estava prestes a gritar, quando ouviu uma voz quente no seu ouvido, de encontro ao seu rosto.

— Não grite, se não eu atravesso minha faca de caça no seu coração.

Era Kevin.

Anne ficou congelada de medo. Seu ombro latejava de dor. A faca furava as suas costas. Ela teve vontade de gritar, mas ele enfiaria a faca nela, no mesmo instante, se o fizesse. Estava impossibilitada de alcançar seu revólver com a mão esquerda. Mesmo se pudesse,, não poderia atirar no meio de tanta gente. Não sabia o que fazer. Seus saltos de sapato saíram do chão, no que Kevin levantou-a pelo braço e empurrou-a à frente, para longe da barraca e da polícia. A faca a machucava entre as costelas. Anne lutava para pensar, vencendo seu terror.

Kevin levantava o braço dela ainda mais.

— Você vem comigo. Não vai escapar de mim desta vez. Você é minha, agora. Finalmente.

Lágrimas de terror saltavam-lhe dos olhos. Ele estava quase lhe quebrando o braço na junção com o ombro. Os fogos de artifício

ribombavam na intensidade grandiosa do seu *grand finale. Buum! Buum! Bum*! O céu era um dossel de luzes brancas, fumaça e trovões. Anne orava a Deus para que esta não fosse a sua última visão.

Kevin colou o seu rosto ao dela, forçando-a a andar com a faca enfiada nas costas.

— Sua vaca. Sonhei com você todas as noites da minha vida. Olhava o seu retrato a cada minuto. Escrevi para você, telefonei, comprei presentes para lhe dar. Flores, joias, poemas, doces. Eu lhe dei tudo o que tinha. Era devotado a você, dedicado a você.

Anne tentou raciocinar sobre o que estava acontecendo. Ela tinha que sobreviver. A ponta da faca espetava as suas costas, agora quente, aquecida com sangue. O seu sangue.

Procurou não entrar em pânico, no que Kevin a empurrou através da multidão da rua, na direção dos edifícios de apartamentos e do pequeno bosque de árvores e arbustos na extremidade escura do parque. Não havia ninguém ao redor. As árvores impediam que fossem vistos. Talvez agora ela pudesse alcançar a sua arma. E disparar sem o risco de ferir alguém mais.

A respiração de Kevin tornou-se mais pesada.

— Eu amava o seu rosto. Eu amava o seu corpo, Eu amava cada pedaço de você. Teria feito qualquer coisa por você. Qualquer coisa, Anne.

CA-BUUM! CA-BUUM! Já estavam passando dos arbustos. Fazendo o contorno dos fundos do edifício residencial perto da Expressway. Anne podia sentir o peso da Beretta dentro do bolso. A arma ficava batendo na sua coxa. Será que poderia passar a mão em transversal pelo tronco e puxar a arma do bolso?

— Você brincou comigo, sua vagabunda! — A voz de Kevin estremeceu com todo o seu ódio reprimido, contido dentro de si, sob pressão. — Você me abandonou! Me mandou para a prisão! Sabe o que isso significa? Sabe o que passei lá dentro? Por sua culpa, sua vaca vagabunda! Odeio você! Odeio você até a medula!

Anne bloqueou os ouvidos para o palavrório dele, que a paralisava. Havia se salvado dele uma vez antes. Poderia fazer de novo. Esforçava-se agora a esperar o momento exato. Haveria um momento. Ela acabaria dando um jeito de pegar a arma.

CA-BUUM! CA-BUUM! O vermelho, o branco e o azul açoitavam as folhas das árvores.

— Vou adorar matar você, Anne. Vou adorar cada porra de segundo em que você estiver morrendo. Vou fazer a coisa durar para sempre. Vai ser a melhor trepada da sua vida.

Anne sentiu uma pontada de puro terror. Kevin a estava empurrando na direção de um trecho deserto junto da Expressway, um pedaço cheio de lixo e de entulhos. Estavam quase chegando aos fundos do edifício. Não haveria ninguém que pudesse vê-los aqui. Os seus olhos estavam inundados de lágrimas. O nó em suas tripas davam-lhe conta de que este seria o seu último instante de vida no planeta. Não tinha nada a perder. Não havia ninguém aqui para ficar ferido exceto ela. Anne tentou alcançar o bolso, mas Kevin pressionou a faca na sua carne, estocando-a com a ponta. Ela deixou escapar um grito desesperado que ninguém poderia ouvir.

— Socorro!

CA-BUUM! CA-BUUM! CA-BUUUM!

— Anne? Anne! É você? — gritou alguém, não muito distante, nas costas dele.

— Socorro! — Anne gritou novamente, justo no momento em que sentiu o corpo de Kevin se virar na direção daquela voz. Ela aproveitou a oportunidade e se contorceu mais ainda, para alcançar o bolso esquerdo. Alcançou então a coronha da Beretta. Kevin estava distraído demais para notar.

Anne lutava para desvencilhar-se dos braços dele, mantendo a Beretta de encontro à perna, esperando. Ela era uma boa atiradora, mas não o suficiente para acertar por cima do ombro. Anne soltou a trava com o polegar, pressionando-a para baixo. Não conseguiu ouvir o sólido *tik* que sabia que a arma fazia. A Beretta estava carregada e pronta para atirar.

A voz do homem tornou a chamar, bem atrás deles.

— Anne! Anne, você está bem?! — Era Gil! Ele devia ter vindo do bar, procurando por ela.

CA-BUUM! BUUM! BUUM! Os fogos de artifício detonavam como se fossem bombas.

— Gil! — ela gritou, mas Kevin já estava se virando para ele, relaxando o seu aperto nela. Anne sentiu a pressão da ponta da

faca ensanguentada nas suas costas atenuar-se.

Aproveitou a chance para soltar-se das garras de Kevin, rodar nos calcanhares, e apontar a arma contra ele.

— Parado! Se não, juro que atiro! — gritou. — Eu atiro. No entanto, Kevin já estava investindo contra Gil com a faca denteada de caça. Gil agarrou Kevin pelo pulso, empurrando-o para trás. Os dois homens lutaram, revolvendo-se de um lado para o outro. Anne mirou a arma em Kevin, mas ele se movia rápido demais para ela se atrever a disparar. Não queria correr o risco de acertar em Gil. Homens lutando era muito diferente de um alvo de papel.

— Anne, atire nele! — gritou Gil, mas continuavam se agarrando e puxando, mudando de posição a cada instante. Ela se aproximou para conseguir um alvo melhor, mas subitamente Gil estendeu a mão num gesto desesperado e arrebatou-lhe a arma. Kevin veio para cima dele, brandindo a faca, e alcançou Gil precisamente no que a arma detonou, uma flama vermelho-alaranjada saindo do cano, o barulho do tiro se perdendo entre o dos fogos de artifício. Depois, mais um disparo da semiautomática, e outro mais. BUUM! BUUM! BUUM!

Anne berrou. O pescoço de Kevin explodiu em sangue. Ele caiu por terra de costas, amarrotado como um homem de palha. Ela correu para Kevin. Ele estava estatelado no chão, as pernas dobradas desconjuntadas, o corpo imóvel. A boca aberta, frouxa, os olhos fixos, mas sem nada ver. O sangue esguichava por onde outrora fora o seu pomo-de-adão, jorrando no ar com cada pulsação, caindo de volta em sua face como uma fonte de líquido pastoso. A sua garganta emitia um som gorgolejante hediondo.

— Não! — Anne ouviu-se gritar sem saber exatamente por quê. Sangue quente salpicava o seu vestido, encharcando-lhe as mãos e braços. Era inútil telefonar para o 911. Um simples olhar para Kevin mostrava-lhe que ele estava morto.

— Está tudo certo agora — disse Gil, vezes e vezes seguidas, com as mãos no ombro dela.

Anne o ouvia como se estivesse a quilômetros de distância, e lágrimas que ela não poderia sequer tentar explicar escorriam por suas faces.

30

Na sala de reuniões da Roundhouse, luzes fluorescentes no teto formavam sombras de seriedade nas faces dos que estavam reunidos ali. Já tendo feito seu relato, Anne sentou-se entorpecida num banco lateral sem estofamento, seu vestido branco, agora com bolinhas — horripilantes crostas pequenas de sangue seco. Sentia pontadas nas costas, no lugar onde havia levado cinco pontos por conta da ferida a faca. No entanto, ficara tão desorientada no hospital que nem mesmo lavara as mãos. Justamente suas mãos, agora sobre o colo, estavam abertas, apartadas e manchadas de sangue.

Sentia-se aliviada por seu pesadelo com Kevin ter finalmente acabado, mas não podia conter o desejo de que não tivesse terminado com uma morte tão pavorosa. Os seus ombros relaxaram subitamente, por pura exaustão; ela se sentia drenada, esgotada. A cabeça doía tanto que não era capaz de começar a analisar o seu complexo nó de emoções. Ela sabia que estaria fazendo isso pelos próximos dias, se não pelos próximos anos.

Judy e Mary ficaram de pé, atrás da cadeira de Anne, como uma escolta do exército feminino vestida às pressas, os semblantes fechados e sombrios, mesmo com a guerra ganha. Um Matt com contusões postava-se, hesitante, junto a Anne, com um braço passado sobre os ombros dela, enquanto todos escutavam Gil terminar seu depoimento dado a um sério detetive Rafferty. O troncudo detetive, seu parceiro, ia cuidando da datilografia, no seu estilo *cata milho*, e todo mundo fingia que o comissário-assistente Parker, que se encostou na parede em seu uniforme enrugado e os braços escuros cruzados, costumava estar presente em situações como essas.

— Vi que ele tinha apanhado Anne — Gil relatava, sentado na cadeira de aço aparafusada ao chão. — E estava segurando a mão dela nas costas. Imaginei que ele tivesse uma arma ou uma faca. — Bennie estava atrás dele, a cabeça erguida enquanto escutava. Ela

representava Gil na investigação, já que Anne estava impedida, como testemunha dos disparos.

Viu que ele, datilografou o detetive *Cata-Milho* e o detetive Rafferty inclinou-se para a frente, os cotovelos apoiados nas pernas. Ele estava ainda de terno, mas a gravata tinha sido afrouxada, o nó fora do lugar.

— E como você sabia que era Satorno?

— Já falamos sobre isso — disse Gil, cansado. Sua jaqueta esporte de algodão listrado tinha sido rasgada, as lapelas estavam sujas do sangue de Kevin. Anne tinha quase certeza de que a polícia não acusaria Gil de coisa alguma, nem mesmo de homicídio involuntário, mesmo sem Bennie como defensora. Mas não podia garantir. Anne não queria ver Gil indiciado por ter salvado sua própria vida e a dela.

Bennie deu uns tapinhas de conforto no ombro do cliente.

— Você deve apenas repetir a resposta.

— Certo, vou dizer outra vez. Sabia que era Satorno porque tinha visto sua foto dele na TV e nos jornais.

— Você o reconheceu da foto dos arquivos policiais?

— Claro! Estava interessado no assunto. Ele tentou matar minha advogada, minha amiga. Quando divulgaram a foto, procurei reter na memória a fisionomia dele. Já tinha feito isso no caso de um maluco que ficava plantando bombas por aí e ferindo pessoas. Não sabiam disso?

— Entendo. — Rafferty cocou o queixo, agora irônico. — E por que estava ali nessa hora, sr. Martin?

— Onde?

— Na barraca dos Submarinos.

— Ora, eu estava num bar, longe dali, lá para baixo na Parkway. Bem para leste, acho. Era a Taverna Chase, certo? Festejando o feriado.

— Estava sozinho?

— Sim — replicou Gil. — Minha família estava em casa.

Anne observou que ele não estava disposto a revelar que Jamie o havia abandonado, mas, fosse como fosse, a polícia não tinha mesmo nada a ver com isso.

— Falou com alguma pessoa no bar que possa se lembrar de você, sr. Martin?

— Na verdade, não. Só com uma loura bebendo Cosmopolitans, mas não sei como ela se chama.

— Tentou cantá-la?

— E daí? — rebateu Gil, captando um olhar reprovador de Bennie.

— Talvez importe — respondeu Rafferty.

— Certo, foi isso mesmo. Tentei cantar a loura. — Gil ofereceu seus pulsos. — Pode me algemar por isso.

Afastada de lado, Anne estava começando a se surpreender com Gil. Catando uma loura na rua, logo depois de Jamie ter lhe dado o fora? Tentando agarrá-la? O caso com Beth? Em alguma hora, teria que aconselhar Gil a arrumar um psicanalista, mas isso só depois do caso Chipster.

— E o *barman*? — perguntou Rafferty.

— Eu não tentei cantá-la.

Rafferty não riu.

— Não sabia que se tratava de uma mulher. O que quis perguntar foi se a pessoa que atendia no bar poderia se lembrar de você.

— Acho que sim. O nome dela é Jill. Jill e Gil, é por isso que me lembro. Sim, nós conversamos. Ela deve se lembrar. Achamos graça da semelhança dos nomes.

— Então, o que aconteceu?

— Então, vi Anne na TV do bar, e ela disse onde estaria, na barraca dos Submarinos, por volta das nove horas. Daí, fui para lá. Quando cheguei, tinha tanta gente que logo vi que seria uma loucura sequer tentar encontrá-la, então fui embora. Mas, quando estava voltando para Center City, apenas por acaso a avistei. Ela estava de vestido branco e foi isso que atraiu meu olhar. Então compreendi o que estava acontecendo.

JILL E GILL, datilografou o detetive grandalhão, e Rafferty soltou um suspiro que tinha um repique de fim de expediente, depois se virou para Bennie.

— Sra. Rosato, é claro que terei que discutir este assunto com meus superiores, mas duvido que o sr. Martin vá ser acusado de

algum crime.

— É o desfecho mais certo, detetive — disse Bennie. Se estava preocupada, não demonstrava. Pôs a mão na cadeira de Gil. — O sr. Martin entende os perigos que envolvem os cidadãos comuns quando tentam salvar vidas, por mais bem-intencionados que sejam seus esforços. Não fará isso novamente. — Bennie agradeceu ao comissário-assistente Parker. — E o senhor, novamente, administrou esta matéria com profissionalismo e sensibilidade, e teremos muito prazer em comparecer à coletiva amanhã.

— Obrigado. Serão escoltados para que passem pela turba em fúria aí fora. Meu motorista e o motorista do comissário vão levar todos a suas casas. A entrevista será às 10, amanhã de manhã, aqui. O inspetor já estará de volta então.

— Estarei aqui. — Bennie relanceou o olhar para Anne. — A srta. Murphy não pode estar presente, ela tem um compromisso com o juiz.

— Eu sei, já li nos jornais — o comissário-assistente replicou, com um sorriso de simpatia para Anne. — Srta. Murphy, se precisar de um atestado médico para apresentar ao juiz, posso conseguir.

— Obrigada. — Anne tentou um sorriso e levantou-se de sua cadeira com os joelhos surpreendentemente bambos. O detetive Rafferty fitou-a nos olhos.

— Não está esquecendo nada, srta. Murphy? — perguntou ele e, após um segundo, Anne entendeu o que ele quis dizer. Ele mantinha a mão estendida com a palma para cima. — Pelo que sei, não tem permissão para porte de arma.

— Epa. — Anne levou a mão ao bolso, retirou a Beretta e entregou-a ao detetive. Ela imaginava que não precisaria mais dela, mesmo assim se sentiu algo insegura sem a arma.

Rafferty levantou uma sobrancelha.

— Desde quando garotas começaram a carregar Berettas nos bolsos de seus vestidos?

— Desde que deixaram as bolsas em casa — disse Anne, o que induziu o primeiro sorriso que ela vira do detetive. — Isso significa nenhuma acusação por porte ilegal de arma? Está me dando um refresco nisso?

— Estou, mas só porque você é irlandesa — respondeu Rafferty sorrindo.

Matt segurou seu braço gentilmente.

— Vamos sair daqui — disse e Anne o deixou guiá-la para a porta, juntamente com as outras, com um grande suspiro de alívio.

Finalmente, tudo terminado. Tudo mesmo. Não teria nunca mais de se preocupar, nunca mais teria que olhar por cima do ombro. Não precisava mais de sua arma. Kevin se fora, de verdade. Ela se sentiu trêmula, mas, finalmente, segura.

Lá embaixo, no saguão da Roundhouse coberto de painéis de madeira e molduras com vidro exibindo antigos carros de patrulha, todos se agruparam antes de partir.

Anne dirigiu-se primeiro para Gil, dando-lhe um abraço.

— Não sei como lhe agradecer por salvar minha vida — disse, surpresa por ver Gil um tanto confuso, também.

— Nem pense nisso. — Sua arrogância tinha desaparecido, substituída por um sorriso feliz genuíno. — Tive apenas a sorte de estar ali.

— Não, a sorte fui eu que tive.

A seguir, Anne se aproximou de Bennie, abraçando-a como a mãe que nunca teve.

— Muito obrigada a você por tudo — ela disse e Bennie retribuiu o abraço.

— Estou feliz por você estar em segurança.

— Sinto ter fugido de você.

— Não me faça lembrar. — Bennie levantou uma sobrancelha simulando-se ofendida. — E não diga a ninguém que caí nesse truque idiota de *olha-aí-atrás-de-você*!

Anne riu, Judy e Mary aderiram, com Mary lançando-se de braços abertos para abraçar Anne.

— O amor continua — disse Mary, dando em Anne um grande aperto. — Estou tão feliz por você, e tão feliz por estar bem.

— Mande um grande beijo para seus pais — disse Anne. — E diga que estarei lá para jantar no próximo domingo, e para devolver o meu colar de mau-olhado pessoalmente.

— Combinado! — disse Mary, abraçando-a novamente. — Fique com ele como refém, até que devolvam o seu gato.

Anne riu, já pronta para enxugar as lágrimas em seus olhos quando Judy lhe deu um abraço desses que acordam defuntos, recuando dois passos a seguir.

— Vejo que ainda está com seus brincos. — Judy sorriu, satisfeita.

— Claro que sim. Eu os adorei. — Anne sentiu-se absurdamente comovida por ter encontrado tão boas amigas como Mary, Bennie, e mesmo Judy, mas estava emocionada demais para dizer isso. Era algo que teria de deixar para depois, mas para muito breve.

Matt enlaçou um braço proprietário em volta da cintura de Anne, com um sorriso.

— Muito obrigado, Bennie. A todas vocês. Por todo esse carinho dispensado a ela.

Já Gil, à margem dos abraços, ficou só olhando de Anne para Matt e dele para ela novamente. Anne percebeu seu olhar duro, com um estalo de consciência. Ela tinha esquecido. Gil não sabia sobre ela e Matt. Oh, não. Sentiu-se mal, especialmente agora, depois do que ele tinha feito. Ela encarou o cliente.

— Sinto muito, Gil. Você não sabia de nada. É que eu e Matt começamos a namorar.

— Não, não sabia. — A boca de Gil estava apertada.

— Juro a você que não deixei isso interferir no caso. — Anne sentiu o rosto flamejar de embaraço. Sentia os olhos de Bennie sobre ela, escassamente solidários. Teria de fazer uma escolha, e agora. Pensou na escolha que Matt fizera, pouco antes, naquele mesmo dia. — Sinto muito. Se você quiser contratar outro advogado, fique à vontade. Você pode conseguir fácil um adiamento e, depois de tudo o que aconteceu nesta noite, não vai parecer estranho para os diretores da sua empresa.

Matt pigarreou.

— Gil, para que fique registrado, Anne não comprometeu sua representação da companhia, em nenhum momento.

Gil ignorou-o, mas encontrou um sorriso para Anne.

— Anne, eu não demitiria você agora, não depois do que passou neste caso, e sei que você não deixaria seu relacionamento pessoal afetá-la. Isto é negócio, e você ainda é a minha advogada.

— Obrigada, não vou decepcionar você — disse Anne, com um suspiro profundo. Ela perguntava a si mesma se a decisão de Gil estaria se baseando no que ele lhe contara sobre o CD, e ela não conseguia começar a se concentrar no que iria acontecer no julgamento do dia seguinte, não com o sangue ainda secando nas suas mãos. Era hora de recomeçar tudo. Anne se descobriu com uma ansiedade que há muito não sentia. — Quero ir para casa — ela se ouviu dizer, — Mas é a cena de um crime, ainda — contemporizou Mary. — Venha ficar comigo. Meus pais vão adorar recebê-la novamente, e o gato de Ana está lá. Você pode ficar lá até encontrar um novo lugar.

Bennie deu uma piscadela.

— Ou pode vir para a minha casa. Deixando o gato na casa de Mary. Posso preparar uma tigela de cereais para você.

Judy achou graça.

— A minha casa é o único lugar em que você não esteve. Não quer mudar de cenário?

Matt espremeu-a apertado.

— Anne, venha comigo para minha casa. Você não vai querer ficar na sua, não depois de tudo o que aconteceu lá.

Anne olhou para Matt e para as outras, ao redor dela, com as fisionomias refletindo preocupação e amor. O seu futuro estava começando, e todos ali faziam parte dele. No entanto, por mais gratidão que sentisse, sabia perfeitamente a que lugar pertencia.

— Muito obrigada, mas quero mesmo voltar para casa. Para meu lar, na Waltin Street.

E suas palavras combinaram exatamente com seus pensamentos, pelo menos uma vez na vida.

31

Não havia passado nem uma hora e, trazida por um carro-patrulha veloz, Anne já estava em casa, vestida de jeans, um top cor-de-rosa e luvas plásticas amarelas, arrancando o carpete manchado de uma parede a outra do corredor do hall da frente. Ela deveria estar dormindo ou preparando o seu argumento de abertura, mas não conseguiu fazer nem uma coisa nem outra. O carpete tinha um forte cheiro de sangue e dor, e ela o queria fora de sua casa. Já tinha conseguido soltar três lados dele, faltava somente o último, o canto direito da frente. Ela rangeu os dentes, fechou os olhos, e puxou com mais força, e o tapete de repente se desprendeu, lançando-a para trás, sobre seu traseiro.

— Opa! — gemeu ela, batendo no chão. Os ombros e as costas davam pontadas, a cabeça doía, mas ela se pôs de pé, arrastou o carpete para a sala de estar, e o estendeu.

Tentou não olhar para as manchas de sangue, para não recomeçar a chorar. Já tinha chorado no chuveiro, logo que entrou em casa, então depois procurou reagir, pondo-se a trabalhar.

Ela ficou de joelhos e enrolou o carpete, depois abriu um saco plástico preto, tirado de uma caixa de cor laranja, sobre a mesa de café, e meteu o tapete dentro. Ergueu o saco, já se dispondo a levá-lo para fora e deixá-lo no meio-fio para ser recolhido, mas se deteve. Isto seria uma falta de respeito. Aquilo não era lixo. Tinha o sangue de Willa ali. Sentiu a importância do que carregava nos braços, como se fosse um corpo humano. Sem saber exatamente por que, colocou o saco com o tapete no chão.

Engoliu o nó que sentia na garganta, ficou com as mãos nos quadris e inspecionou o hall de entrada, agora iluminado pela luminária pendurada do teto. Havia restos de sangue, ressecados como pedaços de bolo amarronzado, na parede e na porta. Os rodapés estavam manchados, assim como a fina placa de madeira que bordejava o assoalho e na qual o carpete fora afixado, mas não havia manchas na madeira maciça do assoalho. O plano B era lavar e pintar as paredes do saguão de entrada. Não podia deixá-los

assim, nem mesmo por uma noite. Limpar o hall de entrada seria uma tarefa horripilante, mas tinha de ser feita. Por Willa. E era catártico, já a estava fazendo sentir-se melhor, dando um final àquela parte horrenda de sua vida. Anne sentiu um fôlego renovado brotando-lhe no íntimo, e suspeitou que fosse uma bênção dos céus.

Foi até a cozinha e apanhou uma luva plástica comprida o suficiente para pegar uma mão cheia de Captain Crunch, seus cereais em flocos preferidos, enquanto enchia o balde azul no tanque com uma infusão de Lisol, desinfetante à base de pinho, limpa-tudo e água quente. Um chiado efervescente desprendeu-se da água que subia, até que uma espuma espessa e cor-de-rosa ficou flutuando na superfície e ela fechou a torneira, ergueu o balde e retornou à sala de estar, ligando o rádio estéreo, na passagem, numa estação de música clássica. Combinaria com a sua disposição de ânimo e com a tarefa que tinha pela frente.

Uma solitária guitarra espanhola surgiu, em som acústico. Os pensamentos de Anne foram para o seu pai, o guitarrista que ela jamais conhecera, depois para a sua mãe. Ela se perguntou, sem nenhum objetivo definido, quando a veria outra vez, se é que chegaria a vê-la novamente, mas suprimiu a diminuta pontada em seu peito.

O apelo na TV até a fizera hesitar, momentaneamente, no entanto o seu passado estava terminado. Ela tinha de seguir em frente, e viver a sua vida. E era tempo de recomeçar a começar de novo. Ela espalhou água no hall de entrada com o balde pesado.

A seguir, depositou o balde no chão e deixou a música da guitarra acalmá-la, enquanto se punha de joelhos e apanhava a esponja soltando vapor. Quando se encurvou, o pequeno amuleto italiano saltou do seu colo balançando no cordão de ouro da sra. DiNunzio. Ela afastou o colar com um sorriso e começou a limpar a parede. O sangue seco não tardou a ficar vermelho novamente, assim que entrou em contato com a esponja quente, desprendendo um cheiro carnal forte. O estômago de Anne revirou, mas ela continuou limpando, lavando o chão das manchas, eliminando uma a uma, pensando em Willa, e piscando para afugentar as inevitáveis lágrimas. Anne tinha consumido três baldes cheios de água com a

mistura de limpadores, uma garrafa de Lisol, e vários lenços de papel quando a campainha da porta tocou.

Anne parou, com uma imobilidade sobressaltada. Seu coração rodopiou no peito. A última vez que aquela campainha tocara, um assassino estava na porta. O tilintar ecoou através do apartamento, que estava todo silencioso, a não ser pela guitarra tocando. Ela disse para si mesma que estava sendo tola. Não havia mais nada do que ter medo, nunca mais. Kevin estava morto, ela o tinha visto ser morto com os seus próprios olhos, e a visão, embora não lhe tivesse trazido nenhuma satisfação, pelo menos trouxe-lhe segurança. Correto?

A campainha da porta tocou outra vez, e Anne deixou a esponja cair dentro da água, levantando-se para espiar pelo olho mágico. Era Matt! Estava tudo bem. Ela realmente estava em segurança.

Ela puxou fora a corrente do fecho, já se apressando, e abriu a porta para uma quente noite de verão. Matt estava parado na varanda, com uma camiseta preta Dave Mathews, jeans e um sorriso, e segurava a sua maleta, exibindo-a achatada como uma bandeja. Nela, ele equilibrava uma garrafa de merlot e dois copos de vinho. Anne não pôde evitar de sentir-se feliz por vê-lo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou.

— Não consegui dormir e sabia que você também não. Você disse que ia recomeçar tudo mais uma vez, e assim eu lhe trouxe um presente para celebrar sua casa nova.

— Matt retirou a garrafa de vinho da maleta e deu em Anne um rápido beijo nos lábios, logo seguido de um outro beijo, mais profundo, abrasador, ao qual ela não resistiu, ainda que as suas luvas estivessem pingando espuma de sabão.

— Uau! Entre — ela disse e fechou a porta atrás dele, no instante em que Matt atravessava o limiar e, na ponta dos pés, admirado, caminhava pelo chão molhado.

— Você está fazendo faxina? — Ele estremeceu quase imperceptivelmente, ao sorrir, uma vez que o inchaço no seu rosto havia diminuído.

— Isso mesmo, cara. Acabei de lavar tudo. — Anne avaliou o seu trabalho braçal, mas não podia deixar de reconhecer que

manchas escuras persistiam em vários pontos da parede branca. — Com duas mãos de tinta, voltará ao normal.

— Claro que sim. — Matt colocou as garrafas de vinho no chão, um pouco afastado do saguão da entrada, depois apanhou um saca-rolhas do bolso de trás e sentou-se no chão. — Não posso acreditar que você esteja fazendo um serviço desses. Podia ter contratado uma empresa ou algo assim. Achei que você estivesse se preparando para o julgamento, planejando como vai dar um pé na bunda daquela gente.

— Não, isso é mais importante. — Anne livrou-se de suas luvas molhadas e dobrou-as sobre a borda do balde.

— O quê? O que foi que aconteceu com aquela garota que era capaz de fazer qualquer coisa para vencer. Incluindo contratar um stripper, lembra? — Matt riu enquanto retirava o selo de metal que envolvia a extremidade da garrafa do merlot, em seguida inseriu o saca-rolhas e extraiu a cortiça com um festivo *pockt*! — Não vá me dizer que você mudou.

Anne pensou um momento.

— Droga, não, não mudei!

— Deus seja louvado. — Matt sorriu e passou-lhe um copo de vinho vazio. Serviu a ambos um pouco do merlot, depois colocou a garrafa no chão e ergueu o seu copo para um brinde. — A você, e por permanecer a mesma. Para sempre.

Anne ergueu o seu copo.

— E a você...

Trim-trim. Era o inconfundível tilintar do celular, e ambos por reflexo levaram as mãos às cintura, só que Anne havia deixado o celular na bolsa, na sala de estar. Matt retirou o seu.

— Mas que droga — ele disse. — Logo quando você ia dizer que eu sou o maior.

— Você faria isto melhor — ela disse, enquanto ele abria o celular e respondia. Ela notou os seus olhos azuis brilharem.

— Oh, verdade? Certo. Relaxe. Entendo, vamos conversar. Vou já para aí — ele disse, depois desligou o telefone nervosamente. — Era Bill Dietz.

— O sr. Descontrolado! — Anne sorveu um gole do seu vinho, A lembrança de Dietz matou seu bom humor e ela tomou um gole

maior.

— O que ele está querendo?

— Ele quer me ver. Disse que era importante. Acho que está pretendendo me contratar de volta. — Matt tomou sofregamente um trago do seu vinho e já estava se levantando.

Anne sentiu-se feliz por ele. Mais ou menos.

— Dietz agrediu a nós dois. Por que você gosta tanto dele?

Matt olhou-a em conflito.

— Ele acabou de me dizer que sente muito por tê-la empurrado. Ele perdeu a cabeça, foi só.

— Ah, isso acerta tudo. — Anne sorveu um gole de merlot. Tinha um gosto horrível. Não conseguia se lembrar da última vez que comera alguma coisa e estava começando a não ligar para isso.

— Sinto muito abandonar você. Tenho que ir embora para casa.

— A gente se vê. Não queria estar no seu lugar — disse Anne, tomando um gole final, esvaziando o copo. — Se você se tornar o advogado da parte contrária novamente, então vamos nos separar até que o julgamento termine. Sou uma morena agora e elas não são tão liberadas quanto as ruivas.

— Ah, tudo bem. Seja como quiser. — Matt inclinou-se e deu-lhe um apressado beijo de despedida. — Você vai ficar bem? Está me parecendo muito bem.

— Estou mais do que bem. — Anne serviu-se de mais um copo de merlot e hasteou a garrafa, parodiando uma Lucy Ricardo embriagada.

— A resposta a todos os meus problemas é esta boa e velha garrafa.

— *Vitametavegamin*! — disse Matt sorrindo, e Anne não pôde acreditar nos seus ouvidos.

— Você conhece Vita Metavegamin — perguntou ela, estarrecida. Lucy faz um comercial de tevê} Do episódio 30, 5 de maio de 1952?

Matt riu.

— Não sei as datas, mas conheço os episódios. *A fábrica de chocolate, amassando uvas, batendo ovos, os pintinhos, Teensy e Weensy*, pode dizer qualquer um que sei. Minha mãe era viciada em Lucy também.

— Acho que estou amando — disse Anne, sinceramente, e Matt lhe mandou mais um breve beijo, antes de abrir a porta e sair apressadamente, deixando-a com uma garrafa de merlot, um balde com espuma de sabão e uma ponta de esperança.

Ela se levantou, recolocou a corrente e tratou de juntar as luvas, esponja e balde, aprontando-se para a pintura. Estava trabalhando havia apenas cinco minutos quando a campainha da porta tocou outra vez. Rá! Matt deve ter esquecido alguma coisa. Talvez o resto do seu brinde? Talvez querendo outro beijo. Bem distante e desgarrada, uma bomba explodiu, *crak*! Já acontecera várias vezes desde que chegara em casa.

— Já estou indo, Matt! — ela avisou em voz alta, levantando-se para atender à porta. Desprendeu a corrente da fechadura sem espiar pelo olho mágico, desta vez porque tinha certeza de que era Matt.

Quando abriu a porta, porém, viu que não era Matt.

32

Parada nos degraus da frente estava Beth Dietz, e ela dava a impressão de que estivera chorando.

— Posso... entrar? — Soluços estrangulavam a sua voz e ela estava trêmula, vestida de short e blusa camponesa. — Bill e eu tivemos uma grande briga por causa daquele lunático, o Kevin. Soube pelos noticiários que ele tinha morrido.

— Entre, por favor. Podemos conversar sobre isso. — Anne, instantaneamente, sentiu-se péssima e pôs Beth para dentro, fechando a porta por trás dela e trancando, já por reflexo, a corrente da fechadura. Só que, quando se virou, Beth havia parado de chorar e apontava para ela uma arma preta.

Meu Deus. Levou um segundo para Anne acreditar na cena. Depois abriu a boca para gritar...

— Feche essa sua boca de merda!

Beth já estava enfiando a arma no peito de Anne e jogando-a de costas contra a porta. A arma estava fria e dura. O cano enfiado no seu esterno, deixando-a ofegante.

— O que você está fazendo, Beth? — perguntou Anne, enrouquecida, tentando não parecer em pânico. Os joelhos falharam. Ela mal podia olhar, por cima da arma mortal, para os olhos de Beth, vermelhos de tantas lágrimas desperdiçadas.

— Quando você começou a trepar com Gil, Anne? Quero saber!

— Beth, por favor, baixe essa arma. — A língua de Anne ainda guardava o gosto do vinho, no entanto os seus efeitos já haviam desaparecido.

— Se está querendo falar a respeito de alguma coisa, podemos conversar à vontade, mas não com uma arma...

— Não se atreva a me dizer o que devo fazer! — berrou Beth, com manchas pipocando em sua pele clara. O cabelo louro desfeito, os lábios trêmulos de ódio. — Me diga quando você começou a trepar com o Gil. Era você que ele queria, sempre foi!

— Não, nunca. — Anne sacudia a cabeça incrédula. Ela teve um lampejo da cena na sala de reuniões, com Gil embriagado.

Depois o chamado do telefone celular daquela noite. — Nunca senti nada por Gil. Nunca fiz nada...

— Mentirosa! — gritou Beth. — Ele costumava falar em você o tempo todo e, quando nós rompemos e entrei com a ação judicial, ele foi correndo contratar você!

A arma perfurando Anne fazia-a sufocar de medo.

— Não, por favor — As lágrimas inundavam os olhos de Anne. Ela imaginava a bala rasgando-a por dentro, rompendo carne e coração. Visualizou o seu hall de entrada encharcado de sangue. Sabia perfeitamente com que aspecto ficaria. Ela seria morta a tiros no seu hall de entrada. O horror tinha se tornado um ciclo completo.

— Eu o amava e você o tomou de mim! — gritava Beth, a fisionomia contorcida pela fúria, cuspindo no rosto de Anne. — Ele não significava nada para você! Eu ia deixar o Bill para ficar com ele, mas era você que ele queria! E você já estava com o Matt! Bill é que tinha razão, você não passa de uma prostituta!

Anne lutou para recuperar o controle sobre si mesma. Tinha de reagir, fazer alguma coisa. Tentou raciocinar.

— Vim para cá sexta-feira passada, à noite — disse Beth, com a voz frouxa. — Queria matar você pelo que tinha feito a mim. E foi o que fiz. Eu matei você! Mas, de repente, não era você na porta! E agora Gil salvou a sua vida, vi isso na TV! Agora ele está mais apaixonado por você do que nunca!

O cérebro de Anne sofreu um solavanco com a revelação. Não fora Kevin o assassino. Fora Beth quem havia matado Willa. Os seus pensamentos viraram um turbilhão.

Kevin devia estar vigiando a casa de Anne naquela noite. Ele vira Beth atirar em Willa e pensou que ela tinha atirado em Anne. Ele deve ter se aproximado, apanhado a arma do crime, em estado de choque, e depois deixou-a cair. Meu Deus. Foi Beth. Foi Beth!

— Desta vez você vai ficar morta — disse Beth, com tranquilidade. — *Bye-bye*. — Ela levantou a arma e mirou à queima-roupa entre os olhos de Anne.

— Não! — gritou Anne e jogou os braços para cima da arma. *Crac*! A arma explodiu numa detonação ensurdecedora.

— Sua puta! — rugiu Beth, enraivecida.

— Socorro! — gritou Anne e empurrou Beth para o chão, passando por ela feito uma flecha na direção da escada. Subiu os degraus de dois em dois enquanto a arma disparava uma segunda vez. *Crac*!

— Socorro! Alguém! Por favor! — Anne gritava, zunindo para cima. Mas estava indo para onde? O que faria? Não tinha nenhuma arma, havia entregue a sua. Haveria tempo de discar para o 911? Ela tinha um telefone no quarto de dormir. Chegou até a plataforma do segundo andar com Beth subindo correndo os degraus logo atrás dela.

Lançou-se através da plataforma do alto da escada, procurando chegar ao quarto de dormir e acender a luz antes que Beth pudesse disparar outro tiro.

— Socorro! — gritou Anne, mas ninguém aparecia. Onde estavam os vizinhos? O sr. Berman? O sr. Monterosso? Todos eles?

Ela se arremessou corredor abaixo, enfiando-se dentro do seu quarto. Voou para a escrivaninha atrás do telefone mas já era tarde demais. Beth descia o corredor também, avançando para o quarto de dormir. Anne pegou seu pesado laptop da escrivaninha, girou nos calcanhares, e lançou-o na cara de Beth. O impacto produziu um sonoro *Tuaad*, depois o aparelho rolou para o tapete.

— *Pam*! — A mão de Beth voou para o seu nariz. *Crac*! A arma detonou com um som abafado. A chama flamejou da boca do cano. Anne sentiu o calor de uma bala rente ao seu rosto. O pensamento a aterrorizou. Beth se curvou, a mão em taça no nariz. O sangue brotando através dos seus dedos.

Anne escapou do quarto em desespero, gritando, querendo alcançar as escadas e a seguir a porta da rua. Mas Beth veio em seu encalço, pisando forte nos degraus da escada.

Anne correu para a porta. Não iria conseguir alcançá-la a tempo. Seria baleada, tentando soltar a corrente. Tinha que lutar. Procurou em volta, freneticamente. O carpete enrolado dentro do saco de lixo. Perfeito!

Ela arremessou o carpete, da posição em que estava na sala de estar, projetando-o como um morcego contra a cintura de Beth, assim que ela entrou, já apontando a arma. O tapete a atingiu com

toda força. Ela se dobrou, soltando a arma, que foi parar no carpete da sala de estar. Anne deu um mergulho para apanhá-la.

Ela já estava com a arma apontada quando Beth se refez, o nariz sangrando profusamente e ainda bufando furiosa.

— Você não vai atirar em mim! — gritou Beth, cuspindo sangue.

Anne viu-se tremendo de ódio. Ela não conseguira atirar em Kevin, mas porque não conseguiu mira livre para um tiro seguro. Agora, era exatamente o que tinha ali.

Baixou a vista para o cano do revólver, um velho Colt. Nenhuma trava. Pronto para atirar.

Anne sentiu-se invadida por um surto de adrenalina. Ela podia matar Beth. Ela devia matá-la. Tinha mesmo que estourar o rosto dela. E na hora começou a parecer uma excelente ideia. O melhor Plano B que tivera na vida. Nenhum episódio de Lucy para dar cobertura ao momento, ali. Era a vida real. Ela apontou mais para baixo, mirando entre os olhos azuis de Beth.

Anne refletiu sobre tudo que Beth a havia feito passar. Tinha tentado matá-la, e a teria mesmo matado. Tinha matado Willa. E era por isso, na certa, que Kevin a andava espionando, não porque estivesse apaixonado por ela, mas porque sabia que fora ela quem matara Anne. E pensou em Willa, no seu assassinato ainda não vingado, no seu sangue vivo manchando as paredes.

Anne olhou entorpecida para o revólver em suas mãos. Depois seu olhar foi atraído por algo mais. O talismã italiano, cintilando em volta do seu pescoço, para fora do top. Aquilo a fez lembrar da sra. DiNunzio. A fragrância da sua pequenina cozinha. A máquina de fazer café fresco, feito no fogão.

Lembrou-lhe também de amizade, família e amor.

Os dedos de Anne apertaram a arma fumegante.

E ela fez sua escolha.

33

O dia 5 de julho, uma manhã de terça-feira, iniciou-se com céu claro, ar frio, a temperatura flutuando em torno de civilizados 21 graus, sem qualquer umidade. O céu de Filadélfia exibia uma claridade azul cristalina, realçando o contorno metálico da linha nervosa de prédios, no horizonte urbano. O sol ainda estava baixo, retendo-se por trás dos arranha-céus, algo sonolento depois de um feriado agitado com cartolas de Tio Sam e sapatos plataforma.

A cidade estava voltando à normalidade, as energias coletivamente recarregadas. Os ônibus fechados brancos descendo a toda as ruas que ainda no dia anterior estavam fechadas para o tráfego. Funcionários do distrito comercial da cidade, trajando suas camisas verdes, fisgavam com seus espetos copos e sacos de papel das sarjetas.

Nas fachadas dos edifícios, todos enrolavam ruidosamente para cima suas grades de segurança, fazendo-as deslizar em trilhos untados de óleo. As pessoas passavam, um pouco atrasadas, indo para o trabalho, usando camisas limpas e com a pele tostada, conduzindo maletas que não tinham aberto durante todo o fim de semana. Muitas delas, como Anne, levavam o jornal dobrado debaixo do braço.

FOGOS DE ARTIFÍCIO NO 4 DE JULHO dizia a manchete do *Daily News*, em edição especial. Anne teria preferido CASO ENCERRADO, já que o caso Chipster não iria adiante. Matt estava no Tribunal de Justiça preenchendo um pedido de retratação. Seria bem difícil manter um processo judicial com o queixoso sob custódia por homicídio em primeiro grau.

Anne caminhava com a cabeça bem levantada, em seus Blahniks marrons. Vestia um conjunto de linho creme e camiseta branca de *stretch*. Sentia-se quase voltando ao normal, exceto que o normal agora significava a ausência dos óculos escuros, nenhum batom e uma cicatriz. E ela estava atrasada para o trabalho porque teve que mandar tingir o cabelo, devolvendo-o à cor natural. Nota

mental: *A vida é curta demais para ser outra coisa que não uma ruiva*.

Mantinha passadas fortes e ágeis, transpondo o último quarteirão para chegar ao trabalho, já descendo a Locust. Parte dessa felicidade vinha das suas roupas, mas acima de tudo do despontar de uma nova ideia. Bastava pensar no assunto para se alegrar, mesmo ao precisar flutuar por um mar de câmeras, repórteres e vans da imprensa do lado de fora do edifício do seu escritório. Tiras uniformizados, oito deles, tentando evitar que a imprensa bloqueasse o tráfego, e Anne sorriu pela ironia da cena. Eram mais policiais do que ela havia visto durante todo o final de semana.

Um repórter na periferia da multidão reconheceu-a antes dos demais e saiu correndo na sua direção.

— Srta. Murphy, como foi que pegou a assassina? Qual foi o motivo de Beth Dietz fazer aquilo? Queremos exclusividade!

Outros repórteres começaram a se juntar a sua volta, e as lentes das câmeras giraram todas na direção de Anne.

— Srta. Murphy! Anne! Aqui!

Todos começaram a chamá-la ao mesmo tempo, esvoaçando em torno dela, cercando-a como uma turba.

Anne brandiu seu *Daily News* dobrado e enfrentou todos eles:

— Sem comentários! — ela disse, tentando, afastá-los. — Não tenho nenhum comentário!

Começou a empurrá-los para conseguir passar, acuada pelos cliques em sequência rápida dos motores das máquinas fotográficas e pelo zumbido das câmeras de vídeo, mas seu caminho foi bloqueado por um repórter de TV, quando então uma mão robusta passou contornando o corpo do repórter e ofereceu ajuda a Anne. Ela levantou os olhos, agradecida, e no outro extremo do braço estava Herb, *O Gostosão*, inteiramente uniformizado.

— Fora, todos! Saiam da frente! — gritou Herb, entrando na multidão e escoltando Anne até a entrada do edifício, onde ele a fez passar à sua frente para atravessar a porta giratória. A seguir, a acompanhou para dentro do saguão, rindo e enxugando a testa com um lenço dobrado. — Puxa! Aqueles caras são uns doidos!

— Muito obrigada por me salvar — disse Anne, sinceramente. Ela estava muito bem-humorada, feliz até mesmo ao ver que Herb, *O Gostosão*, estava sorrindo para ela mais por contentamento do que por luxúria, pelo menos uma vez na vida.

— Então, *Cabeça-de-Cenoura*, era você, aquela nova garota?

— Era sim, e sinto muito. Não queria ter mentido para você.

— Está brincando? — Herb acenou com a mão, soltando uma risadinha, enquanto a acompanhava ao elevador, que estava parado no andar térreo. — Estou feliz por saber que você está viva. Gosto muito de você, garota. — Sua voz parecia sincera, quase paternal.

Anne entrou na cabine do elevador e apertou o botão.

— Obrigada, estou lisonjeada — disse e as portas do elevador deslizaram, fechando-se, levando-a para cima.



Mal as portas do elevador se abriram e já a recepcionista punha-se em pé com um pulo e ia abraçar Anne. Todas as outras secretárias e assistentes paralegais reuniram-se em torno dela.

— Você está viva! Você está mesmo viva! — exclamaram em coro, e Anne, que com grande alegria ia se acostumando a ter amigas, já sabia exatamente o que fazer: retribuir o abraço, deixar-se encantar, depois ir fazer compras.

Quando a recepcionista a soltou, seus olhos chorosos pareciam preocupados.

— Anne, Bennie quer ver você. Ela tem um caso novo. Está na C.

— Um caso novo? Não, você está brincando! — Anne olhou desanimada para a porta fechada da sala de reuniões, saindo da área de recepção. — Mas eu não quero trabalhar, só quero abraçar e abraçar.

A recepcionista franziu a testa.

— É melhor você entrar. Judy e Mary estão lá, também, esperando você. O novo cliente está na sala de reunião D. É alguma

coisa importante.

— O trabalho de advogado nunca termina — ela disse, com um suspiro. Então, despediu-se das novas amigas, dirigiu-se para a sala de reuniões e abriu a porta.

Bennie, Mary e Judy estavam sentadas em volta da mesa de reunião polida, tendo à frente o habitual bloco de notas legais, todos novos em folha, e copos de isopor com café fresco. Anne tinha-as visto apenas algumas horas antes, na Roundhouse, quando Beth fora presa, mas pareciam tão animadas quanto ela, já concentradas e investidas na postura profissional. Bennie estava com seu costume caqui, Judy vestia camiseta e macacão azul de algodão, e Mary, uma blusa de seda com tailleur azul-marinho Talbot, o cabelo arrumado em estilo francês.

— Você jura que está querendo que eu já comece a trabalhar? — perguntou Anne e Bennie sorriu amavelmente, aproximando-se dela.

— Bom dia — ela disse, abraçando Anne brevemente. — Conseguiu descansar um pouco?

— Umas duas horas, sim. Mel mandou lembranças.

— Ah, sinto tanta falta dele... — Bennie sorriu, e Mary e Judy se aproximaram trocando abraços, mas o ambiente continuava tenso, a despeito do carinho e da intimidade do grupo. Bennie obviamente tinha suas prioridades ali, e Anne, idem.

— Antes de começar, quero expor uma ideia — ela disse. — Posso falar primeiro? Isso não pode esperar.

Bennie hesitou.

— Certo, o que é?

— Sentem-se, todas. Principalmente você, Bennie. Vai precisar estar sentada, para ouvir. Olhem só... — Anne começou, enquanto as três mulheres tomavam seus lugares.

— Bem, me lembro de ter escutado no rádio, certo dia, quando todas vocês achavam que eu estava morta, que vocês estavam oferecendo uma recompensa a quem quer que encontrasse meu assassino...

— É verdade.

— A firma estava oferecendo cinquenta mil dólares.

— Sim, está certo.

— Bem, como vocês sabem, eu encontrei meu assassino, Beth Dietz, e, na noite passada, entreguei-a às autoridades, e ela foi presa.

— Sendo assim, você está querendo dizer o quê? — perguntou Bennie, e Mary e Judy olharam para Anne, igualmente confusas.

— Quero a recompensa. Quero doá-la a um grupo de vítimas do crime, em nome de Willa. Acho que o donativo seria uma bela homenagem a ela, e faria um bem enorme a outras pessoas. Quem sabe, evitaria alguns Kevin do mundo.

Bennie assentiu com a cabeça.

— Muito justo. Negócio fechado. É uma boa ideia.

— Você não vai brigar comigo?

— Não.

— É muito dinheiro.

— Claro que é.

— Vai sair do seu bolso.

— Isso está entendido. — Os olhos de Bennie se entristeceram. — Talvez você não tenha pensado nisso, mas pode também querer usar parte do dinheiro para as despesas de sepultamento e coisas assim, da Willa.

— Não, obrigada. — A garganta de Anne contraiu-se subitamente. — Eu já tinha decidido... vou fazer isso por minha conta e organizar uma cerimônia póstuma em homenagem a ela. Seria muita gentileza de vocês se todas pudessem comparecer.

— Estaremos lá — disse Bennie imediatamente. Judy confirmou.

— Certamente, vamos todas.

— E vamos ajudar com os preparativos — disse Mary.

— Obrigada. — Anne bateu levemente na mesa, para dispersar a sua tristeza e tornar-se pronta para voltar ao trabalho. — Agora, o que vem a seguir? Ouvi dizer que temos um cliente aguardando.

— Isso mesmo. Sei que você adoraria relaxar, mas isso não pode esperar. — Bennie levantou-se da cabeceira da mesa e pigarreou. — Temos um novo cliente com um problema. Um enorme problema.

— Assassinato? — perguntou Anne, mas Bennie levantou a mão como um guarda de trânsito.

— Não tão grave assim, mas bem perto.

— Civil ou criminal?

— Civil. — Bennie inclinou a cabeça. — E tenho de lhe dizer que este cliente é responsável. Absolutamente responsável. Em outras palavras, culpado. Muito.

Anne suspirou fundo.

— Por que nós nunca pegamos os casos mais fáceis?

— Somos espertas demais para pegar casos fáceis.

— E somos as mais gostosas usando sapatos plataforma — acrescentou Mary.

— Você, talvez. — Judy franziu o cenho. Bennie fez um gesto, exigindo silêncio.

— Agora, voltando ao caso, nosso cliente é culpado, mas a transgressão ocorreu há muito tempo. Deve haver uma linha de defesa lá para trás, em algum lugar.

— O estatuto cobre? — perguntou Anne, querendo se referir ao estatuto de limitações, e perguntando em que jurisdição o cliente morava e o que ele fez de errado.

— Não neste caso, mas há muitos fatos interessantes. Alguns, você deve conhecer e devem ser trazidos à luz.

Anne não entendeu.

— O que foi que ele fez?

— Você vai ter que se inteirar dos fatos. Investigar e compreender tudo sobre a situação. Você sabe como preparar um caso. O cliente está esperando você na D.

— É meu cliente?

— Quase sem sombra de dúvida. Você não poderia lidar com este caso antes, mas agora já pode. Acho que, depois de tudo pelo que passou, adquiriu a experiência, a maturidade e agora a perspectiva. As coisas vêm a nós quando estamos prontas, algumas vezes. Tire os próximos dias de folga e empregue o tempo neste assunto.

— Jura? — Anne levantou-se, pegando um bloco de apontamentos em branco do centro da mesa. — Algo como umas férias do trabalho?

— Exatamente isso. — Bennie sorriu. — E sabe aquele lugar que você alugou lá na praia, para se preparar para o Chipster? Eu o

aluguei para você. É seu durante toda esta semana, e estamos levando Matt para lá no fim de semana. Está tudo organizado. Um fim de semana romântico, apenas nós cinco.

— Jura? — Anne guinchou e Bennie riu.

— Juro. A propósito, você já lidou antes com alguém que fosse culpado?

— Gil. Mais ou menos. Eu odiei.

— Bem, aqui está como se faz. Os clientes nos procuram sendo do jeito que eles são e não nos damos ao luxo de escolhê-los. São mais ou menos como nossa família. Então, quando você encontrar o novo cliente, não julgue, apenas escute. Entendeu?

— Sim.

— Você pode fazer perguntas, e pode, é claro, duvidar, mas não pode julgar. Os advogados não têm que julgar. Somente os juízes devem julgar. Entendeu? Agora, apronte-se para reunião!

— Muitíssimo obrigada, Bennie. — Anne rodeou a mesa para dar-lhe outro abraço, depois voltou para a porta e abriu-a. — Vou passar pelo seu escritório depois que tiver terminado.

— Faça isso — Bennie estava dizendo quando a porta se fechou.



Anne apressou-se a atravessar a área de recepção, encaminhou-se para a sala de reunião D e abriu a porta. Ali, parecendo muito pequena, no outro extremo da mesa, achava-se sentada sua mãe.

O seu cabelo preto tingido tinha sido puxado para trás e ela trajava um vestido azul simples, com apenas uma discreta pincelada de batom neutro. Ela se contorcia ligeiramente na cadeira, descansando uma das mãos manicuradas sobre a mesa, e suas pálpebras tremiam como se estivesse envergonhada.

E era para estar mesmo!, pensou Anne, surpresa ao ponto de não saber o que dizer.

— Vim aqui esta manhã para ver você — disse sua mãe. A sua voz estava hesitante e o seu sotaque britânico tinha desaparecido. — Só que a sua chefe, Bennie, me pediu para esperar aqui dentro. Ela disse que, se falasse com você primeiro, talvez você concordasse em me ver. Ela é muito bondosa.

— Você não a conhece. — Anne desejou torcer o pescoço de Bennie, até que se lembrou das suas palavras. Não julgue, apenas escute.

— Eu estava esperando... talvez... poder conversar com você, antes de voltar para Los Angeles. Não espero nada de você. Apenas queria que pudéssemos conversar, uma última vez. E para começar queria que você soubesse que estou me mantendo sóbria há cinco meses e dez dias, contando hoje. Já arranjei até um emprego no centro. Um emprego de verdade, que paga bem. Os clientes nos procuram sendo do jeito que eles são e não nos damos ao luxo de escolhê-los.

— Se você quiser, partirei agora mesmo — ela continuou. — Comprei uma passagem para o próximo voo. Para as três desta tarde. Você não poderia lidar com este caso antes, mas agora já pode.

— É só que eu não queria partir sem dizer adeus. E olá.

Anne sentiu alguma coisa vindo, livre, de dentro do peito. Uma coisa que vinha prendendo, embora incapaz ainda de reconhecer isso. Ela se lembrou da sra. Brown, sozinha, com suas palavras cruzadas, e da sra. DiNunzio, rodeada por sua família e por pratos saborosos. Anne sabia que havia uma conexão entre as coisas, mas estava tocada demais para poder decifrá-la naquele momento. Ela se viu afundando numa cadeira e, automaticamente, colocando o bloco de apontamentos legais, à sua frente, sobre a mesa de reuniões, exatamente como faria numa reunião com qualquer cliente novo.

— Então, podemos conversar um pouco? — perguntou sua mãe.

— Podemos — respondeu Anne. Ela acomodou-se na cadeira, pronta para escutar. Afinal de contas, estava tentando começar tudo de novo. Talvez fosse um bom jeito de começar. Do princípio. Outra vez.

— Por favor, comece do princípio — disse ela.
E, assim, elas começaram.

FIM

Agradecimentos

Não existem regras para escrever agradecimentos, e a minha pesquisa particular me informou que cada autor faz isso de uma maneira diferente. Como acho que agradecimentos são um muito obrigado especial, neste espaço o que tenho feito é agradecer aos meus leitores. Mas cheguei à conclusão de que os meus leitores deveriam merecer o muito obrigado mais importante, a dedicatória. Assim, aqui está: *Courting Trouble* é dedicado aos meus leitores pelo apoio e lealdade que me têm devotado, por comparecer em sessões de autógrafos dos meus livros, quando hoje em dia há tantas outras demandas a exigir seu tempo, e por me enviarem bilhetes e e-mails, oferecendo sugestões, estímulo e mesmo, ocasionalmente, críticas. Os livros são o que nos ligam, e o meu leitor encontra-se no meu pensamento quando escrevo cada frase, cada palavra.

Meus leitores sabem disso, e retribuem isto aos milhares. Por isso, o mais profundo dos meus agradecimentos vão para você, querido leitor. Por sua dedicação, eu ofereço a minha. Na primeira página e em todas as seguintes, até a última.

Obrigada à gangue maravilhosa da HarperCollins — à grande Jane Friedman, perita tanto no estilo como na substância, e a Michael Morrison, Cathy Hemming e, agora, Susan Weinberg. Um enorme e muito emocionado abraço para a minha amada editora Carolyn Marino, e outro abraço para as amigas Tara Brown e Virginia Stanley. Meus agradecimentos, também, a Jennifer Civiletto, por toda a sua ajuda.

Agradecimentos de coração vão, como sempre, para as amáveis Molly Friedrich e para o notável Paul Cirone da Aaron Priest Agency, pela grande ajuda e por sua orientação na melhoria deste manuscrito, e de todos eles. E meu amor para Laura Leonard, que me manteve rindo dia após dia, e por sua dedicação a mim.

Muito obrigada aos muitos peritos que colaboraram em *Courting Trouble*. Seus conselhos foram cruciais, e qualquer erro cometido aqui foi de minha inteira responsabilidade.

Obrigada ao meu caro amigo Jerome Hoffman, Esquire, de Dechert, por seu conhecimento legal e imaginação criativa, e a Allen J. Gross, Esquire, por tudo do acima dito. Obrigada para Art Mee, meu genial *detetive-à-beira-mar* e para Glenn Gilman, Esquire, do escritório da promotoria pública de Filadélfia.

Obrigada às generosas pessoas que fizeram donativos para instituições de caridade, em retribuição por ter seus nomes usados para batizar personagens neste romance.

Eu nunca poderia fazer deles vilões, já que são pessoas tão boas. Lore Yao (The Free Library of Philadelphia), Marge Derrick (Thorncroft Therapeutic Riding), Cheryl Snyder (Pony Club), Crawford, “Wilson, &c Ryan (Chester County Bar Association), Rodger Talbott & Sharon Arkin (programa de bolsas de estudo da California State University, Fullerton), e Bob Dodds, pela Miami Valley, Ohio, Literacy Council, por intermédio da especialista em livros Sharon Kelley Roth da Books & Co.

Para a pesquisa relativa à erotomania e formas de amor obsessivo, agradeço ao terapeuta Fayne Landes, e a estes bons livros: *I Know You Really Love Me: A Psychiatrist's Account of Stalking and Obsessive Love*, de Doreen R. Orion (1998) e *The Gift of Fear: Survival Signals That Protect Us from Violence*, de Gavin DeBecker.

Obrigada e amor ao meu marido e família, e a Franca Palumbo, Rachel Kull, Sandy Steingard, Judith Hill, Carolyn Romano, Paula Menghetti, e Nan Demchur e colegas.

Vocês provaram como é importante ter amigas. E muito obrigada a meu irmão, que emprestou seu bom humor e alegria a uma cena aqui incluída, e para minha mãe, que pode se livrar do mau-olhado através do telefone. Vocês acham que inventei essa coisa?

Um agradecimento final a Lucille Ball, aos fãs de Lucy do mundo inteiro, e a minha fã de Lucy particular, que me faz recordar que os modelos de papéis de interpretação surgem em várias formas, tamanhos e cores de cabelo. Até mesmo, e especialmente, em vermelho.

Este livro foi composto na tipologia Classical Garamond em corpo 11/15, e impresso em papel Off-set 90g/m2 no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

Digitalizado e revisto
por Virgínia Vendramini
em março de 2008

Table of Contents

Rosto
Contracapa
Orelhas
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

32
33
Agradecimemtos